



Julia Quinn

A CAMINHO DO ALTAR

Série Bridgerton
VOLUME VIII

MELHOR ROMANCE HISTÓRICO
Prémios RITA - Romance Writers of America

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Julia Quinn

A CAMINHO DO ALTAR

Série Bridgerton
VOLUME VIII

MELHOR ROMANCE HISTÓRICO
Prémios RITA - Romance Writers of America

ASA

Ficha Técnica

Título original: ON THE WAY TO THE WEDDING

Autor: Julia Quinn

Traduzido do Inglês por Helena Ruão

Capa: Neusa Dias

Imagens da capa: Lee Avison / Trevillion Images e Shutterstock

Fotografia da autora: Rex Rystedtseattlephoto.com

ISBN: 9789892335308

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdoba, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

©2006, Julie Cotler Pottinger

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

*Para a Lyssa Keusch.
Porque és a minha editora.
Porque és minha amiga.*

*E também para o Paul.
Só porque sim.*

PRÓLOGO

Londres, não muito longe da Igreja de St. George, em Hanover Square, verão de 1827

Sentia os pulmões em chamas.

Alheio aos olhares curiosos dos transeuntes, Gregory Bridgerton corria como um desalmado pelas ruas de Londres.

Um estranho e poderoso ritmo marcava-lhe as passadas – *um dois três quatro, um dois três quatro* –, impelindo-o para a frente enquanto a mente se mantinha concentrada num só objetivo.

A igreja.

Tinha de chegar à igreja.

Tinha de interromper o casamento.

Há quanto tempo estaria a correr? Um minuto? Cinco? Não fazia ideia, não era capaz de se concentrar em mais nada, exceto no destino final.

A igreja. Tinha de chegar à igreja.

Começara às onze. Aquela coisa. A cerimónia. Aquela coisa que nunca deveria ter acontecido. Mas, ainda assim, ela fora em frente. E tinha de parar aquilo. Tinha de a impedir. Não sabia como, e muito menos porquê, mas ela ia fazê-lo e era a decisão errada.

Ela tinha de saber que era uma decisão errada.

Ela pertencia-lhe a *ele*. O destino de ambos era ficarem juntos. Ela sabia-o. Maldição, ela sabia-o.

Quanto tempo demorava uma cerimónia de casamento? Cinco minutos? Dez? Vinte? Nunca prestara atenção, nem se lembrara de olhar para o relógio no início e no fim.

Nunca pensara um dia precisar de tal informação. Nunca pensara que seria tão importante.

Há quanto tempo teria começado? Há dois minutos? Dez?

Virou a esquina para Regent Street, grunhindo algo que deveria substituir a expressão «Com licença» ao ir de encontro a um cavalheiro dignamente trajado, deitando-lhe a pasta ao chão.

Num dia normal, Gregory teria parado para ajudar o cavalheiro, curvando-se para apanhar a pasta, mas hoje não, esta manhã não.

Agora não.

A igreja. Ele tinha de chegar à igreja. Não conseguia pensar em mais nada. Não devia. Ele devia...

Que inferno! Foi obrigado a parar de repente, quando uma carruagem se cruzou diante dele, barrando-lhe o caminho. Apoiando as mãos nas coxas, não por vontade própria, mas porque o corpo desesperadamente o exigia, engoliu o ar às golfadas, tentando aliviar a pressão que lhe gritava no peito, aquela sensação horrível de ardência, os pulmões prestes a rebentar...

A carruagem passou e ele lançou-se novamente na corrida. Estava perto, agora. Era capaz de conseguir. Não podiam ter passado mais de cinco minutos desde que saíra de casa. Talvez seis. Pareciam-lhe trinta, mas não podiam ter sido mais do que sete.

Tinha de interromper aquilo. Estava errado. Tinha de parar a cerimónia. *Ia* pará-la.

Já via a igreja. Ao longe, a torre cinzenta do campanário erguendo-se no límpido céu azul. Alguém tinha pendurado flores das sineiras. Não conseguia perceber de que tipo eram... eram amarelas e brancas... amarelas principalmente. Derramavam-se com total abandono, irrompendo profusamente das cestas. Transmitiam a ideia de celebração, de alegria, até, e tudo isso era tremendamente errado. Este não era um dia alegre. Não era um evento para ser comemorado.

E *ia* interrompê-lo.

Abandonou apenas o suficiente para conseguir subir os degraus a correr sem se esparramar ao comprido e, em seguida, abriu a porta com violência, mal ouvindo o estrondo quando ela bateu na parede exterior. Talvez devesse ter feito uma pausa para respirar. Talvez devesse ter entrado em silêncio, permitindo-se um momento para avaliar a situação, para calcular há quanto tempo começara a cerimónia.

A igreja ficou em silêncio. O sacerdote interrompeu a sua ladainha, e não houve uma coluna vertebral de nenhum banco que não se tivesse torcido até o rosto ficar virado para trás.

Para ele.

– Não – soltou Gregory num tom engasgado e tão sem fôlego, que nem o próprio conseguiu ouvir a palavra.

– Não – repetiu, desta vez mais alto, agarrando-se aos encostos dos bancos à medida que avançava, cambaleante. – Não faça isso.

Ela não disse nada, mas ele viu-a. Viu-lhe a boca abrir-se de choque. Viu o *bouquet* escorregar-lhe das mãos e soube... meu Deus, soube com profunda certeza... que ela parara de respirar.

Estava tão linda. O cabelo dourado parecia captar a luz, brilhando com um esplendor que o encheu de força. Ele endireitou o corpo, a respiração ainda difícil, mas, sentindo-se já capaz de caminhar sem ajuda, largou o encosto do banco.

– Não faça isso – disse de novo, avançando em direção a ela com a graça subtil de um homem que sabe o que quer.

Que sabe como tudo deveria ser.

Ela permaneceu muda. Aliás, ninguém falou. Estranho. Trezentos dos maiores coscuvilheiros de Londres, reunidos num mesmo edifício, e ninguém conseguia proferir uma só palavra. Ninguém era capaz de tirar os olhos dele enquanto avançava pela nave central.

– Eu amo-te – disse ele, bem ali, à frente de todos.

Que importância tinha? Não faria mais segredo do que sentia. Não iria deixá-la casar-se com alguém sem ter a certeza de que o mundo inteiro sabia que ela era dona do seu coração.

– Eu amo-te – disse novamente, vendo, pelo canto do olho, a mãe e a irmã, sentadas muito empertigadas num banco, boquiabertas de espanto.

Prosseguiu o seu avanço pela nave central, cada passo mais confiante, mais certo.

– Não faças isso – disse, dando mais um passo e entrando na abside. – Não te cases com ele.

– Gregory – sussurrou ela –, porque estás a fazer isto?

– Eu amo-te – voltou ele, pois era a única coisa a dizer; a única coisa que importava.

Os olhos dela brilhavam e ele via-lhe a respiração entrecortada. Olhou para o homem com quem tentava casar-se. Ele arqueou as sobrancelhas e ergueu ligeiramente um ombro em resposta, como se dissesse: «A escolha é tua.»

Gregory lançou um joelho ao solo e pediu:

– Casa-te comigo. – A própria alma exposta nas palavras, repetiu: – Casa-te comigo.

Parou de respirar. Toda a igreja parou de respirar.

Ela fixou os olhos nos dele. Uns olhos enormes e límpidos, o espelho de tudo o que ele sempre definira como bom, gentil e verdadeiro.

– Casa-te comigo – sussurrou ele, uma última vez.

Os lábios dela tremiam, mas a voz era clara quando respondeu...

CAPÍTULO 1
Em que o nosso herói se apaixona.

Dois meses antes

Ao contrário da maioria dos homens que conhecia, Gregory Bridgerton acreditava no amor verdadeiro.

Teria de ser um idiota para não acreditar.

Era só pensar no seguinte:

O irmão mais velho, Anthony.

A irmã mais velha, Daphne.

Os outros irmãos, Benedict e Colin, já para não falar das irmãs, Eloise, Francesca e (irritante, mas verdade) Hyacinth, todos eles –*todos* eles – muito felizes e apaixonados pelos respectivos cônjuges.

Um tal estado de coisas produziria na maioria dos homens nada menos do que um humor bilioso, mas para Gregory, que nascera com um espírito invulgarmente alegre, embora ocasionalmente irritante (isto de acordo com a irmã mais nova), significava simplesmente que ele não tinha outra escolha senão acreditar no óbvio:

O amor existia.

Não era uma pura invenção da mente, criada para impedir os poetas de morrer à fome. Podia não ser algo passível de se ver ou de cheirar ou de tocar, mas existia, e era só uma questão de tempo até que também ele encontrasse a mulher dos seus sonhos e assentasse, para fecundar e se multiplicar e passar a ter passatempos desconcertantes tais como fazer trabalhos em pasta de papel e colecionar raladores de noz-moscada.

Embora, se alguém quisesse ser mais picuinhas, o que parecia bastante preciso para um conceito tão abstrato, os seus sonhos não incluísssem exatamente uma mulher. Pelo menos, não uma mulher com atributos específicos e identificáveis. Ele ainda não sabia nada sobre tal mulher a ele destinada, a que iria transformar-lhe a vida completamente e torná-lo um pilar feliz de tédio e respeitabilidade. Não sabia se ela iria ser alta ou baixa, loura ou morena. Gostava de pensar que seria inteligente e possuidora de um refinado sentido de humor, mas, além disso, o que mais poderia ele saber? Podia ser tímida ou sem rodeios. Podia gostar de cantar. Ou talvez não. Talvez fosse uma amazona, com uma tez rósea por passar muito tempo ao ar livre.

Ele não sabia. No respeitante a esta mulher, a esta mulher impossível, maravilhosa e atualmente inexistente, tudo o que realmente sabia era que, quando a encontrasse...

Saberia.

Não fazia a mais pequena ideia de como saberia, apenas que saberia. Algo tão momentâneo, arrasador e capaz de alterar a vida de forma tão radical... decerto não

iria anunciar a sua presença num sussurro. Surgiria pleno e vigoroso, como uma proverbial catrefada de tijolos. A única questão era quando.

Nos entretantos, não via razão alguma para não se divertir enquanto aguardava, ansioso, a chegada dela. Afinal de contas, não havia necessidade de viver como um monge enquanto esperava pelo amor verdadeiro.

Gregory era, a todos os níveis, um homem bastante comum em Londres, com uma mesada confortável, mas de forma alguma extravagante, muitos amigos, e uma cabeça com juízo suficiente para saber quando abandonar uma mesa de jogo. Era considerado um partido bastante decente no Mercado Matrimonial, embora não precisamente no topo dos selecionados (quartos filhos nunca atraíam uma grande atenção), e era sempre uma das primeiras escolhas quando as matronas da sociedade precisavam de um homem elegível para equilibrar o número de convidados nos jantares.

O que ajudava a esticar a mesada acima mencionada... sempre era uma vantagem.

Talvez devesse ter um pouco mais de propósito na vida. Alguma espécie de objetivo, ou simplesmente uma tarefa importante a concluir. Mas isso podia esperar, não podia? Tinha a certeza de que logo tudo se tornaria claro. Saberia exatamente o que queria fazer e com quem pretendia fazê-lo, e, entretanto...

Não se divertia. Pelo menos não neste *exato* momento.

Passando a explicar:

Gregory estava atualmente sentado numa poltrona de couro, muito cómoda, não que isso tivesse qualquer relação com o assunto, além do facto de a falta de desconforto ser propícia a sonhar acordado, o que por sua vez, era propício a não ouvir o irmão, que, note-se, estava de pé a pouco mais de um metro de distância, a desfiar uma ladainha qualquer que certamente incluía alguma variação das palavras *dever e responsabilidade*.

Gregory não estava propriamente a prestar atenção. Raramente o fazia.

Ou antes, ocasionalmente fazia-o, mas...

– Gregory? Gregory!

Olhou para cima, piscando os olhos. Os braços de Anthony estavam cruzados, o que nunca era um bom sinal. Anthony era o visconde Bridgerton, há mais de vinte anos. E embora fosse o melhor dos irmãos (nisso Gregory seria o primeiro a afirmá-lo), teria seguramente dado um perfeito senhor feudal.

– Peço desculpa por me intrometer nos teus pensamentos – disse Anthony em tom seco –, mas terás tu... porventura... ouvido alguma coisa do que eu disse?

– Empenho – papagueou Gregory, anuindo com o que julgou ser suficiente gravidade. – Rumo.

– Deveras – respondeu Anthony, e Gregory congratulou-se pelo que claramente fora um improvisado inspirado. – Já era tempo de finalmente procurares dar algum sentido à tua vida.

– Claro – murmurou Gregory, principalmente porque não chegara a tempo do jantar e estava cheio de fome, e ouvira dizer que a cunhada estava a servir uma

refeição ligeira no jardim.

Além do mais, nunca fazia sentido discutir com Anthony. Nunca.

– Tens de fazer uma mudança na tua vida. Escolher um novo rumo.

– Tens toda a razão.

Talvez houvesse sanduíches. Estava capaz de comer umas quarenta daquelas sanduíches ridículas de tão pequenas, com as côdeas aparadas.

– Gregory.

A voz de Anthony assumira aquele tom. Aquele, impossível de descrever, mas bastante fácil de identificar. Gregory soube que era hora de prestar atenção.

– Sim – disse ele, porque era verdadeiramente notável a capacidade que uma única sílaba tinha de adiar uma resposta adequada. – Estou a pensar juntar-me ao clero.

Tal declaração fez Anthony gelar. Morto, congelado, frígido. Gregory fez uma pausa para saborear o momento. Uma pena que tivesse de se tornar um maldito vigário para alcançar tal efeito.

– Como disseste?! – murmurou Anthony por fim.

– Não é que eu tenha grandes opções – disse Gregory e, à medida que as palavras lhe surgiam, percebeu que era a primeira vez que as dizia, o que, de alguma forma, as tornava mais reais, mais permanentes. – É a via militar ou a clerical – continuou – e bem... a verdade tem de ser dita: sou um péssimo atirador.

Anthony não disse nada. Todos sabiam que era verdade.

Após um momento de silêncio constrangedor, Anthony murmurou:

– Há espadas.

– Sim, mas com a minha sorte, serei destacado para o Sudão. – Gregory estremeceu. – Não querendo ser excessivamente miudinho, mas sinceramente... o calor. Quererias *tu* ir?

Anthony objetou de imediato.

– Não, claro que não.

– Além de que – acrescentou Gregory, começando a divertir-se – temos de pensar na mãe.

Uma pausa. E então:

– A relação dela com o Sudão... seria?

«Ela não iria gostar muito da minha ida para lá, e depois serás tu, como decerto sabes, o único a segurar-lhe a mão sempre que ela se preocupar ou tiver algum pesadelo horrendo com...»

– Não digas mais nada – interrompeu Anthony.

Gregory permitiu-se um sorriso interior. Na verdade, não era justo para a mãe, que, seria mais do que justo salientar, nunca tinha reivindicado pressagiar o futuro com base em algo tão insignificante como um sonho. Mas ela iria *de facto* odiar que ele fosse para o Sudão e Anthony *teria* de ouvir as preocupações dela.

E como Gregory não tinha nenhuma vontade particular de se afastar das margens brumosas da Inglaterra, não havia nada a discutir, bem vistas as coisas.

– Certo – disse Anthony. – Certo. Fico contente por finalmente termos

conseguido ter esta conversa.

Gregory olhou de relance para o relógio.

Anthony pigarreou e, quando falou, a voz denotava uma certa impaciência.

– E por finalmente estares a pensar no teu futuro.

Gregory sentiu algo contrair-se na parte de trás do maxilar.

– Ainda só tenho vinte e seis anos – lembrou ele. – Certamente sou demasiado novo para esse uso repetido da palavra *finalmente*.

Anthony limitou-se a arquear uma sobrancelha.

– Queres que eu contacte o arcebispo? Para ver se te encontramos uma paróquia?

O peito de Gregory contorceu-se num espasmo de tosse inesperado.

– Hã... não – respondeu, quando foi capaz. – Ainda não, para já.

Um canto da boca de Anthony esticou-se. Não muito, e nunca, por qualquer extensão da definição, num sorriso.

– Podias casar-te – disse ele em voz baixa.

– Podia – concordou Gregory. – E fá-lo-ei. Na verdade, pretendo fazê-lo.

– A sério?

– Quando encontrar a mulher certa. – Ao reparar na expressão dúbia de Anthony, Gregory acrescentou: – Certamente que tu, mais do que qualquer outra pessoa, recomendarias uma união por amor e não por conveniência.

Era bastante famosa a paixão de Anthony pela mulher, que, por sua vez, era inexplicavelmente apaixonada por ele. Era também bastante famosa a dedicação de Anthony aos seus sete irmãos mais novos, por isso Gregory não deveria ter sentido um surto tão inesperado de emoção quando ele disse num tom mais suave:

– Desejo-te toda a felicidade de que eu próprio desfruto.

Gregory foi salvo de ter de dar uma resposta pelo roncar alto do próprio estômago e ofereceu ao irmão uma expressão meio envergonhada.

– Desculpa. Falhei o jantar.

– Eu sei. Esperávamos-te mais cedo.

Gregory conseguiu evitar encolher-se. Mas foi difícil.

– A Kate ficou algo aborrecida.

Isso era o pior. Quando Anthony ficava desapontado era uma coisa. Mas quando alegava que a mulher tinha ficado, de alguma forma, magoada...

Bom, esse era o momento em que Gregory *sabia* que estava em apuros.

– Atrasei-me a sair de Londres – murmurou.

Era verdade, mas ainda assim, não desculpava o mau comportamento. Esperavam-no lá em casa a tempo do jantar festivo, e ele não comparecera. Quase disse: «Eu compenso-a», mas no último momento controlou-se. Sabia que seria ainda pior, quase como se estivesse a fazer descaso do seu atraso, partindo do princípio de que era capaz de aligeirar qualquer transgressão com um sorriso e um comentário loquaz. O que muitas vezes era verdade, mas, por alguma razão, desta vez...

Não queria fazê-lo.

Ao invés disso, respondeu com toda a sinceridade:

– Desculpa.

– Ela está no jardim – disse Anthony, algo brusco. – Acho que pretende que a dança seja no pátio interior, se é que dá para acreditar numa coisa dessas.

Gregory não tinha qualquer problema em fazê-lo. Soava exatamente como algo que a cunhada faria. Ela não era o tipo de pessoa de deixar passar em brancas nuvens um momento inesperado, e com o bom tempo tão raro que fazia, porque não organizar de improviso um sarau dançante ao ar livre?

– Certifica-te de que danças com quem ela quiser – aconselhou Anthony. – A Kate certamente não quererá que nenhuma das jovens se sinta posta de parte.

– Claro que não – murmurou Gregory.

– Irei lá ter daqui a um quarto de hora – disse Anthony, voltando para a secretária, onde várias pilhas de papéis o aguardavam. – Ainda tenho alguns assuntos para terminar.

Gregory levantou-se.

– Eu digo à Kate.

Então, estando bem claro que a conversa chegara ao fim, saiu do gabinete e dirigiu-se para o jardim.

Há algum tempo que não ia a Aubrey Hall, a casa ancestral dos Bridgerton. A família reunia-se ali no Kent para o Natal, é claro, mas a verdade é que Gregory não sentia, nem nunca sentira, aquela casa como o seu lar. Depois de o pai morrer, a mãe tinha tomado a decisão menos convencional de todas e desenraizara a família, optando por passar a maior parte do ano em Londres. Ela nunca o dissera, mas Gregory sempre suspeitara que a graciosa e antiga casa lhe trazia demasiadas recordações.

Ora, o resultado disso era que Gregory sempre se sentira mais em casa na cidade do que no campo. A Bridgerton House, em Londres, fora a casa da sua infância, não Aubrey Hall. Todavia, gostava de a visitar de vez em quando, e estava sempre pronto para se lançar em atividades bucólicas, como a equitação e a natação (quando a temperatura da água do lago era suficiente para o permitir), e, por incrível que pareça, gostava da mudança de ritmo. Apreciava a atmosfera limpa e tranquila, depois de meses na cidade.

E gostava de poder deixar tudo para trás quando tudo se tornava *demasiado* limpo e tranquilo.

As festividades da noite realizavam-se no relvado sul, segundo o informara o mordomo à chegada. Parecia um bom sítio para uma festa ao ar livre – o terreno era plano, com vista para o lago, e um grande pátio com muitos lugares sentados para os menos ativos.

Ao aproximar-se do longo salão que se abria para o exterior, ouviu o murmúrio de vozes que lhe chegavam num zunzum pelas portadas envidraçadas. Não sabia exatamente quantas pessoas a cunhada convidara para a festa em casa, provavelmente entre vinte e trinta. Uma reunião pequena o suficiente para ser íntima, mas grande o suficiente para ser possível escapar para o conforto de uma

certa paz e tranquilidade sem a sua ausência ser demasiado notada.

Ao atravessar o salão, Gregory respirou fundo, tentando determinar que tipo de comida teria Kate decidido servir. Não seria grande quantidade, é certo, pois já devia ter empanturrado os convidados ao jantar.

Doces, decidiu Gregory, sentindo o leve aroma a canela quando alcançou o chão de pedra cinzento-claro do pátio. Deixou escapar um suspiro contrariado. Estava esfomeado, e uma grande fatia de carne agora parecia-lhe um manjar dos Céus.

Mas estava atrasado, e a culpa era toda dele, além de que Anthony queria a sua cabeça numa bandeja se ele não fosse para a festa imediatamente, por isso lá teria de se contentar com bolos e biscoitos.

Uma brisa quente penetrou-lhe a pele ao sair para o pátio. Estava uma noite incrivelmente amena para maio; toda a gente comentava. Era o tipo de clima que parecia melhorar o humor... tão surpreendentemente agradável que se tornava impossível não sorrir. E para comprovar isso mesmo, os convidados que por ali deambulavam pareciam estar de muito bom humor, o burburinho de conversas salpicado por frequentes ruídos e trinados de risos.

Gregory olhou em redor, à procura das bebidas e de alguém que conhecesse, de preferência a cunhada, Kate, a quem o decoro ditava que cumprimentasse primeiro. Mas quando os olhos escrutinaram o ambiente, o que ele viu foi...

Ela.

Ela.

Foi assim que ele soube. Soube que ela era a tal. Ficou paralisado. O ar não se apressou a escapar-lhe do corpo; ao contrário, parecia sair vagarosamente até não haver o mais leve sopro, e ele ficou ali, oco, a sofrer por mais.

Não conseguia ver-lhe o rosto, nem mesmo de perfil. Apenas as costas, apenas a curva incrivelmente perfeita do pescoço, uma madeixa de cabelo louro descendo em espiral até ao ombro.

E tudo o que conseguiu pensar foi: *estou arruinado*.

Arruinado para todas as outras mulheres. A intensidade, o fogo, a esmagadora sensação de completude... nunca tinha sentido nada semelhante.

Talvez fosse absurdo. Talvez fosse insano. Provavelmente, ambos. Contudo ele tinha esperado. Há tanto tempo que aguardava por este momento. Subitamente tornou-se claro o porquê de não ter seguido uma carreira militar ou religiosa, ou aceitado uma das frequentes ofertas do irmão para ir gerir uma das propriedades menores da família Bridgerton.

Tinha estado à espera. Essa era a verdade. Maldição, ele nem sequer se tinha apercebido de como não fizera mais nada, exceto antecipar este preciso momento.

E ali estava ele.

Ali estava *ela*.

E ele soube.

Soube.

Atravessou o relvado em passo lento, já esquecido da comida e de Kate.

Consegui murmurar os cumprimentos a uma ou duas pessoas por quem passou, sem abrandar o ritmo. Tinha de chegar até ela. Precisava de lhe ver o rosto, de lhe sentir a fragrância, de conhecer o som da sua voz.

De repente estava lá, a uns meros centímetros de distância. Estava sem fôlego, arrebatado, invadido por uma sensação de plenitude apenas por se encontrar na sua presença.

Ela conversava com uma outra donzela, com entusiasmo suficiente para as classificar como boas amigas. Ele ficou ali um momento, apenas a observá-las até que se viraram lentamente, apercebendo-se da sua presença.

Ele sorriu. Com brandura, apenas um meio sorriso. E disse...

– Como vão?

Lucinda Abernathy, mais conhecida por... bom, por todos os que a conheciam... como Lucy, reprimiu um murmúrio de desagrado quando se virou para o cavaleiro que se aproximara furtivamente dela, provavelmente para fazer olhos de carneiro mal morto a Hermione, tal como... enfim, como todos os que conheciam Hermione.

Eram os ossos do ofício de ser amiga de Hermione Watson. Ela colecionava corações partidos da mesma maneira que o velho vigário da abadia colecionava borboletas.

A única diferença sendo, naturalmente, Hermione não espetar a sua coleção com pequenos e desagradáveis alfinetes. A bem da verdade, Hermione não queria conquistar os corações dos cavaleiros, nem nunca partia corações intencionalmente. Era simplesmente algo que... acontecia. Lucy já se acostumara. Hermione era Hermione, o cabelo louro muito claro, da cor da manteiga, um rosto em forma de coração e uns olhos imensos do mais estonteante tom de verde.

Lucy, por outro lado, era... bom, não era Hermione, isso era por demais evidente. Era simplesmente ela mesma e, a maioria das vezes, isso era suficiente.

Lucy era, em quase todos os aspetos visíveis, um bocadinho *menos* do que Hermione. Um bocadinho menos loura. Um bocadinho menos esbelta. Um bocadinho menos alta. A cor dos seus olhos era um bocadinho menos intensa, de um azul acinzentado, bastante atraentes, na verdade, quando comparados com os de qualquer outra pessoa exceto Hermione, mas isso de pouco consolo lhe servia, pois ela *nunca* ia a lado algum sem Hermione.

Chegara a esta fascinante conclusão certo dia, num momento de distração na aula de Redação e Literatura Inglesa na Academia para Jovens Donzelas Excepcionais de Miss Moss, onde ela e Hermione estudavam há três anos.

Lucy era um bocadinho menos. Ou talvez, se alguém quisesse usar palavras um pouco mais lisonjeiras, ela era *quase*.

Calculava que era razoavelmente atraente, daquela forma tradicional inglesa, de ar rosado e sadio, mas os homens raramente (oh, pois bem, nunca) emudeciam na sua presença.

Hermione, todavia... o que lhe valia era ela ser tão boa pessoa. Caso contrário, teria sido impossível ser amiga dela.

Isso e o facto de ela pura e simplesmente não ser capaz de dançar. Valsas, contradanças, minuets... não importava o que fosse. Se envolvia música e movimento, Hermione não era capaz de o fazer.

E isso era *adorável*.

Lucy não se considerava uma pessoa particularmente fútil, e teria insistido, se alguém lhe perguntasse, ser capaz de se lançar de bom grado diante de uma carruagem para salvar a vida da sua mais querida amiga, mas havia uma espécie de justiça gratificante no facto de a donzela mais bonita de Inglaterra ter dois pés esquerdos e pelo menos um deles boto.

Metaforicamente falando.

E agora ali estava outro. Homem, é claro, não outro pé. Muito atraente, como se não bastasse. Alto, embora não exageradamente, o cabelo de um castanho rico e um sorriso bastante agradável. Nem lhe faltava o brilho nos olhos, cuja cor não conseguia identificar à meia-luz.

Para não mencionar que não podia ver-lhe os olhos pois ele não estava a olhar para ela. Os olhos dele estavam fixos em Hermione, como acontecia sempre aos homens.

Lucy sorriu educadamente, mesmo calculando que ele nem iria notar, e esperou que ele fizesse uma vénia e se apresentasse.

Foi então que ele fez a coisa mais surpreendente. Depois de se identificar (ela deveria ter percebido que ele era um Bridgerton, logo pela aparência), ele curvou-se e beijou a mão *dela* primeiro.

A respiração de Lucy bloqueou.

Depois, é claro, deu-se conta do que ele fazia.

Oh, ele era *bom*. Muito bom. Nada, *nada* encareceria mais depressa um homem aos olhos de Hermione do que um elogio feito a Lucy.

Pena que o coração de Hermione já se encontrasse ocupado.

Enfim... pelo menos seria divertido de assistir.

– Eu sou Miss Hermione Watson – ouviu Hermione dizer.

Lucy percebeu que a tática de Mr. Bridgerton era duplamente inteligente. Ao beijar a mão de Hermione em segundo lugar, ele podia demorar-se sobre ela e dar mais atenção a Hermione, obrigando-a a fazer as apresentações.

Lucy estava quase impressionada. Quanto mais não fosse, ele demarcava-se do comum dos cavalheiros como ligeiramente mais inteligente.

– E esta é a minha melhor amiga – continuou Hermione –, Lady Lucinda Abernathy.

Disse-o como sempre o dissera, com amor e devoção, e talvez com um leve toque de desespero, como se dissesse: «Por amor de Deus, olha também para a Lucy.»

Mas é claro que eles nunca o faziam. Exceto quando queriam conselhos sobre Hermione, sobre como lhe conquistar o coração. Nesse caso, Lucy era altamente

requisitada.

Mr. Bridgerton (Mr. Gregory Bridgerton, corrigiu Lucy mentalmente, pois havia, tanto quanto sabia, três Mr. Bridgerton, sem contar com o visconde, naturalmente) virou-se e surpreendeu-a com um sorriso cativante e um olhar caloroso.

– Como vai, Lady Lucinda? – murmurou ele.

– Muito bem, obrigada – respondeu, logo se condenando em silêncio por ter gaguejado antes do «M» de «muito», mas, também, sinceramente, eles nunca olhavam para ela depois de contemplarem Hermione, nunca.

Poderia ele estar interessado *nela*?

Não, impossível. Eles nunca estavam.

E que importância tinha, na verdade? Claro que seria fascinante se um homem se apaixonasse louca e perdidamente por ela, para variar. Não se importaria *nadinha* de receber tal atenção. Mas a verdade era que Lucy estava praticamente noiva de Lord Haselby, condição que se mantinha há anos e anos e anos, por isso não valia a pena ter um admirador enlevado por ela. Afinal de contas, não traria nada de útil.

Além disso, certamente não era culpa de Hermione ter nascido com o rosto de um anjo.

Em suma, Hermione era a mulher fatal e Lucy a fiel amiga, e tudo encaixava no seu devido lugar. Ou se não encaixava, pelo menos, o lugar era bastante previsível.

– Podemos incluí-lo entre os nossos anfitriões? – perguntou finalmente Lucy, já que ninguém tinha dito mais nada depois dos cumprimentos iniciais da praxe.

– Infelizmente, não – respondeu Mr. Bridgerton. – Por mais que gostasse de reclamar os louros pelas festividades, eu resido em Londres.

– É uma pessoa de sorte por ter uma residência como Aubrey Hall na família – disse Hermione educadamente –, mesmo sendo do seu irmão.

E foi então que Lucy soube. Mr. Bridgerton estava apaixonado por Hermione. Não interessava que tivesse beijado a mão dela primeiro ou que se tivesse dignado a olhar para ela quando Lucy falou, algo que a maioria dos homens nunca se preocupava em fazer. Bastava ver a maneira como fitava Hermione quando ela falava para saber que também ele se tinha juntado às hostes.

Os olhos adquiriram aquele ar ligeiramente vidrado. Os lábios entreabertos. E havia uma certa intensidade nele, como se a sua vontade fosse pegar em Hermione ao colo e descer a colina a passo largo, mandando pessoas e decoro às urtigas.

Em oposição à maneira como olhava para ela, que poderia ser facilmente classificada como desinteresse educado. Ou talvez fosse algo passível de resumir nesta frase: «Porque estás a bloquear-me o caminho e a impedir-me de pegar na Hermione e descer a colina com ela nos braços, que se danem as pessoas e o decoro?»

Não era decepcionante, exatamente. Apenas... não era... não-decepcionante.

Devia haver uma palavra para isso. Devia mesmo.

– Lucy? Lucy?

Lucy deu-se conta, com uma ponta de constrangimento, que não estava a prestar atenção à conversa. Hermione observava-a com curiosidade, a cabeça inclinada daquela maneira tão típica dela e que os homens pareciam sempre achar tão encantadora. Lucy tinha tentado uma vez, mas ficara tonta.

– Sim? – murmurou, sentindo haver a necessidade de algum tipo de expressão verbal.

– Mr. Bridgerton convidou-me para dançar – disse Hermione –, mas eu expliquei-lhe que *não posso*.

Hermione estava sempre a fingir ter tornozelos torcidos e constipações para se manter longe da pista de dança. O que por si só estava muito bem, exceto o facto de ela impingir todos os admiradores a Lucy. O que, *a princípio*, estava muito bem, mas agora tornara-se tão comum que Lucy suspeitava que os homens já pensavam que eram empurrados para ela por pena, algo que não poderia estar mais longe da verdade.

Lucy era, sem falsa modéstia, uma excelente dançarina. E uma excelente conversadora.

– Será um prazer dançar com Lady Lucinda – declarou Mr. Bridgerton, porque... francamente, o que mais poderia ele responder?

Por isso, Lucy abriu um sorriso, não totalmente sincero, mas um sorriso, e permitiu que ele a levasse para o pátio.

CAPÍTULO 2

Em que a nossa heroína demonstra uma evidente falta de respeito por tudo o que é romântico.

Gregory, perfeito cavalheiro que era, escondeu a decepção muito bem. Ofereceu o braço a Lady Lucinda e acompanhou-a até à pista de dança improvisada. Ela era, com toda a certeza, uma jovem perfeitamente encantadora e adorável, mas não era Miss Hermione Watson.

E ele esperara a vida inteira para conhecer Miss Hermione Watson.

Ainda assim, *poderia* ser considerado benéfico para a sua missão. Lady Lucinda era claramente a amiga mais próxima de Miss Watson. Aliás, Miss Watson tinha declaradamente falado efusivamente sobre ela durante a breve conversa, enquanto Lady Lucinda mantivera os olhos fixos num qualquer ponto para além do seu ombro, aparentemente sem ouvir uma palavra. E com quatro irmãs, Gregory sabia uma coisa ou outra sobre mulheres, sendo a mais importante delas o facto de ser sempre boa ideia fazer amizade com a amiga, desde que *fossem* realmente amigas, e não que mantivessem aquela relação estranha em que fingiam ser amigas, mas, na verdade, estavam apenas à espera do momento perfeito para espetar a faca nas costas da outra.

Criaturas misteriosas, as mulheres. Se ao menos aprendessem a dizer o que queriam dizer, o mundo seria um lugar muito mais simples.

Contudo, Miss Watson e Lady Lucinda aparentavam ter uma relação sincera de amizade e devoção, apesar da cabeça na lua de Lady Lucinda. Se Gregory queria saber mais acerca de Miss Watson, Lady Lucinda Abernathy era a pessoa mais óbvia por onde começar.

– Está cá hospedada em Aubrey Hall há muito tempo? – perguntou Gregory educadamente enquanto esperavam que a música começasse.

– Só desde ontem – respondeu ela. – E o senhor? Não o vimos em nenhuma das reuniões até agora.

– Só cheguei esta noite – devolveu ele. – Depois do jantar.

Fez uma careta. Agora que já não estava enlevado a contemplar Miss Watson, lembrou-se de que tinha bastante fome.

– Deve estar faminto! – exclamou Lady Lucinda. – Não prefere dar uma volta pelo pátio em vez de dançar? Eu prometo que podemos passear pela mesa de acepipes.

Gregory estava capaz de a abraçar.

– Lady Lucinda, devo dizer-lhe que é um ser humano excelente.

Ela sorriu, mas foi um estranho tipo de sorriso, e ele não conseguiu discernir o que significava. Lady Lucinda apreciara o elogio, disse estava bastante certo, mas havia algo mais, um certo apontamento de tristeza, talvez um pouco de resignação.

– Decerto tem um irmão – comentou ele.

– Tenho – confirmou ela, sorrindo à sua dedução. – É quatro anos mais velho

do que eu e está sempre com fome. Ficarei para sempre abismada por conseguirmos manter comida na despensa enquanto ele estava em casa durante as férias escolares.

Gregory encaixou a mão dela na dobra do cotovelo e, juntos, caminharam até ao limite do pátio.

– Por aqui – indicou Lady Lucinda, dando-lhe um ligeiro puxão ao braço quando ele tentou seguir no sentido contrário aos ponteiros do relógio. – A menos que prefira doces.

A expressão facial de Gregory iluminou-se.

– Há salgadinhos?

– Sanduíches. São miniaturas, mas bastante deliciosas, especialmente a de ovo.

Gregory assentiu com um ar algo distraído. Pelo canto do olho, avistara Miss Watson e era-lhe um pouco difícil concentrar-se em qualquer outra coisa. Especialmente porque se encontrava agora cercada por homens. Gregory tinha a certeza de que eles tinham estado apenas à espera de que alguém afastasse Lady Lucinda da sua companhia para lançarem o ataque.

– Hã... conhece Miss Watson há muito tempo? – perguntou ele, tentando não parecer muito óbvio.

Houve uma ligeira pausa, e então ela respondeu:

– Três anos. Estudamos juntas na academia de Miss Moss. Ou melhor, estudámos juntas. Terminámos o curso este ano.

– Estou correto em supor que pretendem fazer o debut em Londres esta primavera?

– Sim – respondeu ela, apontando com a cabeça para uma mesa repleta de petiscos. – Passámos os últimos meses a preparar-nos, como a mãe de Hermione gosta de dizer, a frequentar festas e pequenas reuniões sociais.

– A ganhar polimento? – perguntou ele com um sorriso.

Os lábios dela curvaram-se em resposta.

– Exatamente. Por esta altura já devo parecer um castiçal de tanto lustre.

Ele divertiu-se com o comentário.

– Um simples castiçal, Lady Lucinda? Por favor, não subestime o seu valor. No mínimo, um daqueles samovares de prata extravagantes que ultimamente todos parecem precisar de ter na sala de estar.

– Sou um samovar, então – disse ela, quase parecendo refletir sobre o conceito. – O que seria Hermione, pergunto-me?

Uma joia. Um diamante. Um diamante encastado em ouro. Um diamante encastado em ouro e circundado por...

Forçou-se a interromper o caminho do pensamento. Podia deixar-se cair em devaneios poéticos mais tarde, quando não tivesse de manter uma conversa... uma conversa com uma jovem inteiramente diferente.

– Não sei – disse ele com leveza, entregando-lhe um prato. – Afinal, acabei de conhecer Miss Watson.

Ela não disse nada, mas as sobrancelhas subiram ligeiramente. E claro, foi nesse momento que Gregory se deu conta de que estava a relancear Miss Watson por cima do ombro dela.

Lady Lucinda deixou escapar um pequeno suspiro.

– Provavelmente será melhor saber já que ela está apaixonada por outra pessoa.

Gregory arrastou o olhar até à mulher a quem devia prestar atenção.

– Como disse?

Ela encolheu os ombros delicadamente e colocou algumas sanduíches em miniatura no prato.

– A Hermione. Está apaixonada por outra pessoa. Achei que gostaria de saber.

Gregory ficou boquiaberto e, em seguida, contra a última gota do seu bom senso, olhou para Miss Watson. Era o gesto mais óbvio e patético possível, mas não conseguiu conter-se. Ele só... Deus do Céu, ele só queria olhar para ela e olhar e olhar e nunca mais parar. Se aquilo não era amor, não imaginava o que poderia ser.

– Presunto?

– *O quê?*

– Presunto. – Lady Lucinda segurava meia sanduíche com uma tenaz de servir, a expressão no rosto irritantemente serena. – Quer uma? – perguntou.

Ele resmungou e estendeu o prato. E então, porque não podia deixar o assunto sossegado, disse com firmeza:

– Não é da minha conta, certamente.

– A sanduíche?

– Miss Watson – resmungou por entre dentes.

Embora, obviamente, ele não quisesse dizer tal coisa. No que lhe dizia respeito, Hermione Watson era da sua conta ou, pelo menos, seria, muito em breve.

Era algo desconcertante que, aparentemente, *ela* não tivesse sido atingida pelo mesmo raio que o atingira. Nunca lhe passara pela cabeça que, quando finalmente se apaixonasse, a sua prometida não sentisse o mesmo e com igual rapidez. Mas pelo menos aquela explicação, o facto de ela pensar que estava apaixonada por outra pessoa, aplacava-lhe o orgulho. Era bem mais suportável pensá-la apaixonada por outra pessoa do que completamente indiferente a ele.

Tudo o que lhe restava era fazê-la compreender que esse tal outro homem não era a pessoa certa para ela, quem quer que ele fosse.

Gregory não era assim tão presunçoso para se julgar capaz de conquistar qualquer mulher à sua escolha, mas também era certo que nunca tinha tido *dificuldades* com o sexo frágil, e dada a natureza da sua reação ao ver Miss Watson, era simplesmente inconcebível que os sentimentos dele pudessem permanecer não correspondidos durante muito tempo. Talvez fosse obrigado a esforçar-se para conquistar o coração e a mão dela, mas isso só tornaria a vitória ainda mais doce.

Ou pelo menos assim dizia a si mesmo. A verdade era que se o raio tivesse

perpassado ambos, seria muito mais simples.

– Não se sinta mal – disse Lady Lucinda, esticando ligeiramente o pescoço enquanto observava as sanduíches, procurando talvez algo mais exótico do que porco britânico.

– Não sinto – rosnou ele e esperou que ela voltasse a atenção para ele. Quando ela não o fez, ele repetiu: – Não sinto.

Ela virou-se, encarou-o com ar franco e pestanejou.

– Bom, isso é interessante, devo dizer. A maioria dos homens fica destroçada.

Ele fez uma careta.

– O que quer dizer com a maioria dos homens fica destroçada?

– Exatamente o que disse – respondeu ela, lançando-lhe um olhar impaciente. – Ou se não destroçados, ficam inexplicavelmente zangados. – Ela soltou um risinho muito subtil. – Como se pudesse ser considerado culpa dela.

– Culpa? – ecoou Gregory, porque, na verdade, estava a ser muito difícil seguir o raciocínio dela.

– Não é o primeiro cavalheiro a imaginar-se apaixonado por Hermione – explicou ela, a expressão bastante enfadada. – Está sempre a acontecer.

– Eu não me *imagino* apaixonado... – interrompeu-se, esperando que ela não percebesse a ênfase na palavra «imagino». Credo, o que é que lhe estava a acontecer? Ele costumava ter sentido de humor. Até sobre si próprio. Especialmente sobre si próprio.

– Ai não? – Ela parecia agradavelmente surpreendida. – Bom, isso é interessante.

– Porque é que é interessante? – perguntou ele, estreitando os olhos.

Ela respondeu com outra pergunta:

– Porque é que está a fazer tantas perguntas?

– Não estou – protestou ele, embora fosse verdade.

Ela suspirou e então deixou-o totalmente surpreendido ao dizer:

– Peço desculpa.

– Como diz?!

Ela olhou para a sanduíche de salada de ovo que tinha no prato e depois novamente para ele, fazendo-o sentir que a ordem escolhida fora muito pouco elogiosa. Geralmente ocupava uma posição superior à da salada de ovo.

– Julguei que quisesse falar sobre a Hermione – esclareceu ela. – Peço desculpa se me enganei.

O que colocou Gregory num belo dilema. Ele podia admitir que estava perdidamente apaixonado por Miss Watson, o que era bastante constrangedor, até mesmo para um romântico irremediável como ele. Ou podia negar tudo, afirmação em que ela claramente não iria acreditar. Ou podia encontrar um meio-termo e admitir um certo fascínio, o que normalmente seria capaz de considerar ser a melhor solução, exceto pelo facto de poder ser insultuoso para Lady Lucinda.

Ele conhecera as duas ao mesmo tempo, afinal de contas. E não estava perdidamente apaixonado por *ela*.

Mas então, como se tivesse a capacidade de lhe ler os pensamentos (o que francamente o assustava), ela acenou com a mão e disse:

– Por favor, não se preocupe com os meus sentimentos. Estou bastante acostumada a isso. Como já disse, está *sempre* a acontecer.

Abrir o coração, inserir punhal embotado. Torcer.

– Já para não falar – continuou ela alegremente – que estou praticamente noiva.

E então ela deu uma dentada na sanduíche de salada de ovo.

Gregory apanhou-se curioso sobre que tipo de homem se teria afeiçoado àquela estranha criatura. Não sentia exatamente pena do homem, apenas... se interrogava.

Nesse momento, Lady Lucinda soltou um pequeno «Oh!»

Os olhos dele seguiram os seus até ao ponto onde Miss Watson estivera.

– Onde se terá ela enfiado? – perguntou Lady Lucinda.

Gregory virou-se imediatamente na direção da porta, esperando ter um último vislumbre dela antes que desaparecesse, mas ela já se tinha ido embora. Era muito frustrante. Qual era a vantagem de uma atração instantânea e louca se não podia fazer nada acerca disso?

Sem esquecer o pormenor de que *tudo* era unilateral. Santo Deus.

Não sabia o que se poderia chamar ao ato de suspirar por entre dentes, mas era isso exatamente o que fazia.

– Ah, Lady Lucinda, andava à sua procura.

Gregory olhou para cima e viu a cunhada aproximar-se.

Ocorreu-lhe que se tinha esquecido completamente dela. Kate não iria ficar ofendida; ela era uma pessoa fenomenalmente boa. Mesmo assim, Gregory tinha por hábito tentar mostrar melhores maneiras na presença de mulheres com quem não tinha uma relação de sangue.

Lady Lucinda fez uma leve e bonita reverência.

– Lady Bridgerton.

Kate abriu um sorriso caloroso.

– Miss Watson pediu-me para a informar que não estava a sentir-se bem e que, por isso, decidiu recolher-se.

– Ai, sim? Ela disse se... oh, não importa! – disse Lady Lucinda com um gesto subtil da mão, como se tivesse intenção de transmitir indiferença, mas Gregory percebeu um leve traço de frustração esticar-lhe os cantos da boca.

– Uma constipação, acredito – acrescentou Kate.

Lady Lucinda dirigiu-lhe um breve aceno.

– Sim, imagino que seja – disse ela, parecendo menos solidária do que Gregory teria imaginado, dadas as circunstâncias.

– E tu – continuou Kate, voltando-se para Gregory – ainda nem sequer arranjaste um bocadinho de tempo para me cumprimentares. Como estás?

Ele tomou-lhe ambas as mãos e beijou-as como um pedido de desculpa.

– Cheguei tarde.

– Isso sei eu. – O rosto dela assumiu uma expressão não propriamente irritada,

apenas um pouco exasperada. – Tirando isso, como estás?

– Tirando isso, estou bem. – Ele sorriu. – Como sempre.

– Como sempre – repetiu ela, lançando-lhe um olhar que era uma clara promessa do futuro interrogatório. – Lady Lucinda – prosseguiu Kate, o tom de voz consideravelmente menos seco –, calculo que tenha conhecido o irmão do meu marido, Mr. Gregory Bridgerton?

– Sim – respondeu Lady Lucinda. – Temos estado a admirar a comida. As sanduíches são deliciosas.

– Obrigada – agradeceu Kate, e acrescentou –, o Gregory prometeu-lhe uma dança? Não posso prometer música de qualidade profissional, mas conseguimos reunir um quarteto de cordas entre os nossos convidados.

– Ele convidou – respondeu Lady Lucinda –, mas eu libertei-o da obrigação para que ele pudesse apaziguar a fome.

– Deve ter irmãos – comentou Kate com um sorriso.

Lady Lucinda olhou para Gregory com uma expressão um pouco alarmada antes de responder:

– Só um.

Ele virou-se para Kate.

– Eu fiz a mesma observação – explicou Gregory.

Kate deixou escapar uma risada curta.

– Grandes mentes pensam de forma semelhante. – Ela voltou-se para a mulher mais jovem e disse: – Decididamente vale a pena entender o comportamento dos homens, Lady Lucinda. Nunca se deve subestimar o poder dos alimentos.

Lady Lucinda olhou para ela com os olhos arregalados.

– Em benefício de uma boa disposição?

– Bem, por *isso* – disse Kate, quase sem constrangimento –, mas também porque nunca devemos descontar a sua utilidade no propósito de vencer uma discussão. Ou simplesmente para conseguirmos o que queremos.

– Ela mal saiu da escola, Kate – repreendeu Gregory.

Kate ignorou-o e dirigiu um amplo sorriso a Lady Lucinda.

– Nunca se é demasiado jovem para adquirir competências importantes.

Lady Lucinda olhou para Gregory, depois para Kate e, em seguida, os seus olhos começaram a brilhar de divertimento.

– Compreendo por que razão tanta gente a admira, Lady Bridgerton.

Kate riu-se.

– É muito amável, Lady Lucinda.

– Oh, por favor, Kate – cortou Gregory. Virou-se para Lady Lucinda e acrescentou: – Ela vai ficar aqui a noite toda, se continuar a elogiá-la.

– Não lhe ligue – disse Kate com um sorriso. – Ele é jovem e imprudente, não sabe do que fala.

Gregory estava prestes a fazer outro comentário, pois não podia permitir que Kate levasse a dela avante, mas Lady Lucinda interrompeu.

– Teria todo o prazer em elogiá-la a noite inteira, Lady Bridgerton, mas está na

hora de me retirar. Quero ver como está a Hermione. Ela não passou o dia muito bem e eu gostaria de me assegurar de que ela se sente bem.

– É claro – respondeu Kate. – Por favor, dê-lhe os meus cumprimentos, e toque para chamar alguém se for preciso. A nossa governanta imagina-se uma espécie de herborista, e está sempre a misturar poções. Algumas delas até funcionam.

Sorriu, e a expressão foi tão amigável que Gregory imediatamente percebeu que ela gostava de Lady Lucinda. O que só por si era de suma importância. Kate não tinha paciência para idiotas, de boa vontade ou não.

– Acompanho-a até à porta – disse ele muito depressa.

O mínimo que podia fazer era mostrar-lhe esta cortesia e, além disso, não seria nada bom insultar a melhor amiga de Miss Watson.

Despediram-se de Kate, e Gregory pousou o braço dela no seu. Caminharam ambos em silêncio até à porta para a sala de estar, até que Gregory disse:

– Imagino que conheça o caminho a partir daqui?

– Claro – respondeu ela. Olhou para cima, os olhos dela eram azulados, notou ele quase distraidamente, e perguntou: – Quer que transmita alguma mensagem à Hermione?

Os lábios dele entreabriram-se de surpresa.

– Porque faria isso? – perguntou ele, antes de ponderar na resposta.

Ela limitou-se a encolher os ombros dizendo:

– O senhor é o menor de dois males, Mr. Bridgerton.

Ele queria desesperadamente pedir-lhe para esclarecer o comentário, mas não se sentia capaz, considerando que se conheciam há tão pouco tempo, por isso esforçou-se, em vez disso, para manter um semblante o mais neutro possível ao dizer:

– Dê-lhe apenas os meus cumprimentos.

– A sério?

Caramba, aquela expressão no olhar era mesmo irritante.

– A sério.

Ela baixou-se na mais ínfima das reverências e foi-se embora.

Gregory permaneceu um momento a olhar para a porta através da qual ela desaparecera e depois virou-se para regressar à festa. Muitos mais convidados tinham começado a dançar e o barulho de risos enchia o ar, mas, de alguma forma, a noite parecia-lhe aborrecida e sem vida.

Comida, decidiu. Comerá mais umas vinte daquelas sanduíches minúsculas e depois retirar-se-ia também.

Tudo seria mais claro na manhã seguinte.

Lucy *sabia* que Hermione não estava com dor de cabeça, nem com qualquer tipo de dor, por isso não se espantou ao encontrá-la sentada na cama, concentrada na leitura do que parecia ser uma carta de quatro páginas.

Escrita numa letra extremamente compacta.

– Um criado trouxe-ma – disse Hermione, nem se dignando a levantar os olhos do papel. – Ele disse que chegou no correio de hoje, mas que se esqueceram de me trazer mais cedo.

Lucy suspirou.

– É de Mr. Edmonds, presumo?

Hermione assentiu.

Lucy cruzou o quarto que ela e Hermione partilhavam e sentou-se na cadeira do toucador.

Aquela não era a primeira carta que Hermione recebia de Mr. Edmonds e Lucy sabia por experiência própria que Hermione teria de lê-la duas vezes e, em seguida, mais uma vez, para uma análise aprofundada e, finalmente, uma última vez, apenas para descortinar algum significado oculto nas palavras de saudação e de despedida.

O que significava que Lucy não teria nada para fazer, exceto examinar as unhas durante pelo menos cinco minutos.

O que fez, não por estar muito interessada nas unhas, nem por ser uma pessoa particularmente paciente, mas porque reconhecia uma situação inútil quando ela se lhe apresentava, e não via razão para desperdiçar energia a tentar conversar com Hermione quando ela estava tão obviamente desinteressada em tudo o que pudesse ter a dizer.

Contudo, as unhas tinham uma capacidade limitada de ocupar uma pessoa, especialmente quando já estavam meticulosamente arranjadas, por isso Lucy levantou-se e foi até ao guarda-vestidos, pondo-se a olhar distraidamente para os seus pertences.

– Ora bolas – murmurou ela –, odeio quando ela faz isto.

A criada de quarto tinha guardado um par de sapatos ao contrário, o sapato esquerdo à direita e o direito à esquerda, e embora Lucy tivesse consciência de que não havia nada de tremendamente errado no ato, ainda assim ofendia-lhe algum estranho (e extremamente arrumado) recanto da sua sensibilidade, por isso endireitou os sapatos e recuou um pouco para inspecionar o seu trabalho; em seguida, pousou as mãos nas ancas e virou-se.

– Já terminaste? – perguntou à amiga.

– Quase – respondeu Hermione, a palavra parecendo ter estado a descansar na ponta dos lábios até àquele momento, como se estivesse pronta para ser impingida a Lucy quando ela perguntasse.

Lucy voltou a sentar-se, irritada. Era uma cena que já tinha vivido inúmeras vezes antes. Ou, pelo menos, quatro.

Sim, Lucy sabia exatamente quantas cartas Hermione já recebera do romântico Mr. Edmonds. Gostaria de *não* saber; aliás, começava a ser extremamente irritante que esse conhecimento lhe ocupasse um espaço valioso no cérebro que poderia ser dedicado a algo útil, como botânica ou música, ou até mesmo mais uma página do *Debrett*, mas o infeliz facto era que as cartas de Mr. Edmonds eram nada mais nada menos que um *acontecimento*, e quando Hermione vivia um acontecimento, bem,

Lucy era obrigada a vivê-lo, também.

Elas tinham partilhado um quarto durante três anos na academia de Miss Moss, e uma vez que Lucy não tinha nenhum parente próximo do sexo feminino que pudesse ajudá-la a fazer o debute na sociedade, a mãe de Hermione havia concordado em patrociná-la, e por isso ali estavam, ainda juntas.

O que era maravilhoso, na verdade, exceto pelo omnipresente (em espírito, pelo menos) Mr. Edmonds. Lucy vira-o apenas uma vez, mas certamente *era* como se ele estivesse sempre ali, a pairar sobre elas, fazendo Hermione suspirar nos momentos mais estranhos e olhar melancolicamente para o infinito como se estivesse a decorar um soneto de amor para poder incluí-lo na sua carta de resposta.

– Estás ciente – começou Lucy, embora Hermione não tivesse dado indicação de ter terminado de ler a missiva – de que os teus pais jamais permitirão que te cases com ele.

Foi o suficiente para Hermione pousar a carta, embora brevemente.

– Sim – disse ela com uma expressão irritada –, já disseste isso.

– Ele é um secretário – disse Lucy.

– Eu sei.

– Um secretário – repetiu Lucy, embora já tivessem tido aquela conversa inúmeras vezes antes. – O secretário do teu pai.

Hermione voltara a pegar na carta, numa tentativa de ignorar Lucy, mas desistiu e pousou-a novamente, confirmando as suspeitas de Lucy de que há muito terminara de a ler e que agora estava na primeira, ou possivelmente até na segunda, releitura.

– Mr. Edmonds é um homem bom e honrado – declarou Hermione, de lábios apertados.

– Certamente que sim – aceitou Lucy –, mas tu não podes *casar-te* com ele. O teu pai é um visconde. Achas realmente que ele vai permitir que a sua única filha se case com um secretário de poucas posses?

– O meu pai ama-me – resmoneou Hermione, mas a voz não saiu exatamente cheia de convicção.

– Eu não estou a tentar dissuadir-te de casares por amor – argumentou Lucy –, mas...

– É exatamente isso que estás a tentar fazer – cortou Hermione.

– De modo nenhum. Eu só não vejo por que razão não podes tentar apaixonar-te por alguém que os teus pais aprovem.

A adorável boca de Hermione contorceu-se numa linha frustrada.

– Tu não compreendes.

– O que há para compreender? Não te parece que a tua vida podia ser ligeiramente mais fácil se te apaixonasses por alguém adequado?

– Lucy, nós não escolhemos por quem nos apaixonamos.

Lucy cruzou os braços.

– Não vejo porque não.

Desta vez, Hermione ficou realmente de boca aberta.

– Lucy Abernathy – contestou ela –, tu não entendes nada.

– Sim – concordou Lucy secamente –, já mo disseste.

– Como podes sequer pensar que alguém consegue escolher por quem se apaixona? – disse Hermione com vigor, embora não o suficiente para se erguer da posição em que estava, meio reclinada na cama. – Não se pode *escolher*. Apenas acontece. Num instante.

– Agora *nisso* eu não acredito – respondeu Lucy, acrescentando, porque não podia resistir –, nem por um instante.

– Bom, eu sei que é assim – insistiu Hermione. – Eu sei, porque aconteceu comigo. Eu não estava *ansiosa* por me apaixonar.

– Não?

– Não. – Hermione fitou-a. – Não estava. A minha intenção era encontrar um marido em Londres. Sinceramente, quem poderia esperar encontrar alguém em *Fenchley*?

Isto dito com o tipo de desdém de que apenas alguém natural de *Fenchley* era capaz.

Lucy revirou os olhos e inclinou a cabeça para o lado, à espera de que Hermione prosseguisse.

O que Hermione não gostou.

– Não olhes para mim dessa maneira – censurou ela.

– Como?

– *Assim*.

– Repito, assim como?

Todo o rosto de Hermione se contraiu.

– Sabes muito bem do que estou a falar.

Lucy levou a mão ao rosto e exclamou:

– Meu Deus! Agora parecias *mesmo* a tua mãe.

Hermione recuou com a afronta.

– Isso foi cruel.

– A tua mãe é maravilhosa!

– Não quando a cara dela fica toda contraída.

– A tua mãe é linda, mesmo com a cara contraída – disse Lucy, tentando colocar um ponto final no assunto. – Agora, pretendes falar-me de Mr. Edmonds ou não?

– Estás a pensar fazer troça de mim?

– Claro que não.

Hermione ergueu as sobrancelhas.

– Hermione, prometo que não vou fazer troça de ti.

Ainda com ar desconfiado, Hermione disse:

– Está bem. Mas se fizeres...

– *Hermione*.

– Como te disse – começou ela, lançando a Lucy um olhar de advertência –, eu

não estava à espera de encontrar o amor. Eu nem sabia que o meu pai tinha contratado um novo secretário. Eu estava apenas a passear no jardim, a decidir que rosas ia apanhar para enfeitar a mesa e foi então que... *o vi*.

Disse-o com dramatismo suficiente para justificar um papel nos palcos.

– Oh, Hermione – suspirou Lucy.

– Disseste que não fazias troça de mim – protestou Hermione, enfatizando-o com um dedo apontado na direção de Lucy, uma reação tão fora do normal que fez Lucy calar-se.

– A princípio, nem sequer lhe vi o rosto – continuou Hermione. – Apenas a nuca, a maneira como o cabelo encaracolava na gola do casaco. – Nesse momento suspirou. Suspirou ao virar-se para Lucy com uma expressão imensamente patética. – E aquela cor. A sério, Lucy, já viste cabelo de um tom tão espetacular de louro?

Considerando a quantidade de vezes que Lucy fora obrigada a ouvir homens a fazer a mesma afirmação acerca do cabelo de Hermione, pensou que ficava muito bem a Hermione aquele sentimento e, portanto, absteve-se de comentários.

Mas Hermione não tinha terminado. Ainda não.

– Então ele virou-se e eu vi-lhe o perfil e juro que ouvi música – afirmou ela.

Lucy teria gostado de salientar que o conservatório da família Watson ficava mesmo ao lado do roseiral, mas conteve-se.

– E então ele virou-se – continuou Hermione, a voz suavizando-se e os olhos assumindo aquela expressão de estar a decorar um soneto de amor –, e a única coisa que consegui pensar foi: *estou arruinada*.

Lucy engasgou-se.

– Não *digas* isso. Nem sequer penses numa coisa dessas.

A ruína não era o tipo de coisa que uma donzela mencionasse com leveza de espírito.

– Não *arruinada* dessa maneira – disse Hermione com impaciência. – Meu Deus, Lucy, eu estava no roseiral, ou não me ouviste? Mas eu soube... naquele momento *soube* que estava arruinada para todos os outros homens. Que nunca haveria outro que se lhe comparasse.

– E soubeste isso tudo só de lhe veres a nuca? – perguntou Lucy.

Hermione lançou-lhe uma expressão extremamente exasperada.

– E pelo perfil, mas não é isso que interessa.

Lucy esperou pacientemente que ela chegasse ao que interessava, mesmo tendo a certeza de que não concordaria. Ou que, provavelmente, nem sequer entenderia.

– A questão é – seguiu Hermione, a voz tornando-se tão suave que Lucy teve de se inclinar para a frente para a ouvir – que será impossível eu ser feliz sem ele. Completamente impossível.

– Bom – disse Lucy devagar, pois não tinha bem a certeza do que poderia adicionar a tal declaração –, pareces feliz agora.

– Isso é só porque eu sei que ele está à minha espera. E... – Hermione ergueu a missiva –, aqui na carta ele diz que me ama.

– Valha-me Deus – disse Lucy entre dentes.

Hermione deve tê-la ouvido, porque a boca contraiu-se, mas não disse nada. Ficaram as duas ali sentadas, nos respetivos lugares, um minuto inteiro e, então Lucy aclarou a garganta e disse:

– Aquele simpático Mr. Bridgerton pareceu ter uma queda por ti.

Hermione encolheu os ombros.

– Ele é um filho mais novo, mas acredito que lhe tenha calhado uma boa maquia. E é, certamente, de uma boa família.

– Lucy, já disse que não estou interessada.

– Bem, ele é muito atraente – disse Lucy, talvez com um pouco mais de ênfase do que pretendia.

– Fica tu com ele, então – retorquiu Hermione.

Lucy fitou-a em estado de choque.

– Sabes perfeitamente que eu não posso. Estou praticamente noiva de Lord Haselby.

– Praticamente – lembrou Hermione.

– É quase oficial – reiterou Lucy.

E era verdade. O tio tinha tratado do assunto com o conde de Davenport, o pai do visconde Haselby, anos antes. Haselby era cerca de dez anos mais velho do que Lucy, portanto tinham estado todos simplesmente à espera de que ela crescesse.

O que ela tinha feito, obviamente. Certamente o casamento já não estaria muito longe.

A união era boa. Haselby era um sujeito perfeitamente agradável. Não falava com ela como se ela fosse uma idiota, parecia ser gentil com os animais, e o seu aspeto era bastante agradável, mesmo que o cabelo já começasse a rarear. Claro, Lucy só tinha estado com o pretenso futuro marido três vezes, mas toda a gente sabia que as primeiras impressões eram extremamente importantes e, geralmente, corretas.

Além de que o tio era seu tutor desde que o pai dela morrera, dez anos antes, e embora não tivesse exatamente coberto, a ela e ao irmão, Richard, de amor e carinho, tinha cumprido o seu dever e educara-os bem, e Lucy sabia que era dever dela obedecer à vontade do tio e honrar o acordo de noivado que ele fizera.

Ou que praticamente arranjava.

Na verdade, não fazia muita diferença. Ela ia casar-se com Haselby. Todos sabiam isso.

– Eu acho que o usas como desculpa – disse Hermione.

A coluna de Lucy endureceu.

– Como?!

– Tu usas o Haselby como desculpa – repetiu Hermione, assumindo uma expressão altiva que não agradou nada a Lucy. – Para não deixares que o teu coração se desvie para outro sítio.

– E para que sítio, precisamente, poderia eu desviar o meu coração? – exigiu saber Lucy. – A temporada social ainda nem começou!

– Talvez – respondeu Hermione –, mas temos andado ocupadas a ganhar «polimento», como tu e a minha mãe gostam de dizer. Não tens estado a viver debaixo de uma pedra, Lucy. Tens conhecido um número considerável de homens.

Não valia sequer a pena salientar que nenhum desses tais homens se dignava a *olhar* para ela quando Hermione estava por perto. Hermione tentaria negá-lo, mas ambas saberiam que ela estava a mentir, numa tentativa de poupar os sentimentos de Lucy. Então, em vez disso, Lucy resmoneou qualquer coisa baixinho que pretendia ser uma resposta sem ser *realmente* uma resposta.

Hermione não disse nada; limitou-se a fitar a amiga com aquele ar astuto que nunca mostrava a mais ninguém, até que, por fim, Lucy sentiu necessidade de se defender.

– Não é uma desculpa – disse, cruzando os braços e mudando, em seguida, as mãos para as ancas quando lhe pareceu que não chegava. – Aliás, que diferença faria? Tu sabes que me vou casar com o Haselby. Está planeado há imenso tempo.

Ela cruzou os braços novamente. Depois deixou-os cair. Então, finalmente, sentou-se.

– Não é um mau casamento – argumentou Lucy. – Na verdade, depois do que aconteceu à Georgiana Whiton, eu devia agradecer de joelhos e beijar os pés ao meu tio por fazer uma aliança tão aceitável.

Houve um momento de silêncio chocado, quase reverente. Se fossem católicas, teriam ambas certamente feito o sinal da cruz.

– Que essa graça de Deus não caia sobre mim – disse Hermione por fim.

Lucy anuiu lentamente. Georgiana tinha sido casada com um velho de setenta anos com pieira e gota. Um velho de setenta anos com gota e sem título nobiliárquico, ainda por cima. Meu Deus, ela deveria ter tido direito a um «Lady» antes do nome pelo sacrifício.

– Por aí vês – concluiu Lucy – que o Haselby não é assim tão má pessoa. Melhor do que a maioria, na verdade.

Hermione olhou para ela. Atentamente.

– Bem, se é o que queres, Lucy, sabes que te apoio incondicionalmente. Mas quanto a mim... – Suspirou, e os olhos verdes assumiram aquele ar distante que fazia homens adultos desmaiar. – Eu quero algo mais.

– Eu sei que sim – disse Lucy, tentando sorrir.

Todavia não era capaz de conceber uma maneira de Hermione vir a conseguir realizar os seus sonhos. No mundo em que viviam, filhas de viscondes não se casavam com secretários de viscondes. E a Lucy parecia-lhe que faria muito mais sentido Hermione ajustar os seus sonhos do que reformular toda a ordem social. Mais fácil, também.

Mas agora estava cansada. E queria ir para a cama. Trataria de convencer Hermione na manhã seguinte. Começando pelo atraente Mr. Bridgerton. Ele seria perfeito para a amiga e o interesse dele era por demais evidente.

Hermione acabaria por mudar de ideias. Lucy certificar-se-ia disso.

CAPÍTULO 3

Em que o nosso herói se esforça mesmo, mesmo muito.

O dia seguinte amanheceu luminoso e sem nuvens. Gregory estava a servir-se do pequeno-almoço, quando a cunhada apareceu ao seu lado, um leve sorriso nos lábios, claramente a tramar alguma.

– Bom dia – cumprimentou ela, com ar demasiado alegre.

Gregory fez um aceno de cabeça em resposta à saudação enquanto amontoava ovos no prato.

– Kate.

– Pensei que, com o tempo tão bom, podíamos organizar uma excursão até à aldeia.

– Para comprar fitas e laços?

– Exatamente – respondeu ela. – Acho que é importante apoiar o comércio local, não?

– Claro – murmurou ele –, embora ultimamente eu não tenha sentido uma grande necessidade de fitas e laços.

Kate pareceu não notar o sarcasmo.

– Todas as jovens têm um pouco de dinheiro para os seus alfinetes e nenhum lugar onde o gastar. Se eu não as mandar para a cidade, elas são capazes de instalar uma sala de jogos no salão rosa.

Bom, *isso* era algo que ele gostaria de ver.

– E se as mandar para a cidade – continuou Kate com ar determinado –, irão precisar de quem as acompanhe.

Gregory não respondeu suficientemente depressa, por isso ela insistiu:

– Vão precisar de companhia.

Gregory pigarreou.

– Devo supor que estás a pedir-me para as acompanhar até à aldeia, esta tarde?

– Esta manhã – esclareceu ela – *e*, como pensei emparelhar toda a gente *e*, como és um Bridgerton *e*, portanto, o meu cavalheiro favorito do grupo masculino, pensei em perguntar-te se por acaso há alguém com quem prefiras ser emparelhado.

Kate tinha todo o instinto de casamenteira, mas, neste caso, Gregory decidiu que deveria ficar grato pelas suas tendências intrometidas.

– Por acaso – começou ele – há...

– Excelente! – cortou Kate, batendo palmas. – Lucy Abernathy será.

Lucy Aber...

– Lucy Abernathy? – repetiu ele, atónito. – Lady Lucinda?

– Sim, os dois pareciam tão bem combinados ontem à noite, e devo dizer, Gregory, que gosto imenso dela. Ela diz que está praticamente noiva, mas, na minha opinião...

– Eu não estou interessado em Lady Lucinda – interrompeu ele, decidindo que

seria demasiado perigoso esperar que Kate respirasse.

– Não estás?

– Não, não estou. Eu... – Inclinou-se, apesar de serem as únicas duas pessoas na sala de pequeno-almoço. De alguma forma parecia-lhe estranho, e sim, um pouco embaraçoso, dizê-lo em voz alta: – Hermione Watson – disse baixinho. – Gostaria de fazer par com Miss Watson.

– A sério? – Kate não parecia exatamente dececionada, antes ligeiramente resignada. Como se o tivesse ouvido antes. Várias vezes.

Maldição!

– Sim – respondeu Gregory, sentindo-se inundar por uma onda bastante considerável de irritação.

Primeiro dirigida a Kate, porque... bem, porque ela estava ali, e ele tinha-se apaixonado perdidamente e tudo que ela era capaz de dizer era: «A sério»? Mas então percebeu que estivera bastante irritado durante toda a manhã. Não tinha dormido bem; não fora capaz de parar de pensar em Hermione e na inclinação do pescoço dela, no verde dos seus olhos, na melodia suave da sua voz. Ele nunca... nunca reagira a uma mulher como a ela, e embora estivesse de alguma forma aliviado por ter finalmente encontrado a mulher que tencionava ter como esposa, era também algo desconcertante o ela não ter tido a mesma reação face a *ele*.

Deus sabia o quanto ele sonhara com aquele momento. Sempre que pensava em encontrar o seu verdadeiro amor, a imagem dela sempre tinha sido indistinta no seu pensamento... sem nome, sem rosto. Mas ela sempre sentira a mesma imensa paixão. Não o tinha dispensado e mandado dançar com a melhor amiga, valha-me Deus.

– Que seja Hermione Watson, então – disse Kate, exalando daquela forma que as mulheres faziam quando queriam dizer-lhe algo que ele nunca seria capaz de compreender, mesmo que tivessem decidido dizê-lo em inglês, o que, obviamente não faziam.

Que fosse Hermione Watson, então. Hermione Watson seria.

Em breve.

Talvez mesmo naquela manhã.

– Achas que há alguma coisa para comprar na aldeia além de laços e fitas? – perguntou Hermione a Lucy enquanto calçavam as luvas.

– Espero que sim – respondeu Lucy. – Fazem sempre isto nas festas de casa, não é? Mandam-nos comprar fitas e laços com o nosso dinheiro para alfinetes. Eu já posso decorar uma casa inteira. Ou, pelo menos, uma pequena cabana com telhado de colmo.

Hermione sorriu com ar resoluto.

– Vou doar todos os meus para essa causa e juntas vamos redecorar uma... – Fez uma pausa para pensar e depois sorriu. – Uma grande casa com telhado de colmo!

Lucy sorriu. Havia algo de tão *leal* em Hermione. Nunca ninguém via esse lado dela, é claro. Nunca ninguém se preocupava em olhar para além do seu rosto. Embora, para falar a verdade, Hermione raramente partilhasse o suficiente de si mesma com os seus admiradores para que eles percebessem o que estava por detrás do seu lindo aspeto exterior. Não era que ela fosse tímida, precisamente, embora certamente não fosse tão sociável como Lucy. Não, Hermione era reservada. Ela simplesmente preferia não partilhar os seus pensamentos e opiniões com pessoas que não conhecia.

E isso levava os homens à loucura.

Lucy espreitou pela janela quando entraram num dos muitos salões de Aubrey Hall. Lady Bridgerton tinha-lhes pedido para descerem às onze em ponto.

– Pelo menos parece que não vai chover – comentou ela.

Da última vez que tinham tido uma saída daquelas para comprar futilidades apanharam morrinha todo o caminho até casa. As copas das árvores ajudaram-nas a manterem-se mais ou menos secas, mas as botas tinham ficado praticamente arruinadas. E Lucy espirrara toda a semana.

– Bom dia, Lady Lucinda, Miss Watson.

Era Lady Bridgerton, a anfitriã, que entrara na sala naquele seu passo confiante. O cabelo escuro estava lindamente apanhado e os olhos brilhavam de inteligência sagaz.

– Como é bom vê-las – disse ela. – São as últimas das senhoras a chegar.

– Somos? – perguntou Lucy, horrorizada, pois *detestava* atrasar-se. – Peço imensa desculpa. Não disse onze horas?

– Oh, minha querida, eu não quis perturbá-la – disse Lady Bridgerton. – Eu, de facto, disse onze horas. Mas isso foi porque a minha intenção era enviar as pessoas por turnos.

– Por turnos? – ecoou Hermione.

– Sim, é muito mais divertido assim, não concordam? Tenho oito convidadas e oito convidados. Se saíssem todos de uma só vez, seria impossível ter uma boa conversa. Já para não falar da largura da estrada. Seria péssimo que andassem a tropeçar uns nos outros.

Havia também algo a ser dito acerca da segurança dos números, mas Lucy guardou o pensamento para si. Lady Bridgerton tinha claramente algum objetivo, e como Lucy já decidira que admirava muito a viscondessa, estava bastante curiosa para conhecer o resultado.

– Miss Watson, vai fazer par com o irmão do meu marido. Acredito que o conheceu ontem à noite?

Hermione assentiu com a cabeça educadamente.

Lucy sorriu secretamente. Mr. Bridgerton tinha estado muito ocupado naquela manhã. Muito bem!

– E a menina, Lady Lucinda – continuou Lady Bridgerton – será acompanhada por Mr. Berbrooke. – Ela sorriu debilmente, quase em jeito de desculpa. – Ele é uma espécie de parente – acrescentou ela – e... um sujeito muito bem-humorado.

– Uma espécie de parente? – ecoou Lucy, não tendo exatamente a certeza de como deveria responder ao tom estranhamente hesitante de Lady Bridgerton.

– Sim. A irmã da mulher do irmão do meu marido é casada com o irmão dele.

– Oh! – Lucy manteve a expressão afável. – Isso quer dizer que são próximos?

Lady Bridgerton riu-se.

– Gosto de si, Lady Lucinda. E quanto a Neville... bem, estou certa de que o achará divertido. Ah, aqui está ele. Neville! Neville!

Lucy observou Lady Bridgerton aproximar-se para cumprimentar Mr. Neville Berbrooke à porta. Eles já tinham sido apresentados, é claro; as apresentações tinham sido feitas entre todos os presentes na festa. Mas Lucy ainda não tinha conversado com Mr. Berbrooke, nem sequer o vira verdadeiramente, exceto ao longe. Parecia um sujeito afável, com ar bastante alegre, um tom de pele vermelhusco e um cabelo volumoso e louro.

– Como está, Lady Bridgerton? – cumprimentou ele, conseguindo chocar contra a perna de uma mesa ao entrar na sala. – Excelente pequeno-almoço. Especialmente o arenque fumado.

– Obrigada – respondeu Lady Bridgerton, olhando nervosamente para o vaso chinês que agora oscilava sobre a mesa. – Certamente lembra-se de Lady Lucinda.

O par murmurou as respetivas saudações e então Mr. Berbrooke disse:

– Gosta de arenque fumado?

Lucy olhou primeiro para Hermione e, em seguida, para Lady Bridgerton em busca de orientação, mas ambas pareciam tão confusas como ela, por isso respondeu apenas:

– Hum... sim?

– Excelente! – exclamou ele. – Ora essa, aquilo é uma andorinha-do-mar de poupa pousada na janela?

Lucy pestanejou. Olhou para Lady Bridgerton, mas descobriu que a viscondessa se recusava a fazer contacto visual.

– Uma andorinha-do-mar de poupa, como diz – murmurou finalmente Lucy, pois não conseguia pensar noutra resposta adequada.

Mr. Berbrooke tinha ido até à janela e ela foi juntar-se a ele. Olhou lá para fora. Não via nenhum pássaro.

Entretanto, pelo canto do olho, viu que Mr. Bridgerton tinha entrado na sala e que fazia o seu melhor para impressionar Hermione. Meu Deus, o homem tinha mesmo um belo sorriso! Dentes brancos e uniformes, a expressão risonha estendendo-se até aos olhos, ao contrário da maioria dos jovens aristocratas entediados que Lucy conhecera. Mr. Bridgerton sorria como se realmente o quisesse fazer.

O que fazia sentido, é claro, pois estava a sorrir para Hermione, por quem estava obviamente apaixonado.

Lucy não podia ouvir a conversa deles, mas reconheceu facilmente a expressão no rosto de Hermione. Educada, é claro, já que Hermione nunca seria indelicada. E talvez ninguém pudesse percebê-lo, mas Lucy, que conhecia a amiga tão bem, via

que Hermione não fazia mais do que tolerar as atenções de Mr. Bridgerton, aceitando a lisonja com um aceno de cabeça e um sorriso bonito, enquanto a sua mente estava longe, muito longe.

A pensar naquele maldito Mr. Edmonds.

Lucy cerrou o maxilar e fingiu procurar andorinhas-do-mar, com poupa ou sem poupa, com Mr. Berbrooke. Não tinha nenhuma razão para pensar que Mr. Edmonds não fosse um homem perfeitamente aceitável, mas a mais pura verdade era que os pais de Hermione jamais tolerariam a união, e embora a amiga pudesse pensar que seria capaz de viver feliz com o rendimento de um secretário, Lucy estava bastante certa de que assim que a frescura do casamento passasse, Hermione seria infelicíssima.

Além de que podia fazer uma escolha *muito* melhor. Era óbvio que Hermione podia casar-se com quem quisesse. Não precisava de se contentar. Podia ser uma rainha da alta sociedade, se assim o desejasse.

Lucy lançou uma olhadela a Mr. Bridgerton, acenando com a cabeça e mantendo um ouvido em Mr. Berbrooke, que voltara ao assunto do arenque fumado.

Mr. Bridgerton era perfeito. Não possuía um título, mas Lucy não era tão implacável para achar que Hermione tivesse de se casar com o título nobiliárquico mais alto disponível. Mas também não podia casar-se com um secretário, pelo amor de Deus.

Além disso, Mr. Bridgerton era extremamente atraente, com cabelo castanho-escuro e uns encantadores olhos cor de avelã. E a família dele parecia muito agradável e razoável, o que Lucy julgava ser um ponto a seu favor. Afinal, casar-se com um homem significava casar-se com a família dele também.

Lucy não poderia imaginar um marido melhor para Hermione. Bem, não viria mal ao mundo se Mr. Bridgerton fosse o próximo na fila para um marquesado, mas também, não se podia ter tudo. E o mais importante era que tinha a certeza de que ele faria Hermione muito feliz, mesmo que Hermione não se apercebesse disso.

– Eu vou fazer com que aconteça – disse para si mesma.

– Hã? – fez Mr. Berbrooke. – Encontrou o pássaro?

– Ali – disse Lucy, apontando em direção a uma árvore.

Ele inclinou-se para a frente.

– A sério?

– Lucy! – ouviu-se a voz de Hermione.

Lucy virou-se.

– Vamos? Mr. Bridgerton está ansioso por começar o passeio.

– Estou à sua disposição, Miss Watson – disse o homem em questão. – Partimos quando lhe convier.

Hermione lançou a Lucy um olhar óbvio de que era *ela* quem estava ansiosa por sair, por isso Lucy disse:

– Vamos então – e aceitou o braço oferecido por Mr. Berbrooke, permitindo que ele a levasse até à entrada, conseguindo soltar apenas um queixume, apesar de

ter tropeçado três vezes sabe-se lá em quê, e de, mesmo num belo, homogêneo e extenso relvado, Mr. Berbrooke ter conseguido encontrar cada raiz de árvore, pedra e protuberância e de a ter conduzido diretamente até lá.

Caramba!

Lucy preparou-se mentalmente para mais lesões. Ia ser um passeio doloroso. Mas produtivo. Quando regressassem a casa, Hermione estaria, pelo menos, um pouco intrigada com Mr. Bridgerton.

Lucy certificar-se-ia disso.

Se Gregory tivera quaisquer dúvidas acerca de Miss Hermione Watson, elas foram afastadas no momento em que colocou a mão dela no seu braço. Sentiu uma espécie de completude, uma estranha sensação quase mística de união de duas metades. Ela encaixava perfeitamente ao seu lado. *Eles* encaixavam.

E ele queria-a.

Não era sequer desejo. Era estranho, na verdade. Ele não sentia algo tão plebeu como desejo físico. Era outra coisa. Algo interno. Simplesmente queria que ela fosse sua. Queria olhar para ela e saber. *Saber* que ela carregaria o nome dele e lhe daria filhos e que olharia apaixonadamente para ele todas as manhãs por cima de uma chávina de chocolate quente.

Queria dizer-lhe tudo isso, queria que partilhasse os sonhos dele, que pintasse um retrato da vida dos dois juntos. Mas ele não era parvo, por isso simplesmente disse, quando a guiou para o caminho em frente a casa:

– Está excepcionalmente bonita esta manhã, Miss Watson.

– Obrigada – respondeu ela.

E depois não disse mais nada.

Ele pigarreou.

– Dormiu bem?

– Sim, obrigada – voltou ela a responder.

– Está a gostar da estadia?

– Sim, obrigada – disse mais uma vez.

Estranho, mas ele sempre pensara que conversar com a mulher com quem se casaria seria um *pouco* mais fácil.

Lembrou a si mesmo que ela ainda se imaginava apaixonada por outro homem. Alguém inadequado, se o comentário de Lady Lucinda da noite anterior servia de indicação. O que foi que ela lhe chamara? O mal menor?

Olhou em frente. Lady Lucinda seguia a tropeçar à sua frente, de braço dado com Neville Berbrooke, que nunca aprendera a ajustar o passo ao de uma senhora. Ela parecia ter a situação controlada, embora ele achasse ter ouvido um pequeno grito de dor a certa altura.

Afastou aquele pensamento. Provavelmente fora apenas um pássaro. Não tinha Neville dito que vira um bando deles pela janela?

– É amiga de Lady Lucinda há muito tempo? – perguntou ele a Miss Watson.

Já sabia a resposta, é claro; Lady Lucinda dissera-lha na noite anterior. Mas não conseguia pensar em mais nada para perguntar. E precisava de uma questão que não pudesse ser respondida com um «sim, obrigada» ou «não, obrigada».

– Há três anos – respondeu Miss Watson. – É a minha melhor amiga. – E então o seu rosto finalmente animou-se ligeiramente ao dizer: – Devíamos alcançá-los.

– Quem? Mr. Berbrooke e Lady Lucinda?

– Sim – respondeu ela com um aceno de cabeça firme. – Sim, devemos.

A última coisa que Gregory queria fazer era desperdiçar o seu precioso tempo a sós com Miss Watson, mas obedientemente chamou Berbrooke, pedindo-lhe que esperasse. Ele assim fez, parando tão de repente que Lady Lucinda chocou contra ele.

Ela soltou um grito alarmado, mas, além disso, parecia estar ilesa.

No entanto, Miss Watson aproveitou o momento e soltou a mão do braço dele, correndo para a amiga.

– Lucy! – exclamou. – Oh, minha querida Lucy, magoaste-te?

– Não, não – respondeu Lady Lucinda, parecendo um pouco confusa com o nível extremo de preocupação da amiga.

– A partir de agora sigo eu de braço dado contigo – declarou Miss Watson, enfiando o braço no de Lady Lucinda.

– Segues? – ecoou Lady Lucinda, puxando o braço. Ou melhor, tentando. – Não é necessário, asseguro-te.

– Eu insisto.

– Não é necessário – repetiu Lady Lucinda, e Gregory desejou poder ver-lhe o rosto, pois *soou-lhe* como se ela estivesse a ranger os dentes.

– Eh, eh, eh – riu-se Berbrooke. – Talvez eu o leve pelo braço, Bridgerton.

Gregory atirou-lhe um olhar condenador.

– *Não.*

Berbrooke piscou os olhos.

– Era uma brincadeira.

Gregory lutou contra a vontade de suspirar e conseguiu dizer:

– Estou ciente.

Ele conhecia Neville Berbrooke desde a infância e geralmente tinha mais paciência para ele, mas neste momento a única vontade que tinha era de lhe dar um murro.

Enquanto isso, as duas jovens peguilhavam por alguma questão, mas num tom baixo o suficiente para que Gregory não conseguisse perceber o que diziam. Não que esperasse sequer entender a linguagem delas, mesmo que estivessem a gritar; era claramente algo desconcertantemente feminino. Lady Lucinda ainda tentava puxar o braço e Miss Watson simplesmente recusava-se a largá-la.

– Ela está lesionada – disse Hermione, virando-se para trás e pestanejando.

A pestanejar? Ela escolhia *aquele* momento para namoriscar?

– Não estou nada – retorquiu Lucy. Virou-se para os dois cavalheiros. – Não estou – repetiu. – De todo. Podemos continuar.

Gregory não conseguia decidir se estava a divertir-se ou se se sentia insultado por todo aquele espetáculo. Miss Watson evidentemente não desejava a sua companhia, e apesar de alguns homens gostarem de ansiar pelo inatingível, ele sempre preferira as suas mulheres sorridentes, amigáveis e dispostas.

Contudo, Miss Watson virou-se e ele avistou-lhe a nuca (que raio teria a nuca dela?!) e sentiu-se afundar novamente naquela sensação de estar loucamente apaixonado que o invadira na noite anterior. Disse a si mesmo para não desanimar. Conhecera-a há menos de um dia; ela apenas precisava de tempo para o conhecer. O amor não atingia todos com a mesma velocidade. O seu irmão Colin, por exemplo, conhecera a mulher anos e anos antes de perceber que estavam destinados a ficar juntos.

Não que Gregory planeasse esperar anos e anos, mas sempre ajudava a colocar a situação atual numa perspetiva mais agradável.

Pouco depois, tornou-se óbvio que Miss Watson não iria ceder e as duas mulheres seguiram de braço dado. Gregory posicionou-se ao lado de Miss Watson, enquanto Berbrooke os seguia alguns próximos a Lady Lucinda.

– Gostaríamos muito que nos dissesse como é pertencer a uma família tão grande – disse Lady Lucinda, inclinando-se à frente de Miss Watson para falar com ele. – Tanto Hermione como eu temos apenas um irmão.

– Eu tenho três – imiscuiu-se Berbrooke. – Todos homens. Exceto a minha irmã, é claro.

– É... – Gregory estava prestes a dar a sua resposta habitual, sobre ser uma confusão e uma loucura e geralmente causando mais problemas do que valia a pena, mas então, sem saber como, a verdade mais profunda escapou-lhe dos lábios e ele ouviu-se a dizer: – Na verdade, é reconfortante.

– Reconfortante? – ecoou Lady Lucinda. – Uma escolha intrigante de palavra.

Ele espreitou para além de Miss Watson, vendo-a fitá-lo com olhos azuis curiosos.

– Sim – respondeu ele, devagar, permitindo que os pensamentos se fundissem antes de responder: – É reconfortante ter uma família, acho eu. É uma sensação de... *saber*, imagino.

– O que quer dizer? – perguntou Lucy, parecendo sinceramente interessada.

– Eu sei que eles estão lá – explicou Gregory –, que se alguma vez eu estiver em apuros, ou se sentir simplesmente a necessidade de uma boa conversa, posso sempre recorrer a eles.

Era a mais pura verdade. Nunca pensara realmente sobre isso, nem o pusera em palavras, mas era verdade. Ele não era tão próximo dos irmãos como eles eram uns dos outros, o que era natural, dada a diferença de idades. Quando eles já eram homens a viver na cidade, Gregory ainda era estudante em Eton. E agora já estavam os três casados, com as suas próprias famílias.

Mas ainda assim, sabia que se precisasse deles, ou das irmãs, só tinha de o dizer.

Nunca o fizera, é claro. Não por causa de qualquer coisa importante. Ou quase

nunca até por coisas sem importância. Mas sabia que podia. Era mais do que a maioria dos homens tinha neste mundo, mais do que a maioria dos homens jamais teria.

– Mr. Bridgerton?

Ele piscou os olhos. Lady Lucinda olhava-o com ar interrogativo.

– As minhas desculpas – murmurou ele. – Com a cabeça na lua, suponho.

Dirigiu-lhe um sorriso e um aceno de cabeça e, em seguida, olhou disfarçadamente para Miss Watson, que, para grande surpresa dele, também se virara para o observar. Os olhos dela pareciam enormes no rosto, claros e deslumbrantemente verdes, e por um momento ele sentiu uma ligação quase elétrica. Ela sorriu, discretamente, com um certo constrangimento por ter sido apanhada, e desviou o olhar.

O coração de Gregory deu um pulo.

Então Lady Lucinda tornou a falar.

– Isso é *exatamente* como me sinto em relação a Hermione – disse ela. – É a minha irmã do coração.

– Miss Watson é uma mulher verdadeiramente excepcional – murmurou Gregory, acrescentando: – Como Lady Lucinda, é claro.

– Ela é uma aquarelista excelente – disse Lady Lucinda.

Hermione enrubesceu de uma forma encantadora.

– *Lucy*.

– Só digo a verdade – insistiu a amiga.

– Também gosto de pintar – disse Neville Berbrooke, em tom jovial. – Estrago é sempre as minhas camisas.

Gregory olhou-o com surpresa. Entre a sua conversa estranhamente reveladora com Lady Lucinda e o olhar partilhado com Miss Watson, quase se esquecera de que Berbrooke estava ali.

– O meu criado pessoal fica louco – continuou Neville, seguindo-os sem pressa. – Não percebo porque não fazem tintas que sejam fáceis de tirar da roupa. – Fez uma pausa, aparentemente em profunda reflexão. – Ou da lã.

– Gosta de pintar? – perguntou Lady Lucinda a Gregory.

– Não tenho talento para isso – admitiu. – Mas o meu irmão é um artista de certo renome. Duas das suas pinturas estão expostas na National Gallery.

– Oh, isso é maravilhoso! – exclamou ela e virou-se para Miss Watson. – Ouviste, Hermione? Tens de pedir a Mr. Bridgerton que te apresente ao irmão dele.

– Eu não gostaria de incomodar nenhum dos Mr. Bridgerton – respondeu ela com modéstia.

– Não será incómodo nenhum – disse Gregory, sorrindo-lhe. – Seria um prazer apresentar-vos, e o Benedict adora falar sobre arte. Eu raramente sou capaz de acompanhar a conversa, mas ele parece sempre bastante animado.

– Vês? – acrescentou Lucy, dando uma palmadinha afetuosa no braço de Hermione. – Tu e Mr. Bridgerton têm muito em comum.

Até Gregory achou a ilação algo exagerada, mas não fez comentários.

– Veludo – declarou Neville de repente.

Três cabeças se viraram na direção dele.

– Como disse? – murmurou Lady Lucinda.

– É o pior – disse ele, acenando com grande vigor. – Para tirar a tinta, quero dizer.

Gregory só lhe via a nuca, mas era bem capaz de a imaginar a pestanejar quando ela perguntou:

– Veste-se de veludo enquanto pinta?

– Quando está frio.

– Que... singular.

O rosto de Neville iluminou-se.

– Acha mesmo? Eu sempre quis ser singular.

– E é – asseverou ela, e Gregory não ouviu nada além de um tom tranquilizante. – Pode ter a certeza de que é, Mr. Berbrooke.

Neville sorriu.

– Singular. Gosto disso. Singular. – Ele sorriu de novo, testando a palavra nos lábios. – Singular. *Singular*. Ssiinn-guuuu-laaaar.

O quarteto continuou em direção à aldeia num silêncio agradável, pontuado pelas tentativas ocasionais de Gregory em atrair Miss Watson para uma conversa. Por vezes conseguia, mas a maioria das vezes era Lady Lucinda que acabava por conversar com ele. Quando não era ela a tentar empurrar Miss Watson para uma conversa com Gregory.

E durante todo esse tempo Neville prosseguia em conversa amena, falando principalmente consigo mesmo, sobre a sua recém- descoberta singularidade.

Finalmente, os edifícios familiares da aldeia surgiram. Neville declarou-se singularmente faminto, o que quer que isso quisesse dizer, e Gregory conduziu o grupo até ao White Hart, uma pousada local que servia pratos simples, mas sempre deliciosos.

– Devíamos organizar um piquenique – sugeriu Lady Lucinda. – Não seria maravilhoso?

– Uma excelente ideia! – exclamou Neville, olhando-a como se ela fosse uma deusa. Gregory estava um pouco assustado com o fervor da expressão dele, mas Lady Lucinda pareceu não notar.

– Qual é a sua opinião, Miss Watson? – perguntou Gregory.

Mas a donzela em questão estava perdida em pensamentos, a visão alheada, apesar de os olhos permanecerem fixos numa pintura na parede.

– Miss Watson? – repetiu ele, e quando finalmente teve a atenção dela, disse: – Gostaria de um piquenique?

– Oh! Sim, isso seria ótimo.

E logo voltou a olhar para o vazio, os lábios perfeitos curvando-se numa expressão melancólica, quase de saudade.

Gregory acenou com a cabeça, abafando a sua decepção, e foi tratar de arranjar

tudo. O dono da pousada, que conhecia bem a sua família, deu-lhe dois lençóis limpos para estender na relva e prometeu trazer um cesto de comida quando estivesse pronta.

– Excelente trabalho, Mr. Bridgerton – elogiou Lady Lucinda. – Não concordas, Hermione?

– Sim, claro.

– Espero que ele traga tarte – disse Neville enquanto segurava a porta aberta para as senhoras. – Gosto sempre de comer tarte.

Gregory enfiou a mão de Miss Watson no seu braço antes que ela pudesse escapar.

– Eu pedi variedade nos alimentos – disse-lhe em tom mais baixo. – Espero que haja algo que satisfaça os seus desejos.

Ergueu os olhos para ele e Gregory sentiu-o novamente, o ar a escapar-lhe do corpo num sussurro enquanto se perdia nos olhos dela. E sabia que ela o sentia também. Tinha de o sentir. Como não, se ele sentia as próprias pernas prestes a ceder?

– Estou certa de que será tudo delicioso – disse ela.

– Gosta de doces?

– Gosto – admitiu.

– Então está com sorte – disse-lhe Gregory. – Mr. Gladdish prometeu incluir a tarte de groselha da mulher, uma sobremesa bastante famosa por estas partes.

– Tarte? – inquiriu Neville, animando-se visivelmente. Virou-se para Lady Lucinda. – Ele disse que iríamos ter tarte?

– Acho que sim – respondeu ela.

Neville suspirou de prazer.

– Gosta de tarte, Lady Lucinda?

A mais leve sugestão de exasperação tomou conta das feições de Lady Lucinda ao perguntar:

– Que tipo de tarte, Mr. Berbrooke?

– Oh, qualquer uma. Doce, salgada, de frutas, de carne.

– Bem... – Ela aclarou a garganta, olhando em volta, como se os edifícios e as árvores lhe pudessem dar alguma orientação. – Eu... hum... suponho que gosto da maioria das tartes.

Nesse instante, Gregory teve absoluta certeza de que Neville se apaixonara perdidamente.

Pobre Lady Lucinda.

Atravessaram a rua principal até um campo relvado e Gregory estendeu os lençóis no chão. Lady Lucinda, como jovem inteligente que era, sentou-se primeiro e, em seguida, deu uma palmadinha num sítio mais perto dela para que Neville se sentasse, garantindo assim que Gregory e Miss Watson fossem forçados a partilhar o outro pedaço de lençol.

Depois, Gregory envidou todos os esforços para lhe conquistar o coração.

CAPÍTULO 4

Em que a nossa heroína dá conselhos, o nosso herói aceita-os e todos comem tarte a mais.

A abordagem dele era completamente errada.

Lucy espreitou por cima do ombro de Mr. Berbrooke, tentando não franzir o sobrolho. Mr. Bridgerton fazia uma corajosa tentativa de conquistar Hermione, e Lucy era obrigada a admitir que, em circunstâncias normais, com uma mulher diferente, ele teria tido um grande sucesso. Lucy pensou nas muitas donzelas que conhecia da academia; qualquer uma delas estaria perdidamente apaixonada por ele neste momento. *Todas* elas, na verdade.

Mas não Hermione.

Ele estava a esforçar-se demasiado. A ser muito atencioso, muito incisivo, muito... muito... muito apaixonado, para ser franca, ou, pelo menos, enfeitado.

Mr. Bridgerton era encantador, atraente e, obviamente, bastante inteligente também, mas Hermione já *vira* tudo isso antes. Lucy não era capaz de contar o sem-número de cavalheiros que haviam perseguido a amiga da mesma maneira. Alguns eram espirituosos, outros sérios. Presenteavam-na com flores, poesia, doces... um chegou a oferecer-lhe um cachorrinho (imediatamente recusado pela mãe de Hermione, que informara o pobre cavalheiro que o *habitat* natural dos cães não incluía os tapetes de Aubusson, porcelana do Oriente, ou ela mesma).

Mas, no fundo, eram todos iguais. Ficavam suspensos a ouvir cada palavra que ela dizia, fitavam-na como se ela fosse uma deusa grega descida à Terra e atropelavam-se uns aos outros numa tentativa de lhe dirigir os elogios mais inteligentes e românticos que as suas lindas orelhas pudessem alguma vez ter escutado. Mas nunca pareciam entender o quão completamente banais todos eles eram.

Se Mr. Bridgerton desejava verdadeiramente despertar o interesse de Hermione, teria de fazer algo bem diferente.

– Mais tarte de groselha, Lady Lucinda? – perguntou Mr. Berbrooke.

– Sim, por favor – murmurou Lucy, apenas para o manter ocupado a cortar a fatia enquanto ponderava sobre o que fazer a seguir. Realmente não queria que Hermione desperdiçasse a vida com Mr. Edmonds, e era mais do que evidente que Mr. Bridgerton era perfeito. Ele só precisava de uma ajuda.

– Oh, veja! – exclamou Lucy. – A Hermione não tem tarte.

– Não tem tarte? – disse Mr. Berbrooke muito chocado.

Lucy agitou as pestanas na direção dele, um maneirismo com o qual não tinha muita prática ou habilidade.

– Posso pedir-lhe a amabilidade de a servir?

Mr. Berbrooke assentiu e Lucy levantou-se.

– Preciso de esticar um pouco as pernas – anunciou ela. – São lindas as flores do outro lado do campo. Mr. Bridgerton, conhece alguma coisa sobre a flora local?

Ele olhou para cima, atônito com a pergunta.

– Alguma coisa. – Mas não se mexeu.

Hermione estava ocupada a assegurar a Mr. Berbrooke que adorava tarte de groselha, então Lucy aproveitou o momento e gesticulou com a cabeça na direção das flores, lançando a Mr. Bridgerton o tipo de olhar urgente que geralmente significava «*Venha comigo já*».

Por um momento, ele pareceu perplexo, mas recuperou rapidamente e levantou-se.

– Dá-me a honra de a elucidar um pouco sobre a paisagem, Lady Lucinda?

– Seria maravilhoso – respondeu ela, talvez com um toque exagerado de entusiasmo.

Hermione olhou-a com patente desconfiança. Mas Lucy sabia que ela não iria oferecer-se para os acompanhar; fazê-lo seria incentivar Mr. Bridgerton a acreditar que ela desejava a sua companhia.

Hermione ficaria com Mr. Berbrooke e a tarte. Lucy encolheu os ombros. Era justo.

– Aquela, creio eu, é uma margarida – disse Mr. Bridgerton, depois de atravessarem o campo. – E esta azul com o caule comprido... na verdade, não sei como se chama.

– Delfínio – disse Lucy rapidamente – e deve saber que não o chamei para falar de flores.

– Suspeitei que não.

Ela decidiu ignorar o tom de voz dele.

– Queria dar-lhe um conselho.

– A sério – demorou-se ele. Não era uma pergunta.

– A sério.

– E qual poderia ser o seu conselho?

Não havia maneira de pôr a coisa em bons termos, por isso encarou-o e disse com franqueza:

– A sua abordagem é completamente errada.

– Como diz?! – disse ele, muito hirto.

Lucy conteve um resmungo. Agora que lhe alfinetara o orgulho, ele certamente seria insuportável.

– Se quer conquistar a Hermione – continuou ela –, tem de fazer algo diferente.

Mr. Bridgerton fitou-a com uma expressão próxima do desprezo.

– Sou perfeitamente capaz de cortejar uma mulher.

– Estou certa de que sim... outras mulheres. Mas a Hermione é diferente.

Ele permaneceu em silêncio, e Lucy soube que o seu argumento o tinha calado. Ele também pensava que Hermione era diferente, senão não estaria a fazer tanto esforço.

– Todos fazem o que está a fazer – disse Lucy, olhando para o piquenique para se certificar de que nem Hermione nem Mr. Berbrooke se tinham levantado para se

juntarem a eles. – Todos.

– Um cavalheiro gosta mesmo de ser comparado com o resto do pessoal – murmurou Mr. Bridgerton.

Lucy tinha várias respostas ao pé da letra àquele comentário, mas manteve-se concentrada na tarefa que tinha em mãos e disse:

– Não pode agir como os outros. Precisa de se destacar.

– E como propõe que eu faça isso?

Ela respirou fundo. Ele não ia gostar da resposta.

– Tem de parar de ser tão... dedicado. Não a trate como uma princesa. Aliás, provavelmente devia deixá-la em paz por alguns dias.

A expressão dele virou para desconfiança.

– E deixar que todos os outros homens ataquem?

– Eles vão atacar de qualquer maneira – disse ela num tom neutro. – Não há nada que possa fazer acerca disso.

– Que bom.

Lucy insistiu.

– Se o afastamento for do *seu* lado, a Hermione vai ficar curiosa para saber o motivo.

Mr. Bridgerton parecia duvidar, por isso ela continuou:

– Não se preocupe, ela saberá que está interessado. Céus, depois de hoje, ela teria de ser idiota se não o soubesse.

Ele franziu o sobrolho ao comentário, e Lucy nem podia acreditar que estava a falar com tanta franqueza com um homem que mal conhecia, mas situações excecionais certamente exigiam medidas excecionais... ou um discurso excepcional.

– Ela saberá, garanto-lhe. A Hermione é muito inteligente. Não que alguém pareça notar. A maioria dos homens não vê para além do seu rosto.

– Gostaria de saber o que ela pensa – disse ele baixinho.

Algo no seu tom atingiu Lucy diretamente no peito. Ela olhou para cima, diretamente para os olhos dele, e teve a estranha sensação de estar num outro lugar, e de ele estar num outro lugar, e de que o mundo caía à sua volta.

Ele era diferente dos outros homens que conhecera. Não sabia bem como, exatamente, exceto que havia algo mais escondido. Algo de diferente. Algo que lhe causava uma ânsia profunda no peito.

Por um breve instante sentiu-se prestes a chorar.

Mas não o fez. Porque não podia, obviamente. Fosse como fosse, ela não era esse tipo de mulher. Nem queria ser. E certamente não chorava quando não sabia a razão para tal.

– Lady Lucinda?

Ficara em silêncio demasiado tempo. Era atípico nela e...

– Hermione não vai permitir que o faça – deixou ela escapar. – Que saiba o que ela pensa, quero dizer. Mas pode... – Aclarou a garganta, pestanejou, concentrou-se no objetivo e, em seguida, fixou os olhos na pequena mancha de margaridas que refulgiam ao sol. – Mas pode convencê-la de outra forma – continuou. – Estou

certa de que é capaz. Se for paciente. E se for verdadeiro.

Ele não disse nada de imediato. Não se ouviu mais nada além do sibilar fraco da brisa. E então, em voz baixa, ele perguntou:

– Porque está a ajudar-me?

Lucy virou-se para ele, aliviada por desta vez a terra permanecer firme debaixo dos seus pés. Voltara a ser ela novamente, incisiva, direta e pragmática. E ele era apenas mais um homem a disputar a mão de Hermione.

Tudo voltava ao normal.

– É o senhor ou Mr. Edmonds – disse ela.

– Então esse é o nome dele – murmurou George.

– É o secretário do pai dela – explicou Lucy. – Não é um mau homem, e não me parece que esteja apenas atrás do dinheiro, mas qualquer pateta pode ver que o senhor é o melhor partido.

Mr. Bridgerton inclinou a cabeça para o lado.

– Pergunto-me por que razão isso me soa como se acabasse de chamar a Miss Watson pateta?

Lucy fulminou-o com o olhar.

– Não se *atreva* a questionar a minha devoção por Hermione. Eu não poderia...

– Ela lançou um olhar rápido a Hermione para ter a certeza de que ela não estava atenta a eles, antes de baixar a voz e continuar: – Eu não poderia amá-la mais, nem que ela fosse minha irmã de sangue.

Mr. Bridgerton dirigiu-lhe um aceno de cabeça respeitoso, o que só abonou a seu favor, e disse:

– Fui desagradável. Peço desculpa.

Lucy engoliu com desconforto ao aceitar aquelas palavras. Ele parecia estar a ser sincero, o que ajudou muito a aplacar-lhe a ira.

– A Hermione é muito importante para mim – disse ela.

Pensou nas férias escolares que tinha passado com a família Watson e nas visitas solitárias a casa. Os tempos em casa nunca pareciam coincidir com os do irmão, e Fennsworth Abbey era um lugar frio e sinistro, apenas com o tio como companhia.

Robert Abernathy cumprira sempre o seu dever perante os seus dois protegidos, mas era uma pessoa bastante fria e sinistra também. Estar em casa significava longas caminhadas sozinha, leituras intermináveis sozinha, até mesmo tomar as refeições sozinha, pois o tio Robert nunca mostrara qualquer interesse em almoçar ou jantar com ela. Quando informara Lucy de que ia enviá-la para a Academia de Miss Moss, o primeiro impulso dela fora abraçá-lo e exclamar com efusividade: «Obrigada, obrigada, *obrigada!*»

Só que ela nunca o abraçara antes, não nos sete anos em que ele era seu tutor. Além de que o tio estava sentado atrás da secretária e já voltara a dar atenção aos papéis que tinha à sua frente. Lucy estava dispensada.

Quando chegara à academia, mergulhara de cabeça na sua nova vida de estudante. Tinha adorado cada momento. Era tão maravilhoso ter pessoas com

quem conversar. O irmão, Richard, fora para Eton aos dez anos, antes mesmo de o pai morrer, e ela vagueava pelos corredores de Fennsworth Abbey há quase uma década sem mais ninguém por companhia, exceto a sua precetora demasiado solícita.

Na academia, as pessoas gostavam dela. Essa tinha sido a melhor parte. Em casa, não passava de um mero acessório, mas na Academia para Jovens Donzelas Excepcionais de Miss Moss, as outras alunas procuravam a sua companhia. Faziam-lhe perguntas e esperavam para ouvir a resposta. Lucy podia não ter sido a abelha-rainha da escola, mas tinha um sentimento de pertença e de que tivera importância.

Ela e Hermione tinham partilhado o mesmo quarto nesse primeiro ano na Academia de Miss Moss, e a amizade entre ambas fora quase instantânea. Ao anoitecer do primeiro dia, já as duas riam e conversavam como se fossem amigas de infância.

De alguma forma, Hermione fazia-a sentir-se... melhor. Não era apenas a amizade, mas o saber que tinha uma amizade. Lucy *gostava* de ser a melhor amiga de alguém. Também gostava de ter uma melhor amiga, é claro, mas a verdade é que gostava de saber que, em todo o mundo, havia alguém que a preferia. Isso fazia-a sentir-se mais confiante.

Tranquila.

Na verdade, era semelhante ao que Mr. Bridgerton dissera em relação à própria família.

Sabia que podia contar com Hermione. E Hermione sabia que o mesmo acontecia com ela. Lucy não tinha a certeza se havia mais alguém no mundo de quem pudesse dizer o mesmo. Do irmão, talvez. Richard vinha sempre em seu auxílio quando precisava dele, mas ultimamente era tão raro verem-se. Era uma pena, realmente. Tinham sido muito próximos quando eram pequenos. Isolados em Fennsworth Abbey, raramente tinham mais alguém com quem brincar, por isso não lhes restava outra escolha senão contarem um com o outro. Felizmente davam-se bem, a maior parte do tempo.

Forçou a mente a voltar ao presente e virou-se para Mr. Bridgerton. Ele estava de pé, imóvel, observando-a com uma expressão de curiosidade educada, e Lucy teve a estranha sensação de que, se lhe contasse tudo... sobre Hermione, Richard e Fennsworth Abbey e como fora bom ter ido para a academia...

Ele teria entendido. Parecia impossível que o fizesse, sendo ele de uma família tão grande, embora com uma relação tão famosamente estreita. Era impossível que ele soubesse o que era ser solitário, ter algo para dizer e ninguém para ouvir. Mas, de alguma forma... eram os olhos dele, talvez, subitamente mais verdes do que ela pensava e tão concentrados no seu rosto...

Engoliu em seco. Meu Deus, o que se estaria a passar com ela que nem era capaz de terminar os próprios pensamentos?

– Eu só desejo a felicidade de Hermione – conseguiu ela dizer. – Espero que compreenda.

Ele assentiu e, em seguida, virou os olhos rapidamente para o piquenique.

– Vamos juntar-nos aos outros? – sugeriu ele, com um sorriso melancólico. – Imagino que Mr. Berbrooke já tenha oferecido a Miss Watson umas três fatias de tarte.

Lucy sentiu uma risada borbulhar dentro dela.

– Oh, Céus!

O tom dele era encantadoramente insípido quando disse:

– Quanto mais não seja para o bem da saúde dela, devemos voltar.

– Vai pensar sobre o que lhe disse? – quis saber Lucy, permitindo que ele colocasse a mão dela no seu braço.

Ele assentiu.

– Vou.

Ela sentiu-se apertar-lhe o braço com um pouco mais de intensidade.

– Estou certa sobre este assunto. Prometo-lhe que sim. Ninguém conhece melhor a Hermione do que eu. E ninguém mais tem observado todos aqueles homens a tentar conquistá-la... e a falhar.

Ele virou-se e os seus olhos encontraram os dela. Ficaram ambos imóveis um instante, e Lucy percebeu que ele a avaliava, medindo-lhe as qualidades de uma forma que deveria ter sido desconfortável.

Mas não era. E isso era o mais estranho. Ele olhava-a como se lhe visse a própria alma, e ela não achava sequer um pouco estranho. Na verdade, parecia-lhe bastante... agradável.

– É uma honra aceitar os seus conselhos acerca de Miss Watson – disse ele, dando meia-volta para regressarem ao local do piquenique. – Agradeço a oferta para me ajudar a conquistá-la.

– Ob... obrigada – gaguejou Lucy, pois não era essa a intenção dela?

De repente percebeu que já não lhe parecia assim tão bem.

Gregory seguiu as instruções de Lady Lucinda à risca. Nessa mesma noite, não se aproximou de Miss Watson na sala de estar, onde os convidados se reuniram antes do jantar. Quando passaram à sala de jantar, não fez nenhuma tentativa de interferir com a ordem social e alterar os lugares à mesa para conseguir ficar sentado ao lado dela. E assim que os cavalheiros regressaram de confraternizar e beber o seu vinho do Porto e se juntaram às senhoras no jardim de inverno para um recital de piano, ele foi sentar-se na fila de trás, embora ela e Lady Lucinda estivessem praticamente sozinhas e tivesse sido fácil e esperado, até, que ele parasse momentaneamente para murmurar um cumprimento ao passar.

Mas não, ele respeitara rigorosamente o possivelmente irrefletido plano e fora posicionar-se ao fundo da sala. Observou Miss Watson sentar-se três filas à frente e só depois se sentou numa cadeira, permitindo-se por fim a indulgência de ficar a contemplar-lhe a nuca.

O que teria sido um passatempo perfeitamente satisfatório, não fosse ele completamente incapaz de pensar noutra coisa que não a *absoluta* falta de interesse

dela. Nele.

Verdade, podia ter-lhe crescido de repente outra cabeça e uma cauda e certamente teria recebido o mesmo meio sorriso educado que ela parecia dirigir a todos. Se tanto.

Não era o tipo de reação que Gregory se habituara a ter das mulheres. Não esperava adulação universal, mas, sinceramente, quando ele fazia um esforço, geralmente obtinha melhores resultados.

Era extremamente irritante, na verdade.

Como resultado, ali estava ele, a observar as duas mulheres, desejando que elas se virassem, que se mexessem na cadeira, que fizessem alguma coisa para indicar que estavam cientes da presença dele. Finalmente, depois de três concertos e uma fuga, Lady Lucinda virou-se lentamente no assento.

Era fácil adivinhar-lhe o pensamento.

Devagar, muito devagar, faz de conta que estás a relancear para a porta para ver se alguém entrou. Roda os olhos muito disfarçadamente na direção de Mr. Bridgerton...

Ele ergueu o copo em saudação.

Ela susteve a respiração, ou pelo menos ele assim esperava, e virou-se de repente.

Ele sorriu. Provavelmente não devia retirar tanto prazer da aflição dela, mas a verdade é que, até ao momento, fora o ponto mais alto da noite.

Quanto a Miss Watson... se ela era capaz de sentir o ardor do olhar dele, não deu a mais pequena indicação. Gregory gostaria de poder pensar que ela o ignorava de propósito, o que, só por si, poderia ser indicação de algum tipo de consciência. Mas ao observá-la passear o olhar languidamente pela sala, inclinando a cabeça de vez em quando para sussurrar algo ao ouvido de Lady Lucinda, tornou-se dolorosamente claro que ela não o ignorava de todo. Isso implicaria que ela reparasse nele.

O que obviamente não era o caso.

Gregory sentiu o maxilar cerrar-se. Embora não duvidasse das boas intenções por trás do conselho de Lady Lucinda, o conselho em si era notoriamente mau. E tendo passado apenas cinco dias desde a festa de casa, ele desperdiçara um tempo precioso.

– Pareces entediado.

Ele virou-se. A cunhada sentara-se ao lado dele sem fazer barulho e falava num tom baixo, de modo a não interferir com a performance.

– Um duro golpe para a minha reputação como anfitriã – acrescentou secamente.

– De todo – murmurou ele. – Estás a ser esplêndida, como sempre.

Kate virou-se para a frente e ficou em silêncio uns instantes antes de dizer:

– Ela é muito bonita.

Gregory não se incomodou em fingir que não sabia a quem se referia. Kate era inteligente de mais para isso.

Mas tal não significava que fosse obrigado a incentivar a conversa.

– É – respondeu ele simplesmente, mantendo os olhos postos em frente.

– A minha suspeita – continuou Kate – é que o coração dela já esteja ocupado. Não tem incentivado nenhuma das atenções dos cavalheiros, e todos tentaram.

Gregory sentiu o maxilar cerrar-se novamente.

– Ouvi dizer – continuou Kate, certamente ciente de estar a ser um incómodo, sem que isso a impedisse – que tem acontecido o mesmo durante toda a temporada. Ela não dá nenhuma indicação de que deseja casar-se.

– Está caída de amores pelo secretário do pai – disse Gregory.

Afinal de contas, de que valeria manter o facto em segredo? Kate acabava sempre por descobrir tudo. E talvez pudesse ajudar.

– A sério? – A sua voz saiu um pouco alta de mais, e foi forçada a murmurar desculpas aos convidados. – A sério? – repetiu mais baixinho. – Como é que sabes?

Gregory abriu a boca para responder, mas Kate respondeu à sua própria pergunta.

– Oh, foi Lady Lucinda, é claro – concluiu ela. – Ela deve saber tudo.

– Tudo – confirmou Gregory num tom seco.

Kate ponderou um momento e, em seguida, declarou o óbvio.

– Os pais dela não devem estar nada satisfeitos.

– Eu não sei se eles sabem.

– Oh, meu Deus!

Kate pareceu de tal forma impressionada com tal pitéu de mexerico que Gregory se virou para a observar. Certo e sabido, os olhos dela estavam arregalados e cintilantes.

– Vê se te conténs – advertiu-a.

– Mas é a maior emoção que tive em toda a primavera.

Ele fixou-a e comentou:

– Estás a precisar de arranjar um passatempo.

– Oh, Gregory – disse ela, dando-lhe uma pequena cotovelada. – Não deixes que o amor te transforme num empertigado. És demasiado divertido para isso. Os pais dela nunca permitirão que ela se case com o secretário, e ela não é pessoa para fugir. Só precisas de ter paciência e esperar.

Ele soltou um suspiro irritado.

Kate deu-lhe uma palmadinha reconfortante.

– Eu sei, eu sei, tu gostas de resolver tudo o mais depressa possível. As pessoas como tu nunca são pacientes.

– Pessoas como eu?

Ela fez um gesto displicente com a mão, o que claramente considerava resposta suficiente.

– Acredita, Gregory – asseverou ela –, é melhor assim.

– Que ela esteja apaixonada por outra pessoa?

– Não sejas tão dramático. Eu quis dizer que te dará tempo para teres a certeza

dos teus sentimentos por ela.

Gregory pensou na dor de um murro no estômago que sentia sempre que olhava para ela. Deus do Céu, especialmente a nuca, por mais estranho que parecesse. Não era capaz de conceber a ideia de que precisava de tempo. Aquilo era tudo o que imaginara que o amor seria. Desmedido, súbito e totalmente arrebatador.

E simultaneamente esmagador.

– Fiquei surpreendida por não me teres pedido para te sentar ao lado dela ao jantar – murmurou Kate.

Gregory fixou um olhar furioso na nuca de Lady Lucinda.

– Posso tratar disso para amanhã, se quiseres – ofereceu Kate.

– Está bem.

Kate assentiu.

– Sim, eu... oh, aqui está. A música está a acabar. Presta atenção agora e faz de conta que somos muito bem-educados.

Ele levantou-se para aplaudir, tal como ela.

– Tu *nunca* passaste um recital de música na conversa? – perguntou ele, mantendo os olhos postos em frente.

– Eu tenho uma curiosa aversão a recitais – disse ela, os lábios curvando-se num leve sorriso perverso. – E uma espécie de carinho nostálgico, também.

– A sério? – *Agora* ele estava interessado.

– Não sou pessoa de coscuvilhar, é claro – murmurou Kate, não olhando para ele de propósito –, mas, diz a verdade, alguma vez me viste assistir a uma ópera?

Gregory sentiu as sobrancelhas erguerem-se. Claramente havia uma cantora de ópera algures no passado do irmão. Onde *estava* o irmão, afinal? Anthony parecia ter desenvolvido um talento notável para evitar a maioria das reuniões sociais da festa na própria casa. Gregory vira-o apenas duas vezes, além da conversa que tiveram na noite em que ele chegou.

– Afinal onde *está* o cintilante Lord Bridgerton? – perguntou ele.

– Oh, por aí. Não sei. Acabaremos por nos encontrar ao final do dia, é o que importa. – Kate virou-se para ele com um sorriso admiravelmente sereno. Irritantemente sereno. – Tenho de ir socializar – disse, sorrindo-lhe com toda a despreocupação. – Diverte-te.

E com isto, desapareceu.

Gregory ficou onde estava, a fazer conversa de circunstância com alguns dos outros convidados enquanto mantinha sub-repticiamente Miss Watson debaixo de olho. Ela conversava com dois tontos e irritantes jovens da aristocracia, Lady Lucinda mantendo-se muito educadamente ligeiramente afastada. Embora Miss Watson não parecesse estar a namoriscar com nenhum deles, certamente lhes prestava mais atenção do que ele recebera naquela noite.

E ali estava Lady Lucinda, com um sorriso encantador, a absorver tudo.

Os olhos de Gregory semicerraram-se. Tê-lo-ia ela enganado?

Não parecia ser esse tipo de pessoa. Mas a verdade é que a conhecia há apenas

vinte e quatro horas. Que profundidade de conhecimento se adquiria nesse tempo, afinal? Ela *podia* ter segundas intenções. *Podia* ser uma excelente atriz, com segredos escusos e misteriosos escondidos logo abaixo da superfície da...

Oh, maldição! Ele estava a ficar maluco. Apostaria até ao último *penny* que Lady Lucinda era incapaz de mentir para salvar a própria vida. Ela era alegre e sociável e definitivamente *nada* misteriosa. Tinha boas intenções, disso ele tinha a certeza.

Mas o conselho dela tinha sido verdadeiramente imbecil.

Chamou a atenção dela com o olhar. Uma expressão subtil de desculpas pareceu perpassar-lhe o rosto e Gregory teve a impressão de que ela encolheu os ombros.

Encolheu os ombros? O que diabo queria *aquilo* dizer?

Ele deu um passo em frente.

Parou.

Depois pensou em dar mais um passo.

Não.

Sim.

Não.

Talvez?

Raios! Não sabia o que fazer. Era uma sensação particularmente desagradável.

Voltou a fitar Lady Lucinda, certo de que a sua expressão não era nem doce nem compreensiva. Afinal de contas, era tudo culpa dela.

Mas é claro que agora ela não estava a olhar para ele.

Ele não desviou o olhar.

Ela virou-se para trás. Os seus olhos arregalaram-se, alarmada, esperava ele.

Bem feito. Agora sim. Se ele não podia sentir a bênção do afeto de Miss Watson, pelo menos podia fazer com que Lady Lucinda sentisse o tormento dele.

É que havia momentos que simplesmente não requeriam maturidade e tato.

Gregory manteve-se na extremidade da sala, começando finalmente a divertir-se. Havia algo de perversamente divertido em imaginar Lady Lucinda como uma pequena lebre indefesa, sem saber se ou quando encontraria o seu fim prematuro.

Não que Gregory pudesse atribuir a si mesmo o papel de caçador, obviamente. A sua péssima pontaria garantia que não fosse capaz de acertar em nada que se movesse, e era um alívio não ser responsável por arranjar a própria comida.

Mas *podia* imaginar-se a raposa.

Sorriu, o primeiro sorriso verdadeiro da noite.

Nesse momento, percebeu que a sorte estava do lado dele, porque viu Lady Lucinda pedir desculpa e sair disfarçadamente do jardim de inverno, provavelmente para atender a alguma necessidade feminina. Como Gregory se encontrava de pé sozinho num canto ao fundo da sala, ninguém notou quando ele saiu por uma porta diferente.

E no momento em que Lady Lucinda transpôs a porta de entrada para a biblioteca, ele conseguiu puxá-la sem fazer um único som.

CAPÍTULO 5

Em que o nosso herói e a nossa heroína têm uma conversa deveras intrigante.

Num minuto Lucy atravessava o corredor, o nariz franzido em reflexão tentando lembrar-se onde ficava a casa de banho mais próxima, e no seguinte sentiu-se a voar, ou, no mínimo, a tropeçar nos próprios pés e a colidir com uma forma claramente grande, que claramente emanava calor e era claramente humana.

– Não grite – disse uma voz.

Uma voz que ela conhecia.

– Mr. Bridgerton?

Deus do Céu, aquilo era deveras extraordinário. Lucy não tinha a certeza se devia ficar com medo.

– Precisamos de conversar – disse ele, soltando-lhe o braço.

Contudo, trancou a porta e meteu a chave ao bolso.

– Agora? – perguntou Lucy, os olhos tentando ajustar-se à luz fraca e percebendo que estavam na biblioteca. – Aqui? – E, em seguida, ocorreu-lhe uma pergunta mais pertinente. – Sozinhos?

Ele fez uma careta de aborrecimento.

– Não vou atacá-la, se é isso que a preocupa.

Ela sentiu o maxilar contrair-se. Não tinha pensado que ele o *fizesse*, mas ele também não precisava de fazer o seu comportamento honrado parecer um insulto.

– Então de que se trata? – exigiu saber. – Se eu for apanhada aqui na sua companhia, as consequências serão desastrosas. Estou praticamente noiva, sabia?

– Eu sei – respondeu ele.

Naquele tom de voz. Como se ela o tivesse informado disso mesmo *ad nauseam*, quando ela sabia muito bem que não o mencionara mais do que uma vez. Ou possivelmente duas.

– Pois bem, é verdade – resmungou ela, sabendo bem que se lembraria da resposta perfeita duas horas mais tarde.

– O que está a acontecer? – perguntou ele.

– O que quer dizer com isso? – perguntou ela, por sua vez, mesmo sabendo muito bem do que ele estava a falar.

– Miss Watson – admoestou ele.

– A Hermione?

Como se houvesse outra Miss Watson. Mas permitindo-a ganhar algum tempo.

– O seu conselho – disse ele, o olhar perfurando o dela – foi péssimo.

Ele tinha razão, é claro, mas esperava que ele não tivesse reparado.

– Certo – disse ela, olhando-o, cautelosa, e vendo-o cruzar os braços.

Não era o mais acolhedor dos gestos, mas era obrigada a admitir que ele o fazia com eficácia. Ouvira que ele era conhecido por ser uma pessoa jovial e divertida, contudo nenhuma dessas qualidades estava atualmente em evidência; bem, era

como dizia a máxima: «O Inferno não conhece fúria como a de uma mulher desprezada.» Supôs que não era preciso ser-se uma mulher para se sentir desalentado com a perspectiva de um amor não correspondido.

Ao olhar, hesitante, para aquele belo rosto, ocorreu-lhe que ele provavelmente não tinha muita experiência com amor não correspondido. Na verdade, quem seria capaz de dizer não a este homem?

Além de Hermione. Mas ela dizia não a todos. Ele não devia levá-lo a peito.

– Lady Lucinda? – Demorou-se nas palavras, esperando uma resposta.

– Claro – empatou ela, desejando que ele não parecesse tão *imenso* naquele aposento fechado. – Certo. Certo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Certo.

Ela engoliu em seco. O tom era de uma indulgência vagamente paternalista, como se ela fosse medianamente engraçada, mas nada muito digno de nota. Conhecia bem aquele tom. Era um dos preferidos de irmãos mais velhos, para se dirigirem às irmãs mais novas. E de quaisquer amigos que trouxessem para casa a fim de passar férias.

Ela odiava aquele tom.

Mesmo assim, manteve-se firme e disse:

– Concordo que o meu plano acabou por provar não ser a melhor opção, mas, para ser sincera, não estou certa de que qualquer outro fosse melhor.

Aquilo não pareceu ser o que ele queria ouvir. Ela aclarou a garganta. Duas vezes. E depois, mais uma vez.

– Sinto muito – acrescentou, porque a verdade é que se sentia mal, e pela sua experiência, um pedido de desculpas era a melhor opção quando não se sabia o que dizer. – Mas eu realmente pensei...

– Disse-me – interrompeu ele – que se eu ignorasse Miss Watson...

– Eu não lhe disse para a *ignorar*!

– Disse, sim senhor.

– Não, não disse. Eu disse-lhe para se afastar um pouco. Para tentar não ser tão evidente no seu apaixonamento.

«Apaixonamento» não era uma palavra, mas Lucy não queria saber.

– Muito bem – respondeu ele, o tom mudando de ligeiramente arrogante, típico de irmão mais velho, para a mais flagrante condescendência. – Se não era para eu a ignorar, o que pensa exatamente que eu deveria ter feito?

– Bem... – Ela coçou a parte de trás do pescoço, onde subitamente lhe parecia ter brotado a mais horrenda das colmeias. Ou talvez fossem apenas nervos. Quase preferia a colmeia. Não gostava nada daquela sensação de náusea que lhe crescia no estômago enquanto procurava pensar em algo de racional para dizer.

– Além do que fiz, quero dizer – acrescentou ele.

– Não sei bem – resmoneou ela. – Não tenho propriamente *oceanos* de experiência nesse género de situação.

– Oh, *agora* é que me diz.

– Bem, não custava nada tentar – refutou ela. – Deus sabe que não foi propriamente bem-sucedido sozinho.

A boca dele contraiu-se numa linha fina, e ela permitiu-se um breve sorriso satisfeito por o ter deixado irritado. Ela não era *normalmente* uma pessoa mesquinha, mas a ocasião parecia pedir um certo autorregozijo.

– Pois muito bem – disse ele em voz tensa.

Teria preferido que ele pedisse desculpa e dissesse, explicitamente, que ela estava certa e ele errado, mas supôs que, em alguns círculos, «Pois muito bem» *poderia* passar por um reconhecimento de erro.

E, a julgar pela expressão dele, isso era o máximo que iria receber.

Assentiu com um gesto de cabeça majestoso. Parecia-lhe a melhor atitude a tomar. Agir como uma rainha para talvez ser tratada como tal.

– Mais ideias brilhantes?

Ou não.

– Bem – começou ela, fazendo de conta que ele estava sinceramente interessado na resposta –, creio que não é tanto uma questão de o que fazer, mas mais de perceber por que razão o que fez não funcionou.

Ele pestanejou, perplexo.

– Nunca ninguém desistiu da Hermione – explicou Lucy com um toque de impaciência. Detestava quando as pessoas não entendiam de imediato o significado do que dizia. – O desinteresse dela só os faz redobrar os esforços. É constrangedor, na verdade.

Ele mostrou-se vagamente ofendido.

– Peço desculpa?!

– Não me refiro a *si* – emendou Lucy rapidamente.

– O meu alívio é palpável.

Lucy deveria ter ficado ofendida com o sarcasmo, mas o sentido de humor dele era tão parecido com o dela que não pôde deixar de achar divertido.

– Como eu estava a dizer – continuou ela, porque gostava de não deixar o assunto tomar outros rumos –, nunca ninguém parece admitir a derrota e contentar-se com uma mulher mais acessível. Depois de todos se aperceberem de que todos os *outros* a querem a ela, parecem enlouquecer. É como se ela não passasse de um prémio a conquistar.

– Não para mim – asseverou ele em voz baixa.

Os olhos dela voaram para o rosto dele, percebendo instantaneamente o significado daquelas palavras: para ele, Hermione era *mais* do que um prémio. Ele importava-se com ela. O sentimento era notório. Lucy não sabia porquê, ou como, pois ele mal conhecia a amiga. Isto aliado ao facto de Hermione não ter sido nada expansiva nas conversas entre eles, não que ela tivesse por hábito sê-lo com os homens que a perseguiam. Mas Mr. Bridgerton interessava-se pela mulher no seu íntimo, não apenas pelo rosto perfeito. Ou, pelo menos, assim pensava ele.

Lucy anuiu num gesto lento, deixando-se absorver tudo aquilo.

– Pensei que talvez se alguém *não andasse* sempre a obsequiá-la, ela pudesse

achá-lo intrigante. Não que a Hermione veja a atenção cavalheiresca como algo que lhe é devido – apressou-se ela a asseverar. – Muito pelo contrário. Para ser honesta, a maioria das vezes é uma maçada.

– A sua lisonja não conhece limites – comentou ele, mas com um sorriso, embora ligeiro.

– Nunca tive muito jeito para a lisonja – admitiu ela.

– Aparentemente não.

Ela abriu um sorriso irónico. Sabia que ele não pretendia que aquelas palavras fossem um insulto, por isso não o tomava como tal.

– Ela vai acabar por cair em si.

– Acha?

– Acho. Ela terá de o fazer. A Hermione é muito romântica, mas entende como o mundo funciona. No fundo, ela sabe que não pode casar-se com Mr. Edmonds. Simplesmente não é possível. Os pais vão deserdá-la, ou pelo menos vão ameaçar fazê-lo, e ela não é do tipo de correr um risco desses.

– Se ela realmente amasse alguém – disse ele suavemente –, correria qualquer risco.

Algo na voz dele fez Lucy gelar. Algo agreste e poderoso, que lhe percorreu a pele, provocando arrepios e deixando-a estranhamente incapaz de se mover.

Tinha de perguntar. Não conseguia não o fazer. Tinha de *saber*.

– E o senhor, Mr. Bridgerton? – sussurrou ela. – Arriscaria qualquer coisa?

Ele não se moveu, mas o olhar parecia queimar. E ele não hesitou.

– Qualquer coisa.

Os lábios dela entreabriram-se. De surpresa? De profundo respeito? Algo mais?

– E Lady Lucinda, arriscaria? – contra-atacou ele.

– Eu... eu não sei.

Balançou a cabeça e teve a bizarra sensação de já não se conhecer a si mesma. Aquela deveria ser uma pergunta de resposta fácil. Teria sido, há apenas alguns dias. Ela teria dito claro que não, teria dito que era demasiado pragmática para esse tipo de disparates.

Acima de tudo, teria dito que esse tipo de amor não existia.

Mas algo havia mudado, e não sabia o quê. Algo parecia ter mudado de lugar dentro de si, deixando-a em desequilíbrio.

Insegura.

– Não sei – voltou ela a dizer. – Suponho que dependeria.

– De quê?

A voz dele tornou-se ainda mais baixa. Incrivelmente baixa e suave, mas ainda assim ela conseguiu ouvir cada palavra.

– De... – Ela não sabia. Como podia não saber do que poderia depender? Sentiu-se perdida, sem chão, e... e... e então as palavras surgiram e deslizaram-lhe suavemente dos lábios. – Do amor, suponho.

– Do amor.

– Sim.

Meu Deus, teria ela alguma vez tido uma conversa como aquela? Será que as pessoas realmente falavam sobre tais coisas? E haveria sequer respostas?

Ou ela era a única pessoa no mundo que não compreendia?

Lucy sentiu algo preso na garganta e, de repente, sentiu-se muito só na sua ignorância. Ele sabia, Hermione sabia e os poetas também alegavam que sabiam. Parecia que *ela* era a única alma perdida, a única pessoa que não entendia o que era o amor, que não tinha sequer a certeza de que existia ou, se existia, se existia para ela.

– De como nos faria sentir – disse ela por fim, pois não sabia o que dizer mais.

– De como o amor nos faria sentir. De como nos faz sentir.

Os olhos dele encontraram os dela.

– Acha que há uma variação?

Ela não esperava outra pergunta. Ainda estava a tentar recuperar da última.

– De como o amor nos faz sentir – esclareceu ele. – Acha que pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes? Se já se amou alguém, verdadeira e profundamente, a sensação não seria de... *totalidade*?

Ela não sabia responder.

Ele virou-se e deu alguns passos em direção à janela.

– Deveria consumir-nos por dentro – continuou ele. – Como poderia ser de outra forma?

Lucy ficou de olhos colados nas costas dele, hipnotizada pela forma como o casaco finamente cortado lhe assentava nos ombros. O mais estranho era que não conseguia afastar o olhar do pequeno ponto onde o cabelo tocava o colarinho.

Quase deu um pulo quando ele se virou.

– Não haveria dúvidas – disse ele, a voz grave pela veemência de um verdadeiro crente. – Uma pessoa simplesmente saberia. Seria como a concretização do maior sonho, mas a sensação ultrapassaria ainda essa barreira.

Ele deu um passo em direção a ela. Só um. Depois outro. E então, disse:

– É assim, parece-me, que o amor nos deve fazer sentir.

Nesse momento, Lucy soube que não estava destinada a sentir-se assim. Se ele existisse... se o amor existisse tal como Gregory Bridgerton o havia imaginado... não esperara por ela. Era incapaz de imaginar tal turbilhão de emoções. E certamente não gostaria. Disso tinha a certeza. Não queria sentir-se perdida no turbilhão, à mercê de algo além do seu controlo.

Não queria sentir-se infeliz. Não queria sentir-se desesperada. E se isso significava também ter de abandonar o êxtase e o arrebatamento, pois que assim fosse.

Ergueu os olhos para ele, sem fôlego pela gravidade das próprias revelações.

– É demasiado – ouviu-se a dizer. – Seria demasiado. Eu não... eu não...

Lentamente, ele abanou a cabeça.

– Não teria escolha. Estaria para lá do seu controlo. Simplesmente... acontece.

A boca dela entreabriu-se de surpresa.

– Foi isso que ela disse.

– Quem?

Quando ela respondeu, a voz saiu estranhamente desapegada, como se as palavras lhe estivessem a ser arrancadas diretamente da memória.

– A Hermione – declarou. – Foi isso que a Hermione disse sobre Mr. Edmonds.

Os lábios de Gregory contraíram-se nos cantos.

– Ai sim?

Lucy assentiu lentamente.

– Quase palavra por palavra. Ela disse que simplesmente acontece. Num instante.

– Ela disse isso?

As palavras soaram como um eco, e na verdade era tudo o que ele era capaz de fazer: sussurrar perguntas inanes, à espera de confirmação, na esperança de que talvez ele tivesse ouvido mal e de que ela respondesse algo totalmente diferente.

Mas obviamente que não. Na verdade, era pior do que ele temia. Ela disse:

– Ela estava no jardim, segundo disse, simplesmente a olhar para as rosas e, de repente, viu-o. E soube.

Gregory ficou a olhar para Lucy. Sentia o peito vazio, a garganta apertada. Não era nada daquilo que ele queria ouvir. *Caramba*, aquela era a única coisa que não queria ouvir.

Lucy olhou para ele nesse momento, e os seus olhos, cinzentos na penumbra da noite, encontraram os dele de uma forma estranhamente íntima. Foi como se ele a conhecesse, soubesse o que ela ia dizer e qual a expressão do seu rosto ao dizê-lo. Era bizarro e aterrador, e acima de tudo, perturbador, porque aquela não era a Ilustre Miss Hermione Watson.

Aquela era Lady Lucinda Abernathy, não a mulher com quem pretendia passar o resto da sua vida.

Ela era deveras agradável e inteligente, e muito atraente. Mas Lucy Abernathy não era para ele. Quase soltou uma risada, porque tudo teria sido muito mais fácil se o seu coração tivesse dado um pulo na primeira vez que a viu a *ela*. Ela podia estar praticamente noiva, mas não estava apaixonada. Disso ele tinha a certeza.

Mas Hermione Watson...

– O que é que ela disse? – sussurrou ele, temendo a resposta.

Lady Lucinda inclinou a cabeça para o lado, com ar intrigado.

– Disse que nem sequer lhe viu o rosto. Apenas a nuca...

Apenas a nuca.

– ...e então ele virou-se e ela pensou ter ouvido música, e tudo que conseguiu pensar foi...

Estou arruinado.

– ...estou arruinada. Foi isso que ela me disse. – Olhou para ele, a cabeça ainda inclinada num ar curioso. – Consegue imaginar? Arruinada? De todas as coisas em que podia pensar. Eu não consegui compreender.

Mas *ele* conseguia. Ele conseguia.

Exatamente.

Olhou para Lady Lucinda e viu que ela lhe perscrutava o rosto. Parecia ainda confusa. E preocupada. E talvez um pouco desconcertada quando perguntou:

– Não acha estranho?

– Sim.

Uma única palavra, mas dita com toda a profundidade do seu coração. Porque *era* estranho. Trespassou-a como uma faca. Ela não devia sentir-se assim em relação a outra pessoa.

Não era assim que devia acontecer.

E então, como se um feitiço se tivesse quebrado, Lady Lucinda virou-se e deu alguns passos para a direita. Pôs-se a olhar para as estantes, não que fosse capaz de ler qualquer um dos títulos àquela luz, e deslizou os dedos ao longo das lombadas.

Gregory ficou a observar a mão dela; não sabia porquê. Apenas ficou a fitá-la à medida que se movia. Ela era muito elegante, percebeu. Não era perceptível à primeira vista, talvez por o aspeto dela ser tão sadio e tradicional. Esperava-se que a elegância brilhasse como a seda, que cintilasse, que paralisasse. A elegância era uma orquídea, não uma simples margarida.

Mas quando Lady Lucinda se mexia, parecia diferente. Ela parecia... fluir.

Devia ser uma boa dançarina. Ele tinha a certeza.

Embora não tivesse tanta certeza da importância disso.

– Sinto muito – disse ela, virando-se de repente para ele.

– Por causa de Miss Watson?

– Sim. Não tive a intenção de ferir os seus sentimentos.

– Não o fez – assegurou ele, talvez de forma algo brusca.

– Oh! – Ela piscou, com certo espanto. – Fico feliz por isso. Não era minha intenção.

Ele deu-se conta de que era verdade. Ela não era esse tipo de pessoa.

Os lábios dela entreabriram-se, como quem pretende falar, mas não o fez imediatamente. Os olhos pareceram concentrar-se além do ombro dele, como se procurasse atrás dele as palavras corretas.

– Foi só que... bem, quando disse aquilo sobre o amor – começou ela –, soou tão familiar. Não fui capaz de compreender o significado.

– Nem eu – disse ele suavemente.

Ela manteve-se em silêncio, evitando olhá-lo. Os lábios franziram, ligeiramente, e de vez em quando ela pestanejava. Não era um movimento de conturbação, antes um gesto bastante propositado.

Ela estava a pensar, percebeu ele. Era do tipo que *pensa* sobre as coisas, provavelmente até ao ponto da frustração interminável de quem quer que estivesse encarregado da tarefa de a guiar na vida.

– O que vai fazer agora? – perguntou ela.

– Acerca de Miss Watson?

Ela assentiu com a cabeça.

– O que sugere que faça?

– Não sei – respondeu ela. – Posso falar com Hermione a seu favor, se quiser.

– Não.

Aquela ideia parecia-lhe demasiado infantil. Gregory só agora começava a sentir-se verdadeiramente um homem adulto, pronto para deixar a sua marca no mundo.

– Pode esperar – sugeriu ela com um pequeno encolher de ombros – ou pode continuar a tentar cortejá-la. Ela não terá oportunidade de ver Mr. Edmonds durante pelo menos um mês, e eu acho que... por fim... acabará por perceber...

Mas não terminou a frase. E ele queria saber.

– Perceber o quê? – pressionou ele.

Ela olhou para cima, como se arrancada de um sonho.

– Bom, que... que... que Mr. Bridgerton é muito *melhor* do que todos os outros. Não sei porque ela não vê isso. É bastante óbvio para mim.

Saída de qualquer outra pessoa, aquela teria sido uma declaração estranha. Excessivamente audaciosa, talvez, e parecendo conter uma alusão recatada de disponibilidade.

Mas não dela. Ela era uma pessoa sem artifícios, daquelas em que um homem podia confiar. Um pouco como as irmãs dele, supôs, com uma inteligência sagaz e um sentido de humor apurado. Lucy Abernathy nunca seria uma musa inspiradora de poesia, mas daria uma excelente amiga.

– Isso vai acontecer – afirmou ela, com voz suave mas segura. – Ela vai perceber. O senhor... e a Hermione... vão ficar juntos. Tenho a certeza disso.

Ele observou-lhe os lábios enquanto falava. Não sabia porquê, mas o contorno deles tornara-se de repente intrigante... a maneira como eles se moviam, como formavam as consoantes e vogais. Eram lábios normais. Nada neles lhe havia atraído a atenção antes. Mas agora, na penumbra da biblioteca, num ambiente onde pairava apenas o suave sussurro das vozes de ambos...

Ele perguntou-se o que significaria beijá-la.

Recuou um passo, sentindo que tudo estava súbita e esmagadoramente *errado*.

– Devíamos voltar – disse ele abruptamente.

Um lampejo de mágoa atravessou o olhar dela. Maldição! Ele não tivera a intenção de soar como se estivesse ansioso por se livrar dela. Nada daquilo era culpa dela. Só se sentia esgotado. E frustrado. E ela estava ali. E a noite estava escura. E eles estavam sozinhos.

Não fora desejo. Não podia ser desejo. Ele esperara a vida inteira para reagir a uma mulher tal como reagira a Hermione Watson. Não podia sentir desejo por outra mulher depois disso. Não por Lady Lucinda, nem por mais ninguém.

Não era nada. *Ela* não era nada.

Não, isso também não era justo. Ela era algo. Muito, na verdade. Mas não para ele.

CAPÍTULO 6

Em que o nosso herói faz progressos.

Deus do Céu, *o que* tinha ela dito?

Nessa noite, deitada na cama, este pensamento específico martelava a mente de Lucy, horrorizada de mais até para se mexer. Deitada de costas, de olhos pregados no teto, completamente imóvel e totalmente mortificada.

E na manhã seguinte, quando se olhou ao espelho, suspirando ao ver as manchas escuras por baixo dos olhos, lá estava ele novamente...

Oh, Mr. Bridgerton, é muito melhor do que todos os outros.

De cada vez que revivia aquela frase, a voz da sua memória subia de tom e tornava-se mais afetada, até ela se transformar numa daquelas horríveis criaturas... como as donzelas sempre em alvoroço que desmaiavam quando o irmão mais velho de alguém aparecia na academia.

– Lucy Abernathy – murmurou ela entre dentes –, és uma autêntica pateta.

– Falaste? – perguntou Hermione, fitando-a de onde se encontrava, junto à cama.

Lucy já tinha a mão na maçaneta da porta, pronta para sair e ir tomar o pequeno-almoço.

– Só estou a fazer contas de cabeça – mentiu Lucy.

Hermione foi calçar os sapatos.

– Livra, *porquê?* – espantou-se ela, mais para si mesma do que para Lucinda.

Lucy encolheu os ombros, embora Hermione não estivesse a olhar para ela. Ela dizia sempre que estava a fazer contas de cabeça quando Hermione a apanhava a falar sozinha. Não fazia ideia por que razão Hermione continuava a acreditar nela; Lucy detestava fazer contas quase tanto quanto detestava frações e a tabuada. Mas parecia o tipo de coisa que ela poderia fazer, prática como era, e Hermione nunca questionara.

De quando em vez, Lucy murmurava um número, só para tornar a coisa mais autêntica.

– Estás pronta para descer? – perguntou Lucy, rodando a maçaneta.

Não que *ela* estivesse. A última coisa que queria era ver... bem... alguém. Mr. Bridgerton, em particular, é claro, mas pensar em enfrentar o mundo era simplesmente horripilante.

Contudo, estava com fome e acabaria por ter de aparecer perante outras pessoas e não via por que motivo devia a sua infelicidade chafurdar num estômago vazio.

A caminho da sala de pequeno-almoço, Hermione fitou-a com curiosidade.

– Estás bem, Lucy? – perguntou. – Pareces um pouco estranha.

Lucy lutou contra a vontade de rir. Ela *era* estranha. E era uma idiota que provavelmente não devia ser deixada andar em público.

Santo Deus, tinha realmente dito a Gregory Bridgerton que ele era melhor do que os outros homens?

Só queria morrer. Ou, pelo menos esconder-se debaixo de uma cama qualquer.

Mas não, nem sequer podia fingir uma doença e ficar enfiada na cama. Aliás, nem lhe tinha ocorrido tentar. Lucy era tão ridiculamente normal e rotineira que se levantara e já estava pronta para ir para o pequeno-almoço antes ainda de extrair um único pensamento coerente.

Além de ponderar sobre a sua aparente loucura, é claro. *Nisso* não tinha problemas em concentrar-se.

– Bom, estás muito bonita hoje – disse Hermione quando chegaram ao cimo da escada. – Gosto da tua escolha da fita verde com o vestido azul. Eu nunca teria pensado nisso, mas é muito elegante. E combina adoravelmente com os teus olhos.

Lucy baixou os olhos para a própria roupa. Não se lembrava de se vestir. Era um milagre que não parecesse fugida de um circo cigano.

Embora...

Deixou escapar um pequeno suspiro. Fugir com um grupo de ciganos parecia-lhe uma ideia bastante atrativa naquele momento, prática até, pois tinha quase a certeza de que nunca mais deveria mostrar a cara na sociedade civilizada. Claramente faltava-lhe um vaso de ligação extremamente importante entre o cérebro e a boca, e só Deus sabia o que mais poderia sair-lhe dos lábios.

Deus do Céu, mais valia ter dito a Gregory Bridgerton que o achava um deus.

O que não fizera. De todo. Simplesmente o achava um ótimo partido para Hermione. E dissera-lho. Não dissera?

O que *dissera*? O que dissera, exatamente?

– Lucy?

O que dissera foi... o que dissera *foi*...

Ficou gelada.

Meu Deus! Ele ia pensar que *ela* o queria.

Hermione caminhou mais alguns passos antes de perceber que Lucy já não estava ao seu lado.

– Lucy?

– Sabes – disse Lucy, a voz saindo um pouco estridente –, acho que afinal não estou com fome.

Hermione olhou-a, incrédula.

– Não queres tomar o pequeno-almoço?

Era *realmente* uma mentira pouco rebuscada. Lucy comia sempre como um marinheiro ao pequeno-almoço.

– Eu... hum... acho que alguma coisa que comi ontem à noite me fez mal. Talvez o salmão. – Pousou a mão na barriga para dar um toque de veracidade. – Acho melhor ir deitar-me.

E nunca mais me levantar.

– Realmente estás com um ar um bocadinho esquisito – comentou Hermione.

Lucy esboçou um sorriso tristonho, tomando a decisão consciente de ficar grata por ter escapado.

– Queres que te traga alguma coisa? – perguntou Hermione.

– Sim – respondeu Lucy com fervor, esperando que Hermione não lhe tivesse ouvido o estômago a roncar.

– Oh, talvez seja melhor não – disse Hermione, pousando um dedo sobre os lábios, com ar pensativo. – Provavelmente não devias comer, se estás enjoada. A última coisa que deves querer é vomitar.

– Não é enjoo, exatamente – improvisou Lucy.

– Não é?

– É... hum... difícil de explicar, na verdade. Eu...

Lucy encostou-se à parede. Quem diria que era capaz de ser tão boa atriz?

Hermione apressou-se a ir ter com ela, com uma expressão de preocupação no rosto.

– Oh, meu Deus! – exclamou ela, colocando um braço nas costas de Lucy para servir de apoio. – Estás com um ar horrível.

Lucy pestanejou. Talvez estivesse *mesmo* a ficar doente. Ainda melhor. Isso mantê-la-ia afastada do mundo durante dias.

– Vou levar-te para a cama – anunciou Hermione, o tom irrefutável. – E depois vou chamar a mãe. Ela saberá o que fazer.

Lucy assentiu com alívio. O remédio de Lady Watson para qualquer tipo de doença era chocolate e biscoitos. Pouco ortodoxo, certamente, mas como era o remédio que a mãe de Hermione escolhia sempre que ela alegava estar doente, não podia negar o mesmo tratamento aos outros.

Hermione levou-a de volta para o quarto, chegando ao ponto de tirar os sapatos a Lucy antes de ela se deitar na cama.

– Se não te conhecesse tão bem – disse Hermione, atirando os sapatos descuidadamente para dentro do armário –, diria que estavas a fingir.

– Eu nunca faria isso.

– Oh, farias, sim – insistiu Hermione. – Tenho absoluta certeza disso. Mas nunca serias capaz de levar a coisa até ao fim. És demasiado tradicionalista.

Tradicionalista? O que é que *isso* tinha a ver com o assunto?

Hermione deixou escapar um pequeno sopro.

– Agora o mais provável é ter de me sentar com aquele cansativo Mr. Bridgerton ao pequeno-almoço.

– Ele não é assim tão terrível – disse Lucy, talvez com um pouco mais de entusiasmo do que se poderia esperar de alguém com um estômago cheio de salmão estragado.

– Talvez não – acedeu Hermione. – É melhor do que a maioria, diria eu.

Lucy estremeceu com o eco das próprias palavras. *Muito melhor do que os outros. Muito melhor do que os outros.*

Era possivelmente a coisa mais terrível que alguma vez lhe cruzara os lábios.

– Mas não é para mim – continuou Hermione, alheia ao sofrimento de Lucy. – Ele vai perceber isso em breve. E então transferirá o seu interesse para outra pessoa.

Lucy duvidava, mas não disse nada. Que grande trapalhada. Hermione estava

apaixonada por Mr. Edmonds, Mr. Bridgerton estava apaixonado por Hermione e Lucy *não* estava apaixonada por Mr. Bridgerton.

Mas ele achava que ela estava.

O que era um absurdo, é claro. Ela nunca se permitiria que tal acontecesse, praticamente noiva como estava de Lord Haselby.

Haselby. Quase soltou um queixume. Tudo seria muito mais fácil se ela, pelo menos, conseguisse lembrar-se do rosto dele.

– Talvez seja melhor chamar alguém para nos trazer o pequeno-almoço – disse Hermione, o rosto iluminando-se como se tivesse acabado de descobrir um novo continente. – Achas que nos trazem uma bandeja?

Oh, maldição! Lá se iam os planos dela. Agora Hermione tinha uma desculpa para permanecer no quarto o dia todo. E o seguinte, também, se Lucy continuasse a fingir estar doente.

– Não sei porque não pensei nisso antes – disse Hermione, indo puxar o cordão da campainha. – Prefiro ficar aqui contigo.

– Não! – quase gritou Lucy, o cérebro a rodopiar loucamente.

– Porque não?

Pois. Lucy pensou rapidamente numa resposta.

– Se pedires que tragam uma bandeja, podem não trazer aquilo que queres.

– Mas eu sei o que quero. Ovos escalfados e torradas. Certamente são capazes de mos trazer.

– Mas *eu* não quero ovos escalfados e torradas. – Lucy tentou manter a expressão o mais miserável e patética que conseguiu. – Conheces tão bem o meu gosto. Se fores à sala de pequeno-almoço, tenho a certeza de que vais escolher exatamente o que eu preciso.

– Mas pensei que não querias comer.

Lucy voltou a pousar a mão no estômago.

– Bem, posso querer comer alguma coisa.

– Oh, está bem – aceitou Hermione, que parecia agora mais impaciente do que qualquer outra coisa. – O que queres?

– Hum... talvez um pouco de *bacon*?

– Maldispota como estás por causa do peixe?

– Não tenho a certeza se foi o peixe.

Hermione ficou ali imenso tempo a fitá-la.

– Só *bacon*? – perguntou finalmente.

– Bem... e qualquer outra coisa que aches que eu possa gostar – respondeu Lucy, pois teria sido muito simples chamar alguém e pedir *bacon*.

Hermione deixou escapar um suspiro reprimido.

– Volto já. – Olhou para Lucy com uma expressão algo desconfiada. – Não faças esforços.

– Não – prometeu Lucy.

Ela sorriu para a porta quando Hermione a fechou atrás de si. Contou até dez e, em seguida, saltou da cama e correu para o guarda-vestidos para endireitar os

sapatos. Assim que ficou satisfeita, pegou num livro, arrastou-se de volta para a cama e pôs-se a ler.

Tudo somado, estava a transformar-se numa bela manhã.

Quando Gregory entrou na sala de pequeno-almoço, já se sentia bem melhor. O que acontecera na noite anterior... não tinha qualquer importância. Estava praticamente esquecido.

Não era como se tivesse tido *vontade* de beijar Lady Lucinda. Apenas pusera essa hipótese, o que era inteiramente diferente.

Afinal de contas, ele era apenas um homem. Já imaginara o mesmo acerca de centenas de mulheres, na maioria das vezes sem *nenhuma* intenção de falar com elas sequer. Todos os homens tinham aquele tipo de pensamento. Reagir a ele era o que fazia a diferença.

O que fora que os irmãos (irmãos casados e felizes, por sinal) lhe haviam dito certa vez? O casamento não os tornava *cegos*. Podiam não estar à procura de outras mulheres, mas isso não significava que não reparassem no que estava mesmo à frente deles. Quer fosse uma empregada de mesa com seios extremamente grandes ou uma donzela da alta sociedade com um... bom, com uns belos lábios... não era possível não *ver* aquela parte do corpo em questão.

E ao ver, obviamente um homem perguntava-se, e se...

E se nada. Não queria dizer nada.

O que significava que Gregory podia tomar o pequeno-almoço de consciência tranquila.

Decidiu que os ovos eram bons para a alma. *Bacon* também.

O único outro ocupante da sala de pequeno-almoço era o cinquentão e perpetuamente engomado Mr. Snowe, que felizmente estava mais interessado no jornal do que em conversar. Após os grunhidos obrigatórios de cumprimento, Gregory sentou-se na extremidade oposta da mesa e começou a comer.

As salsichas estavam excelentes naquela manhã. E as torradas também estavam muito boas. Com a quantidade certa de manteiga. Os ovos precisavam de um pouco de sal, mas exceto isso, achou-os bastante saborosos.

Experimentou o bacalhau salgado. Não estava nada mau. Nada mau, de todo.

Deu mais uma dentada. Mastigou. Saboreou. Teve pensamentos muito profundos sobre política e agricultura.

Depois passou com determinação para a física newtoniana. Realmente devia ter prestado mais atenção em Eton, porque não conseguia lembrar-se da diferença entre força e trabalho.

Vamos ver, o trabalho era aquilo do newton metro e a força era...

Não era exatamente *perguntar-se*. Honestamente, tudo poderia ser atribuído a um truque da luz. E à disposição com que estava na altura. Estava a sentir-se um pouco esquisito. Estivera a olhar para a boca dela porque ela estava a falar, pelo amor de Deus! Para onde mais deveria olhar?

Pegou no garfo com vigor renovado. Concentrou-se no bacalhau. E no chá. Nada limpava a mente tão bem como o chá.

Bebeu um longo gole, espreitando por cima do rebordo da chávena quando ouviu alguém aproximar-se, vindo pelo corredor.

E então *ela* encheu a entrada da porta.

Ele pestanejou de surpresa e depois espreitou por cima do ombro dela. Viera sem o apêndice extra.

Agora que pensava nisso, achava que nunca tinha visto Miss Watson sem Lady Lucinda.

– Bom dia – cumprimentou ele, precisamente na inflexão certa. Amistosa o suficiente para não soar entediada, mas não *demasiado* amistosa. Um homem nunca queria parecer desesperado.

Miss Watson olhou para Gregory quando ele se levantou, o seu rosto não evidenciando qualquer emoção. Nem felicidade, nem ira, nada, exceto o mais rápido lampejo de reconhecimento. Era notável, por sinal.

– Bom dia – murmurou ela em resposta.

Então decidiu, que diabo, porque não?

– Quer juntar-se a mim? – convidou ele.

Os lábios dela entreabriram-se e ela fez uma pausa, como se não completamente certa do que queria fazer. E então, como se a oferecer uma prova perversa de que eles, na verdade, partilhavam algum tipo de ligação espiritual, ele leu-lhe a mente.

De verdade. Ele sabia exatamente o que ela estava a pensar.

Oh, está bem, afinal tenho de tomar o pequeno-almoço.

Era realmente uma bênção para a alma.

– Não posso ficar muito tempo – disse Miss Watson. – A Lucy está doente e eu prometi levar-lhe uma bandeja com o pequeno-almoço.

Era difícil imaginar a indómita Lady Lucinda doente, embora Gregory não soubesse porquê. Não podia dizer que a *conhecesse*. Afinal, não tinha passado de algumas conversas. Se tanto.

– Espero que não seja nada sério – murmurou ele.

– Acho que não – respondeu ela, pegando num prato. Olhou para ele, piscando aqueles olhos verdes surpreendentes. – Comeu o peixe?

Ele olhou para o bacalhau.

– Agora?

– Não, ontem à noite.

– Imagino que sim. Costumo comer de tudo.

Ela franziu os lábios um momento e, em seguida, murmurou:

– Eu também comi.

Gregory aguardou mais explicações, mas ela não parecia inclinada a oferecê-las. Então, permaneceu de pé enquanto ela colocava delicadas porções de ovos e presunto no prato. Após um momento de ponderação...

Estou realmente com fome? Porque quanto mais comida puser no prato, mais

tempo demoro a comê-la. Aqui. Na sala de pequeno-almoço. Com ele.

...pegou numa torrada.

Hum... sim, estou com fome.

Gregory esperou até ela se sentar diante dele, e só depois se sentou. Miss Watson dirigiu-lhe um pequeno sorriso, do tipo que não passava de um encolher dos lábios, e começou a comer os ovos.

– Teve uma boa noite de sono? – perguntou Gregory.

Ela limpou a boca com o guardanapo.

– Muito boa, obrigada.

– Eu não – anunciou ele.

Maldição, se não conseguia atraí-la com conversa educada, talvez devesse optar pela perplexidade.

Ela olhou para cima e comentou:

– Lamento. – E então baixou o olhar. E comeu.

– Tive um sonho terrível – continuou ele. – Um pesadelo, na verdade. Medonho.

Ela pegou na faca e cortou o *bacon*.

– Lamento – disse ela, aparentemente inconsciente de ter pronunciado aquelas mesmas palavras meros momentos antes.

– Não consigo lembrar-me exatamente o que era – meditou Gregory.

Ele estava a inventar aquilo tudo, é claro. Não tinha dormido bem, mas não por causa de um pesadelo. Mas ia conseguir convencê-la a falar com ele ou morrer a tentar.

– Costuma lembrar-se dos seus sonhos? – perguntou ele.

O garfo parou a meio caminho da boca... e novamente aquele encontro delicioso de mentes.

Por amor de Deus, porque está ele a perguntar-me tal coisa?

Bem, talvez não a expressão «por amor de Deus», pois isso exigiria um pouco mais de emoção do que ela parecia possuir. Pelo menos na presença dele.

– Hum... não – respondeu ela. – Geralmente, não.

– A sério? Que intrigante. Eu lembro-me dos meus pelo menos a metade das vezes, acho.

Ela assentiu com a cabeça.

Se eu acenar, não tenho de tentar encontrar nada para dizer.

Ele insistiu.

– O meu sonho de ontem à noite foi bastante vívido. Havia uma tempestade. Trovões e relâmpagos. Muito dramático.

Ela virou o pescoço muito lentamente e olhou por cima do ombro.

– Miss Watson?

Ela tornou a virar-se para ele.

– Julguei ter ouvido alguém.

Eu esperava ter ouvido alguém.

Francamente, aquela aptidão para lhe ler a mente estava a tornar-se entediante.

– Certo – reagiu ele. – Bom, onde é que eu ia?

Miss Watson começou a comer muito depressa.

Gregory inclinou-se para a frente. Não ia deixá-la escapar assim tão facilmente.

– Ah, sim, a chuva – disse ele. – Era uma tempestade. Um absoluto dilúvio. E o chão começou a desfazer-se debaixo dos meus pés e a arrastar-me para baixo.

Fez uma pausa, intencional, mantendo os olhos no rosto dela até a forçar a dizer alguma coisa.

Após alguns momentos de silêncio extremamente incómodo, ela finalmente desviou o olhar da comida para o rosto dele. Um pequeno pedaço de ovo tremelicou na ponta do garfo.

– O chão estava a desfazer-se – repetiu ele. E quase desatou a rir.

– Que... desagradável.

– *Foi* – disse ele, com grande animação. – Eu pensei que ia engolir-me todo. Já se sentiu assim, Miss Watson?

Silêncio. E então:

– Não, não me parece.

Ele tateou distraidamente o lóbulo da orelha e então disse, bastante de improviso:

– Não gostei nada.

Ele achou-a prestes a cuspir o chá.

– Bem... – continuou ele – quem gostaria?

E pela primeira vez desde que a conhecera, julgou ter visto a máscara desinteressada desvanecer-lhe dos olhos quando ela disse, com algum sentimento:

– Não faço a menor ideia.

Ela chegou mesmo a abanar a cabeça. Três coisas ao mesmo tempo! Uma frase completa, uma leve mostra de sentimento e um sacudir de cabeça. Caramba, havia até a hipótese de ele estar a conseguir comunicar com ela.

– O que aconteceu depois, Mr. Bridgerton?

Meu Deus, ela fez-lhe uma pergunta. Estava capaz de cair da cadeira.

– Na verdade – disse ele –, acordei.

– Isso é que foi sorte.

– Foi o que eu pensei também. As pessoas dizem que se morrermos nos nossos sonhos, morremos durante o sono.

Os olhos dela arregalaram-se.

– A sério?

– Sendo essas *peessoas* os meus irmãos – admitiu ele. – Sinta-se à vontade para avaliar as informações com base na sua origem.

– Eu tenho um irmão – informou ela. – Ele adora atormentar-me.

Gregory ofereceu-lhe um aceno de cabeça solene.

– É para isso que os irmãos servem.

– Atormenta as suas irmãs?

– Por norma, só a mais nova.

– Porque ela é mais nova.

– Não, porque ela merece.

Ela riu-se.

– Mr. Bridgerton, o senhor é terrível.

Ele sorriu demoradamente.

– Certamente ainda não conhece a Hyacinth.

– Se ela o incomoda o suficiente para o fazer ter vontade de a atormentar, tenho a certeza de que iria adorá-la.

Ele recostou-se, apreciando aquela sensação de bem-estar. Era bom não ter de se esforçar tanto.

– O seu irmão é mais velho?

Ela assentiu com a cabeça.

– Ele atormenta-me porque eu sou mais nova.

– Quer dizer com isso que não merece?

– Claro que não.

Ele não conseguia perceber se ela estava a ser jocosa.

– Onde está o seu irmão agora?

– No Trinity Hall. – Ela comeu o último pedaço de ovo. – Em Cambridge. O irmão da Lucy também estudou lá. Licenciou-se no ano passado.

Gregory não sabia muito bem porque é que ela estava a dizer-lhe aquilo. Ele não estava interessado no irmão de Lucinda Abernathy.

Miss Watson cortou mais um pedacinho de *bacon* e levou o garfo à boca. Gregory comeu também, lançando-lhe olhares sub-reptícios enquanto mastigava. Deus do Céu, ela era mesmo linda. Achava que nunca vira outra mulher com aquele tom de pele. Era a pele, na verdade. Conjeturou que a maioria dos homens imaginava que a beleza dela provinha do cabelo e dos olhos, e de facto aquelas eram as características que a princípio faziam um homem ficar petrificado. Mas a pele dela era como alabastro repousando numa pétala de rosa.

Ele parou a meio da mastigação. Não fazia ideia de que era capaz de ser tão poético.

Miss Watson pousou o garfo.

– Bem – disse ela, com o mais ínfimo dos suspiros –, vou ver se preparo um prato para a Lucy.

Ele levantou-se imediatamente para a ajudar. Deus do Céu, ela realmente parecia não querer sair dali. Gregory congratulou-se por um pequeno-almoço extremamente produtivo.

– Vou chamar alguém para levar a bandeja por si – disse ele, fazendo sinal a um criado.

– Oh, isso seria ótimo. – Sorriu agradecida.

Gregory sentiu o coração dar um pulso. Julgara ser apenas uma força de expressão, mas agora sabia que era real. O amor era realmente capaz de afetar os órgãos internos.

– Por favor, envie os meus votos de melhoras a Lady Lucinda – disse ele,

observando com curiosidade Miss Watson empilhar cinco fatias de carne no prato.

– A Lucy gosta de *bacon* – explicou ela.

– Vejo que sim.

Então começou a servir ovos, bacalhau, batatas, tomate e, por fim, num outro prato, colocou alguns queques e torradas.

– O pequeno-almoço sempre foi a refeição favorita dela – acrescentou Miss Watson.

– A minha também.

– Eu digo-lhe isso.

– Não imagino que interesse ela possa ter.

Uma criada tinha entrado na sala com uma bandeja e Miss Watson pousou lá os pratos a abarrotar.

– Oh, tem sim – disse ela com desenvoltura. – A Lucy interessa-se por tudo. Ela até faz contas de cabeça. Como passatempo.

– Está a brincar.

Gregory não podia imaginar uma forma menos agradável de se manter ocupado.

Ela pousou a mão no coração.

– Juro. Acho que deve estar a tentar aperfeiçoar a mente, porque nunca foi muito boa a matemática. – Caminhou até à porta e virou-se para o encarar. – O pequeno-almoço foi ótimo, Mr. Bridgerton. Obrigada pela companhia e pela conversa.

Ele inclinou a cabeça.

– O prazer foi todo meu.

Mas não fora só dele. Ela também tinha apreciado o tempo que passaram juntos. Podia vê-lo no sorriso dela. E nos olhos.

Isso fê-lo sentir-se como um rei.

– Sabias que se morrermos nos nossos sonhos, morremos durante o sono?

Lucy nem sequer fez uma pausa enquanto cortava o *bacon*.

– Que disparate! – exclamou ela. – Quem te disse isso?

Hermione sentou-se na ponta da cama.

– Mr. Bridgerton.

Aquilo era mais importante do que o *bacon*. Lucy ergueu o olhar imediatamente.

– Então estiveste com ele ao pequeno-almoço?

Hermione assentiu.

– Ficámos sentados à frente um do outro. Ele ajudou-me a tratar da bandeja.

Lucy olhou para o gigantesco pequeno-almoço com consternação. Normalmente conseguia esconder o apetite feroz demorando-se à mesa e, em seguida, indo servir-se mais uma vez depois de a primeira onda de convidados ter saído da sala.

Oh, também não tinha importância. Gregory Bridgerton já a achava uma espécie de pato-marreco, por isso podia muito bem achá-la um pato-marreco que pesaria mais de setenta e cinco quilos até ao final do ano.

– Ele é bastante divertido, na verdade – comentou Hermione, enrolando distraidamente o cabelo.

– Ouvi dizer que é muito charmoso.

– Mmmm.

Lucy observava a amiga atentamente. Hermione olhava pela janela, e se ainda não tinha aquele ar ridículo de «memorizar um soneto de amor», já tinha chegado, pelo menos, ao primeiro ou segundo dístico.

– Ele é extremamente bem-parecido – provocou Lucy.

Não via mal nenhum em confessá-lo. Afinal não era como se estivesse a planear conquistá-lo e a aparência dele era boa o suficiente para poder ser interpretado como um facto, em vez de uma opinião.

– Achas? – questionou Hermione, virando-se para Lucy, com um inclinar pensativo de cabeça.

– Sim, claro – respondeu Lucy. – Os olhos, em especial. Gosto muito de olhos cor de avelã. Sempre gostei.

Na verdade, ela nunca pensara propriamente nisso, mas agora que o fazia, olhos cor de avelã *eram* bastante bonitos. Uma certa mistura de castanho e verde. O melhor de dois mundos.

Hermione olhou-a com curiosidade.

– Não sabia disso.

Lucy encolheu os ombros.

– Eu não te conto tudo.

Outra mentira. Hermione estava a par de todos os detalhes mais aborrecidos da vida de Lucy e assim era há três anos. Exceto, é claro, os planos dela de arranjar o casamento entre Hermione e Mr. Bridgerton.

Mr. Bridgerton. Certo. Devia torná-lo outra vez o centro da conversa.

– Tens de concordar – disse Lucy no seu tom de voz mais ponderado – que ele não é *demasiado* bonito. E isso é bom.

– Mr. Bridgerton?

– Sim. O nariz dele tem muito carácter, não achas? E as sobrancelhas não são exatamente uniformes.

Lucy franziu o sobrolho. Não se apercebera ainda de que estava tão familiarizada com o rosto de Gregory Bridgerton.

Hermione limitou-se a concordar com um aceno e Lucy continuou:

– Acho que não queria casar-me com alguém que fosse *demasiado* atraente. Deve ser terrivelmente intimidante. Sentir-me-ia um patinho feio sempre que abrisse a boca.

Hermione soltou uma risadinha.

– Um patinho feio?

Lucy assentiu com a cabeça e decidiu que era melhor não grasnar. Perguntou-

se se os homens que cortejavam Hermione se preocupavam com a mesma coisa.

– Ele é bastante moreno – comentou Hermione.

– Não é assim tão moreno – contrapôs Lucy, pensando que o cabelo dele era de um tom médio de castanho.

– Sim, mas Mr. Edmonds é tão louro.

Mr. Edmonds tinha realmente um belo cabelo louro, portanto Lucy decidiu não comentar. Sabia que tinha de ser muito cuidadosa neste momento. Se empurrasse Hermione de mais para Mr. Bridgerton, a amiga certamente manifestaria o seu desagrado e voltaria a concentrar-se na sua paixão por Mr. Edmonds, o que, obviamente, era um desastre completo.

Não, Lucy ia precisar de ser subtil. Para Hermione mudar a sua devoção para Mr. Bridgerton, teria de o descobrir sozinha. Ou pensar que sim.

– E a família dele é muito inteligente – murmurou Hermione.

– A de Mr. Edmonds? – perguntou Lucy, deliberadamente interpretando mal.

– Não, a de Mr. Bridgerton, é claro. Ouvi dizer muitas coisas interessantes sobre eles.

– Oh, sim – concordou Lucy. – Eu também. Admiro muito Lady Bridgerton. Tem sido uma anfitriã maravilhosa.

Hermione anuiu em concordância.

– Eu acho que ela te prefere a mim.

– Não sejas pateta.

– Eu não me importo – disse Hermione com um encolher de ombros. – Não é que ela não *goste* de mim. Ela só gosta mais de ti. As mulheres gostam sempre mais de ti.

Lucy abriu a boca para discordar, mas depois parou, percebendo que era verdade. Que estranho nunca ter notado isso.

– Bom, também não é que te vás casar com *ela* – disse Lucy.

Hermione lançou-lhe um olhar penetrante.

– Eu não disse que queria casar-me com Mr. Bridgerton.

– Não, claro que não – disse Lucy, reprimendo-se mentalmente.

Percebera que as palavras eram um erro assim que lhe escaparam dos lábios.

– Contudo...

Hermione suspirou e os olhos dela fixaram-se no infinito.

Lucy inclinou-se para a frente. Então era aquilo que significava ficar suspensa numa palavra.

E ficou suspensa, suspensa... até não conseguir aguentar mais e finalmente perguntar:

– Hermione?

Hermione caiu de costas na cama.

– Oh, Lucy – lamentou-se ela, num tom digno de Covent Garden –, estou tão confusa.

– Confusa?

Lucy sorriu. Aquilo era, sem dúvida, uma coisa boa.

– Sim – respondeu Hermione, da sua posição deselegante em cima da cama. – Quando eu estava sentada à mesa com Mr. Bridgerton... bem, a verdade é que no começo pensei que ele era completamente louco, mas então percebi que estava a divertir-me. Ele foi muito engraçado, na verdade, e fez-me rir.

Lucy não falou, esperando que Hermione concluísse o seu pensamento.

Hermione fez um ruído baixinho, meio suspiro, meio queixume. Inteiramente angustiado.

– E então, quando percebi isso, olhei para ele e fiquei... – Ela rolou para o lado, apoiando-se no cotovelo e a cabeça na mão.

– Fiquei *alvorçada*.

Lucy ainda estava a tentar digerir o *absurdo* comentário.

– Alvorçada? – repetiu ela. – O que quer isso dizer, *alvorçada*?

– O meu estômago. O meu coração. O meu... o meu... não sei o quê.

– Semelhante ao que sentiste quando viste Mr. Edmonds pela primeira vez?

– Não. *Não*. Não.

Cada «não» foi dito com uma ênfase diferente e Lucy teve a nítida sensação de que Hermione estava a tentar convencer-se disso.

– Não foi o mesmo, de todo – afixou Hermione. – Mas foi... algo parecido. Só que numa escala muito menor.

– Compreendo – disse Lucy, com uma quantidade admirável de seriedade, considerando que não compreendia absolutamente nada.

A verdade é que nunca compreendia aquele género de coisa. E depois da estranha conversa que tivera com Mr. Bridgerton na noite anterior, estava bastante convencida de que nunca compreenderia.

– Mas não achas que... se eu estou tão desesperadamente apaixonada por Mr. Edmonds... não achas que eu não devia alvorçar-me com mais ninguém?

Lucy refletiu sobre a pergunta e depois disse:

– Não vejo por que razão o amor deva ser desesperado.

Hermione ergueu-se nos cotovelos e fitou-a com curiosidade.

– Não foi isso que perguntei.

Não fora? Mas não deveria ter sido?

– Bem – começou Lucy, escolhendo as palavras com cuidado –, talvez signifique...

– Eu sei o que vais dizer – cortou Hermione. – Vais dizer que provavelmente significa que não estou tão apaixonada por Mr. Edmonds como pensava. E depois vais dizer que eu devia dar uma oportunidade a Mr. Bridgerton. E em seguida vais dizer que eu devia dar a todos os outros homens uma oportunidade.

– Bem, não a *todos* – contrapôs Lucy. Mas o resto estava bastante próximo do que tinha em mente.

– Não achas que tudo isso já me passou pela cabeça? Não percebes como tudo é terrivelmente angustiante? Duvidar de mim própria desta maneira? Meu Deus, Lucy, e se isto não for o fim? E se voltar a acontecer? Com outra pessoa?

Lucy tinha sérias suspeitas de que não era pergunta para responder, mas fê-lo

ainda assim:

– Não há problema em duidares de ti mesma, Hermione. O casamento é uma decisão muito importante. A maior decisão que terás de tomar na vida. Depois de dares esse passo, não podes voltar atrás.

Lucy deu uma dentada no *bacon*, sentindo-se grata por Lord Haselby ser tão adequado. A sua situação poderia ter sido muito pior. Mastigou, engoliu e disse:

– Só precisas de ter paciência e dar a ti mesma mais tempo, Hermione. E debes. Nunca há uma boa razão para apressar o casamento.

Seguiu-se uma longa pausa antes de Hermione responder.

– Acho que és capaz de ter razão.

– Se estás realmente decidida a ficar com Mr. Edmonds, ele esperará por ti.

Oh, Céus! Lucy não podia *acreditar* que acabara de dizer aquilo.

Hermione saltou da cama só para ir ter com Lucy e envolvê-la num abraço apertado.

– Oh, Lucy, isso foi a coisa mais doce que já me disseste. Eu sei que não o aprovas.

– Bem... – Lucy aclarou a garganta, tentando pensar numa resposta aceitável. Algo que a fizesse sentir um bocadinho *menos* culpada por não ter querido dizer aquilo. – Não é isso...

Alguém bateu à porta.

Graças a Deus!

– Entre – disseram as duas em uníssonos.

Uma criada entrou e fez uma reverência rápida.

– Minha senhora – disse ela, olhando para Lucy –, Lord Fennsworth acabou de chegar.

Lucy fitou-a, boquiaberta.

– O meu *irmão*?

– Ele espera por si no salão rosa, minha senhora. Devo informá-lo de que descera em seguida?

– Sim, claro.

– Mais alguma coisa, minha senhora?

Lucy fez que não com a cabeça lentamente.

– Não, obrigada. É só.

A criada saiu, deixando Lucy e Hermione a olharem uma para a outra em estado de choque.

– Sabes por que razão o Richard veio? – perguntou Hermione, com os olhos arregalados de interesse.

Ela já estivera com o irmão de Lucy várias vezes e sempre se tinham dado bem.

– Não faço ideia. – Lucy apressou-se a sair da cama, esquecendo por completo o fingimento da dor de estômago. – Espero que não tenha acontecido nada de mal.

Hermione anuiu e seguiu-a até ao guarda-vestidos.

– O teu tio está doente?

– Não que eu saiba. – Lucy pegou nos sapatos e sentou-se na beira da cama para os calçar. – É melhor descer para falar com ele. Se ele está aqui, é porque é importante.

Hermione fitou-a um momento e então perguntou:

– Queres que te acompanhe? Não vou intrometer-me na vossa conversa, é claro. Mas desço contigo, se quiseres.

Lucy assentiu, aceitando, e juntas desceram para o salão rosa.

CAPÍTULO 7

Em que o nosso convidado inesperado dá uma notícia inquietante.

Gregory tinha estado a conversar com a cunhada na sala de pequeno-almoço quando o mordomo a informou do convidado inesperado, por isso, naturalmente, ele decidiu acompanhá-la até ao salão rosa para cumprimentar Lord Fennsworth, o irmão mais velho de Lady Lucinda. Não tinha nada melhor para fazer e de alguma forma achava que devia ir conhecer o jovem conde, dado que Miss Watson tinha falado dele nem um quarto de hora antes. Gregory apenas conhecia a reputação dele; a diferença de quatro anos entre eles garantiria que não se tivessem cruzado na universidade, e Fennsworth ainda não tinha decidido assumir o seu lugar na sociedade londrina.

Gregory estava à espera de um tipo com ar estudioso e livresco; ouvira dizer que Fennsworth tinha decidido permanecer em Cambridge, mesmo durante as férias escolares. De facto, o cavalheiro que aguardava junto à janela no salão rosa possuía uma certa seriedade que o fazia parecer ligeiramente mais velho. Mas Lord Fennsworth também era alto, fisicamente em forma, e apesar de uma certa timidez, evidenciava uma atitude de autodomínio que provinha de algo mais primitivo do que um título de nobreza.

O irmão de Lady Lucinda sabia quem era, não apenas devido ao título com que nascera. Gregory gostou dele imediatamente.

Até que se tornou óbvio que ele, como o resto dos homens, estava apaixonado por Hermione Watson.

O único mistério, na verdade, era por que razão ficava Gregory surpreendido.

Gregory tinha de o felicitar, pois Fennsworth conseguira passar um minuto inteiro a fazer perguntas sobre o bem-estar da irmã antes de acrescentar:

– E Miss Watson? Vem juntar-se a nós também?

Não haviam sido tanto as palavras, mas o tom, e mesmo esse não passou de um lampejo no olhar... aquela centelha de entusiasmo e expectativa.

Oh, mais valia chamar as coisas pelos nomes. Era puro e simples desejo desesperado. Gregory devia saber, pois estava certo de que o mesmo clarão lhe atravessara os olhos mais de uma vez nos últimos dias.

Santo Deus.

Gregory supôs que, mesmo assim, achava Fennsworth um sujeito decente, apesar daquela sua paixão irritante, mas a verdade é que toda a situação começava a parecer-lhe cansativa.

– É um prazer recebê-lo em Aubrey Hall, Lord Fennsworth – disse Kate, depois de o ter informado de que não sabia se Miss Watson desceria acompanhando a irmã dele. – Espero que a sua presença não indique uma emergência em casa.

– De todo – respondeu Fennsworth. – Mas o meu tio pediu-me para vir buscar

a Lucy e levá-la para casa, pois tem um assunto de certa importância para falar com ela.

Gregory sentiu um canto da boca subir num tique.

– Deve ser muito dedicado à sua irmã – comentou ele – para fazer todo este caminho. Decerto poderia simplesmente ter enviado uma carruagem.

Incrivelmente, o irmão de Lucy não se mostrou perturbado com a pergunta, mas também não teve uma resposta imediata.

– Oh, não – acabou por dizer, as palavras saindo rapidamente após a longa pausa. – Foi um prazer fazer a viagem. A Lucy é uma excelente companhia, e não nos vemos há algum tempo.

– Têm de partir já? – perguntou Kate. – Tenho gostado tanto da companhia da sua irmã. Seria uma honra incluí-lo entre os nossos convidados.

Gregory perguntou-se qual seria o plano dela, pois Kate teria de convidar outra mulher para equilibrar os números, caso Lord Fennsworth participasse da festa. Embora ela fosse obrigada a fazer o mesmo caso Lady Lucinda se fosse embora.

O jovem conde hesitou e Kate aproveitou o momento para uma primorosa súplica:

– Oh, diga que fica. Mesmo que não seja até ao fim da festa.

– Bom – começou Fennsworth, piscando os olhos enquanto considerava o convite.

Era óbvio que ele queria ficar (e Gregory sabia muito bem porquê). Porém, título nobiliárquico à parte, ele ainda era novo, e Gregory imaginou que era obrigado a obedecer ao tio em todos os assuntos relativos à família.

E o dito tio claramente desejava um retorno rápido de Lady Lucinda.

– Suponho que não haja mal nenhum em ficar um dia – disse por fim Fennsworth.

Ora, ora, que extraordinário. Ele estava disposto a desafiar o tio para conseguir passar algum tempo com Miss Watson. E como irmão de Lady Lucinda, era o único homem que Hermione nunca iria afastar com o seu típico tédio bem-educado. Gregory preparou-se para mais um dia de fastidiosa competição.

– Por favor, diga que fica até sexta-feira – insistiu Kate. – Estamos a planear um baile de máscaras para quinta-feira à noite e seria uma pena perdê-lo.

Gregory pensou que deveria oferecer a Kate um presente extremamente medíocre no seu próximo aniversário. Pedras, talvez.

– É só mais um dia – argumentou Kate com um sorriso encantador.

Foi nesse momento que Lady Lucinda e Miss Watson entraram na sala, a primeira num vestido azul-claro e a última no mesmo vestido verde que usara ao pequeno-almoço. Assim que Lord Fennsworth pôs os olhos naquele par (mais num dos elementos do que no outro, e basta dizer que o sangue não foi mais forte do que o amor não correspondido), murmurou:

– Sexta-feira, então.

– Maravilhoso! – exclamou Kate, juntando as mãos. – Vou mandar preparar um quarto imediatamente.

– Richard? – inquiriu Lady Lucinda. – Porque estás aqui?

Ela parou à porta e olhou para cada uma das pessoas, aparentemente confusa com a presença de Kate e de Gregory.

– Lucy – cumprimentou o irmão –, há tanto tempo.

– Quatro meses – disse ela, quase sem pensar, como se alguma parte recôndita do seu cérebro necessitasse de uma precisão absoluta, mesmo não sendo importante.

– Céus, é realmente muito tempo – interveio Kate. – Vamos então deixá-lo com a sua irmã, Lord Fennsworth. Estou certa de que desejam alguns momentos de privacidade.

– Não há pressa – respondeu Fennsworth, os olhos fugindo brevemente para Miss Watson. – Não quero ser indelicado, e ainda não tive a oportunidade de lhe agradecer a hospitalidade.

– Não seria indelicado de todo – interveio Gregory, antecipando uma saída rápida do salão com Miss Watson pelo braço.

Lord Fennsworth virou-se e pestanejou, como se se tivesse esquecido da presença de Gregory. Nada de inesperado, pois Gregory permanecera estranhamente silencioso durante a conversa.

– Por favor, não se incomode – respondeu o conde. – A Lucy e eu conversaremos mais tarde.

– Richard – disse Lucy, com ar algo preocupado –, tens a certeza? Eu não estava à tua espera e se há algum problema...

Mas o irmão abanou a cabeça.

– Nada que não possa esperar. O tio Robert quer falar contigo. Ele pediu-me para te levar para casa.

– Agora?

– Ele não especificou – respondeu Fennsworth –, mas Lady Bridgerton muito graciosamente pediu-nos para ficar até sexta-feira e eu concordei. Ou seja – pigarreou –, desde que tu também desejes ficar.

– É claro – concordou Lucy, parecendo confusa e perdida. – Mas eu... bem... o tio Robert...

– É melhor sairmos – disse Miss Watson em tom firme. – Lucy, debes ter um momento a sós com o teu irmão.

Lucy olhou para o irmão, mas ele aproveitou a intervenção de Miss Watson na conversa, para olhar para *ela* e dizer:

– Como estás, Hermione? Há muito tempo que não te via.

– Quatro meses – respondeu Lucy.

Miss Watson riu-se e depois dirigiu um sorriso caloroso ao conde.

– Estou bem, obrigada. E a Lucy está certa, como sempre. A última vez que nos vimos foi em janeiro, quando foste visitar-nos à academia.

Fennsworth baixou o queixo em jeito de resposta.

– Como poderia ter esquecido? Foram uns dias muito agradáveis.

Gregory teria apostado o braço direito como Fennsworth sabia até ao minuto

quanto passara desde a última vez que pusera os olhos em Miss Watson. Mas a donzela em questão estava claramente alheia à paixão que ele nutria, pois apenas sorriu e disse:

– Foram, não foram? Foi tão amável da tua parte levar-nos a patinar no gelo. És sempre uma excelente companhia.

Meu Deus, como poderia ela ser tão distraída? Era óbvio que nunca o encorajaria daquela maneira se percebesse a natureza dos sentimentos do conde em relação a ela. Gregory estava certo disso.

Mas embora fosse óbvio que Miss Watson gostava muito de Lord Fennsworth, não havia a menor indicação de que nutrisse por ele qualquer tipo de estima romântica. Gregory contentou-se com o facto de que os dois certamente se conheciam há anos e que era natural ela ser simpática com Fennsworth, dado a amizade próxima com Lady Lucinda.

Pensando bem, eram praticamente irmão e irmã.

E por falar em Lady Lucinda... Gregory virou-se na direção dela e não ficou surpreso ao descobrir que ela franzia o sobrolho. O irmão, que viajara pelo menos um dia para a vir buscar, agora parecia não ter pressa nenhuma de falar com ela.

E, de facto, toda a gente tinha ficado em silêncio. Gregory pôs-se a observar aquele bizarro quadro com interesse. Todos pareciam olhar em redor, esperando para ver quemalaria a seguir. Até Lady Lucinda, que ninguém diria ser tímida, parecia não saber o que dizer.

– Lord Fennsworth – disse Kate, felizmente rompendo o silêncio –, deve estar faminto. Quer tomar o pequeno-almoço?

– Apreciaria muito, Lady Bridgerton.

Kate virou-se para Lady Lucinda.

– Também não a vi ao pequeno-almoço. Quer comer alguma coisa agora?

Gregory pensou na gigantesca bandeja que Miss Watson lhe levava e perguntou-se que quantidade teria conseguido devorar antes de descer para se encontrar com o irmão.

– Sim, claro – murmurou Lady Lucinda. – Seja como for, gostaria de fazer companhia ao Richard.

– Miss Watson – interrompeu Gregory com à-vontade –, quer ir dar um passeio pelos jardins? Imagino que as peónias estejam agora em flor. E aquelas coisas azuis com caules compridos... esqueço-me sempre de como se chamam.

– Delfínios. – A resposta veio de Lady Lucinda, é claro. Ele sabia que ela não seria capaz de resistir. Então, Lady Lucinda virou-se e fitou-o, os olhos estreitando-se muito ligeiramente. – Eu disse-lho no outro dia.

– Pois disse – murmurou ele. – Nunca tive muita cabeça para detalhes.

– Oh, a Lucy lembra-se de tudo – disse Miss Watson com descontração. – Será um prazer ir ver os jardins consigo. Se a Lucy e o Richard não se importarem, é claro.

Ambos asseguraram que não, embora Gregory tivesse a certeza de ter visto um

lampejo de decepção e, ousaria até dizer, de irritação nos olhos de Lord Fennsworth.

Gregory sorriu.

– Encontro-te depois no quarto? – perguntou Miss Watson a Lucy.

A amiga assentiu com a cabeça e Gregory, com uma sensação de triunfo, pois não havia melhor sensação do que a de superar a concorrência, colocou a mão de Miss Watson no braço e saiu com ela da sala.

Afinal ia ser uma excelente manhã.

Lucy seguiu o irmão e Lady Bridgerton até à sala de pequeno-almoço, não se importando nem um pouco, pois não tivera oportunidade de comer muito do que Hermione lhe levava mais cedo. Mas isso significava que teria de aguentar um total de trinta minutos de conversa inócua, enquanto a sua mente, num turbilhão, imaginava todo o tipo de desastres que poderiam ser responsáveis pela inesperada convocatória a casa.

Richard não poderia dizer-lhe nada de importante com Lady Bridgerton e metade dos convidados da casa a papaguear sobre ovos escalfados e as chuvas recentes, por isso Lucy teve de esperar sem reclamar até ele terminar de comer (ele sempre fora irritantemente lento a comer) e, em seguida, esforçou-se ao máximo para não perder a paciência no caminho até ao relvado lateral, Richard primeiro fazendo-lhe perguntas sobre a escola, depois sobre Hermione, depois acerca da mãe de Hermione, depois sobre o debut que se avizinhava, depois novamente sobre Hermione, com um desvio para o irmão de Hermione, que aparentemente encontrara em Cambridge, depois mais uma vez sobre o debut e até que ponto iria partilhá-lo com Hermione...

Até que finalmente Lucy estacou, pôs as mãos nas ancas e exigiu que ele lhe dissesse por que razão tinha vindo.

– Eu disse-te – respondeu ele, sem a fitar nos olhos. – O tio Robert quer falar contigo.

– Mas *porquê*?

Não era uma pergunta com uma resposta óbvia. O tio Robert não se dera ao trabalho de falar com ela mais do que um punhado de vezes nos últimos dez anos. Se ele planeava começar agora, era porque havia uma razão séria para tal.

Richard pigarreou várias vezes antes de finalmente dizer:

– Bem, Luce, acho que ele quer que te cases.

– Imediatamente? – sussurrou Lucy, sem saber porque estava tão espantada. Sabia que isto tinha de acontecer; estava praticamente noiva há anos. E já dissera a Hermione, várias vezes, que ter uma temporada social era realmente uma inutilidade. Para quê preocupar-se com a despesa quando acabaria casada com Haselby?

Mas agora... de repente... não queria fazê-lo. Pelo menos não tão cedo. Não queria passar de estudante a esposa, sem mais nada de permeio. Não era um desejo

de aventura... ela não *queria* aventura, na verdade, não era esse tipo de pessoa.

Não pedia muito, apenas alguns meses de liberdade, de diversão.

Alguns meses a dançar até ficar sem fôlego, a rodopiar tão depressa até as chamas das velas parecerem longas serpentes de luz.

Talvez ela fosse apenas prática. Talvez fosse «aquela velha Lucy», como tantos lhe chamavam na academia de Miss Moss. Mas ela gostava de dançar. E queria fazê-lo. Agora. Antes que fosse velha. Antes de se tornar a mulher de Haselby.

– Não sei quando – disse Richard, olhando-a com um ar de... seria arrependimento?

Porquê arrependimento?

– Em breve, julgo – acrescentou ele. – O tio Robert parece um pouco ansioso por rematar este assunto.

Lucy limitou-se a fixá-lo, interrogando-se porque não conseguia parar de pensar em dançar, de se imaginar num vestido azul prateado, mágico e radiante, nos braços de...

– Oh!

Levou a mão à boca, como se o gesto pudesse de alguma forma silenciar-lhe o pensamento.

– O que foi?

– Nada – respondeu ela, abanando a cabeça. O devaneio não tinha um rosto. Não podia. E então disse de novo, com mais firmeza: – Não foi nada. Nada de nada.

O irmão inclinou-se para examinar uma flor silvestre que escapara aos olhos perspicazes dos jardineiros de Aubrey Hall. Era pequena, azul e começava a abrir.

– É linda, não é? – murmurou Richard.

Lucy assentiu. Richard sempre adorara flores. Flores silvestres, em particular. Eram diferentes das outras, percebeu. Ela sempre preferira um canteiro muito bem alinhado e arranjado, cada flor no seu lugar, cada motivo floral cuidadosamente tratado e mantido.

Mas agora...

Baixou os olhos para aquela flor, pequena e delicada, brotando em desafio num sítio onde não pertencia.

Nesse instante decidiu que também gostava das flores selvagens.

– Eu sei que estava combinado teres uma temporada social – disse Richard em tom de desculpa –, mas, na verdade, achas que é assim tão terrível? Tu nunca quiseste realmente uma, pois não?

Lucy engoliu em seco.

– Não – respondeu, pois sabia que era o que ele queria ouvir, e não queria fazê-lo sentir-se pior do que ele já se sentia.

A verdade é que tanto se lhe dava ter ou não uma temporada social em Londres. Pelo menos não se importara até há pouco tempo.

Richard puxou a pequena flor silvestre azul pela raiz, olhou-a com curiosidade e levantou-se.

– Anima-te, Luce – disse ele, tocando-lhe ao de leve no queixo, num gesto de carinho. – O Haselby não é má pessoa. Não te irás importar de ser casada com ele.

– Eu sei – disse ela baixinho.

– Ele não irá magoar-te – acrescentou ele, e sorriu, aquele tipo de sorriso um pouco artificial, que pretendia ser encorajador, mas que, de alguma forma, nunca era.

– Não imaginei que o fizesse – disse Lucy, com uma ponta de... de *algo* a imiscuir-se-lhe na voz. – Que razão tens para trazer uma coisa dessas à baila?

– Nenhuma – apressou-se a responder Richard. – Mas sei que é uma preocupação para muitas mulheres. Nem todos os homens tratam as mulheres com o respeito com que Haselby certamente te tratará.

Lucy assentiu. Claro. Era verdade. Ela já ouvira histórias. Todos já tinham ouvido histórias.

– Não vai ser assim tão mau – continuou Richard. – Provavelmente até vais gostar dele. É uma pessoa muito agradável.

Agradável. Era uma coisa boa. Melhor do que desagradável.

– Um dia ele vai ser o conde de Davenport – acrescentou Richard, embora sendo óbvio que ela já soubesse disso. – Vais ser uma condessa. Bastante ilustre.

Havia sempre isso. As colegas de escola passavam a vida a dizer que ela tinha imensa sorte por já ter tudo tratado, e com um resultado tão eminente. Era filha de um conde e irmã de um conde. Estava destinada a ser também mulher de um conde. Não tinha nada a reclamar. Absolutamente nada.

Mas sentia-se tão vazia.

Não era um mau pressentimento, exatamente. Mas era perturbador. E estranho. Sentia-se sem raízes. À deriva.

Era como se não fosse ela. E isso era o pior de tudo.

– Não estás admirada, pois não, Luce? – perguntou Richard. – Já sabias que ia acontecer. Todos sabíamos.

Ela assentiu com a cabeça.

– Não é nada – disse ela, tentando soar prática, como era típico seu. – Só que nunca me pareceu tão imediato.

– É claro – concordou Richard. – É uma surpresa, só isso. Assim que te acostumares à ideia, tudo parecerá muito melhor. Normal, até. Afinal, sempre soubeste que ias ser mulher do Haselby. E pensa em como irás divertir-te a planear o casamento. O tio Robert diz que vai ser um acontecimento grandioso. Em Londres, segundo sei. O Davenport insiste nisso.

Lucy sentiu-se a assentir. Era verdade que gostava de planear coisas. Trazia-lhe uma sensação muito agradável de controlo.

– E a Hermione pode ser a tua dama de honor – acrescentou Richard.

– É claro – murmurou Lucy, pois quem mais poderia ela escolher?

– Há alguma cor que não a favoreça? – perguntou Richard com uma careta. – Porque tu vais ser a noiva. Não deves ser ofuscada.

Lucy revirou os olhos. Que belo irmão lhe calhara.

Contudo, ele parecia não perceber que a tinha insultado, e Lucy supôs que não deveria ficar surpreendida. A beleza de Hermione era tão lendária que ninguém ficava ofendido com uma comparação desfavorável. Seria uma ilusão pensar o contrário.

– Não posso vesti-la de preto – disse Lucy.

Era a única cor de que se lembrava que poderia tornar Hermione um pouco pálida.

– Pois não, isso não seria nada bom, não é?

Richard fez uma pausa, em óbvia reflexão, e Lucy olhou para ele, incrédula. O irmão, que tinha de ser regularmente informado sobre o que estava na moda e o que não estava, parecia realmente *interessado* no tom do vestido de dama de honor de Hermione.

– A Hermione pode usar a cor que desejar – decidiu Lucy.

E porque não? De todas as pessoas que estariam no casamento, não havia ninguém que significasse mais para ela do que a sua melhor amiga.

– Isso é muito gentil da tua parte – disse Richard. Olhou para ela, pensativo. – És uma boa amiga, Lucy.

Lucy sabia que deveria sentir-se elogiada, mas, em vez disso, só queria saber porque tinha ele levado tanto tempo a percebê-lo.

Richard abriu um sorriso e, em seguida, olhou para a flor, ainda nas suas mãos. Ergueu-a e girou-a algumas vezes, rodando o caule para um lado e para o outro entre o polegar e o dedo indicador. Piscou os olhos, franzindo ligeiramente o sobrolho e depois colocou a flor à frente do vestido da irmã. Eram do mesmo tom de azul... ligeiramente arroxeados, talvez com um toque de cinzento.

– Devias usar esta cor – disse ele. – Estás muito bonita neste momento.

Parecia um pouco admirado, e Lucy percebeu que não estava a dizê-lo de ânimo leve.

– Obrigada – agradeceu ela. Sempre pensara que aquela tonalidade lhe tornava os olhos um pouco mais brilhantes. Richard era a primeira pessoa, além de Hermione, a comentá-lo. – Talvez use.

– Voltamos para casa? – sugeriu ele. – Imagino que queiras contar tudo à Hermione.

Lucy fez uma pausa e depois abanou a cabeça.

– Não, obrigada. Acho que vou ficar um bocadinho mais cá fora. – Apontou para um local perto do caminho que conduzia até ao lago. – Há ali um banco e está a saber-me muito bem sentir o sol no rosto.

– Tens a certeza? – Richard olhou para o céu. – Estás sempre a dizer que não queres ficar com sardas.

– Eu já tenho sardas, Richard. E não vou demorar muito tempo.

Lucy não tinha planeado passear no jardim quando descera para o cumprimentar, por isso não trouxera o chapéu. Mas o dia ainda ia no início. Alguns minutos de sol não lhe iriam destruir a tez.

Além de que tinha vontade de apanhar sol. Não seria bom fazer algo só porque

queria, e não porque esperavam isso dela?

Richard anuiu.

– Vejo-te ao almoço?

– Acho que é servido por volta da uma e meia.

Ele sorriu.

– Tu sabes, de certeza.

– Não há nada como ter um irmão – resmungou ela.

– E não há nada como ter uma irmã.

Ele inclinou-se e beijou-lhe a testa, apanhando-a completamente desprevenida.

– Oh, Richard! – murmurou, chocada com a própria reação lamechas.

Ela nunca chorava. Na verdade, era conhecida pela sua completa falta de tendência para choramingar.

– Vai, então – disse ele, com carinho suficiente para que uma lágrima lhe rolasse pela face.

Lucy limpou-a, envergonhada por ele a ter visto, envergonhada por a ter deixado rolar.

Richard apertou-lhe a mão e fez um gesto de cabeça em direção ao relvado sul.

– Vai olhar para as árvores e fazer o que precisas de fazer. Verás que te sentes melhor depois de alguns momentos a sós.

– Eu não me sinto mal – apressou-se Lucy a dizer. – Não tenho necessidade de me sentir *melhor*.

– Claro que não. Foste apenas apanhada de surpresa.

– Exatamente.

Exatamente. Exatamente. A sério, ela estava muito satisfeita, de facto. Há anos que esperava por este momento. Não era bom estar tudo resolvido? Lucy gostava de ordem. Gostava de ter a vida decidida.

Era apenas a surpresa. Só isso. Era como quando via uma amiga num sítio inesperado e quase não a reconhecia. Não esperava o anúncio naquele momento. Ali, na festa dos Bridgerton. Era a única razão pela qual se sentia tão estranha.

A sério.

CAPÍTULO 8

Em que a nossa heroína descobre uma verdade sobre o irmão (mas não acredita), o nosso herói descobre um segredo sobre Miss Watson (mas não se preocupa) e ambos descobrem uma verdade sobre si mesmos (mas não se apercebem).

Uma hora mais tarde, Gregory ainda se congratulava pela combinação magistral de estratégia e sentido de oportunidade que lhe proporcionara um passeio com Miss Watson. Passaram um tempo perfeitamente adorável e Lord Fennsworth tinha... bem, Fennsworth podia também ter passado um tempo perfeitamente adorável, mas nesse caso, fora na companhia da irmã e não da adorável Hermione Watson.

A vitória era realmente doce.

Tal como prometido, Gregory levava-a num passeio pelos jardins de Aubrey Hall, impressionando os dois com a sua memória estupenda de seis nomes hortícolas diferentes. Até do delfínio se lembrou, embora na verdade a responsabilidade disso fosse toda de Lady Lucinda.

Para dar o mérito ao que era devido, as outras espécies eram: rosa, margarida, peónia, jacinto e erva. No geral, achou que se saíra bem. Pormenores nunca foram o seu forte. E, na verdade, por essa altura já tudo era um jogo.

Miss Watson também parecia começar a gostar da sua companhia. Podia ainda não estar a suspirar e a agitar as pestanas, mas o véu de desinteresse educado desvanecera-se e já por duas vezes conseguira fazê-la rir.

Ela ainda não o fizera rir, mas ele duvidava que tivesse tentado, no entanto certamente sorria. Em mais de uma ocasião.

O que era bom. A sério. Era bastante agradável voltar a sentir o bom senso no seu devido lugar. Já não se sentia atingido por aquela sensação de ter sido golpeado no peito, que se poderia pensar ser bom para a sua saúde respiratória. Começava a descobrir um certo prazer em respirar, uma tarefa que lhe parecia árdua ao contemplar a nuca de Miss Watson.

Gregory franziu o sobrolho, fazendo uma pausa no seu passeio solitário até ao lago. Era *mesmo* uma reação muito estranha. E certamente ele vira-lhe a nuca naquela manhã, pois não tinha ela andado mais para a frente para cheirar uma flor?

Hum... talvez não. Não conseguia precisar.

– Bom dia, Mr. Bridgerton.

Ele virou-se, admirado ao ver Lady Lucinda sozinha, sentada num banco de pedra próximo. Sempre pensara que era um sítio peculiar para colocar um banco, virado para nada, exceto um arvoredo. Mas talvez esse fosse o objetivo. Virar as costas à casa... e aos muitos habitantes da casa. A sua irmã, Francesca, dizia muitas vezes que depois de um dia ou dois com toda a família Bridgerton, as árvores podiam ser uma excelente companhia.

Lady Lucinda sorriu levemente em saudação, e ele apercebeu-se de que ela não

estava bem. O olhar parecia cansado e a postura não era propriamente reta.

Ela parece vulnerável, pensou, inesperadamente. O irmão devia ter trazido más notícias.

– Está com uma expressão sombria – comentou ele, aproximando-se com toda a cortesia. – Posso juntar-me a si?

Ela assentiu com a cabeça, oferecendo-lhe um meio sorriso. Não propriamente um sorriso. Um quase sorriso.

Sentou-se ao lado dela.

– Já teve a oportunidade de conversar com o seu irmão?

Ela assentiu.

– Ele trouxe-me algumas notícias da família. Era... não é importante.

Gregory inclinou a cabeça, observando-a. Lady Lucinda estava a mentir, isso era óbvio. Mas ele não insistiu. Se ela quisesse partilhar alguma coisa, tê-lo-ia feito. E, além disso, não era assunto dele.

Contudo, estava curioso.

Ela fixou o olhar num ponto distante; numa árvore, talvez.

– É muito agradável aqui.

Era uma declaração estranhamente insípida, vinda dela.

– Sim – concordou ele. – O lago fica a apenas uma curta caminhada para além destas árvores. Venho muitas vezes para esta zona quando quero pensar.

Ela virou-se de repente.

– Sim?

– Porquê o espanto?

– Eu... não sei. – Ela encolheu os ombros. – Talvez por não parecer esse tipo de pessoa.

– Que pensa?

Ora, sinceramente.

– Claro que não – corrigiu ela, atirando-lhe um olhar belicoso. – Eu quis dizer o tipo de pessoa que tem necessidade de se afastar para o fazer.

– Perdoe-me a presunção, mas também não me parece ser esse tipo de pessoa.

Ela refletiu um momento.

– E não sou.

Ele riu-se entre dentes.

– A conversa com o seu irmão deve ter sido bastante intensa.

Ela pestanejou de surpresa. Mas não deu mais explicações. O que, mais uma vez, não parecia nada típico dela.

– Sobre o que veio pensar? – inquiriu ela.

Ele abriu a boca para responder, mas antes que pudesse dizer uma palavra, ela acrescentou:

– Sobre a Hermione, imagino.

Pareceu-lhe escusado negar.

– O seu irmão está apaixonado por ela.

A afirmação pareceu arrancá-la à névoa mental.

– O *Richard* ? Que ideia absurda!

Gregory fitou-a com descrença.

– Não posso acreditar que ainda não tenha percebido.

– E eu não posso acreditar que o senhor *tenha*. Pelo amor de Deus, ela vê-o como um irmão.

– Isso pode ser verdade, mas os sentimentos dele são bem diferentes.

– Mr. Br...

Ele deteve-a com uma mão levantada.

– Há de concordar, Lady Lucinda, que já fui testemunha de mais tolos apaixonados do que a...

O riso explodiu-lhe subitamente da boca.

– Mr. Bridgerton – disse ela, quando foi capaz de falar novamente –, tenho sido uma companheira constante de Hermione Watson nestes últimos três anos. *Hermione Watson* – acrescentou, para o caso de ele não ter entendido o significado. – Confie em mim quando digo que ninguém foi testemunha de mais tolos apaixonados do que eu.

Por um momento, Gregory não soube como responder. Ela tinha razão.

– O Richard não está apaixonado pela Hermione – afirmou ela com um aceno desdenhoso da cabeça. E uma gargalhada. Uma gargalhada muito feminina, mas ainda assim, uma gargalhada. Ela *riu-se* dele.

– Eu discordo – contestou ele, pois com sete irmãos, não tinha o hábito de se render graciosamente numa discussão.

– Ele não pode estar apaixonado por ela – reafirmou Lady Lucinda, mostrando bastante certeza na sua declaração. – Existe outra pessoa.

– A sério? – espantou-se Gregory, sem sequer se preocupar em ter esperança.

– A sério. Ele está sempre a falar de uma rapariga que conheceu através de um dos amigos – explicou. – Acho que é a irmã de alguém. Não me lembro do nome dela. Mary, talvez.

Mary. Pfff! Ele *sabia* que Fennsworth não tinha uma ponta de imaginação.

– Logo – continuou Lady Lucinda –, não está apaixonado pela Hermione.

Pelo menos ela parecia ter voltado ao seu estado normal. O mundo parecia ligeiramente mais estável com Lucy Abernathy a rosnar como um *terrier*. Ele sentira-se quase sem equilíbrio quando a vira a fitar melancolicamente as árvores.

– Acredite no que quiser – disse Gregory com um suspiro altivo. – Mas fique sabendo: não demorará muito até o seu irmão estar a tentar curar um coração partido.

– A sério? – troçou ela. – Porque está tão convencido do seu próprio sucesso?

– Porque estou convencido da falta de sucesso dele.

– Nem sequer o conhece.

– Ah, agora defende-o? Ainda há uns instantes disse que ele não tinha interesse nela.

– E não tem. – Ela mordeu o lábio. – Mas é meu irmão. E se *estivesse* interessado, eu teria de o apoiar, não acha?

Gregory ergueu uma sobrancelha.

– Meu Deus, a rapidez com que a sua lealdade muda.

Ela mostrou-se quase contrita ao dizer:

– Ele *é* um conde. E o senhor... não.

– Lady Lucinda, devo dizer-lhe que dará uma excelente mãe da sociedade.

As costas dela retesaram-se.

– Ora essa, o que quer dizer com isso?!

– Começa por vender em leilão a sua amiga ao maior licitante. Quando tiver uma filha já terá toda a experiência necessária.

Ela levantou-se de repente, com os olhos a chispar de raiva e indignação.

– Isso é uma coisa terrível de se dizer. A minha maior preocupação tem sido sempre a felicidade da Hermione. E se a felicidade dela provar ser ao lado de um conde... que por acaso é meu *irmão*...

Oh, formidável! Agora ela ia *tentar* fazer o arranjinho entre Hermione e Fennsworth. Bem feito, Gregory. Que lindo serviço arranjaste.

– Ela pode ser feliz comigo – disse ele, levantando-se.

Era verdade. Ele fizera-a rir duas vezes naquela manhã, mesmo se ela não tivesse feito o mesmo por ele.

– É claro que pode – concordou Lady Lucinda. – E, Céus, provavelmente será, se não estragar tudo. Seja como for, o Richard é muito novo para se casar. Ainda só tem vinte e dois anos.

Gregory olhou-a com curiosidade. Agora parecia que tinha voltado a considerá-lo o melhor candidato. Qual seria o plano dela, afinal?

– E – acrescentou ela, prendendo com impaciência uma madeixa de cabelo louro escuro atrás da orelha quando o vento a golpeou no rosto –, ele *não* está apaixonado por ela. Tenho quase a certeza absoluta disso.

Nenhum deles parecia ter mais a acrescentar, por isso, uma vez que já estavam ambos de pé, Gregory apontou para a casa.

– Vamos voltar?

Ela assentiu e ambos encetaram a caminhada num ritmo de passeio.

– Isso ainda não resolve o problema de Mr. Edmonds – observou Gregory.

Ela lançou-lhe um olhar esquisito.

– O que significa esse olhar? – quis ele saber.

Ela teve o desprazo de soltar uma risadinha. Bem, talvez não exatamente uma risadinha, mais aquele som entrecortado com o nariz que as pessoas faziam quando achavam algo muito divertido.

– Nada – respondeu ela, ainda sorrindo. – Para ser franca, estou bastante impressionada por não ter fingido não se lembrar do nome dele.

– Acha que devia tê-lo tratado por Mr. Edwards e depois Mr. Ellington e em seguida Mr. Edifice e...

Lucy atirou-lhe um olhar cómico.

– Teria perdido todo o meu respeito, isso garanto-lhe.

– Que horror. Oh, que horror! – exclamou ele, pousando uma mão sobre o

coração.

Ela olhou-o por cima do ombro com um sorriso maroto.

– Esteve muito perto disso.

Ele mostrou-se indiferente.

– Eu não sei atirar, mas sei esquivar-me de uma bala.

Aquilo despertou-lhe a curiosidade.

– Nunca conheci um homem capaz de admitir que não sabe atirar.

Ele encolheu os ombros.

– Há coisas que simplesmente não conseguimos evitar. Serei sempre o único Bridgerton capaz de ser batido à queima-roupa pela própria irmã.

– Aquela de que me falou?

– Todas elas – admitiu ele.

– Oh!

Lady Lucinda franziu o sobrolho. Devia haver algum tipo de resposta da praxe para aquele tipo de situação. O que *dizer* quando um cavalheiro confessa uma fraqueza? Não se lembrava de ter ouvido um fazê-lo antes, mas certamente que, em algum momento no curso da História, algum o teria feito. E alguém teve de dar uma resposta.

Ela pestanejou, à espera que algo eloquente lhe viesse à mente. Nada veio.

E então...

– A Hermione não consegue dançar.

Simplesmente escapou-se-lhe da boca, sem comando algum do cérebro.

Meu Deus, seria *aquilo* que ela entendia por eloquente?

Ele estacou, voltando-se para ela com uma expressão curiosa. Ou talvez fosse mais uma expressão de susto. Provavelmente, ambas. E ele disse a única coisa que imaginou alguém *ser capaz* de dizer em circunstâncias semelhantes:

– Como disse?!

Lucy repetiu, já que não podia desdizê-lo.

– Ela não é capaz de dançar. É por isso que não dança. Porque não consegue.

E então esperou que um buraco se abrisse no chão para que pudesse atirar-se lá para dentro. Não ajudou que naquele preciso momento ele a mirasse como se ela estivesse ligeiramente demente.

Conseguiu esboçar um sorriso débil, o único gesto a preencher aquele momento impossivelmente longo até ele finalmente dizer:

– Deve haver uma razão para me estar a contar isso.

Lucy soltou um suspiro nervoso. Ele não parecia zangado... mais curioso do que qualquer outra coisa. E ela não tivera a *intenção* de insultar Hermione. Mas quando ele disse que não era bom atirador, por muito estranho que parecesse, pareceu fazer-lhe um certo sentido confessar que Hermione não era capaz de dançar. Como se encaixasse, de alguma maneira. Era esperado que os homens soubessem atirar e as mulheres soubessem dançar, e os amigos de confiança deviam manter as suas estúpidas bocas fechadas.

Claramente, os três precisavam de uma boa dose de instrução.

– Só pensei que o fizesse sentir-se melhor – disse finalmente Lucy. – Pelo facto de não saber atirar.

– Oh, eu sei *atirar* – disse ele. – Essa é a parte fácil. Só não tenho pontaria.

Lucy sorriu. Não se conteve.

– Eu posso ensiná-lo.

A cabeça dele virou-se bruscamente para a encarar.

– Ora *bolas*! Não me diga que *também* sabe disparar.

Ela animou-se.

– Muito bem, na verdade.

Ele abanou a cabeça em desagrado.

– Só me faltava mais esta para completar o dia.

– É uma habilidade admirável – protestou ela.

– Acredito que sim, mas eu já tenho quatro mulheres na minha vida capazes de levar a melhor sobre mim. A última coisa de que preciso é... irra... por favor, não me diga que Miss Watson também é uma excelente atiradora.

Lucy pestanejou.

– Pois, isso eu não sei.

– Bom, ainda há esperança, então.

– Que estranho – murmurou ela.

Ele brindou-a com um olhar inexpressivo.

– Que eu tenha esperança?

– Não, que...

Não podia dizer o que estava a pensar. Deus do Céu, parecia-lhe uma tontice até a ela.

– Ah, então deve pensar que é estranho não saber se Miss Watson é capaz de disparar.

E ali estava. Ele adivinhara-lhe o pensamento, mesmo assim.

– Sim – admitiu ela. – Mas, também, porque deveria saber? Destreza a atirar a um alvo não fazia parte do currículo na academia de Miss Moss.

– Para grande alívio dos cavalheiros, garanto-lhe. – Ele dirigiu-lhe um sorriso enviesado. – Quem a ensinou?

– O meu pai – respondeu ela, e foi estranho, porque os lábios entreabriram-se antes de responder.

Por um momento, Lucy pensou que tinha ficado surpreendida pela pergunta, mas não era isso. Ela tinha ficado surpreendida pela própria resposta.

– Deus do Céu – respondeu ele –, já tinha sequer saído dos cueiros?

– Foi pouco depois – esclareceu Lucy, ainda intrigada com a estranha reacção que tivera. Provavelmente fora só porque não pensava frequentemente no pai. Ele tinha desaparecido há tanto tempo que não havia muitas perguntas para as quais o falecido conde de Fennsworth fosse a resposta.

– Ele considerava ser uma habilidade importante – continuou ela. – Mesmo para as meninas. A nossa casa fica perto da costa de Dover, e sempre houve contrabandistas. A maioria deles era amigável e toda a gente sabia quem eles eram,

até o magistrado.

– Ele devia gostar do *brandy* francês – murmurou Mr. Bridgerton.

Lucy sorriu à lembrança.

– Tal como o meu pai. Mas nem todos os contrabandistas eram conhecidos.

Alguns certamente seriam bastante perigosos. E...

Ela inclinou-se em direção a ele. Não era possível uma pessoa dizer o que ia dizer sem se inclinar. Afinal de contas, onde estava a diversão?

– E...? – incitou ele.

Ela baixou a voz.

– Eu acho que havia espões.

– Em Dover? Há dez anos? É claro que havia espões. Embora eu me pergunte qual a conveniência de armar a população infantil.

Lucy riu-se.

– Eu era um pouco mais velha do que *isso*. Creio que comecei a ter lições quando tinha sete anos. Richard continuou com as lições depois de o meu pai morrer.

– Imagino que ele seja um atirador brilhante também.

Ela assentiu com pesar.

– Lamento dizer que sim.

Retomaram a caminhada em direção à casa.

– Então é melhor não o desafiar para um duelo – comentou ele, improvisando.

– Prefiro que não o faça.

Ele virou-se para ela com uma expressão evidentemente matreira.

– Ora, ora, Lady Lucinda, acredito que acabou de declarar a sua afeição por mim.

A boca dela abriu e fechou como um peixe descontrolado.

– Eu não... o que o poderá ter levado a tal conclusão?

E *porque* sentia ela as faces tão quentes de repente?

– Nunca poderia ser um confronto justo – disse ele, parecendo incrivelmente à vontade com os próprios defeitos. – Embora, a bem da verdade, eu não saiba se haverá um único homem na Grã-Bretanha com quem pudesse ter um confronto justo.

Ela ainda se sentia um pouco tonta da surpresa anterior, mas conseguiu dizer:

– Certamente exagera.

– Não – assegurou ele, num tom quase casual. – O seu irmão decerto me deixaria uma bala no ombro. – Fez uma pausa, refletindo sobre o que acabara de dizer. – Isto assumindo que não estaria decidido a enfiar-ma no coração.

– Oh, não seja pateta.

Ele encolheu os ombros.

– Independentemente disso, deve estar mais preocupada com o meu bem-estar do que pensava.

– Preocupa-me o bem-estar de todos – murmurou ela.

– Sim – respondeu ele também num murmúrio –, imagino que sim.

Lucy retraiu-se.

– Porque é que isso me soa a insulto?

– Acha que sim? Posso assegurar-lhe que não era a minha intenção.

Ela fitou-o, desconfiada, tão demoradamente que ele acabou por erguer as mãos em sinal de rendição.

– Foi um elogio, juro – asseverou.

– Dado a contragosto.

– De modo nenhum!

Ele lançou-lhe um olhar de relance, obviamente incapaz de suprimir um sorriso.

– Está a rir-se de mim.

– Não – insistiu ele, mas não conseguiu impedir um novo riso. – Desculpe.

Agora estou.

– Podia ao menos *tentar* ser cortês e dizer que está a rir-se *comigo*.

– Podia. – Ele sorriu, os olhos assumindo um brilho diabólico. – Mas seria mentira.

Ela teve vontade de lhe dar uma sapatada no ombro, mas conteve-se.

– Oh, o senhor é terrível.

– A cruz da vida dos meus irmãos, asseguro-lhe.

– A sério? – Lucy nunca fora a cruz da vida de ninguém e naquele momento parecia-lhe algo bastante interessante. – Como assim?

– Oh, o mesmo de sempre. Eu preciso de assentar, encontrar um propósito na vida, esforçar-me.

– Casar-se?

– Isso também.

– É por isso que está tão apaixonado pela Hermione?

Ele fez uma pausa, muito breve, mas uma pausa. Lucy sentiu-a.

– Não – respondeu ele. – Isso foi completamente diferente.

– Claro – apressou-se ela a dizer, sentindo-se tola por ter perguntado.

Ele contara-lhe a história toda na noite anterior... sobre o amor simplesmente acontecer, e uma pessoa não ter escolha. Não queria Hermione para agradar ao irmão; queria Hermione porque não conseguia *não* a querer.

E isso fê-la sentir-se ainda mais só.

– Chegámos! – anunciou ele, apontando para a porta de acesso à sala de estar, que Lucy nem se tinha apercebido de terem alcançado.

– Sim, claro. – Ela olhou para a porta, depois olhou para ele e estranhou a sensação de embaraço que tomara conta de si agora que tinham de dizer adeus. – Obrigada pela companhia.

– O prazer foi todo meu.

Lucy deu um passo em direção à porta, mas virou-se para o encarar com um leve «Oh!».

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Passa-se alguma coisa?

– Não. Mas eu devo pedir desculpa por lhe ter estragado completamente os planos. Disse que costuma descer o caminho até ao lago... quando precisa de pensar. E acabou por não ir.

Ele fitou-a com curiosidade, a cabeça inclinando-se ligeiramente para o lado. E os olhos... oh, como ela desejava poder descrever o que ali via. Porque ela não entendia, não conseguia compreender como a fazia inclinar a cabeça em uníssonos com a dele, como a fazia sentir como se o momento pudesse esticar... mais... e mais... até poder durar uma vida.

– Não queria tempo para si mesmo? – perguntou ela, em voz baixa... tão baixa que era quase um sussurro.

Lentamente, ele abanou a cabeça.

– Queria – respondeu ele, como se as palavras lhe surgissem naquele momento, como se o próprio pensamento fosse novo e não exatamente o que ele esperava.

– Queria – repetiu ele –, mas já não quero.

Ficaram ambos a olhar um para o outro. E o pensamento surgiu de repente na cabeça dela...

Ele não sabe porquê.

Ele não sabia porque é que já não queria ficar sozinho.

E ela não sabia porque é que isso era importante.

CAPÍTULO 9

Em que a nossa história dá uma reviravolta.

Na noite seguinte seria o baile de máscaras. Era para ser um grande acontecimento, mas não *demasiado* grande, claro, pois o irmão de Gregory, Anthony, não permitiria um tal transtorno da sua confortável vida no campo. Mesmo assim, pretendia ser o ponto alto das festas da casa. Todos os convidados estariam presentes, juntamente com uma outra centena de participantes, alguns vindos propositadamente de Londres, outros diretamente das suas casas de campo. Todos os quartos tinham sido arejados e preparados para serem ocupados e, mesmo assim, uma boa parte dos convivas ficaria hospedada em casa de vizinhos, ou, para uns quantos azarados, em pousadas próximas.

A intenção original de Kate era organizar uma festa de fantasias... andava ansiosa por se fantasiar de Medusa (para surpresa de ninguém), mas acabou por abandonar a ideia depois de Anthony a informar de que se ela levasse a sua avante, *ele* iria escolher o seu próprio traje.

O olhar que Anthony lhe lançou aparentemente fora o suficiente para ela declarar uma retirada imediata.

Mais tarde, Kate contou a Gregory que ele ainda não a tinha perdoado por ela o ter vestido de Cupido no baile de máscaras dos Billington no ano anterior.

– Um traje demasiado querubínico? – murmurou Gregory.

– Mas vendo o lado bom – respondeu ela –, agora sei exatamente como é que ele era em bebé. Muito fofo, na verdade.

– Até este momento – disse Gregory com um estremecimento – acho que não percebia exatamente o quanto o meu irmão te ama.

– Muito. – Ela sorriu e acenou com a cabeça. – Muito, mesmo.

E assim foi alcançado um compromisso. Sem fantasias, apenas máscaras. Anthony não se importava nem um pouco, pois permitir-lhe-ia abandonar os seus deveres de anfitrião por completo se ele assim o desejasse (afinal, quem iria notar a sua ausência?), e Kate decidiu criar uma máscara com cobras ao estilo Medusa que emergiam em todas as direções (sem sucesso).

Por insistência de Kate, Gregory chegou ao salão de baile precisamente às oito e meia da noite, a hora programada para o início do baile. Isso significava, obviamente, que os únicos convidados presentes eram ele, o irmão e Kate, mas havia criados suficientes a cirandar por ali para não fazer parecer o salão tão vazio, e Anthony declarou-se satisfeito com a festa.

– É uma festa muito melhor sem tanta gente a acotovelar-se – disse ele alegremente.

– Quando é que te tornaste tão avesso ao convívio social? – perguntou Gregory, agarrando numa taça de champanhe de uma bandeja que lhe era oferecida.

– Não é nada disso – respondeu Anthony com um encolher de ombros. –

Simplesmente perdi a paciência para a estupidez, seja de que tipo for.

– Ele não está a envelhecer bem – confirmou a mulher.

Se Anthony se sentiu insultado pelo comentário, não o mostrou.

– Simplesmente recuso-me a lidar com idiotas – disse a Gregory. A expressão do seu rosto iluminou-se. – Só isso reduziu as minhas obrigações sociais para metade.

– De que vale ter um título nobiliárquico se não se pode recusar um convite? – murmurou Gregory com ironia.

– É bem verdade – foi a resposta de Anthony. – Bem verdade.

Gregory virou-se para Kate.

– Não tens nenhum argumento contra?

– Oh, tenho muitos argumentos – respondeu ela, esticando o pescoço para examinar o salão de baile, procurando eventuais catástrofes de última hora. – Eu tenho sempre argumentos.

– É verdade – concordou Anthony. – Mas ela sabe quando não pode vencer.

Kate virou-se para Gregory, embora as suas palavras fossem claramente dirigidas ao marido.

– O que eu *sei* é escolher as minhas batalhas.

– Não lhe liguês – avisou Anthony. – Essa é apenas a maneira dela de admitir a derrota.

– E ele insiste – disse Kate para ninguém em particular –, apesar de saber que eu acabo sempre por ganhar.

Anthony encolheu os ombros e dirigiu ao irmão um sorriso estranhamente envergonhado.

– Ela tem razão – disse ele terminando a bebida. – Mas é inglório uma pessoa render-se sem dar luta.

Gregory só pôde sorrir. Dois maiores tolos apaixonados ainda estavam por nascer. Era cativante de assistir, mesmo que lhe causasse uma ligeira ponta de ciúme.

– Como vai o teu namoro? – perguntou-lhe Kate.

As orelhas de Anthony arrebitaram-se.

– Namoro? – ecoou ele, o rosto assumindo a sua habitual expressão de «obedeçam-me porque eu sou o visconde». – Quem é ela?

Gregory dirigiu a Kate um olhar exasperado. Não tinha partilhado os seus sentimentos com o irmão. Não sabia bem porquê; talvez em parte por não ter *visto* muito Anthony nos últimos dias. Mas não era só isso. Talvez por não lhe parecer o tipo de coisa que quisesse partilhar com um irmão. Especialmente um que era mais pai do que irmão.

Já para não falar que... se não tivesse sucesso...

Bom, não tinha especial vontade que a família soubesse.

Mas *teria* sucesso. Porque estava a duvidar de si mesmo? Mesmo antes, quando Miss Watson ainda o tratava como um ligeiro incómodo, ele tinha a certeza do resultado. Não fazia sentido que agora, com a amizade de ambos a crescer,

começasse, de repente, a duvidar de si próprio.

Kate, previsivelmente, ignorou a irritação de Gregory.

– Adoro quando não sabes de alguma coisa – disse ela ao marido. – Especialmente quando eu sei.

Anthony voltou-se para Gregory.

– Tens a certeza de que queres casar-te com uma destas?

– Não essa, precisamente – respondeu Gregory. – Mas algo semelhante, sim.

A expressão de Kate mostrou a alfinetada que sentiu ao ser tratada por «algo», mas recuperou rapidamente, voltando-se para Anthony e dizendo:

– Ele declarou o seu amor por... – Ela deixou uma mão agitar-se no ar como se afastando uma ideia tola. – Oh, não importa, acho que não te vou dizer.

A formulação fora um pouco suspeita. Ela provavelmente tivera a intenção de não lhe contar. Gregory não tinha a certeza do que achava mais gratificante: Kate ter guardado o seu segredo ou o desconcerto de Anthony.

– Vê se consegues adivinhar – disse Kate a Anthony com um sorriso brejeiro. – Sempre deve dar à tua noite um objetivo.

Anthony voltou-se para Gregory com um olhar de autoridade.

– Quem é?

Gregory encolheu os ombros. Ficava sempre do lado de Kate quando se tratava de contrariar o irmão.

– Longe de mim negar-te um objetivo.

– Fedelho arrogante – resmungou Anthony, e Gregory soube que a noite ia ser muito divertida.

Os convidados começaram a chegar aos poucos e, uma hora mais tarde, o salão de baile fervilhava com o zumbido baixo de conversa e risos. Todos pareciam um pouco mais aventureiros com uma máscara no rosto e logo as brincadeiras se tornaram mais ousadas e as piadas mais irreverentes.

E o riso... era difícil descrevê-lo, mas era diferente. Havia mais do que alegria no ar. Havia uma ponta de excitação, como se os convivas soubessem intrinsecamente que esta era a noite para serem ousados.

Para se libertarem.

Porque na manhã seguinte, ninguém saberia.

De forma geral, Gregory gostava de noites como esta.

Todavia, por volta das nove e meia começava a sentir-se frustrado. Não podia ter a certeza, mas desconfiava que Miss Watson ainda não aparecera. Mesmo com máscara, ser-lhe-ia quase impossível manter a identidade secreta. O cabelo dela era demasiado fora do vulgar, demasiado etéreo à luz das velas para lhe permitir fazer-se passar por outra pessoa.

Mas Lady Lucinda, por outro lado... não teria problema algum em passar despercebida. O cabelo dela era certamente de um lindo tom de louro cor de mel, mas não era nada de inesperado ou único. Metade das senhoras da alta sociedade, provavelmente, tinha o cabelo dessa cor.

Passou os olhos pelo salão. Bem, metade, não. Talvez nem um quarto. Mas

também não era como o tom da amiga, que parecia tecido pelo luar.

Gregory franziu o sobrolho. Miss Watson já devia ter chegado. Sendo hóspede da casa, ela não precisava de percorrer estradas lamacentas ou de correr o risco de um cavalo ficar coxo ou até de ter de esperar na longa fila de carruagens até chegar à entrada para os convidados. Embora duvidasse que ela teria desejado chegar tão cedo quanto ele, certamente não se atrasaria mais de uma hora.

Quanto mais não fosse, Lady Lucinda não o teria tolerado. Ela era claramente do tipo pontual.

No bom sentido.

Por oposição a um sentido insuportável e irritante.

Gregory sorriu para si próprio. Ela não era assim.

Lady Lucinda era mais como Kate, ou, pelo menos, seria, quando fosse um pouco mais velha. Inteligente, muito direta e com uma certa astúcia.

Bem divertida, na verdade. Lady Lucinda era uma boa pessoa.

Mas ele também não a via entre os convidados. Ou, pelo menos, achava que não. Não podia ter a certeza. Via várias senhoras com cabelo mais ou menos do mesmo tom do dela, mas nenhuma delas lhe parecia a certa. Uma tinha um andar diferente... demasiado desajeitado, talvez até um pouco pesado. Outra tinha a altura errada. Não muito errada, talvez apenas uns meros centímetros, mas ele dera conta.

Não era ela.

Lady Lucinda provavelmente estava onde quer que estivesse Miss Watson. O que para ele acabava por ser algo reconfortante. Miss Watson não poderia meter-se em apuros com Lady Lucinda por perto.

Sentiu o estômago roncar e decidiu abandonar a busca momentaneamente e ir procurar sustento. Kate tinha, como sempre, providenciado uma seleção abundante de comida, para que os convidados fossem mordiscando durante a noite. Ele foi direito ao prato de sanduíches. Tinham um aspeto semelhante às que haviam sido servidas na noite em que ele chegara, e gostara muito delas. Dez deviam chegar.

Hum... viu pepino... um desperdício de pão, era o que era. Queijo... não, não era isso que lhe apetecia. Talvez...

– Mr. Bridgerton?

Lady Lucinda. Conheceria aquela voz em qualquer lugar.

Gregory virou-se. Lá estava ela. Congratulou-se, pois estava certo quanto àquelas outras louras cor de mel mascaradas. Definitivamente ainda não se tinha cruzado com ela naquela noite.

Os olhos dela arregalaram-se e ele percebeu que a sua máscara, coberta com feltro azul acinzentado, era da cor exata dos olhos. Perguntou-se se Miss Watson tinha arranjado uma semelhante em verde.

– É Mr. Bridgerton, não é?

– Como soube? – retornou ele.

Ela pestanejou.

– Não sei. Simplesmente soube. – De seguida, os lábios entreabriram-se,

apenas o suficiente para revelar um pequeno cintilar de dentes brancos, e ela disse:

– Sou a Lucy. Lady Lucinda.

– Eu sei – murmurou Gregory, de olhos ainda fixos na boca dela.

O que acontecia com as máscaras? Era como se, cobrindo a parte de cima, a parte inferior se tornasse mais intrigante.

Quase hipnotizante.

Como é que não tinha notado a forma como os seus lábios se curvavam ligeiramente para cima nos cantos? Ou as sardas no nariz. Tinha sete. Precisamente sete, todas em forma oval, com exceção da última, que fazia lembrar um pouco os contornos da Irlanda.

– Estava com fome? – perguntou Lucy.

Ele piscou os olhos, forçando-os a erguerem-se até aos dela.

Lucy apontou para as sanduíches.

– A de presunto é muito boa. A de pepino também. Normalmente não sou grande apreciadora de sandes de pepino... parecem nunca satisfazer, embora eu goste por serem estaladiças... mas estas são barradas com queijo-creme em vez de apenas manteiga. Foi uma agradável surpresa.

Fez uma pausa e olhou-o, inclinando a cabeça para o lado enquanto esperava uma resposta.

Ele sorriu. Não conseguiu evitar. Havia algo de tão extraordinariamente divertido nela quando se punha a tagarelar sobre comida.

Gregory estendeu a mão e colocou uma sanduíche de pepino no prato.

– Com uma tal recomendação – disse –, como poderia recusar?

– Bem, a de presunto também é boa, se não gostar.

Mais uma vez, tão típico dela. Sempre a querer que todos sejam felizes. *Experimente isto. E se não gostar, experimente esta ou esta ou esta ou esta. E se mesmo assim não gostar, fique com a minha.*

Nunca chegou a dizê-lo, é claro, mas, de alguma forma, sabia que ela o faria.

Lady Lucinda olhou para o prato de servir.

– Preferia que não estivessem todas misturadas.

Ele olhou-a com curiosidade.

– Como disse?

– Bem – começou ela, a palavra saindo naquela entoação singular que antecipava uma explicação longa e sentida. – Não acha que faria muito mais sentido separar os diferentes tipos de sanduíches? Colocar cada tipo num prato mais pequeno? Dessa forma, se encontrasse uma sanduíche de que gostasse, saberia exatamente onde ir buscar outra. *Ou* – o tom tornou-se ainda mais animado, como se atacasse um problema de grande importância social – *se* houvesse outra. Pense nisso. – Apontou para o prato. – Pode já não restar uma única sanduíche de presunto no monte. E não pode chegar e remexer o prato todo à procura da que quer. Seria muito indelicado.

Ele olhou-a, pensativo, e depois disse:

– Gosta de tudo muito bem ordenado, não é?

– Oh, gosto, sim – disse ela com sentimento. – Gosto muito.

Gregory refletiu sobre o seu próprio estilo desorganizado. Tinha o hábito de atirar os sapatos para dentro do guarda-fatos, deixava os convites espalhados por toda a parte... no ano anterior tinha deixado o seu criado e secretário pessoal tirar uma semana de férias para visitar o pai que estava doente e quando o pobre homem voltara, só o caos na secretária de Gregory bastara para o deixar prestes a ter um colapso.

Gregory olhou para a expressão séria de Lady Lucinda e riu-se baixinho. Ele provavelmente levá-la-ia à loucura em menos de uma semana.

– Gosta da sanduíche? – perguntou ela, depois de ele ter dado uma dentada. – De pepino?

– Muito intrigante – murmurou ele.

– Terá a comida o intuito de ser intrigante?

Gregory terminou de comer a sanduíche.

– Não sei.

Ela assentiu com a cabeça distraidamente dizendo:

– A de presunto é boa.

Deixaram-se cair num silêncio amigável relanceando os olhos pelo salão. Os músicos tocavam uma valsa animada e as saias das senhoras ondulavam como sinos de seda enquanto rodopiavam ao ritmo da música. Era impossível assistir à cena e não sentir como se a própria noite tivesse ganhado vida... inquieta de energia... à espera de fazer a sua jogada.

Algo iria acontecer naquela noite. Gregory tinha a certeza disso. A vida de alguém iria mudar.

Se tivesse sorte, seria a dele.

Começou a sentir um formigueiro nas mãos. Depois nos pés. Precisou de toda a sua força de vontade para se manter ali parado. Tinha vontade de se mexer, queria *fazer* alguma coisa. Queria pôr a sua vida em movimento, alcançar e capturar os seus sonhos.

Queria mexer-se. Não podia ficar parado. Queria...

– Quer dançar?

Ele não tivera a intenção de a convidar. Mas virara-se e Lucy estava ali, ao seu lado, e as palavras simplesmente escaparam.

O olhar dela iluminou-se. Mesmo com a máscara, ele pôde constatar que ficou encantada.

– Sim – respondeu ela, quase suspirando ao acrescentar: – Eu adoro dançar.

Gregory pegou-lhe na mão e levou-a para a pista. A valsa estava em pleno andamento, e ambos rapidamente encontraram o ritmo na música. A dança pareceu elevá-los, torná-los um só. Gregory precisava apenas de lhe fazer uma leve pressão com a mão na cintura e ela movia-se exatamente como ele esperava. Rodopiaram e rodopiaram, o ar fustigando-lhes os rostos, tão veloz que os fez rir.

Era perfeito. De tirar o fôlego. Era como se a música se tivesse infiltrado debaixo da pele, guiando-lhes todos os movimentos.

E de repente terminou.

Tão depressa. *Demasiado* depressa. A música acabou e, por um momento, eles ficaram imóveis, ainda nos braços um do outro, ainda envoltos na memória da música.

– Oh, foi maravilhoso! – disse Lady Lucinda, os olhos a cintilar.

Gregory soltou-a e fez uma vénia.

– É uma excelente dançarina, Lady Lucinda. Eu sabia que seria.

– Obrigada, eu... – Num ápice os olhos encontraram os dele. – Sabia?

– Eu...

Porque dissera aquilo? Não tinha intenção de o dizer.

– É muito graciosa – afirmou por fim, levando-a de volta para o perímetro do salão de baile.

Muito mais graciosa do que Miss Watson, na verdade, embora, pensando bem, fizesse sentido, considerando o que Lucy lhe tinha dito sobre a capacidade de dança da amiga.

– Nota-se pela maneira como anda – acrescentou, já que ela parecia esperar uma explicação mais detalhada.

E teria de bastar, pois não estava disposto a analisar a noção em maior pormenor.

– Oh!

Os seus lábios mexeram-se. Muito ligeiramente. Mas foi o suficiente. Nesse instante, percebeu: ela parecia feliz. E percebeu também que a maioria das pessoas não. Pareciam divertidas ou entretidas ou satisfeitas.

Lady Lucinda parecia feliz.

Gregory gostou disso.

– Onde estará a Hermione? – disse ela, olhando para um lado e para o outro.

– Ela não veio consigo? – perguntou Gregory, com espanto.

– Veio. Mas depois viu o Richard. E ele convidou-a para dançar. *Não* – acrescentou ela com grande ênfase – porque está apaixonado por ela. Ele estava apenas a ser educado. É isso que se faz às amigas da irmã.

– Eu tenho quatro irmãs – recordou-lhe ele. – Eu sei. – Mas então lembrou-se.

– Eu pensei que Miss Watson não dançava.

– E não dança. Mas o Richard não sabe disso. Ninguém sabe. Exceto eu. E agora o senhor. – Ela olhou-o com certa urgência. – Por favor, *não* conte a ninguém. Imploro-lhe. A Hermione ficaria mortificada.

– Os meus lábios estão selados – prometeu ele.

– Imagino que tenham ido buscar algo para beber – aventou Lucy, inclinándose um pouco para o lado tentando ter um vislumbre da mesa da limonada. – A Hermione fez um comentário sobre estar cheia de calor. É a sua desculpa favorita. Funciona quase sempre quando alguém a convida para dançar.

– Não os vejo – disse Gregory, seguindo-lhe o olhar.

– Não, certamente que não. – Virou-se para o encarar, acompanhando o gesto com um leve menear de cabeça. – Não sei porque estava à procura deles ali. Já foi

há algum tempo.

– Mais do que o tempo necessário para saborear uma bebida?

Ela soltou uma risadinha.

– Não, a Hermione é capaz de fazer um copo de limonada durar uma noite inteira quando precisa. Mas acho que o Richard teria perdido a paciência.

Gregory era de opinião que o irmão dela teria todo o prazer em cortar o braço direito pela oportunidade de contemplar Miss Watson enquanto esta fingia beber limonada, mas não valia a pena tentar convencer Lucy disso.

– Imagino que tenham decidido dar um passeio – disse Lucy, obviamente des preocupada.

Mas Gregory sentiu imediatamente um certo desassossego.

– Lá fora?

Ela encolheu os ombros.

– Suponho que sim. Pelo menos não estão aqui no salão de baile. A Hermione não consegue passar despercebida numa multidão. O cabelo, compreende.

– Mas acha que é aconselhável estarem sozinhos? – insistiu Gregory.

Lady Lucinda olhou-o como se não compreendesse a urgência na sua voz.

– Não se pode dizer que estejam sozinhos – disse ela. – Há pelo menos duas dezenas de pessoas lá fora. Espreitei pelas portas envidraçadas.

Gregory obrigou-se a ficar perfeitamente imóvel enquanto pensava no que fazer. Era óbvio que precisava de encontrar Miss Watson, e depressa, antes que ela fosse exposta a qualquer coisa que pudesse ser considerada irrevogável.

Irrevogável.

Deus do Céu!

Vidas podiam transformar-se num só instante. Se Miss Watson estava realmente lá fora com o irmão de Lucy... se alguém os apanhasse...

Um calor estranho começou a subir dentro dele, algo irritado e enciumado e muito, muito desagradável. Miss Watson podia estar em perigo... ou não. Talvez ela visse com bons olhos os avanços de Fennsworth...

Não. Não, isso não era verdade. Praticamente forçou-se a reprimir aquele pensamento. Miss Watson encontrava-se apaixonada por aquele ridículo Mr. Edmonds, quem quer que ele fosse. Não veria com bons olhos quaisquer avanços de Gregory *ou* de Lord Fennsworth.

Mas teria o irmão de Lucy aproveitado a oportunidade que lhe escapara a *ele*? Uma sensação de dor, de chaga viva alojou-se-lhe no peito como uma bala de canhão a escaldar... um *sentimento*, uma emoção, uma coisa... horrível... ulcerosa...

– Mr. Bridgerton?

Biliosa. Definitivamente biliosa.

– Mr. Bridgerton, passa-se alguma coisa?

Ele moveu a cabeça os centímetros necessários para encarar Lady Lucinda, mas, mesmo assim, demorou vários segundos a concentrar-se nas suas feições. Os olhos dela mostravam apreensão, a boca esticada numa linha preocupada.

– Não parece estar bem – comentou.

– Estou bem – grunhiu ele.

– Mas...

– Estou *bem* – praticamente explodiu.

Ela recuou um passo.

– Claro que está.

Como teria Fennsworth conseguido? Como teria ele convencido Miss Watson a ficar sozinha com ele? Pelo amor de Deus, era praticamente um garoto, mal saído da universidade e sem ainda se ter instalado em Londres. E Gregory era... bem, mais experiente do que isso.

Devia ter prestado mais atenção.

Nunca devia ter permitido que tal acontecesse.

– Talvez seja melhor ir procurar a Hermione – disse Lucy, começando a afastar-se. – Vejo que prefere ficar sozinho.

– Não – disse ele de repente, com mais ímpeto do que a mais estrita cortesia. – Eu acompanho-a. Vamos procurar juntos.

– Acha que é sensato?

– Porque não seria sensato?

– Eu... não sei. – Parou, fitou-o de olhos arregalados e sem piscar e, finalmente, completou: – Só não acho que seja. O senhor mesmo acabou de questionar a sensatez de o Richard e a Hermione saírem juntos.

– Mas também não pode ir revistar a casa sozinha.

– Claro que não – disse ela, como se o considerasse um imbecil por ter sequer feito tal sugestão. – Eu ia procurar Lady Bridgerton.

– A Kate? Deus do Céu! Não faça *isso* – disse ele muito depressa; e talvez com um certo desdém, apesar de ter sido sem intenção.

Mas Lucy ficou claramente ofendida, pois a sua voz saiu entrecortada quando perguntou:

– Porque não?

Ele inclinou-se, o tom de voz baixo e urgente.

– Se a Kate os encontra e a situação não é a mais correta, estarão casados em menos de duas semanas, acredite em mim.

– Não seja ridículo. É claro que a situação é a correta – sibilou ela, deixando-o desconcertado, pois, na verdade, nunca lhe ocorrera que ela fosse capaz de defender a sua posição com tanto vigor.

– A Hermione nunca se portaria de forma indecorosa – continuou ela furiosamente –, nem o Richard. Ele é meu irmão. Meu *irmão*.

– Ele ama-a – disse Gregory simplesmente.

– Não. *Não* a ama. – Caramba, ela parecia prestes a explodir. – E mesmo que amasse – protestou ela –, o que não é verdade, *nunca* a desonraria. Nunca. Ele não faria isso. Não faria...

– Não faria o quê?

Lucy engoliu em seco.

– Não faria uma coisa dessas a *mim*.

Gregory não podia acreditar na sua ingenuidade.

– Ele não está a pensar em *si*, Lady Lucinda. Na verdade, acredito que seja seguro dizer que a irmã não lhe tenha passado pela cabeça uma única vez.

– Isso é uma coisa terrível de se dizer.

Gregory encolheu os ombros.

– É um homem apaixonado. Logo, é um homem insensível.

– Oh, é *assim* que funciona? – insurgiu-se ela. – Isso também o torna insensível a *si*?

– Não – respondeu laconicamente, dando-se conta de que era a mais pura verdade.

Já se acostumara àquele estranho fervor. Recuperara o equilíbrio. E, como cavalheiro de maior experiência, tinha, mesmo se Miss Watson não fosse um problema, mais facilidade em manter a cabeça fria do que Fennsworth.

Lady Lucinda dirigiu-lhe um olhar de impaciência desdenhosa.

– O Richard não está apaixonado por ela. Não sei de quantas maneiras poderei explicar-lho.

– Está enganada – disse ele, categórico.

Observava Fennsworth há dois dias. Vira-o a observar Miss Watson. A rir-se das suas piadas. A ir buscar-lhe uma bebida fresca.

A colher uma flor silvestre e a colocá-la atrás da orelha dela.

Se isso não era amor, então Richard Abernathy era o mais atencioso, carinhoso e altruísta irmão mais velho da história da humanidade.

E sendo ele próprio um irmão mais velho... um irmão que frequentemente era obrigado a dar atenção e a dançar com as amigas das irmãs... Gregory poderia dizer categoricamente que não existia um irmão mais velho com tais níveis de cortesia e devoção.

Um irmão ama a sua irmã, é claro, mas não sacrifica cada minuto do seu dia à melhor amiga dela sem algum tipo de compensação.

A menos que um amor não correspondido e patético entre na equação.

– Eu não estou enganada – insistiu Lady Lucinda, com ar de quem tinha imensa vontade de cruzar os braços. – E vou chamar Lady Bridgerton.

Gregory fechou a mão em torno do pulso dela.

– Isso seria um erro de proporções desmedidas.

Ela puxou o braço, mas ele não a soltou.

– Não seja condescendente comigo – sibilou ela.

– Não estou a ser. Estou a dar uma ordem.

A boca dela abriu-se, total e completamente, agitando-se como um peixe fora d'água.

Gregory teria apreciado a visão, se não estivesse tão furioso com tudo o mais que se passava naquele momento.

– É uma pessoa insuportável – insultou-o ela, assim que se recuperou.

Ele encolheu os ombros.

– Ocasionalmente.
– *E paranoico.*
– Muito bem, Lady Lucinda. – Como um de oito irmãos, Gregory não podia deixar de admirar uma observação sarcástica ou retaliação bem dita. – Mas eu admiraria muito mais as suas capacidades de oratória se não estivesse a tentar impedi-la de fazer algo monumentalmente estúpido.

Ela fitou-o de olhos semicerrados e então disse:

– Eu não quero falar mais consigo.

– Nunca mais?

– Vou buscar Lady Bridgerton – anunciou ela.

– Vai buscar-me? Qual é a ocasião?

Era a última voz que Gregory queria ouvir.

Virou-se. Kate estava em pé diante deles, a observar a cena com uma sobranceira erguida.

Ninguém falou.

Kate olhou incisivamente para a mão de Gregory, que ainda segurava o pulso de Lady Lucinda. Ele deixou-a cair, recuando rapidamente.

– Algo que eu deva saber? – perguntou Kate, a voz uma mistura perfeitamente terrível de indagação culta e autoridade moral.

Gregory foi repentinamente recordado de como a cunhada era capaz de ser uma presença formidável quando assim o decidia.

Lady Lucinda, *claro*, falou imediatamente.

– Mr. Bridgerton parece achar que a Hermione pode estar em perigo.

O comportamento de Kate mudou instantaneamente.

– Perigo? Aqui?

– Não – resmoneou Gregory, embora o que realmente quisesse dizer fosse: *eu vou matá-la*. A Lady Lucinda, para ser mais preciso.

– Não a vejo há algum tempo – continuou a idiota irritante. – Chegámos juntas, mas isso foi há quase uma hora.

Kate relanceou em redor, o olhar finalmente recaindo nas portas para o exterior.

– Não pode estar no jardim? Grande parte da festa mudou-se lá para fora.

Lady Lucinda abanou a cabeça.

– Não a vi. Já procurei.

Gregory não disse nada. Era como se assistisse à destruição do mundo diante dos seus olhos. Mas o que poderia ele dizer para o impedir?

– Não está lá fora? – insistiu Kate.

– Eu não pensei que algo de errado se passasse – declarou Lady Lucinda, demasiado solícita. – Mas Mr. Bridgerton mostrou-se imediatamente preocupado.

– Ai sim? – A cabeça de Kate virou-se bruscamente para o encarar. – Ficaste? Porquê?

– Podemos falar disso noutra altura? – resmungou Gregory.

Kate ignorou-o de imediato e olhou diretamente para Lucy.

– Porque é que ele ficou preocupado?

Lucy engoliu em seco e, em seguida, sussurrou:

– Julgo que ela possa estar com o meu irmão.

Kate empalideceu.

– Isso não é bom.

– O Richard nunca faria nada de impróprio – insistiu Lucy. – Prometo.

– Ele está apaixonado por ela – afirmou Kate.

Gregory não disse nada. A vindicação nunca fora tão doce.

Lucy olhou de Kate para Gregory, com uma expressão próxima do pânico.

– Não – sussurrou. – Não, está enganada.

– Não estou enganada – disse Kate numa voz séria. – E nós precisamos de os encontrar. Rapidamente.

Ela virou-se e dirigiu-se imediatamente para a porta. Gregory seguiu-a, as pernas compridas acompanhando-lhe o ritmo com facilidade. Lady Lucinda pareceu ficar momentaneamente petrificada, mas, logo em seguida, reagindo, correu atrás deles.

– Ele nunca faria nada contra a vontade da Hermione – disse ela com urgência. – Garanto.

Kate parou. Virou-se. Olhou para Lucy, com uma expressão franca e talvez um pouco triste, como se reconhecesse que a jovem, naquele momento, perdia um pouco da sua inocência e que ela, Kate, lamentava ter de ser a responsável pelo duro golpe.

– Ele pode não ter de o fazer – explicou Kate calmamente.

De a forçar. Kate não o disse, mas as palavras ficaram suspensas no ar mesmo assim.

– Ele pode não ter de... o que quer...

Gregory viu o momento em que ela percebeu. Os seus olhos, sempre tão mutáveis, nunca se mostraram tão cinzentos.

Feridos.

– Temos de os encontrar – sussurrou Lucy.

Kate concordou com um gesto de cabeça, e os três saíram da sala em silêncio.

CAPÍTULO 10

Em que o amor triunfa... mas não para o nosso herói e para a nossa heroína.

Lucy seguiu Lady Bridgerton e Gregory até ao corredor, tentando conter a ansiedade que se avolumava dentro de si. Tinha uma sensação estranha na boca do estômago e a respiração saía inconstante.

Não conseguia limpar a mente. Precisava de se concentrar no problema presente. Sabia que precisava de dedicar toda a sua atenção à busca, mas era como se uma parte da sua mente continuasse a tentar afastá-la... fazendo-a tonta, em pânico e incapaz de escapar a uma terrível sensação de agouro.

O que não compreendia. Será que não *queria* que Hermione se casasse com o irmão dela? Não acabara de dizer a Mr. Bridgerton que a união, embora improvável, seria excelente? Hermione seria sua irmã também em nome, não só no sentimento, e Lucy não podia imaginar nada mais adequado. Mas, ainda assim, sentia-se...

Inquieta.

E um pouco irritada também.

E culpada. Claro. Pois que direito tinha ela de sentir raiva?

– Devíamos separar-nos para procurar – orientou Mr. Bridgerton, depois de terem virado várias esquinas e os sons do baile de máscaras se terem esbatido na distância.

Ele arrancou a máscara e as duas senhoras seguiram-lhe o exemplo, pousando-as as três numa mesinha de apoio encostada num recanto do corredor.

Lady Bridgerton abanou a cabeça em negação.

– Não podemos. *Tu* certamente não podes encontrá-los sozinho – disse-lhe ela.

– Nem quero pensar nas consequências de Miss Watson ser vista sozinha na companhia de dois cavalheiros solteiros.

Sem mencionar a reação dele, pensou Lucy. Mr. Bridgerton parecia-lhe um homem de temperamento equilibrado, mas tinha as suas suspeitas de que ele fosse capaz de se deparar com o par sozinho e não desatar a discorrer acerca da honra e da defesa da virtude, o que sempre levava a desastre. Sempre. Embora dada a profundidade dos seus sentimentos por Hermione, a sua reação pudesse ser um pouco menos centrada na honra e na virtude e mais na ira do ciúme.

Pior ainda, apesar de Mr. Bridgerton poder não saber disparar uma bala em linha reta, Lucy não tinha dúvidas de que era capaz de pôr um olho negro com velocidade letal.

– E *ela* não pode ficar sozinha – continuou Lady Bridgerton, gesticulando na direção de Lucy. – Está escuro. E vazio. Os cavalheiros estão de máscara, pelo amor de Deus, o que os faz esquecer a consciência.

– Eu também não saberia por onde começar a procurar – acrescentou Lucy.

Era uma casa grande e embora lá estivesse hospedada há quase uma semana,

duvidava que tivesse conhecido sequer metade.

– Mantemo-nos juntos – declarou Lady Bridgerton com firmeza.

Mr. Bridgerton parecia querer argumentar, mas conteve-se e respondeu de mau humor:

– Está bem. Não percamos mais tempo, então.

Com isto, avançou em passadas largas, estabelecendo um ritmo que nenhuma das duas senhoras acharia fácil acompanhar.

Desatou a escancarar portas e a deixá-las entreabertas, demasiado obcecado em alcançar o próximo aposento para deixar as coisas como as tinha encontrado. Lucy esforçava-se por seguir atrás dele, tentando aposentos do lado oposto do corredor. Lady Bridgerton ia logo à frente, a fazer o mesmo.

– Oh! – Lucy deu um salto para trás, fechando uma porta com força.

– Encontrou-os? – exigiu saber Mr. Bridgerton.

Tanto ele como Lady Bridgerton se puseram imediatamente ao lado dela.

– Não – respondeu Lucy, corando violentamente. Engoliu em seco. – Outras pessoas.

Lady Bridgerton resmungou.

– Deus do Céu! Por favor, diga-me que não era uma donzela solteira.

Lucy abriu a boca, mas vários segundos se passaram antes de ela responder:

– Não sei. Por causa das máscaras.

– Eles estavam com máscaras? – perguntou Lady Bridgerton. – Então são casados. E não um com o outro.

Lucy queria desesperadamente perguntar como tinha ela chegado a tal conclusão, mas não teve coragem, além de que Mr. Bridgerton cortou-lhe o pensamento ao atravessar-se na frente dela e abrir a porta. Um grito feminino rasgou o ar, seguido por uma voz masculina irritada, proferindo palavras que Lucy não se atrevia a repetir.

– Desculpem – resmungou Mr. Bridgerton. – Continuem. – Fechou a porta. – O Morley – anunciou – e a mulher do Winstead.

– Oh! – fez Lady Bridgerton, os lábios entreabrindo-se de surpresa. – Não fazia ideia.

– Devemos fazer alguma coisa? – perguntou Lucy.

Meu Deus, havia pessoas a cometer *adultério* a poucos passos dela.

– Isso é problema do Winstead – respondeu Mr. Bridgerton com ar severo. – Nós já temos problemas que cheguem.

Os pés de Lucy permaneceram agarrados ao chão quando ele avançou novamente pelo corredor. Lady Bridgerton relanceou para a porta, parecendo cheia de vontade de a abrir e espreitar lá para dentro, mas com um suspiro desistiu e seguiu o cunhado.

Lucy ficou a olhar para a porta, tentando descobrir exatamente o que é que a estava a incomodar tanto. Ver o casal em cima da mesa... em cima da *mesa*, pelo amor de Deus... tinha sido um choque, mas outra coisa a incomodava. Algo naquela cena não encaixava. Estava fora de lugar. Fora de contexto.

Ou talvez algo lhe despertasse uma memória.

O que *era*?

– Vem? – chamou Lady Bridgerton.

– Sim – respondeu Lucy. E aproveitando-se da sua inocência e juventude, acrescentou: – O choque, compreende? Só preciso de um momento.

Lady Bridgerton lançou-lhe um olhar compassivo e acenou com a cabeça, mas continuou o que estava a fazer, inspecionando os aposentos do lado esquerdo do corredor.

O que teria ela visto? O homem e a mulher, é claro, e a mesa que já mencionara. Dois cadeirões, cor-de-rosa. Um sofá às riscas. E uma mesinha de apoio, com um vaso de flores...

Flores.

Era isso.

Ela sabia onde estavam.

Se ela estivesse enganada e os outros certos, e o seu irmão estivesse realmente apaixonado por Hermione, havia apenas um lugar para onde ele a teria levado para tentar convencê-la a corresponder aos seus sentimentos.

O laranjal. Ficava do outro lado da casa, longe do salão de baile. E estava repleto, não só de laranjeiras, mas de flores. Plantas tropicais lindas que deviam ter custado uma fortuna a Lord Bridgerton. Elegantes orquídeas. Rosas raras. Até mesmo humildes flores silvestres, trazidas e replantadas com cuidado e devoção.

Não havia sítio mais romântico ao luar, ou onde o irmão se sentisse mais à vontade. Ele adorava flores. Sempre adorara, e possuía uma memória surpreendente para os seus nomes científicos e comuns. Richard estava sempre a colhê-las e a partilhar algum tipo de curiosidade acerca delas: esta só abria à luz da lua, aquela era da família de alguma outra planta trazida da Ásia. Lucy sempre o achara um tanto tedioso, mas percebia como aquilo podia parecer romântico, se não fosse o nosso irmão a dizê-lo.

Olhou para o corredor. Os Bridgerton tinham parado para conversar em voz baixa e Lucy percebeu pela postura de ambos que a conversa era intensa.

Não seria melhor se fosse ela a encontrá-los? Sem *nenhum* dos Bridgerton?

Se Lucy os encontrasse, poderia avisá-los e evitar o desastre. Se Hermione quisesse casar-se com o irmão dela... então, seria por escolha e não por obrigação, por ter sido apanhada de surpresa.

Lucy sabia como chegar ao laranjal. Podia estar lá em poucos minutos.

Deu um passo cauteloso para trás em direção ao salão de baile. Nem Gregory, nem Lady Bridgerton pareceram reparar.

Tomou a decisão.

Em seis passos silenciosos recuou cuidadosamente até à esquina. Então, depois de uma última olhadela rápida lançada para o fundo do corredor, desapareceu de vista.

E correu.

Pegou nas saias e correu como o vento ou, no mínimo, tão depressa quanto

conseguiu, considerando o vestido de baile de veludo pesado. Não fazia ideia de quanto tempo teria antes de os Bridgerton notarem a sua ausência, e embora eles não soubessem qual o seu destino, não tinha dúvidas de que a encontrariam. Tudo o que Lucy tinha de fazer era encontrar Hermione e Richard primeiro. Se pudesse chegar a eles, avisá-los, poderia empurrar Hermione para fora da porta e afirmar que se deparara com Richard sozinho.

Não teria muito tempo, mas podia fazê-lo. Sabia que podia.

Lucy chegou ao átrio principal, abrandando o ritmo, tanto quanto se atreveu, ao atravessá-lo. Havia criados por ali e provavelmente alguns convidados tardios, e ela não podia dar-se ao luxo de levantar suspeitas por estar a correr.

Escapuliu-se para o corredor do lado oeste, quase derrapando ao virar uma esquina e lançando-se novamente numa corrida. Os pulmões começaram a arder e a pele ficou húmida de suor debaixo do vestido. Mas ela não abrandou. Não faltava muito agora. Ia conseguir.

Sabia que sim.

Tinha de conseguir.

E então, espantosamente, estava lá, em frente às pesadas portas duplas que levavam ao laranjal. A mão pousou, pesada, numa das maçanetas, e ela pretendia rodá-la, mas em vez disso, curvou-se, tentando recuperar o fôlego.

Os olhos ardiam-lhe e tentou levantar-se, mas quando o fez foi atingida pelo que lhe pareceu ser um muro de pânico. Era físico, palpável, e assomou-a tão célere que ela teve de se agarrar à parede para se apoiar.

Deus do Céu, ela não queria abrir a porta. Não queria vê-los. Não queria saber o que eles estavam a fazer, não queria saber como ou porquê. Não queria aquilo, nada daquilo. Queria que tudo voltasse a ser como era, apenas três dias antes.

Não poderia ela ter isso de volta? Eram apenas *três dias*. Três dias, e Hermione estaria ainda apaixonada por Mr. Edmonds, o que realmente não era um problema, já que nada poderia advir disso, e Lucy ainda seria...

Ainda seria ela mesma, feliz e confiante, e apenas praticamente noiva.

Porque é que tudo tinha de *mudar*? A vida de Lucy era perfeitamente aceitável tal como estava. Todos tinham o seu lugar, tudo estava no seu devido lugar e ela não precisava de *pensar* tanto sobre tudo. Não se preocupava com o significado do amor ou como era senti-lo, o irmão não estava secretamente apaixonado pela sua melhor amiga, e o seu casamento era um plano obscuro algures no futuro, e ela era feliz. Ela era feliz.

E queria tudo isso de volta.

Agarrou na maçaneta com mais força, tentou rodá-la, mas a mão não se movia. O pânico mantinha-se, paralisando-lhe os músculos, pressionando-lhe o peito. Não conseguia concentrar-se. Não conseguia pensar.

As pernas começaram a tremer.

Oh, meu Deus, ia cair. Ali mesmo no corredor, a poucos passos do seu objetivo, ia desabar no chão. E depois...

– Lucy!

Era Mr. Bridgerton; corria em direção a ela e ocorreu-lhe o pensamento de que tinha falhado.

Ela falhara.

Conseguira chegar ao laranjal. Tinha chegado a tempo, mas então ficara ali à porta. Como uma idiota, permanecera ali, com os dedos na maldita maçaneta e...

– Meu Deus, Lucy, o que lhe passou pela cabeça?

Ele agarrou-a pelos ombros e Lucy deixou-se apoiar na sua força. Queria cair nos braços dele e esquecer.

– Sinto muito – sussurrou ela. – Sinto muito.

Não sabia por que lamentava, mas disse-o ainda assim.

– Isto não é lugar para uma mulher sozinha – disse ele, e a voz soou diferente. Rouca. – Os homens têm estado a beber. E usam as máscaras como desculpa para...

Calou-se. E então...

– As pessoas transformam-se.

Lucy assentiu com a cabeça e finalmente olhou para cima, arrancando os olhos do chão e arrastando-os até ao rosto dele. Foi então que ela o viu. Simplesmente o viu. Aquele rosto, que se tornara tão familiar. Parecia conhecer-lhe todos os contornos, desde a leve ondulação do cabelo até à pequena cicatriz perto da orelha esquerda.

Engoliu em seco. Respirou. Não da forma normal, mas respirou. Mais lentamente, mais próximo do normal.

– Sinto muito – voltou a sair-lhe, porque não sabia mais o que dizer.

– Credo! – exclamou ele, perscrutando-lhe o rosto com os olhos urgentes. – O que é que aconteceu? Está bem? Alguém fez...

O aperto afrouxou ligeiramente enquanto olhava freneticamente ao redor.

– Quem fez isto? – exigiu saber. – Quem a fez...

– Não – disse Lucy, sacudindo a cabeça. – Não foi ninguém. Fui só eu. Eu... eu queria encontrá-los. Pensei que se... bem, eu não queria que viesse... e então eu... e então cheguei aqui e...

Os olhos de Gregory moveram-se rapidamente para as portas do laranjal.

– Eles estão lá dentro?

– Não sei – admitiu Lucy. – Acho que sim. Não consegui...

O pânico começou finalmente a recuar, quase a desaparecer, na verdade, e tudo lhe parecia tão ridículo agora. Sentia-se tão estúpida. Estava ali à porta e não tinha feito nada. Absolutamente nada.

– Não consegui abrir a porta – sussurrou por fim.

Porque tinha de lho dizer. Não era capaz de explicar a razão... nem sequer a compreendia ainda... mas tinha de lhe dizer o que acontecera.

Porque ele a encontrara.

E isso fazia toda a diferença.

– Gregory! – chamou Lady Bridgerton, entrando de rompante em cena e quase chocando com eles, claramente sem fôlego por ter tentado acompanhar o ritmo. –

Lady Lucinda! Porque é que... está bem?

Ela parecia tão preocupada que Lucy se perguntou qual seria o seu aspeto. Sentia-se pálida. Sentia-se pequenina, na verdade, mas o que estaria estampado no seu rosto para fazer com que Lady Bridgerton a olhasse com uma tão óbvia preocupação?

– Eu estou bem – assegurou Lucy, aliviada por ela não a ter visto no estado em que Mr. Bridgerton a vira. – Só um pouco alterada. Acho que corri muito depressa. Foi uma tontice. Peço desculpa.

– Quando me virei e tinha desaparecido...

Lady Bridgerton olhou-a como se estivesse a tentar ser severa, mas a preocupação vincava-lhe a testa, os olhos inundados de bondade.

Lucy tinha vontade de chorar. Nunca ninguém olhara para ela assim. Hermione amava-a, e Lucy sentia-se reconfortada por isso, mas aquilo era diferente. Lady Bridgerton não podia ser muito mais velha do que ela, uns dez anos, talvez quinze, mas a maneira como olhava para ela...

Era quase como se tivesse uma mãe.

Foi apenas um instante. Apenas alguns segundos, mas o suficiente para poder fingir. E talvez ter apenas um pouco de esperança.

Lady Bridgerton apressou-se a ir para junto dela e pousou-lhe um braço em volta dos ombros, afastando-a de Gregory, que deixou cair os braços.

– Tem a certeza de que está bem? – perguntou ela.

Lucy assentiu.

– Estou. Agora, sim.

Lady Bridgerton olhou para Gregory. Ele assentiu. Uma vez.

Lucy não sabia o que aquele gesto significava.

– Acho que eles podem estar no laranja – disse ela, sem perceber o que lhe saía misturado na voz... se resignação, se pesar.

– Muito bem – anunciou Lady Bridgerton, atirando os ombros para trás e dirigindo-se para a porta. – Não há nada como ter a certeza, não é?

Lucy sacudiu a cabeça. Gregory não fez nada.

Lady Bridgerton respirou fundo e abriu a porta. Lucy e Gregory avançaram imediatamente para espreitar lá para dentro, mas a estufa estava escura, tendo como única luz a lua, que brilhava através das amplas janelas.

– Raios partam!

O queixo de Lucy abriu-se de espanto. Nunca tinha ouvido uma mulher praguejar antes.

O trio estacou um momento e, em seguida, Lady Bridgerton avançou e chamou em voz alta:

– Lord Fennsworth! Lord Fennsworth, por favor, responda. Está aqui?

Lucy preparava-se para chamar por Hermione, mas Gregory tapou-lhe a boca com a mão.

– Não – sussurrou-lhe ao ouvido. – Se mais alguém estiver aqui, não queremos que perceba que estamos à procura dos dois.

Lucy assentiu, sentindo-se dolorosamente inexperiente. Julgava que conhecia alguma coisa do mundo, mas a cada dia que passava, parecia-lhe que entendia cada vez menos. Mr. Bridgerton afastou-se, penetrando mais no espaço. Ficou ali de pé, as mãos na cintura, a postura imponente, enquanto perscrutava o laranjal à procura de ocupantes.

– Lord Fennsworth! – voltou Lady Bridgerton a chamar.

Desta vez ouviram um ruído. Mas muito leve. E arrastado. Como se alguém estivesse a tentar ocultar a sua presença.

Lucy virou-se na direção do som, mas ninguém apareceu. Mordeu o lábio. Talvez fosse apenas um animal. Havia vários gatos em Aubrey Hall. Dormiam numa pequena casota perto da porta da cozinha, mas talvez um deles se tivesse perdido pelo caminho e ficado preso na estufa.

Tinha de ser um gato. Se fosse Richard, teria aparecido ao ouvir o seu nome.

Olhou para Lady Bridgerton, esperando para ver o que ela faria a seguir. A viscondessa tinha o olhar fixo no cunhado, murmurando alguma coisa, gesticulando com as mãos e apontando na direção do ruído.

Gregory acenou-lhe com a cabeça e avançou em passos silenciosos, as pernas compridas atravessando o espaço a uma velocidade impressionante, até que...

Lucy soltou um suspiro engasgado. Antes de ter tempo de pestanejar, Gregory tinha atacado, um som estranho e primitivo escapando-lhe rasgado da garganta. Em seguida, deu um salto no ar, caindo com um baque e um rugido ao dizer:

– Apanhei-o!

– Oh, não!

A mão de Lucy subiu para tapar a boca. Mr. Bridgerton tinha alguém preso ao chão, e as mãos pareciam estar muito perto do pescoço do seu prisioneiro.

Lady Bridgerton precipitou-se para eles e Lucy, vendo-a, finalmente lembrou-se dos próprios pés e correu também. Se fosse Richard... *oh, por favor, que não seja o Richard...* ela precisava de alcançá-lo antes de Mr. Bridgerton o matar.

– Largue-me!

– Richard! – gritou Lucy, estridente.

Era a voz dele. Era impossível confundi-la.

A figura no chão do laranjal contorceu-se e ela conseguiu ver-lhe o rosto.

– Lucy?

Parecia atordoado.

– *Oh, Richard!*

Um mundo de decepção permeava as duas palavras.

– Onde é que ela está? – perguntou Gregory.

– Onde é que está quem?

Lucy sentiu-se enjoada. Richard estava a fingir ignorância. Conhecia-o muito bem. Estava a mentir.

– Miss Watson – rosnou Gregory.

– Não sei o que...

Um horrível ruído gorgolejante escapou da garganta de Richard.

– Gregory! – Lady Bridgerton agarrou-lhe o braço. – Para!

Ele afrouxou o aperto. Muito ligeiramente.

– Talvez ela não esteja aqui – disse Lucy. Sabia que não era verdade, mas de alguma forma parecia-lhe a melhor maneira de salvar a situação. – O Richard adora flores. Sempre adorou. E não gosta de festas.

– É verdade – concordou Richard com a voz engasgada.

– Gregory, tens de o deixar levantar-se – aconselhou Lady Bridgerton.

Lucy virou-se para ela enquanto ela falava, e foi então que viu. Atrás de Lady Bridgerton.

Cor-de-rosa. Apenas um vislumbre. Mais uma fita, na verdade, quase invisível por entre as plantas.

Hermione estava vestida de cor-de-rosa. Exatamente aquele tom.

Os olhos de Lucy arregalaram-se. Talvez fosse apenas uma flor. Havia montes de flores cor-de-rosa. Voltou o olhar para Richard. Rapidamente.

Depressa de mais. Mr. Bridgerton viu-lhe o movimento rápido da cabeça.

– O que viu? – exigiu saber.

– Nada.

Mas ele não acreditou. Largou Richard e começou a avançar na direção para que Lucy estivera a olhar, mas Richard rebolou para o lado e agarrou-o por um tornozelo. Gregory caiu com um brado e rapidamente retaliou, agarrando a camisa de Richard e sacudindo-o com força suficiente para lhe raspar a cabeça pelo chão.

– Não! – gritou Lucy, precipitando-se para a frente.

Meu Deus, eles iam matar-se. Primeiro, Mr. Bridgerton estava por cima, depois Richard, depois novamente Mr. Bridgerton, e ela não conseguia perceber *quem* ganhava, tudo isto sem nunca pararem de dar *murros* um ao outro.

Lucy queria desesperadamente separá-los, mas não via como o faria sem arriscar magoar-se. Os dois estavam muito longe de se aperceberem de algo tão mundano como um ser humano.

Talvez Lady Bridgerton conseguisse detê-los. Estava em casa e os convidados eram da sua responsabilidade. Poderia atacar a situação com mais autoridade do que Lucy poderia esperar reunir.

Lucy virou-se.

– Lady Br...

As palavras evaporaram-se-lhe na garganta. Lady Bridgerton não estava no sítio onde se encontrava apenas momentos antes.

Oh, *não*.

Lucy torceu-se freneticamente para olhar em volta.

– Lady Bridgerton? Lady Bridgerton?

De repente, ali estava ela, a aproximar-se de Lucy, atravessando por entre as plantas, a mão bem presa em torno do pulso de Hermione. O cabelo de Hermione estava despenteado, o vestido amassado e sujo e... Deus do Céu... ela parecia prestes a chorar.

– Hermione? – sussurrou Lucy.

O que tinha acontecido? O que tinha feito Richard?

Por um momento, Hermione não fez nada. Limitou-se a ficar ali, como um cachorrinho culpado, o braço estendido sem energia à frente dela, quase como se se tivesse esquecido de que Lady Bridgerton ainda a segurava pelo pulso.

– Hermione, o que aconteceu?

Lady Bridgerton largou-a e foi quase como se Hermione fosse água, subitamente solta de uma represa.

– Oh, Lucy! – exclamou ela, a voz embargada ao precipitar-se para a amiga. – Sinto muito.

Lucy ficou em estado de choque, abraçando-a... mas não completamente. Hermione agarrava-se a ela como uma criança, mas Lucy não sabia bem o que fazer consigo mesma. Os braços pareciam-lhe estranhos, como se não estivessem ligados ao resto do corpo. Olhou para além do ombro de Hermione, para o chão. Os homens tinham finalmente parado de lutar, mas ela não estava certa de isso ser importante.

– Hermione? – Lucy deu um passo atrás, longe o suficiente para poder fitar-lhe o rosto. – O que aconteceu?

– Oh, Lucy! – disse Hermione. – *Eu senti o alvoroço.*

*

Uma hora mais tarde, Hermione e Richard estavam noivos. Lady Lucinda tinha sido devolvida à festa, não que se sentisse capaz de se concentrar no que quer que alguém dissesse, mas Kate insistira.

Gregory estava embriagado. Ou, pelo menos, fazia o seu melhor para atingir esse estado.

Supôs que a noite lhe fizera alguns pequenos favores. Não tinha realmente apanhado Lord Fennsworth e Miss Watson em flagrante delito. O que quer que eles estivessem a fazer... e Gregory estava a gastar uma grande quantidade de energia para *não* imaginar... tinham parado quando Kate chamara o nome de Fennsworth.

Tudo ainda lhe parecia uma farsa. Hermione pedira desculpa, depois Lucy pedira desculpa, depois *Kate* pedira desculpa, o que lhe parecera absolutamente bizarro até ela terminar a frase com «...mas a menina está, a partir deste momento, noiva».

Fennsworth mostrara-se encantado, o imbecil irritante, e tivera a distinta lata de atirar a Gregory um subtil sorriso triunfante.

A resposta de Gregory foi dar-lhe uma joelhada nas partes baixas.

Não com *muita* força.

Podia ter sido um acidente. Verdade. Eles ainda estavam no chão, enrodilhados numa posição de empate. Era inteiramente plausível que um joelho pudesse ter escorregado.

Para cima.

Fosse como fosse, Fennsworth grunhira e sucumbira. Gregory rebolara para o lado no instante em que a constrição do conde afrouxara e, num movimento fluido, levantara-se.

– Peço desculpa – dirigira-se ele às senhoras. – Não sei o que lhe deu.

E, aparentemente, fora isso. Miss Watson pedira-lhe desculpa... depois de pedir desculpa, primeiro a Lucy, depois a Kate e depois a Fennsworth, embora só Deus soubesse o porquê, já que ele claramente fora o vencedor da noite.

– Não é necessário pedir desculpa – dissera Gregory em tom tenso.

– Não, mas eu...

Ela parecia angustiada, mas, naquele momento, Gregory não queria saber.

– O nosso pequeno-almoço foi muito agradável – dissera-lhe ela. – Só queria que soubesse isso.

Porquê? Porque quisera ela *dizer-lho*? Será que achava que o faria sentir melhor?

Gregory não dissera uma palavra. Dirigira-lhe um único aceno de cabeça e fora-se embora. Os outros que tratassem dos pormenores sozinhos. Ele não tinha laços com o casal recém-noivo, nenhuma responsabilidade perante eles, nem por motivos de decoro. Não queria saber quando ou como as respetivas famílias eram informadas.

Não era preocupação sua. Nada daquilo era preocupação sua.

Por isso fora-se embora. Tinha uma garrafa de *brandy* para encontrar.

E agora ali estava ele. No escritório do irmão, a beber o álcool do irmão e a perguntar-se que diabo tudo aquilo significava. Miss Watson estava perdida para ele agora, isso era óbvio. A menos, é claro, que quisesse raptá-la.

O que não queria. Definitivamente. Ela provavelmente guincharia como uma tonta todo o caminho. Sem mencionar o pequeno problema de ela possivelmente se ter entregado a Fennsworth. Ah... e de Gregory destruir a sua boa reputação. Não se podia esquecer disso. Um homem não raptava uma donzela de educação nobre, especialmente uma que estava noiva de um conde, e esperava sair com o seu bom nome incólume.

Perguntou-se o que teria dito Fennsworth para conseguir ficar sozinho com ela.

Perguntou-se o que queria dizer Hermione quando disse que se sentira alvoroçada.

Perguntou-se se iriam convidá-lo para o casamento.

Hum. Provavelmente. Lucy iria insistir nisso, não? Uma picuinhas do decoro. Sempre cheia de boas maneiras.

E agora? Depois de tantos anos a sentir-se ligeiramente sem rumo, à espera, sempre à espera de que os pedaços da sua vida encaixassem no devido lugar, julgara ter finalmente encontrado o que queria. Tinha encontrado Miss Watson e estava pronto a avançar e conquistar.

O mundo era luminoso, bom e pleno de promessas.

Pronto, está bem, antes o mundo também era perfeitamente luminoso, bom e pleno de promessas. Ele não era infeliz, de todo. Na verdade, não se importara de esperar. Nem sequer tinha a certeza de querer encontrar a sua noiva tão cedo. Só porque sabia que o seu verdadeiro amor existia, não significava que quisesse

encontrá-lo já.

Levava uma vida muito agradável antes. Caramba, a maioria dos homens daria tudo para trocar de lugar com ele.

Não o Fennsworth, é claro.

Aquela maldita chaga devia estar naquele exato momento a planejar todos os detalhes da sua noite de núpcias.

Aquele imbeciloide mal...

Engoliu a bebida de um trago e serviu-se de outra.

Então o que significava? O que significava quando um homem conhecia a mulher que o fazia esquecer-se de respirar e ela se casava com outra pessoa? O que fazer agora? Ficar sentado à espera até a nuca de alguém o pôr em êxtase?

Bebeu mais um trago. Estava fartinho de nucas. Eram altamente sobrevalorizadas.

Recostou-se, pousando os pés na secretária do irmão. Anthony detestaria, é claro, mas ele estava no escritório? Não. Tinha ele acabado de descobrir a mulher com quem esperava casar-se nos braços de outro homem? Não. Ou mais especificamente, tinha a cara dele recentemente servido de saco de boxe a um conde surpreendentemente em forma?

Não, de todo.

Gregory tocou com cautela na face esquerda. E no olho direito.

Não ia ter um ar nada atraente amanhã, isso era certo.

Mas Fennsworth também não, pensou, todo contente.

Contente? Ele estava contente? Quem diria?

Deixou escapar um longo suspiro, tentando avaliar a sua sobriedade. Tinha de ser o *brandy*. A felicidade não estava na agenda daquela noite.

Embora...

Gregory levantou-se. Era apenas um teste. Uma espécie de investigação científica. Consequia ficar de pé?

Consequia.

Consequia andar?

Sim!

Ah, mas será que conseguia andar em linha reta?

Quase.

Hum... afinal não estava assim tão embriagado como pensava.

Nesse caso, mais lhe valia sair. Não fazia sentido desperdiçar uma súbita boa disposição.

Foi até à porta e pousou a mão na maçaneta. Parou, inclinando a cabeça para pensar.

Tinha de ser o *brandy*. Não havia outra explicação.

CAPÍTULO 11

Em que o nosso herói faz a única coisa que nunca teria sido capaz de prever.

A ironia da noite não escapou a Lucy quando fez o caminho de volta para o quarto.

Sozinha.

Após o pânico de Mr. Bridgerton devido ao desaparecimento de Hermione... depois de Lucy ter levado uma bela reprimenda por fugir sozinha a meio do que estava a tornar-se uma noite um pouco turbulenta... depois de um casal ter sido forçado a ficar noivo... pelo amor de Deus... ninguém sequer tinha notado que Lucy abandonara o baile de máscaras sozinha.

Ainda não conseguia acreditar que Lady Bridgerton insistira para que regressasse à festa. Praticamente levara Lucy pelo colarinho, depositando-a aos cuidados de uma tia solteira de alguém antes de ir buscar a mãe de Hermione, que, presumia, não fazia ideia da comoção que a aguardava.

E assim Lucy permanecera na extremidade do salão de baile, como uma parva, a olhar para o resto dos convidados e a perguntar-se como era possível eles não estarem cientes dos acontecimentos da noite. Parecia-lhe inconcebível que três vidas pudessem ser abaladas tão completamente e o resto do mundo seguisse como de costume.

Não, pensou com uma certa tristeza, na verdade eram quatro vidas; havia a considerar a de Mr. Bridgerton. Os seus planos para o futuro eram muito diferentes no início da noite.

Mas não, toda a gente parecia perfeitamente normal. Eles dançavam, riam e comiam sanduíches, que ainda estavam afeitivamente misturadas num único prato de servir.

Era uma visão bizarra. Não deveria algo parecer-lhes diferente? Não devia alguém aproximar-se de Lucy e dizer com uma expressão confusa no olhar: *Pareces-me um pouco alterada. Ah, já sei! O teu irmão deve ter seduzido a tua melhor amiga.*

Ninguém o fez, é claro, e quando Lucy se avistou a um espelho, ficou espantada ao ver que a sua aparência não sofrera qualquer alteração. Um pouco cansada, talvez, um pouco pálida, mas para além disso, a mesma velha Lucy de sempre.

O cabelo louro, não *muito* louro. Os olhos azuis, não muito azuis. A boca de contornos algo desajeitados que nunca parecia estar quieta como ela queria, e o mesmo nariz anódino com as mesmas sete sardas, incluindo aquela perto do olho que nunca ninguém notava, exceto ela.

Parecia a Irlanda. Ela não sabia por que razão isso a interessava, mas sempre a interessara.

Suspirou. Nunca tinha ido à Irlanda, e provavelmente nunca iria. Parecia uma

tolice que isso subitamente a incomodasse, já que nem sequer queria ir à Irlanda.

Mas se quisesse, teria de pedir a Lord Haselby, não era? Não era muito diferente de ter de pedir autorização ao tio Robert para fazer... bem, o que quer que fosse, mas de alguma forma...

Abanou a cabeça. Já bastava. Tinha sido uma noite estranha, e agora estava com um humor estranho, aprisionada em toda aquela estranheza no meio de um baile de máscaras.

Claramente o que precisava era de ir para a cama.

E assim, após trinta minutos a tentar parecer que estava a divertir-se, finalmente tornou-se evidente que a tia solteira encarregada de cuidar dela não tinha compreendido muito bem o alcance da sua missão. Não foi difícil de deduzir; quando Lucy tentara falar-lhe, ela fitou-a através da máscara e gritou:

– Levante o queixo, menina! Eu conheço-a?

Lucy decidiu que aquela era uma oportunidade a não desperdiçar e respondeu:

– Peço desculpa. Julguei que fosse outra pessoa. – E saiu do salão.

Sozinha.

Era quase engraçado.

Quase.

Mas ela não era parva e tinha percorrido o suficiente a casa naquela noite para saber que, embora os convidados se tivessem espalhado pelas alas oeste e sul do salão de baile, não se tinham aventurado para a ala norte, onde a família mantinha os seus aposentos privados. Estritamente falando, Lucy também não devia ir por esse caminho, mas depois do que passara nas últimas horas, achou que merecia alguma liberdade.

Contudo, quando chegou ao longo corredor que conduzia à ala norte, viu uma porta fechada. Lucy pestanejou de surpresa; nunca tinha notado que havia ali uma porta. Supôs que os Bridgerton normalmente a deixavam aberta. De repente, o entusiasmo foi-se. Certamente estaria trancada. Qual era o propósito de uma porta fechada se não para manter as pessoas do lado de fora?

Mas a maçaneta rodou com facilidade. Lucy fechou cuidadosamente a porta atrás de si, praticamente derretendo de alívio. Não aguentava sequer pensar em voltar para a festa. Só lhe apetecia rastejar para a cama, enrolar-se debaixo dos cobertores, fechar os olhos e dormir, dormir, dormir.

Parecia-lhe o paraíso. Com sorte, Hermione ainda não teria regressado. Ou melhor ainda, a mãe teria insistido para que passasse a noite com ela no seu quarto.

Sim, privacidade parecia-lhe extremamente apelativa naquele momento.

Estava escuro e o silêncio imperava. Após um minuto, mais ou menos, os olhos de Lucy adaptaram-se à luz fraca. Não havia lanternas ou velas para lhe iluminar o caminho, mas algumas portas tinham sido deixadas abertas, permitindo que feixes pálidos de luar desenhassem quadriláteros no tapete. Ela avançou em passo vagaroso, com uma certa e estranha ponderação, cada passo cuidadosamente medido e orientado, como se estivesse a equilibrar-se num arame fino, que se

estendia ao longo do centro do corredor.

Um, dois...

Nada fora do vulgar. Tinha o hábito de contar os passos. E *sempre* nas escadas. Ficara surpreendida quando fora para a escola e percebera que as outras pessoas não o faziam.

...três, quatro...

A passadeira do corredor parecia monocromática ao luar, mas Lucy sabia que os grandes diamantes eram vermelhos e que os mais pequenos eram dourados. Perguntou-se se conseguiria pisar apenas os dourados.

...cinco, seis...

Ou talvez os vermelhos. Só os vermelhos, seria mais fácil. Aquela não era uma noite para se impor desafios.

...sete, oito, n...

– Pfff!

Bateu em alguma coisa. Ou... Deus do Céu... em *alguém*. Estava com os olhos postos no chão, seguindo os diamantes vermelhos, e não tinha visto... mas não devia a outra pessoa tê-la visto a *ela*?

Mãos fortes agarraram-na pelos braços para a segurar.

E então...

– Lady Lucinda?

Ela ficou gelada.

– Mr. Bridgerton?

A voz dele saiu baixa e suave na escuridão.

– Ora, ora, que coincidência.

Lucy desenvencilhou-se cuidadosamente dele, pois ele tinha-a agarrado pelos braços para evitar que caísse, e recuou. Ele parecia imenso no espaço confinado e estreito do corredor.

– O que está a fazer aqui? – perguntou ela.

Ele ofereceu-lhe um sorriso suspeitamente desconfiado.

– O que está Lady Lucinda a fazer aqui?

– A caminho de ir dormir. Este corredor pareceu-me o melhor caminho – explicou ela, acrescentando com uma expressão irónica –, dado o meu desacompanhamento.

Ele inclinou a cabeça. Franziu a testa. Piscou os olhos. E finalmente:

– Isso é uma palavra?

Por algum motivo o comentário fê-la sorrir. O sorriso não lhe assomou aos lábios, exatamente, foi um sorriso interior, onde era mais importante.

– Julgo que não – respondeu ela –, mas também não me interessa.

Ele sorriu levemente e, em seguida, fez um sinal com a cabeça para o aposento de onde devia ter acabado de sair.

– Eu estava no escritório do meu irmão. A refletir.

– A refletir?

– Tem havido muita reflexão esta noite, não acha?

– Sim. – Ela olhou em volta, só para o caso de haver mais alguém por ali, mesmo tendo quase a certeza de que não havia. – Eu não devia estar aqui sozinha consigo.

Ele assentiu com gravidade.

– Não quero causar nenhum transtorno ao seu quase noivado.

Lucy nem sequer tinha pensado *nisso*.

– Eu quis dizer depois do que aconteceu com a Hermione e... – De repente pareceu-lhe insensível completar a frase. – Bem, certamente que está ciente.

– De facto.

Ela engoliu em seco e tentou fazer de conta que não estava a perscrutar-lhe o rosto para descobrir se ele estava aborrecido.

Ele limitou-se a pestanejar, encolheu os ombros e sua expressão era...

Indiferente?

Ela mordeu o lábio. Não, não podia ser. Devia ter interpretado mal. Ele era um homem apaixonado. Ele mesmo lho tinha dito.

Mas ela não tinha nada que ver com o assunto, o que lhe exigia uma certa dose de autolembrança (para adicionar mais uma palavra à sua coleção em rápido crescimento). Não tinha nada que ver com isso. Nada de nada.

Bem, exceto a parte do irmão e da melhor amiga. Ninguém poderia dizer que *isso* não lhe dizia respeito. Se tivesse sido apenas Hermione, ou apenas Richard, *podia* haver o argumento de que ela devia manter o nariz fora do assunto, mas tratando-se de ambos... bem, é claro que estava envolvida.

Quanto a Mr. Bridgerton, no entanto... não tinha *nada* que ver com isso.

Olhou para ele. O colarinho da camisa estava desapertado e podia ver um pequeno pedaço de pele para onde sabia que não devia olhar.

Nada. Nada! Não era assunto dela. De todo.

– Certo – disse ela, arruinando o seu tom determinado com uma tosse decididamente involuntária. Um espasmo. Um espasmo de tosse. Vagamente pontuado por: – Tenho de ir andando.

Mas saiu mais como... bem, saiu como algo que ela sabia não poder ser soletrado com as vinte e seis letras da língua inglesa. Talvez em cirílico. Ou possivelmente hebraico.

– Sente-se bem? – perguntou ele.

– Perfeitamente – respondeu ela com um suspiro, percebendo que voltara a olhar para aquele ponto que nem sequer era o pescoço. Era mais o peito, o que significava que era um sítio assumidamente impróprio.

Arrancou os olhos dali e voltou a tossir, desta vez de propósito. Porque tinha de fazer *alguma* coisa. Caso contrário, os olhos logo voltariam para onde não deveriam ir.

Ele fitou-a, uma expressão quase de coruja, esperando que recuperasse.

– Melhor?

Ela assentiu.

– Fico contente.

Contente? *Contente*? O que é que *isso* significava?

Ele encolheu os ombros.

– Detesto quando isso acontece.

Ele é um ser humano, Lucy, sua idiota. Uma pessoa que sabe o que é ter a garganta arranhada.

Estava a enlouquecer. Tinha a certeza disso.

– Tenho de ir – deixou ela escapar.

– Pois tem.

– Realmente devo.

Mas ficou ali.

Ele fitava-a com uma expressão muito *estranha*. Os olhos semicerrados... não daquela forma que as pessoas associam normalmente à ira, mas como se estivesse em profunda reflexão acerca de algo.

A refletir. Era isso. Ele estava a refletir, como tinha dito.

Só que ele estava a refletir sobre *ela*.

– Mr. Bridgerton? – perguntou ela, hesitante.

Não que soubesse o que lhe perguntaria a seguir.

– Bebe, Lady Lucinda?

Bebe?

– Desculpe?!

Ele abriu um meio sorriso envergonhado.

– *Brandy*. Eu sei onde é que o meu irmão guarda as garrafas boas.

– Oh! – *Deus do Céu!* – Não, claro que não.

– Pena – murmurou ele.

– Eu também não poderia – acrescentou ela, porque... bem, achou-se na obrigação de explicar.

Embora *é claro* que não bebesse bebidas espirituosas.

E *é claro* que ele sabia disso.

Ele encolheu os ombros.

– Não sei porque perguntei.

– Tenho de ir – disse ela.

Mas ele não se mexeu.

Nem ela.

Ela perguntou-se qual seria o sabor do *brandy*.

E a seguir perguntou-se se alguma vez saberia.

– Gostou da festa? – perguntou ele.

– Da festa?

– Não foi obrigada a voltar para lá?

Ela anuiu, revirando os olhos.

– Foi-me fortemente sugerido.

– Ah, então ela arrastou-a.

Lucy soltou uma risadinha, surpreendendo-se a si própria.

– Muito perto disso. E não tinha a minha máscara, o que me fez dar um

bocadinho nas vistas.

– Como um cogumelo?

– Como um...?

Ele olhou para o vestido dela e acenou para a cor.

– Um cogumelo azul.

Ela olhou para si mesma e depois para ele.

– Mr. Bridgerton, está embriagado?

Ele inclinou-se para a frente com um sorriso malicioso e um pouco frívolo.

Ergueu a mão, o dedo polegar e o indicador quase encostados, como se medindo um centímetro.

– Só um bocadinho.

Ela fitou-o, desconfiada.

– A sério?

Ele olhou para os dedos de sobrolho franzido e acrescentou mais uns centímetros à distância entre os dedos.

– Bem, talvez assim um bocado.

Lucy não sabia muito sobre homens ou sobre bebidas espirituosas, mas sabia o suficiente sobre os dois juntos para perguntar:

– Não é sempre o caso?

– Não. – Ele ergueu as sobrancelhas e olhou-a com altivez. – Normalmente sei exatamente o nível de embriaguez em que me encontro.

Lucy não tinha resposta para aquilo.

– Mas sabe, hoje não tenho a certeza.

E parecia surpreendido por isso.

– Oh! – Esta noite o seu poder de oratória estava ótimo.

Ele sorriu.

Ela sentiu o estômago estranho.

Tentou retribuir o sorriso. Realmente ela devia ir-se embora.

Por isso, naturalmente, não se mexeu.

Com a cabeça inclinada para o lado, Gregory soltou um suspiro pensativo, e Lucy teve a nítida impressão de que ele fazia exatamente o que dissera que tinha estado a fazer... refletir.

– Estava aqui a pensar – começou ele lentamente – que, dado os acontecimentos desta noite...

Ela inclinou-se para a frente, na expectativa. Porque é que as pessoas deixam sempre as vozes quase desaparecer quando estão prestes a dizer algo relevante?

– Mr. Bridgerton? – incitou-o, pois agora ele limitava-se a olhar para um quadro na parede.

Os lábios dele torceram-se, pensativos.

– Não acha que eu devia estar um pouco mais abalado?

Os lábios dela entreabriram-se de espanto.

– Não está abalado?

Como era possível?

Ele encolheu os ombros.

– Não tanto quanto deveria, considerando que o meu coração quase parou de bater, a primeira vez que vi Miss Watson.

Lucy abriu um sorriso tenso.

A cabeça dele retomou a posição vertical, olhou-a e pestanejou... os olhos perfeitamente límpidos, como se tivesse acabado de chegar a uma conclusão óbvia.

– É por isso que suspeito do *brandy*.

– Entendo. – Não entendia, claro, mas o que mais poderia dizer? – O senhor... hã... certamente parecia abalado.

– Estava irritado – explicou.

– E já não está?

Ele pensou sobre isso.

– Oh, ainda estou irritado.

E Lucy sentiu necessidade de pedir desculpa. *Sabia* que era ridículo, porque nada daquilo era culpa sua. Mas estava tão arraigada nela, aquela necessidade de se desculpar por tudo. Não conseguia evitar. Queria que todos fossem felizes. Sempre fora assim. Era mais bonito assim. Mais ordeiro.

– Peço desculpa por não ter acreditado em si, sobre o meu irmão – disse ela. – Eu não sabia. Não sabia mesmo.

Ele fitou-a com olhos amáveis. Lucy não sabia quando acontecera, pois, ainda um momento antes, o ar dele era insolente e despreocupado. Mas agora... estava diferente.

– Eu sei que não – respondeu. – E não precisa de pedir desculpa.

– Fiquei tão chocada como o senhor quando os encontramos.

– Eu não fiquei muito chocado – garantiu ele.

Disse-o gentilmente, como se tentasse poupar-lhe os sentimentos. Fazê-la sentir-se menos burra por não ter visto o óbvio.

Ela anuiu.

– Não, imagino que não. Percebeu o que estava a acontecer, e eu não.

A verdade é que se sentia uma idiota. Como podia ela ter estado tão completamente a leste? Tratava-se da Hermione e do seu próprio irmão, por amor de Deus! Se alguém devia detetar o início de um romance, devia ser ela.

Seguiu-se uma pausa, uma pausa constrangedora, e então ele disse:

– Eu vou ficar bem.

– Oh, é claro que vai – disse Lucy para o tranquilizar.

E então *ela* sentiu-se tranquilizada, porque era tão agradável e *normal* ser ela a tentar colocar tudo no seu devido lugar. Era isso que fazia. Atarefava-se. Garantia que todos estavam felizes e confortáveis.

Ela era assim.

Mas então ele perguntou... oh, *porque é que* ele perguntou...

– E Lady Lucinda, também?

Ela não respondeu.

– Fica bem? – esclareceu ele. – Vai ficar bem – fez uma pausa e encolheu os ombros – também?

– Claro – respondeu ela, um pouco depressa de mais.

Julgou ser o fim da conversa, mas, ele insistiu:

– Tem a certeza? Porque me pareceu um pouco...

Ela engoliu em seco, esperando desconfortavelmente pela avaliação.

– ...transtornada – completou ele.

– Bem, fiquei surpreendida – explicou ela, feliz por ter uma resposta. – Por isso, naturalmente, fiquei um pouco desconcertada.

Contudo, sentiu o ligeiro gaguejar da própria voz e perguntou-se quem estava ela a tentar convencer.

Ele não disse nada.

Ela engoliu em seco. Era uma situação desconfortável. *Ela* estava desconfortável, mas ainda assim continuou a falar, continuou a explicar tudo.

– Não estou inteiramente certa do que aconteceu.

Ainda assim, ele não falou.

– Senti-me um pouco... aqui...

A mão subiu para pousar no peito, no sítio onde se sentira tão paralisada. Ergueu o olhar para ele, praticamente implorando-lhe com os olhos para que dissesse alguma coisa, para mudar de assunto e terminar a conversa.

Mas ele não o fez. E o silêncio fê-la explicar.

Se ele tivesse feito uma pergunta, tivesse dito uma palavra que fosse de conforto, ela não o teria dito. Mas o silêncio era demasiado. Tinha de ser preenchido.

– Eu não conseguia mexer-me – disse ela, testando as palavras à medida que lhe saíam dos lábios. Era como se, falando, finalmente confirmasse o acontecido. – Cheguei à porta, e não fui capaz de a abrir.

Olhou para ele, em busca de respostas. Mas é claro que ele não as tinha.

– Eu... não sei porque fiquei tão abalada. – A voz agora soava ofegante, nervosa. – Quero dizer, era a Hermione. E o meu irmão. Eu... lamento a sua dor, mas a verdade é que assim fica tudo bem arrumado. É bom. Ou, pelo menos, devia ser. A Hermione vai ser minha irmã. Eu sempre quis ter uma irmã.

– Ter irmãos é ocasionalmente divertido.

Disse-o com um meio sorriso, fazendo Lucy sentir-se melhor. Era espantoso o quanto a fizera sentir-se melhor. E foi o suficiente para que as palavras se derramassem, desta vez sem hesitação, sem um gaguejo sequer.

– Eu não podia acreditar que eles tinham escapado juntos. Deviam ter-me dito alguma coisa. Deviam ter-me dito que gostavam um do outro. Eu não devia ter de descobrir daquela maneira. Não está certo. – Ela agarrou-lhe o braço e fitou-o, os olhos sérios e urgentes. – Não está certo, Mr. Bridgerton. Não está certo.

Ele meneou a cabeça, apenas ligeiramente. O queixo e os lábios mal se moveram ao responder:

– Não.

– Está tudo a mudar – sussurrou ela, e já não estava a falar de Hermione. Mas não tinha importância, e não queria pensar mais. Sobre aquilo. Nem sobre o futuro.

– Está tudo a mudar – sussurrou – e eu não posso impedir.

Sem saber como, o rosto dele estava mais perto do seu ao dizer mais uma vez:

– Não.

– É de mais. – Não conseguia parar de olhar para ele, não conseguia tirar os olhos dos seus, e continuava a sussurrar... – É tudo demasiado... – quando já não havia distância entre eles.

E os lábios dele... tocaram os seus.

Era um beijo.

Ela tinha sido beijada.

Ela. Lucy. Por uma vez, ela era o centro. Era o centro do seu próprio mundo. Era a vida. E estava a acontecer-lhe a *ela*.

Era extraordinário, porque tudo parecia tão *grande*, tão transformador. E, no entanto, era apenas um beijo... suave, apenas um roçar, tão leve que quase fazia cócegas. Sentiu uma agitação, um arrepio, uma leveza a formigar-lhe no peito. O corpo pareceu ganhar vida e ao mesmo tempo petrificar, como se com medo de que um movimento errado pudesse fazer desaparecer tudo.

Não queria que aquela sensação desaparecesse. Que Deus a ajudasse, mas ela queria aquilo. Queria este momento, queria esta memória, queria...

Simplesmente *queria*.

Tudo. Qualquer coisa que pudesse conseguir.

Qualquer coisa que pudesse sentir.

Os braços envolveram-na e inclinou-se, suspirando contra a boca dele enquanto o corpo se encostava ao seu. Era isto, pensou vagamente. Isto era a música. Isto era uma sinfonia.

Isto era o alvoroço. Mais do que um simples alvoroço.

A boca dele tornou-se mais urgente, e Lucy abriu-se para ele, deleitando-se no calor do seu beijo. Era como se lhe falasse, lhe chamasse pela alma. As mãos dele abraçavam-na com uma força que crescia e as suas subiram até finalmente repousarem onde o cabelo encontrava o colarinho.

Não tinha a intenção de o tocar, nem sequer pensara nisso. As suas mãos pareciam saber para onde ir, como o encontrar, como o trazer para mais perto. As costas dela arquearam-se e o calor entre ambos aumentou.

E o beijo continuou... e continuou.

Sentiu-o na boca do estômago, sentiu-o na ponta dos dedos dos pés. Aquele beijo parecia estar em toda a parte, percorrendo-lhe toda a pele e indo direto à alma.

– Lucy – sussurrou ele, os lábios finalmente afastando-se dos seus para traçar um caminho ardente desde o maxilar até à orelha. – Meu Deus, Lucy!

Ela não queria falar, não queria fazer nada que pudesse estragar o momento. Não sabia o que lhe chamar, não conseguia dizer *Gregory*, mas *Mr. Bridgerton* já não lhe parecia certo.

Ele significava mais agora. Mais para ela.

Lucy tinha razão. Estava *tudo* a mudar. Não se sentia a mesma. Sentia-se...

Desperta.

Arqueou o pescoço quando ele lhe beliscou o lóbulo da orelha com os lábios, deixando escapar sons suaves e incoerentes, que lhe deslizavam dos lábios como uma canção. Queria afundar-se nele. Queria deslizar para o tapete e levá-lo com ela. Queria sentir-lhe o peso, o calor, queria *tocá-lo*... queria *fazer* alguma coisa. Queria agir. Queria ser ousada.

Deslizou as mãos para o cabelo dele, afundando os dedos nos fios sedosos. Gregory deixou escapar um pequeno gemido, e o som da voz dele foi o suficiente para lhe acelerar o coração. Ele fazia-lhe, coisas extraordinárias no pescoço... os lábios, a língua, os dentes... não sabia qual, mas um deles estava a deixá-la em chamas.

Os lábios dele desceram-lhe pelo pescoço, fazendo chover fogo ao longo da sua pele. E as mãos dele... estavam já noutro sítio. Tinham descido até às nádegas, pressionando-a contra si, e tudo parecia tão *urgente*.

Isto já não era só o que ela queria. Era aquilo de que precisava.

Teria sido isto que acontecera a Hermione? Teria ela inocentemente ido dar um passeio com Richard e então acontecera... *isto*?

Lucy entendia agora. Entendia o que significava querer algo que sabia estar errado, mas permitir que acontecesse, mesmo que pudesse levar ao escândalo e...

E então ela disse-o. Tentou fazê-lo.

– Gregory – sussurrou, testando o nome nos lábios.

Saboreou o nome como um carinho, algo íntimo, quase como se pudesse mudar o mundo e tudo ao seu redor com uma única palavra.

Se dissesse o nome dele, então Gregory poderia ser dela, e ela podia esquecer tudo o resto, poderia esquecer...

Haselby.

Meu Deus, estava noiva. Já não era só um entendimento. Os documentos tinham sido assinados. E estava...

– Não – disse ela, empurrando o peito dele com as mãos. – Não, eu não posso.

Gregory permitiu que ela o afastasse. Lucy desviou a cabeça, receosa de o encarar. Sabia que... se lhe visse o rosto...

Era fraca. Não seria capaz de resistir.

– Lucy – disse ele, e ela percebeu que ouvi-lo era tão difícil de suportar como teria sido olhá-lo no rosto.

– Não posso fazer isto. – Ela sacudiu a cabeça, recusando-se ainda a olhá-lo. – Está errado.

– Lucy...

E desta vez sentiu os dedos dele no queixo, pedindo-lhe gentilmente que o encarasse.

– Por favor, deixe-me acompanhá-la lá acima – pediu.

– Não! – A palavra saiu demasiado alta, e ela calou-se, engolindo

desconfortavelmente. – Não posso arriscar – afirmou, permitindo finalmente que os olhos encontrassem os dele.

Foi um erro. A maneira como a olhava... os olhos estavam sérios, mas não era só isso. Havia neles uma certa suavidade, um toque de calor. E curiosidade. Como se... como se Gregory não tivesse a certeza do que via. Como se a olhasse pela primeira vez.

Deus do Céu, essa era a parte que não podia suportar. Não sabia porquê. Talvez fosse porque ele olhava para *ela*. Talvez fosse porque a expressão era tão... *ele*. Talvez fosse por ambos.

Talvez não tivesse importância.

Mas aterrorizava-a na mesma.

– Não vai dissuadir-me – declarou ele. – A sua segurança é responsabilidade minha.

Lucy pensou o que teria acontecido ao homem levemente embriagado e bastante alegre com quem conversara momentos antes. No seu lugar estava alguém completamente diferente. Alguém cheio de sentido de responsabilidade.

– Lucy – disse ele, e não era exatamente uma pergunta, mais uma advertência.

Levaria a sua avante e ela teria de aceitar.

– O meu quarto não é longe – disse ela, tentando uma última vez. – Asseguro-lhe, não preciso que me acompanhe. É só subir as escadas.

E atravessar o corredor e virar a esquina, mas ele não precisava de saber disso.

– Acompanho-a até ao cimo das escadas, então.

Lucy sabia que não valia a pena contestar. Ele não iria ceder. A voz era calma, mas tinha um subtom que ela desconfiava nunca ter ouvido antes.

– E ficarei lá até chegar ao seu quarto.

– Isso não é necessário.

Ele ignorou-a.

– Bata três vezes quando chegar.

– Eu não vou...

– Se não a ouvir bater, subo para me assegurar pessoalmente do seu bem-estar.

Gregory cruzou os braços, e quando ela o olhou perguntou-se se ele teria sido o mesmo homem se tivesse sido o primeiro filho. Tinha uma aura de inesperada imperiosidade. Teria dado um excelente visconde, decidiu, embora não tivesse a certeza se teria gostado dele tanto como gostava. Para ser franca, Lord Bridgerton aterrorizava-a, embora ele devesse ter um lado mais aprazível, uma vez que era tão óbvia a adoração que tinha pela mulher e pelos filhos.

Ainda assim...

– *Lucy*.

Ela engoliu em seco e cerrou os dentes, odiando ter de admitir que tinha mentido.

– Está bem – aceitou a contragosto. – Se quer ouvir-me a bater, é melhor subir as escadas.

Ele anuiu e seguiu-a, subindo os dezassete degraus.

– Vejo-a amanhã – disse ele.

Lucy não disse nada. Tinha a sensação de que seria imprudente.

– Vejo-a amanhã – repetiu ele.

Ela assentiu, pois parecia-lhe ser necessário e, de qualquer maneira, não via como poderia evitá-lo.

E queria vê-lo. Não devia querer, *sabia* que não, mas não era capaz de se conter.

– Imagino que iremos embora – disse ela. – Tenho de ir ter com o meu tio e o Richard... bem, ele deve ter muitos assuntos para tratar.

Mas as explicações não alteraram a expressão dele, ainda resoluta, de olhos tão firmemente fixos nos seus que a fez estremecer.

– Vejo-a amanhã de manhã – foi tudo o que disse.

Lucy voltou a assentir e foi-se embora, tão depressa quanto conseguiu, sem desatar a correr. Virou a esquina e, finalmente, viu o seu quarto, três portas mais adiante.

Mas parou. Ali na esquina, fora da vista dele.

E bateu três vezes.

Só porque podia.

CAPÍTULO 12
Em que nada é resolvido.

Quando Gregory se sentou para o pequeno-almoço no dia seguinte, Kate já lá estava, mal-encarada e cansada.

– Sinto muito – foi a primeira coisa que ela disse quando se sentou ao lado dele.

Mas o que é que se passava com tantas lamentações?, perguntou-se. Estavam em alta nos últimos dias.

– Eu sei que tinhas esperança...

– Não tem importância – interrompeu ele, olhando de relance para o prato de comida que ela deixara no outro lado da mesa. Dois lugares abaixo.

– Mas...

– Kate – disse ele, e nem reconheceu a própria voz. Parecia mais velho, se isso era possível. Mais duro.

Ela calou-se, os lábios ainda entreabertos, como se as palavras lhe tivessem ficado presas na língua.

– Não tem importância – reafirmou ele e deu atenção aos ovos.

Não queria falar sobre o assunto, não queria ouvir explicações. O que estava feito, estava feito, e não havia nada que ele pudesse fazer acerca disso.

Concentrado na comida, Gregory não estava a perceber o que Kate fazia; talvez a olhar em volta da sala e a tentar perceber se algum dos convidados conseguia ouvir a conversa. De vez em quando ouvia-a a remexer-se na cadeira, mudando de posição de forma inconsciente, como se quisesse dizer alguma coisa.

Ele passou para o *bacon*.

E então... sabia que ela não seria capaz de manter a boca fechada muito tempo.

– Mas estás...

Ele virou-se. Olhou para ela com ar severo. E disse uma palavra.

– Não.

Por um momento, a expressão de Kate permaneceu inalterada. Em seguida, os olhos arregalaram-se e um canto da boca subiu. Muito ligeiramente.

– Quantos anos tinhas quando nos conhecemos? – perguntou ela.

O que diabo queria ela agora?

– Não sei – respondeu, impaciente, tentando lembrar-se do casamento do irmão. Lembrava-se de que tinha tido uma quantidade gigantesca de flores. Gregory espiarrara durante semanas, ou assim lhe parecera. – Treze, talvez. Doze?

Kate fitou-o com curiosidade.

– Deve ser difícil, penso eu, seres tão mais novo do que os teus irmãos.

Ele pousou o garfo.

– O Anthony, o Benedict e o Colin... são todos seguidos, em filinha. Como patos, sempre pensei, embora não seja tonta ao ponto de lhes dizer. E depois... hum. Quantos anos entre ti e o Colin?

– Dez.

– Só?

Kate pareceu surpreendida, o que ele não achou particularmente elogioso.

– A diferença entre o Colin e o Anthony é de seis anos – continuou ela, encostando um dedo ao queixo como se indicasse profunda reflexão. – Um pouco mais, na verdade. Mas suponho que normalmente eles sejam agrupados, tendo em conta o Benedict no meio.

Gregory esperou.

– Bem, não importa – disse ela bruscamente. – Todos acabam por encontrar o seu lugar na vida. E então...

Ele olhou-a com espanto. Como podia Kate mudar de assunto tão radicalmente? Antes ainda de ele sequer ter alguma ideia do que ela estava a falar.

– Suponho que deva informar-te do resto dos acontecimentos da noite passada. Depois de teres saído. – Kate suspirou... mais um resmungo, na verdade... e abanou a cabeça. – Lady Watson ficou um pouco aborrecida por a filha não ter sido cuidadosamente supervisionada, embora, francamente, de quem é a culpa? E depois ficou aborrecida por a temporada social de Miss Watson em Londres ter acabado antes de ela ter a oportunidade de gastar dinheiro num novo guarda-roupa. Porque, afinal de contas, ela agora já não precisa de fazer o debut.

Kate fez uma pausa, esperando que Gregory dissesse alguma coisa. Ele ergueu as sobrancelhas com um encolher de ombros ínfimo, apenas o suficiente para indicar que não tinha nada a acrescentar à conversa.

Kate deu-lhe mais um segundo e, em seguida, continuou:

– Contudo, Lady Watson mudou de atitude num instante quando lhe foi apontado que, embora ainda jovem, Fennsworth é um conde.

Fez outra pausa, torcendo os lábios.

– Ele é muito novo, não é?

– Não muito mais novo do que eu – disse Gregory, apesar de ainda na noite anterior ter pensado em Fennsworth como um garoto.

Kate pareceu refletir sobre aquilo.

– Não – disse ela lentamente –, há uma diferença. Ele não... bem, não sei. Seja como for...

Porque passava ela a vida a mudar de assunto assim que começava a dizer algo que ele realmente queria ouvir?

– ...o noivado está resolvido – continuou Kate, o discurso ganhando velocidade – e acredito que todas as partes envolvidas estão satisfeitas.

Gregory supôs que ele próprio não contasse como parte envolvida. Mas, também, o que sentia era mais irritação do que qualquer outra coisa. Não gostava de ser vencido. Em nada.

Bem, exceto no tiro ao alvo. Há muito tempo que desistira disso.

Como é que nunca lhe ocorrera, nem uma vez, que havia a possibilidade de não conseguir conquistar Miss Watson? Sabia que não seria fácil, mas para ele, era um facto consumado. Predestinado.

Na verdade, tinha vindo a fazer progressos com ela. Fizera-a rir, por amor de Deus. Rir. Certamente que tinha de significar alguma coisa.

– Eles vão-se embora hoje – anunciou Kate. – Todos eles. Separados, é claro. Lady e Miss Watson vão tratar dos preparativos para o casamento e Lord Fennsworth vai levar a irmã para casa. Afinal de contas, foi por isso que ele veio.

Lucy. Tinha de ver Lucy.

Tinha estado a tentar não pensar nela.

Nem sempre com o melhor resultado.

Mas ela estava lá, constantemente, a pairar no fundo da sua mente, mesmo ensimesmado pela perda de Miss Watson.

Lucy. Era impossível agora pensar nela como Lady Lucinda. Mesmo que não a tivesse beijado, ela seria Lucy. Era quem ela era. Assentava-lhe na perfeição.

Mas ele *tinha-a* beijado. E tinha sido magnífico.

Acima de tudo, inesperado.

Tudo o surpreendera, até mesmo o facto de o ter feito. Era Lucy. Não era suposto ele beijar *Lucy*.

Mas ela estava a agarrar-lhe o braço. E aqueles olhos... o que tinham os olhos dela? Olhava-o como se procurasse algo.

Como se procurasse alguma coisa *nele*.

Gregory não tinha intenção de o fazer. Aconteceu. Sentiu-se atraído, inexoravelmente atraído na sua direção, e o espaço entre ambos tinha diminuído cada vez mais...

E de repente, ali estava ela. Nos seus braços.

Quisera derreter-se no chão, perder-se nela e nunca mais a largar.

Quisera beijá-la até ambos se derreterem de paixão.

Quisera...

Bom, para dizer a verdade, quisera fazer muita coisa. Mas também estava ligeiramente embriagado.

Não muito. Mas o suficiente para duvidar da veracidade da sua resposta.

E tinha ficado com raiva. E sem equilíbrio.

Não por causa de Lucy, é claro, mas desconfiava que a sua capacidade de discernimento ficara prejudicada.

Ainda assim, Gregory devia vê-la. Lucy era uma donzela de boa educação. Um homem não beijava uma *dessas* sem dar explicações. E devia pedir desculpa também, apesar de realmente não ter vontade de o fazer.

Mas era o que *devia* fazer.

Olhou para Kate.

– Quando é que eles partem?

– Lady e Miss Watson? Esta tarde, acho eu.

Não, ele quase deixou escapar, *eu quis dizer Lady Lucinda*. Mas conteve-se e manteve a voz des preocupada ao perguntar:

– E Fennsworth?

– Logo, acho. Lady Lucinda já tomou o pequeno-almoço. – Kate pensou um

momento. – Acredito que Fennsworth disse que queria estar em casa por volta da hora do jantar. Mas podem fazer a viagem num dia. Não vivem assim tão longe.

– Perto de Dover – murmurou Gregory distraidamente.

A testa de Kate franziu-se.

– Julgo que estás correto.

Gregory fez uma carranca à comida. Tinha pensado esperar ali por Lucy; ela não escaparia ao pequeno-almoço. Mas se já tinha comido, então o momento da sua partida estava próximo.

E ele precisava de a encontrar.

Levantou-se. Um pouco abruptamente, batendo com a coxa no rebordo da mesa e fazendo com que Kate olhasse para ele com uma expressão assustada.

– Não acabas o pequeno-almoço? – perguntou.

Gregory abanou a cabeça.

– Não tenho fome.

Ela olhou-o com evidente descrença. Afinal, Kate era um membro da família há mais de dez anos.

– Como é isso possível?

Ele ignorou a pergunta.

– Desejo-te uma bela manhã.

– Gregory?

Ele virou-se. Não queria, mas sentiu uma ligeira diferença na voz dela, o suficiente para saber que devia prestar-lhe atenção.

Os olhos de Kate encheram-se de compaixão... e apreensão.

– Não vais à procura de Miss Watson, pois não?

– Não – respondeu ele, e era quase cómico, pois essa era a última coisa que lhe passaria pela cabeça.

Lucy ficou a olhar para as malas prontas, sentindo-se cansada. E triste. E confusa.

E só Deus sabia mais o quê.

Espremada. Era assim que se sentia. Já tinha visto as criadas com as toalhas de banho, como elas torciam e torciam para espremer até à última gota de água.

Era assim que se sentia.

Ela era uma toalha de banho.

– Lucy?

Era Hermione, que entrava calmamente no quarto. Lucy já dormia quando Hermione regressara na noite anterior, e Hermione ainda dormia quando Lucy saíra para o pequeno-almoço.

Quando Lucy voltara ao quarto, Hermione tinha saído. De muitas maneiras, Lucy ficara agradecida por isso.

– Estava com a minha mãe – explicou Hermione. – Partimos esta tarde.

Lucy assentiu. Tinha encontrado Lady Bridgerton ao pequeno-almoço e ela

informara-a dos planos de todos. Quando regressara ao quarto, as suas coisas já estavam guardadas nas malas e prontas para serem levadas para a carruagem.

E pronto, era o fim.

– Queria falar contigo – disse Hermione, empoleirando-se na beira da cama, mas mantendo uma distância respeitosa de Lucy. – Queria explicar.

O olhar de Lucy permaneceu fixo nas malas.

– Não há nada a explicar. Estou muito feliz por te casares com o Richard. – Esboçou um sorriso cansado. – Agora vais ser minha irmã.

– Não pareces feliz.

– Estou cansada.

Hermione ficou em silêncio um momento e então, quando ficou claro que Lucy não ia dizer mais nada, ela continuou:

– Queria ter a certeza de que sabias que eu não estava a esconder segredos de ti. Nunca faria isso. Espero que saibas que eu nunca faria isso.

Lucy anuiu, porque sim, sabia, mesmo que se tivesse sentido abandonada e talvez até um pouco traída na véspera.

Hermione engoliu em seco, o maxilar cerrou-se e depois respirou fundo. Naquele momento, Lucy soube que a amiga tinha ensaiado aquelas palavras durante horas, revirando-as na mente, à procura da combinação perfeita para dizer o que sentia.

Era exatamente o que Lucy teria feito, contudo, de alguma forma, a consciência disso dava-lhe vontade de chorar.

Mas apesar de tanto ensaio, quando Hermione falou ainda fazia alterações, escolhendo novas palavras e frases.

– Eu realmente amava... não – disse ela, falando mais para si do que para Lucy.

– O que eu quero dizer é, eu realmente *achava* que amava Mr. Edmonds. Mas tenho de admitir que não. Porque primeiro foi Mr. Bridgerton, e então... o Richard.

Lucy ergueu os olhos agora atentos.

– O que queres dizer com «primeiro foi Mr. Bridgerton»?

– Eu... eu não sei exatamente – respondeu Hermione, desorientada com a pergunta. – Quando tomei o pequeno-almoço com ele, foi como se acordasse de um longo e estranho sonho. Lembras-te de que te falei disso? Oh, não ouvi música nem nada disso, nem sequer me senti... bem, não sei explicar, mas embora não me sentisse de forma alguma dominada pela emoção, como me sentia com Mr. Edmonds, eu... fez-me pensar. Sobre ele. Sobre se porventura eu *poderia* sentir alguma coisa. Se tentasse. E não percebia como poderia estar apaixonada por Mr. Edmonds se Mr. Bridgerton me fazia pensar.

Lucy assentiu. Gregory Bridgerton também a fizera pensar. Mas não sobre se ela poderia. Isso ela sabia. Só queria saber como fazer para *não* pensar.

Mas Hermione não percebeu a sua angústia. Ou talvez Lucy a escondesse bem. Fosse como fosse, Hermione prosseguiu com a sua explicação.

– E depois... com o Richard... não sei como aconteceu, estávamos a passear, e a conversar e tudo parecia tão agradável. Mais do que agradável – acrescentou

rapidamente –, agradável soa maçador, e não foi isso. Tive a sensação de que tudo... encaixava. Como se regressasse a casa depois de uma longa viagem.

Hermione sorriu, quase impotente, como se não pudesse acreditar na sua sorte. E Lucy estava feliz por ela. Realmente estava. Mas perguntava-se como era possível sentir-se tão feliz e tão triste ao mesmo tempo. Porque ela nunca iria sentir-se assim. E mesmo que não tivesse acreditado antes, agora acreditava. O que tornava tudo muito pior.

– Desculpa se não pareci feliz por ti ontem à noite – disse Lucy suavemente. – Eu estou. Muito. Foi só o choque. Tantas mudanças de uma só vez.

– Mas mudanças *boas*, Lucy – disse Hermione com os olhos a brilhar. – Mudanças boas.

Lucy gostava de poder ter a mesma confiança. Queria abraçar o otimismo de Hermione, mas sentia-se esmagada. E não podia dizer isso à amiga. Não agora, quando ela estava radiante de felicidade.

Por isso, Lucy sorriu e disse, com toda a sinceridade:

– Vais ter uma boa vida com o Richard.

Hermione agarrou a mão da amiga entre as suas e apertou-a com força, com toda a amizade e emoção que sentia por ela.

– Oh, Lucy, eu sei. Conheço-o há muito tempo, e ele é *teu* irmão, por isso sempre me fez sentir segura. Confortável, na verdade. Não preciso de me preocupar com o que ele pensa de mim. Tu certamente já lhe disseste tudo, o bom e o mau, e ainda assim ele gosta de mim.

– Ele não sabe que não consegues dançar – admitiu Lucy.

– Não? – Hermione encolheu os ombros. – Eu digo-lhe, então. Talvez ele possa ensinar-me. Tem algum talento para a dança?

Lucy abanou a cabeça.

– Vês? – disse Hermione, com um sorriso melancólico e esperançoso e alegre, tudo ao mesmo tempo. – Somos perfeitamente compatíveis. Tornou-se tudo tão claro. É tão fácil falar com ele, e ontem à noite... eu ria-me, e ele ria-se e tudo foi tão... *adorável*. Realmente não tenho palavras para explicar.

Mas ela não tinha de explicar. Lucy sentia-se apavorada, pois sabia exatamente o que Hermione queria dizer.

– E então estávamos no laranjal, e foi tão bonito com o luar a brilhar através das vidraças. Estava tudo sarapintado de luz e desfocado e... e então eu olhei para ele.

Os olhos de Hermione ficaram marejados de lágrimas e embaçados e Lucy percebeu que ela se perdera em memórias.

Perdida e feliz.

– Eu olhei para ele – repetiu Hermione – e ele estava a olhar para mim. Eu não conseguia desviar o olhar. Fui simplesmente incapaz. E então beijámo-nos. Foi... eu nem sequer pensei. Simplesmente aconteceu. Foi a coisa mais maravilhosa e mais natural do mundo.

Lucy anuiu tristemente.

– Dei-me conta do que não compreendi antes. Com Mr. Edmonds... oh, eu achava-me tão loucamente apaixonada por ele, mas não sabia o que era amor. Ele era tão formoso, e fazia-me sentir tímida e cheia de vida, mas nunca desejei beijá-lo. Nunca olhei para ele e me inclinei, não porque quisesse, mas apenas porque... porque...

Porque, o quê? queria Lucy gritar. Mas mesmo que tivesse vontade, faltava-lhe a energia.

– Porque era onde eu pertencia – terminou Hermione, em voz baixa e com um ar de espanto, como se só naquele momento o tivesse descoberto também.

De repente, Lucy começou a sentir-se muito esquisita. Os músculos pareciam cheios de tiques nervosos e sentia a mais insana vontade de cerrar as mãos em punhos. O que queria ela *dizer*? Porque estava a contar-lhe aquilo? Tinham passado todos tanto tempo a explicar-lhe que o amor era uma coisa mágica, algo selvagem e incontrolável que tomava conta de nós como uma tempestade.

E agora era outra coisa? Era apenas *conforto*? Algo sereno? Algo que realmente parecia *agradável*?

– O que aconteceu a ouvir música? – ouviu-se ela a perguntar. – Ver-lhe a nuca e *saber*?

Hermione encolheu os ombros, impotente.

– Não sei. Mas eu não confiaria nisso, se fosse a ti.

Lucy fechou os olhos em agonia. Não precisava do aviso de Hermione, pois nunca teria confiado nesse tipo de sentimento. Ela não era o tipo de pessoa que memorizava sonetos de amor, nem nunca seria. Mas o outro tipo... o do riso, do conforto, da sensação *agradável*... nesse ela confiaria num piscar de olhos.

Meu Deus, isso fora o que sentira com Mr. Bridgerton.

Tudo isso e música, também.

Lucy sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Tinha ouvido *música* quando o beijara. Tinha sido uma verdadeira sinfonia, com crescendos que se elevavam até aos céus e percussão retumbante e até mesmo o pulsar de uma batida subliminar de que não nos apercebemos até ela se entranhar e tomar conta do ritmo do nosso coração.

Lucy tinha flutuado. Vibrado. Sentira todas aquelas coisas que Hermione dissera que sentira com Mr. Edmonds... e tudo o que ela dissera que sentira com Richard, também.

Tudo isso com uma só pessoa.

Estava apaixonada por ele. Estava apaixonada por Gregory Bridgerton. A tomada de consciência não podia ter sido mais clara... ou mais cruel.

– Lucy? – chamou Hermione, hesitante. E então novamente: – Luce?

– Quando é o casamento? – perguntou Lucy abruptamente. Porque mudar de assunto era a única coisa que podia fazer. Virou-se, olhou diretamente para Hermione e fixou o olhar no dela pela primeira vez durante a conversa. – Já começaste a fazer planos? Vai ser em Fenchley?

Detalhes. Os detalhes eram a sua salvação. Sempre tinham sido.

A expressão de Hermione foi-se tornando mais baralhada, depois preocupada e

então disse:

– Eu... não, acho que vai ser em Fennsworth Abbey. É mais grandioso. E... tens a certeza de que estás bem?

– Muito bem – apressou-se a responder Lucy, e a voz dela *soou* normal; talvez isso significasse que em breve começaria a sentir-se assim também. – Mas não disseste quando.

– Oh! Em breve. Disseram-me que havia pessoas perto do laranjal na noite passada. Não sei o que ouviram, ou o que foi repetido, mas o burburinho já começou, por isso vamos precisar de ter tudo resolvido o mais depressa possível. – Hermione abriu um sorriso doce. – Eu não me importo. E acho que o Richard também não.

Lucy perguntou-se qual delas chegaria ao altar primeiro.

Esperava que fosse Hermione.

Alguém bateu à porta. Era uma criada, seguida por dois lacaios, para levar as malas de Lucy.

– O Richard quer partir cedo – explicou Lucy, mesmo ainda não tendo visto o irmão desde os acontecimentos da noite anterior. Hermione provavelmente sabia mais sobre os planos dele do que ela.

– Pensa nisso, Lucy – disse Hermione, caminhando até à porta. – Vamos ser ambas condessas. Eu de Fennsworth e tu de Davenport. Vamos fazer um figurão, nós as duas.

Lucy sabia que ela estava a tentar animá-la, por isso fez uso de cada gota da sua energia para obrigar o sorriso a chegar-lhe aos olhos quando disse:

– Vai ser muito divertido, não vai?

Hermione pegou-lhe na mão apertando-lha.

– Oh, pois vai, Lucy. Vais ver. Estamos no alvorecer de um novo dia, e ele vai ser luminoso, tenho a certeza.

Lucy deu-lhe um abraço amigo. Era a única maneira que lhe vinha à cabeça de esconder o rosto.

Pois não havia maneira de conseguir fingir um sorriso desta vez.

Gregory encontrou-a mesmo a tempo. Ela estava na entrada diante da casa, inesperadamente sozinha, à exceção de uns quantos criados que se atarefavam por ali. Observou-lhe o perfil, o queixo ligeiramente erguido, enquanto observava as malas a serem colocadas na carruagem. Ela parecia... composta. Numa pose cuidadosa.

– Lady Lucinda – chamou.

Ela ficou absolutamente imóvel antes de se virar. E quando o fez, os olhos mostravam uma expressão de sofrimento.

– Ainda bem que a apanho – disse ele, embora já não tivesse a certeza se ainda sentia o mesmo. Ela não estava feliz por vê-lo e ele não estava à espera disso.

– Mr. Bridgerton – disse ela, os lábios apertando-se nos cantos, como se

julgasse estar a sorrir.

Ele poderia ter dito uma centena de coisas diferentes, por isso, obviamente, escolheu a menos significativa e a mais óbvia.

– Está de partida.

– Sim – disse ela, após uma levíssima pausa. – O Richard quer partir cedo.

Gregory olhou em volta.

– Ele está aqui?

– Ainda não. Imagino que esteja a despedir-se da Hermione.

– Ah. Sim. – Ele pigarreou. – Claro.

Olhou para ela, e ela olhou para ele, e ambos ficaram imóveis.

Desajeitados.

– Eu queria pedir desculpa – disse ele.

Ela... ela não sorriu. Gregory não sabia bem que expressão era aquela, mas não era um sorriso.

– Claro – respondeu ela.

Claro? *Claro?*

– Eu aceito. – Espreitou por cima do ombro dele. – Por favor, não pense mais nisso.

Era o que ela tinha a dizer, com toda a certeza, mas mesmo assim deixou Gregory incomodado. Ele beijara-a, e tinha sido estupendo, e se quisesse lembrar-se disso, tinha todo o direito a fazê-lo.

– Vejo-a em Londres? – perguntou.

Nesse momento, Lucy olhou-o, os olhos finalmente encontrando os dele. Procurava algo. Procurava algo nele, e não lhe pareceu que tivesse encontrado.

Parecia demasiado sombria, demasiado cansada.

Nada típico *dela*.

– Imagino que sim – respondeu Lucy. – Mas não será o mesmo. Estou noiva, como sabe.

– *Praticamente* noiva – lembrou ele, sorrindo.

– Não. – Ela abanou a cabeça, num gesto lento e resignado. – Agora estou mesmo. Foi por isso que o Richard me veio buscar. O meu tio finalizou o acordo. Acredito que os banhos para o casamento sejam lidos em breve. Está feito.

Os lábios dele abriram-se de surpresa.

– Compreendo – disse ele, a cabeça a mil. Uma corrida louca, sem chegar a parte alguma. – Desejo-lhe as maiores felicidades – acrescentou, pois o que mais poderia dizer?

Ela assentiu com a cabeça, depois inclinou-a na direção do grande relvado verdejante em frente à casa.

– Acho que vou dar uma volta pelo jardim. Tenho uma longa viagem pela frente.

– Claro – disse ele, curvando-se numa vénia cortês.

Lucy não desejava a sua companhia. Não poderia tê-lo tornado mais evidente se o tivesse dito com todas as letras.

– Foi um prazer conhecê-lo – disse ela.

Os seus olhos encontraram os dele e, pela primeira vez na conversa, ele *viu-a*, viu-lhe diretamente o âmagos exausto e magoado.

E viu que ela lhe dizia adeus.

– Lamento... – Ela parou, olhou para o lado. Para uma parede de pedra. – Lamento que as coisas não tenham saído como esperava.

Eu não, pensou ele, e percebeu que era verdade. Teve um súbito vislumbre da sua vida casado com Hermione Watson e sentiu-se...

Entediado.

Meu Deus, como é que só agora percebia? Ele e Miss Watson não combinavam de todo, e a verdade é que tinha escapado por um triz.

Era provável que não confiasse no seu próprio julgamento da próxima vez, tratando-se de assuntos do coração, mas isso parecia-lhe preferível a um casamento monótono. Supôs que devia agradecer isso a Lady Lucinda, embora não soubesse bem porquê. Ela não impedira o seu casamento com Miss Watson; na verdade, tinha-o constantemente incentivado.

Mas, de alguma forma, era responsável por ele ter caído em si. Se havia alguma verdade para reconhecer naquela manhã, era essa.

Lucy voltou a fazer sinal para o relvado.

– Vou dar o passeio agora – disse ela.

Ele baixou a cabeça em despedida e ficou a vê-la afastar-se. O cabelo estava alisado ordenadamente num puxo, as madeixas loiras captando a luz do sol como mel e manteiga.

Ele ficou ali um bom tempo, não porque tivesse a expectativa de que ela se virasse, ou mesmo por alimentar a esperança de que o fizesse.

Apenas para o caso de ela o fazer.

Porque era possível. Ela podia virar-se, poderia ter algo a dizer-lhe, e então ele podia responder-lhe, e ela podia...

Mas Lucy não o fez. Continuou a andar. Não se virou, não olhou para trás, e então ele passou os últimos minutos a observar-lhe a nuca. E só conseguia pensar...

Alguma coisa não está bem.

Mas, para seu desespero, não sabia o quê.

CAPÍTULO 13

Em que a nossa heroína tem um vislumbre do seu futuro.

Um mês depois

A comida era deliciosa, a decoração da mesa magnífica, tudo em volta imensamente opulento.

Lucy, no entanto, sentia-se tremendamente infeliz.

Lord Haselby e o pai, o conde de Davenport, tinham chegado a Fennsworth House, em Londres, para jantar. Tinha sido ideia de Lucy, algo que ela agora achava dolorosamente irónico. O casamento estava a uma mera semana de distância e ela ainda não vira o futuro marido. Pelo menos, não desde que o casamento tinha passado de provável a iminente.

Ela e o tio tinham chegado a Londres duas semanas antes, e depois de onze dias se terem passado sem um vislumbre do seu prometido, Lucy fora pedir ao tio se poderiam organizar algum tipo de encontro. Ele mostrou-se um pouco irritado, embora não porque achasse o pedido tolo, Lucy estava certa disso. Não, a mera presença dela era o bastante para lhe despertar tal expressão. Ela estava em pé à sua frente, e ele tinha sido forçado a olhar para cima.

O tio Robert não gostava de ser interrompido.

Mas, aparentemente, reconheceu a sabedoria em permitir que um casal de noivos trocasse uma ou duas palavras antes de se encontrarem numa igreja; então dissera-lhe sucintamente que iria tratar disso.

Estimulada pela pequena vitória, Lucy aproveitara também para lhe perguntar se podia ir a um dos muitos eventos sociais que ocorriam praticamente ao lado de casa. A temporada social de Londres tinha começado, e todas as noites Lucy se punha à janela a observar as carruagens elegantes que passavam. Uma noite houvera uma festa mesmo em frente a St. James Square, onde se situava a Fennsworth House. A fila de carruagens serpenteava em volta da praça e Lucy apagara as velas do quarto para que a sua silhueta não fosse visível na janela, enquanto observava o desfile de carruagens e pessoas. Alguns dos convidados, impacientes com a espera, e como o tempo estava agradável, tinham descido das carruagens do lado dela da praça e feito o resto do caminho a pé.

Lucy convencera-se de que só queria ver os vestidos, mas o seu coração sabia a verdade.

Procurava Mr. Bridgerton.

Não sabia o que faria se realmente o visse. Esconder-se-ia, supôs. Ele devia saber que aquela era a sua casa e certamente ficaria curioso o suficiente para lançar uma olhadela à fachada, mesmo a presença dela em Londres não sendo um facto amplamente conhecido.

Mas ele não compareceu àquela festa, ou se o fez, a carruagem deixou-o

mesmo em frente.

Ou talvez ele nem sequer estivesse em Londres. Lucy não tinha forma de saber. Estava presa em casa com o tio e a sua velha e ligeiramente surda tia Harriet, que fora trazida por uma questão de decoro. Lucy só saía de casa para ir à costureira ou passear no parque, mas fora isso, estava completamente sozinha, com um tio que não falava e uma tia que não ouvia.

Por essa razão não estava geralmente a par dos mexericos. Sobre Gregory Bridgerton ou sobre quem quer que fosse.

E mesmo nas raras ocasiões em que via alguém conhecido, não podia simplesmente *perguntar* por ele. As pessoas iriam pensar que ela estava interessada, o que obviamente estava, mas ninguém, absolutamente ninguém, poderia jamais saber disso.

Ela ia casar-se com outra pessoa. Daí a uma semana. E mesmo se não fosse, Gregory Bridgerton não tinha mostrado qualquer sinal de estar eventualmente interessado em assumir o lugar de Haselby.

Beijara-a, era verdade, e parecera preocupado com o seu bem-estar, mas se era da opinião que um beijo exigia uma proposta de casamento, não tinha dado nenhuma indicação. Não sabia que o noivado dela com Haselby tinha sido finalmente acertado; nem quando a beijara, nem na manhã seguinte, quando ficaram os dois ali de pé em frente à casa com ar constrangido. Só podia ter acreditado que estava a beijar uma mulher totalmente descomprometida. Não era normal um homem *fazer* uma coisa daquelas, a menos que estivesse pronto e disposto a dar o passo até ao altar.

Mas não Gregory. Quando ela finalmente lhe *tinha* dito, ele não se mostrara devastado. Aliás, nem sequer parecera ligeiramente perturbado. Não houvera apelos para reconsiderar ou para tentar encontrar uma maneira de escapar da situação. Tudo o que vira no seu rosto, e ela tinha *procurado*, e muito bem, fora... nada.

O rosto, os olhos, assumiam uma expressão quase neutra. Talvez um toque de surpresa, mas sem dar mostras de tristeza ou alívio. Nada que indicasse que o noivado dela tivesse algum significado para si, fosse ele qual fosse.

Oh, Lucy não o via como um canalha, e tinha a certeza de que ele se teria casado consigo, se tivesse sido necessário. Mas ninguém os tinha visto, por isso, no que respeitava ao mundo em geral, nunca acontecera.

Não havia consequências. Para nenhum dos dois.

Mas não teria sido bom se ele tivesse ficado um pouco perturbado? Afinal, beijara-a e a terra *tremera*... certamente que ele sentira. Não deveria ele ter querido mais? Não deveria ter querido, se não casar com ela, então, pelo menos, ter a possibilidade de o fazer?

Em vez disso, dissera: «Desejo-lhe as maiores felicidades», e soara tão derradeiro. Ali parada, a ver as malas serem colocadas na carruagem, Lucy *sentira* o próprio coração a partir. Sentira-o, ali mesmo no meio do peito. E *doera*. E ao afastar-se, só tinha piorado, pressionando e apertando até ela pensar que lhe iria

roubar todo o ar. Começara a andar mais depressa, o mais rápido que pôde mantendo um passo normal e, em seguida, finalmente, fez uma curva e deixou-se cair num banco, enterrando o rosto, desamparado, nas mãos.

Rezou para que ninguém a visse.

Quisera olhar para trás. Quisera roubar um último olhar e memorizar-lhe o porte... aquela maneira singular que ele tinha de sustentar o próprio corpo, as mãos atrás das costas, as pernas ligeiramente afastadas. Lucy sabia que centenas de homens usavam a mesma pose, mas nele era diferente. Podia estar de costas para ela, a léguas e léguas de distância, e ela saberia sempre que era ele.

Gregory caminhava de forma diferente, também, um andar solto e descontraído, como se uma pequena parte do seu coração ainda tivesse sete anos. Estava-lhe nos ombros, ou nas ancas, talvez... era o tipo de coisa que quase ninguém notaria, mas Lucy sempre tinha prestado atenção aos detalhes.

Mas ela não olhara para trás. Só teria piorado tudo. Ele provavelmente não estava a olhar para ela, mas se estivesse... e a visse virar-se...

Teria sido devastador. Não sabia porquê, apenas que seria. Não queria que ele lhe visse o rosto. Tinha conseguido manter a compostura durante a conversa, mas quando ela se virou, sentiu-se mudar. Os lábios separaram-se, aspirou uma grande golfada de ar, e fora como se tivesse escavado um imenso buraco dentro de si.

Fora horrível. E não queria que ele a tivesse visto assim.

Além disso, ele não estava interessado. Envidara todos os esforços para se desculpar pelo beijo. Sabia que era o correto a fazer; a sociedade ditava-o (ou se não isso, então uma viagem rápida até ao altar). Mas, ainda assim, magoara. Lucy queria pensar que ele sentira, pelo menos, uma pequena fração do que ela sentira. Não que daí viesse qualquer outro resultado, mas tê-la-ia feito sentir-se melhor.

Ou talvez pior.

No fim das contas, não tinha importância. Não importava o que o coração dela sabia ou não sabia, porque não podia fazer nada com esse conhecimento. De que valia ter sentimentos, se não podia usá-los para um fim tangível? Tinha de ser pragmática. Era o que Lucy era. Era a sua única constante num mundo que girava depressa de mais para o seu gosto.

Contudo... agora em Londres... queria vê-lo. Era uma tontice, ridícula e certamente imprudente, mas queria, mesmo assim. Nem sequer precisava de falar com ele. Na verdade, provavelmente não *devia* falar com ele. Mas um vislumbre...

Um vislumbre não fazia mal a ninguém.

Mas quando perguntara ao tio Robert se podia ir a uma festa, ele recusara, afirmando que não fazia sentido gastar tempo ou dinheiro na temporada social, quando ela já alcançara o resultado desejado: uma proposta de casamento.

Além disso, informara-a, Lord Davenport queria que Lucy fosse apresentada à sociedade como Lady Haselby, não como Lady Lucinda Abernathy. Lucy não sabia por que motivo isso era importante, especialmente porque já muitos membros da sociedade a conheciam por Lady Lucinda Abernathy, tanto pela escola como pelo «polimento» por que ela e Hermione tinham passado naquela primavera. Mas

o tio Robert tinha assinalado (ao seu jeito inimitável, isto é, sem uma palavra) que a conversa terminara e já tinha voltado a atenção para os papéis sobre a mesa.

Por um breve momento, Lucy permanecera no mesmo lugar. Se dissesse o nome dele, o tio poderia olhar para cima. Ou talvez não. Mas se o fizesse, a sua paciência estaria por um fio, e ela sentir-se-ia como um aborrecimento, além de que não receberia quaisquer resposta às suas perguntas.

Então limitou-se a assentir e a sair da sala. Embora só Deus soubesse porque se dera ao trabalho de assentir. O tio Robert nunca voltava a levantar os olhos depois de a dispensar.

E agora ei-la, no jantar que ela própria tinha pedido, a desejar, fervorosamente, nunca ter aberto a boca. Haselby era boa pessoa, perfeitamente agradável, até. Mas o pai...

Lucy rezou para não ter de viver na residência Davenport. Por favor, *por favor*, que o Haselby tenha a sua própria casa.

No País de Gales. Ou talvez em França.

Lord Davenport, depois de reclamar sobre o tempo, a Câmara dos Comuns e a ópera (que considerava, respetivamente, chuvoso, cheia de idiotas mal-educados e *por amor de Deus, nem sequer é em inglês!*), voltou por fim o olhar crítico sobre ela.

Lucy necessitara de todas as suas forças para não recuar quando ele se concentrou nela. Parecia um peixe gordo, os olhos protuberantes e os lábios carnudos e grossos. Na verdade, Lucy não teria ficado surpreendida se ele tivesse arrancado a camisa para revelar guelras e escamas.

E então... *uggh...* estremecia só de pensar. Ele aproximou-se, tão perto que sentiu a respiração quente e cediça soprada para o seu rosto.

Lucy ficou muito rígida, naquela postura perfeita que lhe havia sido inculcada desde tenra idade.

Ele disse-lhe para mostrar os dentes.

Fora humilhante.

Lord Davenport inspecionara-a como se ela fosse uma égua de criação, chegando ao ponto de lhe pôr as mãos nas ancas para medir o seu potencial parideiro! Lucy arfara e olhara freneticamente para o tio pedindo ajuda, mas a expressão dele era de pedra, olhando resolutamente para um ponto longe do seu rosto.

E agora que se tinham sentado para comer... Que Deus lhe valesse! Lord Davenport desatara a *interrogá-la*. Fizera-lhe todas as perguntas e mais alguma sobre a sua saúde, abordando temas que ela tinha a certeza não eram apropriados para se falar em público e, então, quando ela pensava que o pior tinha passado...

– Sabe a tabuada?

Lucy pestanejou.

– Peço desculpa?!

– A tabuada – disse ele, impaciente. – A tabuada do seis ou a do sete.

Por um momento, Lucy não conseguiu falar. Ele queria que ela dissesse a

tabuada?

– E então? – exigiu saber.

– É claro – gaguejou ela.

Voltou a olhar para o tio, mas este mantinha a expressão de determinado desinteresse.

– Mostre-me. – A boca de Davenport apertou-se numa linha firme no meio das bochechas e duplo queixo. – Pode ser a do sete.

– Eu... hã...

Totalmente desesperada, ainda tentou chamar a atenção da tia Harriet, mas esta estava completamente alheia a todo o ambiente e, de facto, não dissera uma palavra desde que a noite tinha começado.

– Pai – interrompeu Haselby –, certamente que o senhor...

– O mais importante é a criação – cortou Lord Davenport secamente. – O futuro da família encontra-se no ventre dela. Temos o direito de saber o que estamos a adquirir.

Os lábios de Lucy abriram-se em choque. Então percebeu que tinha movido uma mão para o abdómen. Apressadamente deixou-a cair. Os olhos viajaram entre pai e filho, sem saber se devia falar.

– A última coisa que deves querer é uma mulher que pensa de mais – dizia Lord Davenport –, mas ela deve ser capaz de fazer algo tão básico como a multiplicação. Meu Deus, filho, pensa nas implicações.

Lucy olhou para Haselby. Ele retribuiu o olhar. Desculpando-se.

Ela engoliu em seco e fechou os olhos um momento para ganhar forças.

Quando os abriu, Lord Davenport olhava-a diretamente, os lábios entreabertos, e ela percebeu que se preparava para falar de novo, o que ela definitivamente não seria capaz de suportar e...

– Sete, catorze, vinte e um – desatou ela a dizer, impedindo-o o melhor que pôde. – Vinte e oito, trinta e cinco, quarenta e dois...

Imaginou o que ele faria se ela se enganasse. Será que cancelaria o casamento?

– ...quarenta e nove, cinquenta e seis...

Era tentador. Tão tentador.

– ...sessenta e três, setenta, setenta e sete...

Olhou para o tio. Ele comia. Nem sequer estava a olhar para ela.

– ...oitenta e dois, oitenta e nove...

– Eh, é o suficiente – anunciou Lord Davenport, falando por cima do *oitenta e dois*.

O sentimento vertiginoso no peito foi rapidamente drenado. Ela rebelara-se... talvez pela primeira vez na vida... e ninguém tinha notado. Esperara demasiado tempo.

Perguntou-se o que mais já deveria ter feito.

– Muito bem – elogiou Haselby, com um sorriso encorajador.

Lucy conseguiu esboçar um pequeno sorriso. Ele realmente não era mau. Na verdade, se não fosse por Gregory, tê-lo-ia achado uma escolha bastante acertada.

O cabelo de Haselby era talvez um pouco fino e, na verdade, era um pouco magro também, mas nada de que pudesse realmente reclamar. Especialmente porque a sua personalidade... certamente o aspeto mais importante de qualquer homem... era perfeitamente aceitável. Haviam conseguido ter uma breve conversa antes do jantar, enquanto o pai dele e o tio dela discutiam política, e Haselby fora muito charmoso. Até fizera uma espécie de piada seca sobre o pai, acompanhada de um revirar de olhos que fizera Lucy rir.

Na verdade, não tinha nada que reclamar.

E não reclamava. Não o faria. Só desejava outra coisa.

– Calculo que tenha feito boa figura na academia de Miss Moss? – perguntou Lord Davenport, os olhos estreitando-se apenas o suficiente para tornar a pergunta não exatamente amigável.

– Sim, claro – respondeu Lucy, pestanejando de surpresa.

Julgara que a conversa se tinha desviado dela.

– Excelente instituição – afirmou Davenport, mastigando um pedaço de borrego assado. – Eles sabem o que uma jovem deve ou não deve saber. A filha do Winslow andou lá. A do Fordham também.

– Sim – murmurou Lucy, uma vez que uma resposta parecia ser o esperado. – São duas jovens encantadoras – mentiu.

Sybilla Winslow era uma pequena tirana maldosa que julgava ser um excelente divertimento beliscar os braços das alunas mais novas.

Porém, pela primeira vez naquela noite, Lord Davenport parecia estar satisfeito com ela.

– Conhece-as, então? – perguntou ele.

– Hã, um pouco – esquivou-se Lucy. – Lady Joanna era um pouco mais velha, mas a escola não é grande. Não se pode realmente *não* conhecer as outras alunas.

– Bom.

Lord Davenport acenou com a cabeça em aprovação, as bochechas estremecendo com o movimento.

Lucy tentou não olhar.

– Essas são as pessoas que precisa de conhecer – continuou ele. – As relações que deve cultivar.

Lucy assentiu respeitosamente, fazendo uma lista mental de todos os lugares onde preferiria estar naquele momento. Paris, Veneza, Grécia, embora... não estavam em guerra? Não importava. Ainda assim, preferia estar na Grécia.

– ...responsabilidade para com o nome... certos padrões de comportamento...

Seria muito quente no Oriente? Sempre tinha admirado vasos chineses.

– ...não vai tolerar qualquer desvio...

Qual era o nome daquela zona horrível da cidade? St. Giles? Sim, ela preferia estar lá também.

– ...obrigações. Obrigações!

Esta última palavra foi acompanhada por um murro na mesa, fazendo a prataria chocalhar e Lucy dar um pulo no assento. Até a tia Harriet levantara os olhos do

prato.

Lucy prestou atenção, e porque todos os olhos estavam postos nela, disse:

– Sim?

Lord Davenport inclinou-se, de forma quase ameaçadora.

– Um dia será Lady Davenport. Terá obrigações. Muitas obrigações.

Lucy conseguiu esticar os lábios apenas o suficiente para contar como resposta. Santo Deus, quando é que aquela noite acabava?

Lord Davenport voltou a inclinar-se e, mesmo sendo a mesa enorme e estando repleta de comida, Lucy instintivamente recuou.

– Não pode levar as suas responsabilidades de ânimo leve – continuou ele, erguendo assustadoramente o volume da voz. – Compreende o que lhe digo, menina?

Lucy imaginou o que aconteceria se levasse as mãos à cabeça e gritasse:

Valha-me Deus, parem com esta tortura!!

Sim, pensou, quase analiticamente, era capaz de funcionar. Talvez ele a julgasse mentalmente instável e...

– Claro, Lord Davenport – ouviu-se a dizer.

Era uma cobarde. Uma cobarde miserável.

E então, como se ele fosse uma espécie de brinquedo de corda que alguém tinha desativado, Lord Davenport recostou-se na cadeira, perfeitamente composto.

– Fico contente por ouvir isso – disse ele, limpando o canto da boca com o guardanapo. – É animador ver que ainda se ensina deferência e respeito na academia de Miss Moss. Não me arrependo da minha escolha em tê-la mandado para lá.

O garfo de Lucy parou a meio caminho da boca.

– Não sabia que tinha sido o senhor a tratar disso.

– Tinha de fazer alguma coisa – resmungou ele, olhando-a como se ela fosse imbecil. – A menina não tem uma mãe que se certifique de que é devidamente educada para o seu papel na vida. Existem coisas que precisa de saber para ser uma condessa. Competências que deve possuir.

– Claro – disse ela respeitosamente, tendo decidido que uma demonstração de humildade e obediência absolutas seria a maneira mais rápida de pôr um fim à tortura. – Hã... e obrigada.

– Porquê? – perguntou Haselby.

Lucy virou-se para o noivo. Ele parecia estar genuinamente curioso.

– Por me ter enviado para a academia de Miss Moss, é claro – explicou ela, dirigindo com cuidado a resposta a Haselby. Talvez se não *olhasse* para Lord Davenport, ele se esquecesse de que ela estava lá.

– Isso significa que gostou de lá estar, então? – perguntou Haselby.

– Sim, muito – respondeu ela, um tanto surpreendida pela sensação *agradável* de lhe ser feita uma pergunta com educação. – Foi um tempo maravilho e fui muito feliz lá.

Haselby abriu a boca para responder, mas para horror de Lucy, a voz que

surgiu foi a do pai.

– Não se trata de fazer ninguém feliz! – ouviu-se o rugido tempestuoso de Lord Davenport.

Lucy não conseguia tirar os olhos da visão da boca ainda aberta de Haselby. *Francamente*, pensou, num estranho momento de calma absoluta, *aquilo tinha sido quase assustador*.

Haselby fechou a boca e virou-se para o pai com um sorriso tenso.

– De que se trata, então? – perguntou ele, e Lucy não pôde deixar de ficar impressionada com a absoluta falta de irritação na sua voz.

– Trata-se de aprendizagem – respondeu o pai, deixando um dos punhos bater no tampo da mesa de forma bastante inconveniente. – E das amizades que se faz.

– Bem, sempre aprendi a tabuada – interveio Lucy com suavidade, não que alguém a estivesse a ouvir.

– Ela vai ser uma condessa – rugiu Davenport. – Uma condessa!

Haselby mirou o pai com ar tranquilo.

– Ela só será condessa quando o senhor morrer – murmurou ele.

A boca de Lucy escancarou-se.

– Portanto – continuou Haselby, metendo casualmente um minúsculo pedaço de peixe à boca –, não será de especial importância para si, pois não?

Lucy virou-se para Lord Davenport de olhos muito, muito arregalados.

A pele do conde enrubescou. Era uma cor horrível... irada, sombria e profunda, agravada pela veia que lhe saltava na têmpora esquerda. Os olhos dele, fixos em Haselby, estreitaram-se de raiva. Não havia rancor neles, nenhum desejo de lhe fazer mal ou dano, mas embora não fizesse absolutamente qualquer sentido, Lucy teria jurado que naquele momento Davenport odiava o filho.

Haselby disse apenas:

– Que bom tempo que tem estado.

E sorriu.

Sorriu!

Lucy ficou boquiaberta. Estava a chover a potes e há dias que estava assim.

Mas, mais importante ainda... ele não se dava conta de que o pai estava a um comentário atrevido de ter uma apoplexia? Lord Davenport parecia prestes a cuspir, e Lucy tinha quase a certeza de que conseguia ouvi-lo a ranger os dentes do outro lado da mesa.

E então, quando o aposento praticamente pulsava de fúria, o tio Robert entrou em cena.

– Estou satisfeito por termos decidido realizar o casamento aqui em Londres – disse ele, com a voz neutra e amena e levemente perentória, como se dissesse: *Isso está resolvido, então*. – Como sabem – continuou ele, enquanto toda a gente aproveitava para recuperar a compostura –, o Fennsworth casou-se em Fennsworth Abbey há apenas duas semanas, e embora isso nos faça considerar a história ancestral, pois creio que os últimos sete condes realizaram os seus casamentos na residência, a verdade é que quase ninguém conseguiu ir.

Lucy suspeitava que esse facto tinha tanto que ver com a natureza apressada do evento como com a sua localização, mas não lhe parecia ser o momento adequado para ponderar sobre o tema. E ela tinha adorado o casamento exatamente por ser pequeno. Richard e Hermione estavam tão felizes, e todos os presentes tinham ido por amor e amizade. Fora um momento verdadeiramente jubiloso.

Até terem partido no dia seguinte para Brighton em viagem de lua de mel. Lucy nunca se sentira tão infeliz e sozinha como quando lhes acenou em despedida à entrada de casa.

Em breve estariam de volta, recordou ela a si mesma. Antes do seu casamento. Hermione seria a sua única dama de honor e Richard iria conduzi-la ao altar.

Enquanto isso, tinha a tia Harriet para lhe fazer companhia. E Lord Davenport. E Haselby, que era ou completamente brilhante ou completamente insano.

Uma gargalhada irónica, absurda e altamente inadequada começou a pressionar-lhe a garganta, escapando-se pelo nariz num bufar deselegante.

– Nhã? – resmungou Lord Davenport.

– Não é nada – apressou-se ela a dizer, tossindo o melhor que pôde, para disfarçar. – Um pouco de comida. Uma espinha, provavelmente.

Era quase cómico. Teria sido cómico, se o estivesse a ler num livro. Teria de ser uma sátira, decidiu, pois certamente não era um romance.

E não era capaz de suportar a ideia de que poderia vir a tornar-se uma tragédia.

Olhou ao redor da mesa para os três homens que atualmente constituíam a sua vida. Ia ter de tentar tirar o melhor partido da sua situação. Não havia mais nada a fazer. Não fazia sentido continuar a sentir-se miserável, por mais difícil que fosse ver as coisas pelo lado positivo. E, na verdade, poderia ter sido pior.

Então fez o que fazia melhor e tentou ver a situação de uma perspetiva prática, catalogando mentalmente todas as maneiras em que a sua situação poderia ser pior.

Contudo, o rosto de Gregory Bridgerton insistia em vir-lhe à mente... e todas as maneiras em que a sua situação poderia ser melhor.

CAPÍTULO 14

*Em que o nosso herói e a nossa heroína se encontram
e as aves de Londres ficam em êxtase.*

Quando Gregory a viu, ali mesmo em Hyde Park, no seu primeiro dia de regresso a Londres, o seu primeiro pensamento foi...

Pois, obviamente.

Parecia-lhe perfeitamente natural deparar-se com Lucy Abernathy na que era, literalmente, a sua primeira hora em Londres. Não sabia *porquê*; não havia nenhuma razão lógica para que eles se cruzassem. Mas ela tinha estado no seu pensamento desde que se separaram no Kent. E mesmo que ele a julgasse ainda em Fennsworth, estranhamente não ficava nada surpreendido por ela ser o primeiro rosto familiar que veria no seu retorno após um mês no campo.

Chegara à cidade na noite anterior, invulgarmente cansado, após uma longa viagem por estradas inundadas, e tinha ido logo para a cama. Quando acordou, bastante mais cedo do que de costume, na verdade, o mundo ainda estava molhado das chuvas, mas o sol já emergira brilhante.

Gregory vestira-se imediatamente para sair. Adorava a maneira como o ar cheirava a limpo depois de uma boa e tormentosa chuvada... mesmo em Londres. Ou melhor, *especialmente* em Londres. Era a única altura em que a cidade cheirava assim... densa e fresca, quase como folhas.

Gregory mantinha um pequeno apartamento num edifício muito bem arranjado em Marylebone, e apesar de estar mobilado de forma simples e frugal, ele gostava do lugar. Sentia-se em casa.

O irmão e a mãe já o tinham convidado, em várias ocasiões, para morar com eles. Os amigos achavam-no louco por recusar; ambas as residências eram consideravelmente mais opulentas e mais adequadas, mais bem providas de pessoal doméstico do que a sua humilde residência. Mas ele preferia a sua independência. Não por se importar que a família lhe dissesse o que fazer; todos eles sabiam que não iria dar-lhes ouvidos, e ele também sabia que não o faria, mas na sua maioria, todos mantinham a boa disposição acerca disso.

Era o escrutínio que ele não conseguia tolerar. Mesmo que a mãe fingisse não interferir na sua vida, sabia que ela estava constantemente de olho nele, a tomar notas sobre a sua agenda social.

E a fazer *comentários* sobre isso. Violet Bridgerton era capaz, quando estava para aí virada, de conversar sobre donzelas, cartões de dança e a intersecção dos dois (no que concernia ao seu filho solteiro) com uma velocidade e facilidade capaz de deixar a cabeça de um homem adulto a andar à roda.

E fazia-o frequentemente.

Havia esta e aquela donzela e ele, por favor, que se certificasse de dançar com as duas... duas vezes... no próximo baile e, acima de tudo, nunca, por um momento, se devia esquecer daquela *outra* donzela. A que estava junto à parede, não a via

ele, ali de pé sozinha. A tia dela, como ele certamente se lembraria, era uma amiga pessoal muito próxima.

A mãe de Gregory tinha um monte de amigas pessoais muito próximas.

Violet Bridgerton conseguira empurrar com sucesso sete dos seus oito filhos para casamentos felizes, e agora Gregory suportava sozinho o imenso peso do seu fervor casamenteiro. Ele adorava-a, claro, e adorava que ela se importasse tanto com o seu bem-estar e felicidade, mas às vezes ela dava-lhe vontade de arrancar cabelos.

E Anthony era ainda pior. Nem sequer tinha de *dizer* nada. A sua mera presença era geralmente suficiente para fazer Gregory sentir que, de alguma forma, não estava a fazer jus ao nome da família. Era difícil traçar o próprio caminho no mundo com o poderoso Lord Bridgerton constantemente a espreitar-lhe por cima do ombro. Tanto quanto Gregory podia determinar, o irmão mais velho nunca cometera um erro na vida.

O que tornava os dele ainda mais flagrantes.

Mas, por sorte, este fora um problema fácil de resolver. Gregory simplesmente tinha saído de casa. Era necessária uma boa parte da mesada para manter a sua própria residência, por mais pequena que fosse, mas valia a pena, cada *penny*.

Algo tão simples como isto, sair de casa sem que ninguém ficasse a pensar porquê ou para onde (ou, no caso da mãe, com *quem* iria ter), era estupendo. Enriquecedor. Era curioso como um mero passeio podia causar uma sensação de ser um homem independente, mas era verdade.

E, de repente, ali estava ela. Lucy Abernathy. Em Hyde Park, quando, segundo todos os cálculos, deveria ainda estar no Kent.

Sentada num banco, atirava pedaços de pão a um monte desordenado de pássaros, e Gregory lembrou-se do dia em que tropeçara nela nas traseiras de Aubrey Hall. Também estava sentada num banco e parecera-lhe tão abatida. Ao pensar nisso, Gregory percebeu que o irmão dela tinha provavelmente acabado de lhe dizer que o noivado havia sido oficializado.

Porque será que ela não lhe dissera nada?

Desejou que ela o tivesse feito.

Se ele soubesse que ela estava comprometida, nunca a teria beijado. Isso ia contra todos os códigos de conduta que ele defendia. Um cavalheiro não caçava a noiva de outro homem. Isso simplesmente não se fazia. Se ele tivesse sabido a verdade, ter-se-ia afastado dela naquela noite e teria...

Ficou estarecido. Não sabia o que teria feito. Como era possível ter reescrito a cena na sua mente inúmeras vezes e só agora perceber que nunca tinha chegado ao cenário em que a afastava?

Se soubesse, será que a teria mandado embora logo naquele primeiro momento? Teve de a tomar nos braços para a segurar, mas podia tê-la colocado na direção do seu destino quando a soltou. Não teria sido difícil, apenas um ligeiro movimento de pés. Podia ter terminado tudo logo ali, antes de dar azo a que alguma coisa pudesse começar.

Mas em vez disso, sorri e perguntara-lhe o que fazia ela ali, e então... *Deus* do Céu, o que é que lhe passara pela cabeça... perguntara-lhe se ela bebia *brandy*.

Depois disso, bom, não sabia como tinha acontecido, mas lembrava-se de tudo. De cada detalhe. Da maneira como ela o olhara, com a mão no seu braço. Estava agarrada a ele e, por um momento, teve a sensação de que ela precisava dele. De que ele poderia ser a sua rocha, o seu apoio.

Ele nunca tinha sido o apoio de ninguém.

Mas não era isso. Ele não a beijara por isso. Beijara-a porque...

Porque...

Que inferno, não sabia *porque* a beijara. Tinha havido aquele momento... aquele estranho e inescrutável momento... e tudo relaxara numa tal quietude, um silêncio fabuloso, mágico e hipnotizante que pareceu infiltrar-se nele e roubar-lhe a respiração.

A casa estava cheia, repleta de convidados, mas o corredor era só deles. Lucy olhava para ele, com olhos perscrutadores, e então... sem saber como... ela estava mais perto. Não se lembrava de se ter mexido, ou de ter baixado a cabeça, mas o rosto dela estava a meros centímetros de distância. E quando reparou...

Estava a beijá-la.

A partir desse momento, perdera-se, pura e simplesmente. Fora como se tivesse perdido todo o conhecimento das palavras, da razão e do pensamento. A sua mente transformara-se numa coisa estranha e pré-verbal. O mundo era cor e som, calor e sensação. Fora como se a mente se tivesse rendido ao corpo.

E agora perguntava-se, quando se permitia fazê-lo, se poderia ter parado. Se ela não tivesse dito não, se ela não lhe tivesse encostado as mãos ao peito e dito para parar...

Teria ele parado?

Teria sido capaz de o fazer?

Endireitou os ombros. Relaxou o maxilar. Claro que sim. Tratava-se de Lucy, por amor de Deus. Ela era maravilhosa, de variadas formas, mas não era mulher de fazer os homens perderem a cabeça. Tinha sido uma aberração temporária. Insanidade momentânea provocada por uma noite estranha e inquietante.

Mesmo agora, sentada num banco em Hyde Park com um bando de pombos aos pés, era claramente a mesma Lucy de sempre. Ela ainda não o tinha visto e ele sentiu ser quase um privilégio poder observá-la. Estava sozinha, excetuando a criada, que girava os polegares dois bancos mais adiante.

A boca movia-se.

Gregory sorriu. Lucy estava a conversar com os pássaros. A dizer-lhes algo. O mais provável era estar a dar-lhes instruções, talvez a fixar uma data para futuros compromissos de arremesso de pão.

Ou mandá-los mastigar de bico fechado.

Riu-se interiormente. Não conseguiu evitar.

Ela virou-se. Virou-se e viu-o. Os olhos arregalaram-se e os lábios entreabriram-se e, subitamente, atingiu-o em cheio no peito...

Era *bom* vê-la.

O que lhe pareceu uma reação bastante estranha, dada a forma como se separaram.

– Lady Lucinda – disse ele, avançando para ela. – Que surpresa! Não esperava encontrá-la aqui em Londres.

Por um momento, pareceu-lhe que ela não conseguia decidir como reagir, e então sorriu... um sorriso talvez um pouco mais hesitante do que ele estava habituado... e estendeu-lhe uma fatia de pão.

– Para os pombos? – murmurou ele. – Ou para mim?

O sorriso mudou, tornou-se mais íntimo.

– O que preferir. Embora eu deva avisá-lo de que está um pouco duro.

Os lábios dele contorceram-se de riso.

– Já experimentou, foi?

E então foi como se nada tivesse acontecido. O beijo, a conversa desajeitada na manhã seguinte... tudo isso desapareceu.

Tinham regressado à estranha amizade que os unia, e o mundo voltara a entrar no eixo.

A boca dela estava franzida, como se achasse que devia repreendê-lo, e ele ria, por ser tão divertido provocá-la.

– É o meu segundo pequeno-almoço – disse ela, totalmente inexpressiva.

Gregory sentou-se na extremidade oposta do banco e começou a partir o pão em pedacinhos. Quando já tinha um bom punhado, atirou-os todos de uma vez e ficou a assistir ao frenesi de bicos e penas que se seguiu.

Lucy, notou ele, atirava as migalhas com método, uma após outra, exatamente com três segundos de intervalo.

Contou-os. Como não o fazer?

– O bando abandonou-me – disse ela com uma careta.

Gregory sorriu quando o último pombo se aproximou aos pulinhos para se regalar com o festim Bridgerton. Ele atirou outro punhado.

– Eu dou sempre as melhores festas.

Ela virou-se, baixando o queixo para lhe atirar um olhar seco por cima do ombro.

– É uma pessoa insuportável.

Ele lançou-lhe um olhar perverso.

– É uma das minhas melhores qualidades.

– De acordo com quem?

– Bem, a minha mãe parece gostar de mim – disse ele com modéstia.

Lucy engasgou-se com o riso.

Gregory sentiu-o como uma vitória.

– A minha irmã... já não tanto.

Uma das sobranceiras dela ergueu-se.

– A que gosta de torturar?

– Eu não a torturo porque *gosto* – disse ele, numa espécie de tom pedagógico. –

Faço-o porque é *necessário*.

– A quem?

– A toda a Grã-Bretanha – respondeu ele. – Confie em mim.

Ela fitou-o, desconfiada.

– Ela não pode ser assim tão má.

– Talvez não – concordou ele. – A minha mãe parece gostar dela, por mais que isso me deixe perplexo.

Ela riu de novo, e o som foi... *bom*. Uma palavra anódina, certamente, mas que de alguma forma o atingiu certa vez no coração. A risada dela vinha de dentro, quente, rica e verdadeira.

Então, Lucy virou-se e os seus olhos tornaram-se muito sérios.

– Sei que gosta de provocar, mas eu apostaria tudo o que tenho em como daria a vida por ela.

Ele fingiu ponderar sobre isso.

– Quanto tem?

– Ganhe vergonha, Mr. Bridgerton. Está a evitar a questão.

– Claro que sim – disse ele calmamente. – Ela é a minha irmãzinha. Minha para torturar e minha para proteger.

– Não é já casada?

Ele encolheu os ombros, fixando os olhos na ponta oposta do parque.

– Sim, suponho que o St. Clair possa cuidar dela agora, que Deus o ajude. – Virou-se, lançando-lhe um sorriso malandro. – Desculpe.

Mas ela não era assim tão orgulhosa para se ofender. E, de facto, surpreendeu-o totalmente, dizendo com muita emoção:

– Não há necessidade de pedir desculpa. Há momentos em que apenas o nome do Senhor transmite corretamente o nosso desespero.

– Porque será que sinto que está a falar de uma experiência recente?

– Ontem à noite – confirmou ela.

– A sério? – Ele inclinou-se, muito interessado. – O que aconteceu?

Mas ela apenas abanou a cabeça.

– Não foi nada.

– Alguma coisa *foi*, se a fez blasfemar.

Lucy suspirou.

– Já lhe disse que é insuportável, não disse?

– Uma vez hoje, e quase de certeza várias vezes antes.

Ela dirigiu-lhe um olhar frio, o azul dos seus olhos cortante ao fixarem-se nele.

– Contou-as?

Ele fez uma pausa. Era uma pergunta estranha, não porque ela a fizera... por amor de Deus, ele teria perguntado a mesma coisa, se estivesse no seu lugar. Era estranho porque tinha a arrepiante sensação de que, se pensasse sobre isso algum tempo, poderia realmente encontrar a resposta.

Gostava de conversar com Lucy Abernathy. E quando ela lhe dizia alguma coisa...

Ele lembrava-se.

Peculiar, aquilo.

– Pergunto-me – disse ele, pois parecia-lhe um bom momento para mudar de assunto. – Será *suportável* uma palavra?

Lucy refletiu um pouco.

– Acho que deve ser, não acha?

– Ninguém jamais a pronunciou na minha presença.

– Isso surpreende-o?

Ele abriu um sorriso vagaroso. Apreciativo.

– Lady Lucinda, devo dizer-lhe que tem uma boca mordaz.

As sobranceiras dela arquearam-se e, naquele momento, ficou com um ar tremendamente diabólico.

– É um dos meus segredos mais bem guardados.

Ele desatou a rir.

– Sou muito mais do que uma intrometida, sabia?

O riso aumentou, agitando-o até ao âmagdo do ventre, até lhe fazer o corpo estremecer.

Ela olhava-o com um sorriso indulgente que ele, por alguma razão, achou calmante. Mostrava-se calorosa... serena, até.

E ele sentia-se feliz por estar com ela. Ali naquele banco. Era bastante agradável simplesmente estar ali, na sua companhia. Então virou-se para ela. Sorriu.

– Tem outro pedaço de pão?

Ela entregou-lhe três.

– Eu trouxe o pão inteiro.

Ele começou a cortar pedacinhos.

– Está a tentar engordar o bando?

– Gosto de empada de pombo – retorquiu ela, retomando a sua missão de alimentação lenta e avarenta.

Gregory desconfiava que seria imaginação sua, mas teria jurado que os pássaros olhavam ansiosos na sua direção.

– Vem aqui com frequência? – perguntou.

Ela não respondeu logo, a cabeça inclinou-se, quase como se tivesse de pensar na resposta.

O que era estranho, porque era uma pergunta bastante simples.

– Gosto de alimentar os pássaros – disse ela. – É relaxante.

Ele arremessou outro punhado de pedaços de pão e desenhou um sorriso.

– Acha?

Lucy semicerrou os olhos e atirou mais um pedaço com um movimento preciso, quase militar, do pulso. O pedaço seguinte foi atirado da mesma forma. E o outro a seguir, também. Ela olhou-o com os lábios cerrados.

– Acho, desde que não esteja a tentar incitar um motim.

– Eu? – devolveu ele, todo inocência. – Lady Lucinda é que está a obrigá-los a

lutar até à morte por uma patética migalha de pão duro.

– É um belo pão, bem cozido e extremamente saboroso, para que saiba.

– Em matéria de nutrição – disse ele com graciosidade exagerada –, seguirei sempre o seu conselho.

Lucy olhou-o friamente.

– A maioria das mulheres não acharia isso elogioso.

– Ah, mas a Lady Lucinda não é a maioria das mulheres. Além de que – acrescentou ele –, eu já a vi a tomar o pequeno-almoço.

Os lábios abriram-se, mas antes que ela pudesse bufar a sua indignação, ele interveio:

– Foi um elogio, para que saiba.

Lucy abanou a cabeça. Ele era realmente insuportável. E ela estava-lhe *tão* grata por isso. Quando o vira, ali parado a olhá-la enquanto alimentava os pássaros, sentira um frio no estômago, uma espécie de enjoo, e ficara sem saber o que dizer ou como agir, ou o que quer que fosse.

Mas então ele avançara e era tão... *ele mesmo*. Pusera-a imediatamente à vontade, o que, dadas as circunstâncias, era bastante surpreendente.

Pois, afinal de contas, estava apaixonada por ele.

Mas então ele sorria, aquele sorriso preguiçoso que lhe era já tão familiar, e fizera uma qualquer piada acerca dos pombos e, sem se dar conta, devolvera-lhe o sorriso. Voltara a sentir-se ela mesma, e isso era muito reconfortante.

Não se sentia assim há semanas.

Portanto, num espírito de tirar o melhor partido da situação, decidira não se debruçar demasiado sobre o afeto inadequado que sentia por ele e ficar simplesmente grata por poder estar na sua presença sem se transformar numa tonta desajeitada e gaguejante.

Aparentemente ainda lhe cabia alguma sorte no mundo.

– Tem estado em Londres este tempo todo? – perguntou, determinada a manter uma conversa agradável e perfeitamente normal.

Ele recuou, surpreendido. Claramente, não esperava a pergunta.

– Não. Cheguei ontem à noite.

– Entendo. – Lucy fez uma pausa para digerir a informação. Era estranho, mas ainda não tinha considerado a hipótese de ele não estar na cidade. Mas isso explicaria... bem, não sabia exatamente o que isso explicaria. O facto de não ter tido um vislumbre dele? Afinal de contas, ela não fora a parte nenhuma, exceto ao parque e à costureira. Tirando isso, estava em casa. – Estava em Aubrey Hall, então?

– Não, logo depois de ter partido, fui visitar o meu irmão. Vive com a mulher e os filhos no Wiltshire, muito alegremente longe de tudo o que é civilizado.

– O Wiltshire não é assim tão longe.

Ele encolheu os ombros.

– Metade do tempo nem sequer recebem o *Times*. Afirmam que não estão interessados.

– Que estranho.

Lucy não conhecia ninguém que não recebesse o jornal, mesmo no mais remoto dos condados.

Ele assentiu.

– Contudo, desta vez, achei uma experiência muito benéfica. Não tinha ideia do que os outros andam a fazer, e não me importei nem um pouco.

– Por norma é assim tão dado a mexericos?

Ele lançou-lhe um olhar de soslaio.

– Os homens não trocam mexericos. Nós conversamos.

– Compreendo – disse ela. – Isso explica muita coisa.

Ele riu-se.

– Está na cidade há muito tempo? Pensei que também tinha ido rusticar.

– Há duas semanas – respondeu ela. – Chegámos logo depois do casamento.

– Nós? Isso quer dizer que o seu irmão e Miss Watson estão cá também?

Lucy odiava quando ficava atenta a algum traço de ansiedade na voz dele, mas supôs que não havia nada a fazer.

– Ela agora é Lady Fennsworth, e não, eles partiram em viagem de lua de mel. Estou cá com o meu tio.

– Para passar a temporada?

– Para o meu casamento.

Isso interrompeu de imediato o fluxo fácil da conversa.

Enfiou a mão na bolsa e tirou outra fatia de pão.

– É daqui a uma semana.

Ele olhou-a em estado de choque.

– Tão depressa?

– O tio Robert diz que não faz sentido adiar mais.

– Compreendo.

E talvez compreendesse. Talvez houvesse algum tipo de etiqueta em tudo isto que ela, menina do campo protegida como era, não tinha aprendido. Talvez não *fizesse* mesmo sentido adiar o inevitável. Talvez fizesse tudo parte daquela filosofia de tirar o melhor partido de uma situação que ela tão diligentemente se esforçava para abraçar.

– Bom – disse ele.

Piscou os olhos algumas vezes e ela percebeu que ele não sabia o que dizer. Era uma resposta muito incaracterística e achou-a gratificante. Era um pouco como Hermione não saber dançar. Se Gregory Bridgerton podia ficar sem palavras, então havia esperança para o resto da humanidade.

Finalmente decidiu-se por:

– As minhas felicitações.

– Obrigada.

Perguntou-se se ele teria recebido o convite. O tio Robert e Lord Davenport estavam decididos a realizar a cerimónia na presença de absolutamente toda a gente. Seria, segundo eles, o seu grande debut, e eles queriam que toda a gente

soubesse que ela era a mulher de Haselby.

– A cerimónia vai ser na igreja de St. George – disse ela, sem razão aparente.

– Aqui em Londres? – Ele pareceu surpreendido. – Pensei que se casaria em Fennsworth Abbey.

Era extremamente peculiar, pensou Lucy, como *não* estava a ser dolorosa esta conversa... discutir o seu casamento iminente com ele. Era mais uma dormência que sentia, na verdade.

– Foi o que o meu tio quis – explicou, debruçando-se para a cesta e pegando noutra fatia de pão.

– O seu tio continua a ser o chefe da família? – perguntou Gregory, fitando-a com uma certa curiosidade. – O seu irmão é o conde. Ele ainda não atingiu a maioridade?

Lucy atirou a fatia inteira para o chão e ficou a assistir com interesse mórbido os pombos a enlouquecerem.

– Atingiu – respondeu. – No ano passado. Mas estava perfeitamente satisfeito em permitir que o meu tio tratasse dos assuntos da família, enquanto prosseguia os estudos de pós-graduação em Cambridge. Imagino que terá de assumir o seu lugar em breve, agora que é – dirigiu-lhe um sorriso contrito – casado.

– Não se preocupe com a minha sensibilidade – assegurou ele. – Estou completamente recuperado.

– Verdadeiramente?

Ele encolheu ligeiramente um só ombro.

– Verdade seja dita, sou um homem de sorte.

Lucy retirou outra fatia de pão, mas os dedos imobilizaram-se antes de partir um pedaço.

– É? – inquiriu ela, virando-se para ele com interesse. – Como é isso possível?

Gregory pestanejou de surpresa.

– É *mesmo* direta, não é?

Ela corou. Sentiu-o, o rosa e o calor *horríveis* nas faces.

– Desculpe – disse Lucy. – Foi terrivelmente rude da minha parte. É só que estava tão...

– Não diga mais nada – cortou ele.

O que a fez sentir ainda pior, pois estivera prestes a descrever, provavelmente em detalhe meticuloso, o quão apaixonado ele estivera por Hermione. Se a situação fosse inversa, não teria gostado nada de o ver referido em pormenor.

– Peço desculpa – disse de novo.

Ele virou-se e fitou-a com uma espécie de curiosidade contemplativa.

– Diz isso com muita frequência.

– Desculpe?

– Sim.

– Eu... eu não sei. – Cerrou os dentes, sentindo-se muito tensa. Desconfortável. Porquê salientar uma coisa daquelas? – É o que eu faço – disse ela, e disse-o com firmeza, porque... bem, porque sim. Era razão suficiente.

Ele assentiu. O gesto fê-la sentir-se ainda pior.

– É assim que eu sou – acrescentou ela, na defensiva, mesmo tendo ele concordado com ela, pelo amor de Deus. – Acalmo as coisas e ponho tudo direito.

E com isto, atirou o último pedaço de pão para o chão.

Ele arqueou as sobrancelhas, e os dois viraram-se em uníssono para ver o caos que se seguiu.

– Muito bem! – murmurou ele.

– Tiro o melhor partido das situações – acrescentou ela. – Sempre.

– É uma característica louvável – comentou ele em voz baixa.

O comentário, de alguma forma, enfureceu-a. Deixou-a real, verdadeira e brutalmente furiosa. Não queria ser elogiada por saber contentar-se com o segundo melhor. Era como ganhar um prêmio pelos sapatos mais bonitos numa corrida. Completamente irrelevante.

– E o senhor, Mr. Bridgerton? – perguntou ela, a voz tornando-se mais estridente. – Tira o melhor partido das situações? É por isso que alega já estar recuperado? Não foi o senhor quem desatou em rapsódias acerca da simples ideia de amor? Disse que era *tudo*, que não teve escolha. Disse...

Parou, horrorizada com o próprio tom de voz. Ele olhava-a como se ela tivesse enlouquecido, e talvez tivesse.

– Disse muitas coisas – murmurou ela, esperando que isso terminasse a conversa.

Ela devia ir-se embora. Estava sentada no banco há pelo menos quinze minutos antes de ele ter chegado, e o tempo estava húmido e ventoso, e a sua criada não estava devidamente agasalhada, e se ela pensasse longa e arduamente sobre o assunto, provavelmente tinha uma centena de coisas para fazer em casa.

Ou, pelo menos, um livro que pudesse ler.

– Peço desculpa se a perturbei – disse Gregory em voz baixa.

Lucy não conseguiu olhar para ele.

– Mas eu não menti – disse ele. – Sinceramente, já não penso em Miss... perdão, em Lady Fennsworth... com grande frequência, exceto, talvez para me dar conta que não teria sido uma união totalmente adequada.

Ela virou-se para ele e percebeu o quanto queria acreditar no que ouvia. Queria mesmo muito.

Porque se ele era capaz de esquecer Hermione, talvez ela pudesse esquecê-lo.

– Não sei como explicar – disse ele, meneando a cabeça, como se estivesse tão perplexo quanto ela. – Mas, se alguma vez se apaixonar louca e inexplicavelmente...

Lucy ficou hirta. *Ele não ia dizê-lo. Certamente não podia dizê-lo.*

Gregory encolheu os ombros.

– Bem, eu não confiaria no sentimento.

Meu Deus! As mesmas palavras de Hermione. Exatamente.

Tentou lembrar-se de como respondera a Hermione.

Porque tinha de dizer algo. Caso contrário, ele iria perceber o silêncio, e então

iria virar-se e vê-la muito perturbada. Depois faria perguntas, para as quais ela não tinha respostas e...

– Não é provável que isso me aconteça – disse ela, as palavras praticamente derramando-se da boca.

Ele virou-se, mas ela manteve o rosto escrupulosamente virado para a frente.

Queria desesperadamente não ter atirado o pão todo. Seria muito mais fácil evitar encará-lo, se pudesse fingir estar ocupada com outra coisa.

– Não acredita que se vá apaixonar? – perguntou ele.

– Bem, talvez – respondeu Lucy, tentando parecer indiferente e sofisticada. – Mas *isso* não.

– *Isso?*

Respirou fundo, detestando ser forçada a explicar.

– Esse tipo de coisa desesperada que o senhor e a Hermione agora negam – disse ela. – Não sou esse tipo de pessoa, não lhe parece?

Mordeu o lábio e finalmente permitiu-se virar para ele. Porque, e se ele percebesse que ela estava a mentir? E se sentisse que ela já estava apaixonada... e por ele? Ficaria envergonhada para além de todos os limites, mas não seria melhor *saber* que ele sabia? Pelo menos, assim, não teria de imaginar.

A ignorância não era felicidade. Não para alguém como ela.

– De qualquer maneira, não tem qualquer importância – continuou, não podendo suportar mais o silêncio. – Vou casar-me com Lord Haselby daqui a uma semana, e *nunca* seria capaz de quebrar os meus votos. Eu...

– *Haselby?* – Todo o corpo de Gregory se contorceu ao virar-se para a encarar. – Vai casar-se com o *Haselby*?

– Sim – respondeu ela, pestanejando furiosamente. Que tipo de reação era *aquela*? – Pensei que soubesse.

– Não. Eu não...

Parecia chocado. Estupefacto.

Deus do Céu!

Gregory abanou a cabeça.

– Não faço ideia porque é que eu não sabia.

– Não era segredo.

– *Não* – disse ele, com certa violência. – Isto é, não. Não, claro que não. Não era minha intenção insinuar que era.

– Não tem Lord Haselby em grande estima? – perguntou ela, escolhendo as palavras com extremo cuidado.

– Não é isso – respondeu Gregory, abanando a cabeça, muito ligeiramente, como se não estivesse ciente de que o fazia. – Não. Conheço-o há vários anos. Estudámos juntos no colégio. E na universidade.

– São da mesma idade, então? – perguntou Lucy, ocorrendo-lhe que algo não estava certo, se não sabia a idade do próprio noivo. Mas a verdade é que também não tinha a certeza da idade de Gregory.

Ele assentiu.

– Ele é muito... afável. Irá tratá-la bem. – Pigarreou. – Com delicadeza.
– Com delicadeza? – repetiu ela. Pareceu-lhe uma escolha estranha de palavras.

Os olhos de ambos encontraram-se e só então Lucy percebeu que ele não a tinha encarado desde que ela pronunciara o nome do noivo. Mas ele não falou. Limitou-se a fitá-la, os olhos tão intensos que pareceram mudar de cor. Eram castanhos com verde, depois verdes com castanho, e então tudo pareceu quase fundir-se.

– O que foi? – sussurrou ela.

– Não tem importância – disse ele, mas não soava a si próprio. – Eu... – Desviou o olhar, quebrando o feitiço. – A minha irmã – recomeçou, aclarando a garganta. – Vai dar uma festa amanhã à noite. Gostaria de ir?

– Oh sim, isso seria ótimo – disse Lucy, embora soubesse que não devia. Mas há tanto tempo que não tinha qualquer tipo de interação social e sabia que, depois de casada, não iria poder passar mais tempo na sua companhia. Não devia torturar-se agora, ansiando por algo que não poderia ter, mas era-lhe impossível evitar.

Colhe os botões de rosa.¹

Agora. Porque realmente, quando é que depois...

– Oh, mas eu *não posso!* – exclamou ela, a decepção tornando-lhe a voz quase um queixume.

– Porque não?

– É o meu tio – respondeu ela, suspirando. – E Lord Davenport... o pai do Haselby.

– Eu sei quem ele é.

– Claro. Peço descul... – Interrompeu-se. Não ia dizê-lo. – Eles não querem que eu apareça em sociedade ainda.

– Ora essa, porquê?

Lucy encolheu os ombros.

– Não vale a pena ser apresentada à sociedade como Lady Lucinda Abernathy, quando serei Lady Haselby daqui a uma semana.

– Isso é ridículo.

– É o que eles dizem. – Ela franziu o sobrolho. – E também me parece que eles não querem ter a despesa.

– Vai amanhã à noite à festa – disse Gregory com firmeza. – Eu trato disso.

– O senhor? – perguntou Lucy, duvidando.

– *Eu* não – respondeu, como se ela tivesse enlouquecido. – A minha mãe. Confie em mim, quando se trata de questões de discurso social e subtilezas, ela é capaz de qualquer coisa. Tem *chaperon*?

Lucy assentiu.

– A minha tia Harriet. Ela é um pouco frágil, mas estou certa de que poderá participar de uma festa, se o meu tio permitir.

– Ele vai permitir – disse Gregory com confiança. – A irmã em questão é a minha irmã mais velha, a Daphne. – Em seguida, esclareceu: – Sua graça, a

duquesa de Hastings. O seu tio não seria capaz de dizer não a uma duquesa, seria?

– Não me parece – respondeu ela lentamente.

Lucy não conseguia imaginar alguém capaz de dizer não a uma duquesa.

– Está resolvido, então – concluiu Gregory. – Deverá ter notícias da Daphne esta tarde.

Levantou-se, oferecendo a mão para a ajudar.

Ela engoliu em seco. Seria uma sensação agradável tocá-lo, mas aceitou a sua mão. Era quente e confortável.

E segura.

– Obrigada – murmurou ela, retirando a mão para poder pegar na asa da cesta com as duas mãos. Fez sinal à criada, que imediatamente se aproximou.

– Até amanhã – despediu-se ele, fazendo uma vénia quase formal em despedida.

– Até amanhã – retribuiu Lucy, perguntando-se se poderia ser verdade.

Nunca vira o tio mudar de ideias antes. Mas talvez...

Fosse possível.

Quem sabe?

1 Parte do verso de abertura do poema «To the Virgins, to Make Much of Time», da autoria do poeta inglês setecentista, Robert Herrick, que exalta a noção de *carpe diem* (aproveitar o momento). A primeira estrofe reza assim: «Gather ye rosebuds while ye may, / Old Time is still a-flying; / And this same flower that smiles today / Tomorrow will be dying.» Numa tradução livre: «Colhe os botões de rosa enquanto podes, / Pois o Velho Tempo ainda corre; / E esta mesma flor que no dia de hoje sorri, / Vindo o dia de amanhã, morre.» (N. da T.)

CAPÍTULO 15

*Em que o nosso herói descobre que não é, e provavelmente nunca será,
tão sábio quanto a mãe.*

Uma hora mais tarde, Gregory aguardava na sala de estar do número 5 de Bruton Street, a casa da sua mãe em Londres desde que ela tinha insistido em desocupar a Bridgerton House depois do casamento de Anthony. Tinha sido a sua casa, também, até ele se ter mudado para o seu próprio apartamento vários anos antes. A mãe vivia lá sozinha, desde que a sua irmã mais nova se tinha casado. Gregory fazia questão de a visitar pelo menos duas vezes por semana, quando estava em Londres, mas nunca deixava de o surpreender a tranquilidade da casa agora.

– Querido! – exclamou a mãe, entrando na sala com um sorriso amplo. – Não esperava ver-te até logo à noite. Como foi a tua viagem? E conta-me tudo sobre o Benedict, a Sophie e as crianças. É um crime a raridade com que vejo os meus netos.

Gregory sorriu com indulgência. A mãe visitara o Wiltshire há apenas um mês, e fazia-o várias vezes por ano. Obedientemente contou-lhe as novidades sobre as quatro crianças de Benedict, com maior ênfase na pequena Violet, a sua homónima. Então, depois de ela ter esgotado as perguntas, Gregory disse:

– Na verdade, mãe, tenho um favor a pedir-lhe.

A postura de Violet era sempre soberba, mas, ainda assim, ela pareceu endireitar um pouco mais o corpo.

– Tens? De que precisas?

Ele contou-lhe sobre Lucy, tornando a história o mais breve possível, para que ela não chegasse a conclusões impróprias sobre o seu interesse por ela.

A mãe tendia a ver qualquer mulher solteira como potencial noiva. Mesmo aquelas com um casamento previsto para o final da semana.

– É claro que vou ajudar-te – anunciou ela. – Isso vai ser fácil.

– O tio dela está determinado a mantê-la sequestrada – lembrou Gregory.

Ela dispensou a advertência.

– Uma brincadeira de crianças, meu querido filho. Deixa tudo comigo. Será uma tarefa rápida.

Gregory decidiu não adiantar mais o assunto. Se a mãe dizia que sabia como garantir a comparência de alguém num baile, ele acreditava. Questionar só iria fazê-la acreditar que ele tinha algum motivo oculto.

O que não era verdade.

Simplesmente gostava de Lucy. Considerava-a uma amiga. E queria que ela tivesse um pouco de diversão.

Era admirável, na verdade.

– Vou pedir à tua irmã que envie um convite com uma nota pessoal – pensou Violet em voz alta. – E talvez vá a casa do tio dela pessoalmente. Minto e digo-lhe

que a encontrei no parque.

– Mente? – Os lábios de Gregory contraíram-se de riso. – A mãe?

O sorriso da mãe tornou-se tremendamente diabólico.

– Não importa se ele não acreditar em mim. É uma das vantagens da idade avançada. Ninguém se atreve a contrariar um velho dragão como eu.

Gregory ergueu as sobrancelhas, recusando-se a deixar-se apanhar por aquele isco. Violet Bridgerton podia ser a mãe de oito filhos adultos, mas com aquela tez leitosa e sem rugas e amplo sorriso, não se parecia de todo com alguém que pudesse ser classificado como velho. Na verdade, Gregory muitas vezes se questionava porque é que ela não voltara a casar-se. Não faltavam viúvos bem-parecidos a reivindicar o direito de a acompanhar até à sala de jantar ou de a convidar para dançar. Gregory suspeitava que qualquer um deles teria aproveitado num ápice a oportunidade de se casar com a mãe dele, caso ela mostrasse interesse.

Mas ela nunca o fizera, e Gregory tinha de admitir que, de forma um pouco egoísta, ficava contente por isso. Apesar do seu espírito intrometido, havia algo de muito reconfortante na sua sincera devoção aos filhos e aos netos.

O pai morrera há bem mais de duas décadas. Gregory não tinha uma só memória do homem. Mas a mãe falava dele muitas vezes, e sempre que o fazia, a voz mudava. Os olhos suavizavam-se e os cantos dos lábios tremiam... muito ao de leve, apenas o suficiente para Gregory lhe ver as memórias no rosto.

Era nesses momentos que entendia a determinação dela em que os filhos escolhessem casar-se por amor.

Gregory sempre planeava obedecer. Era irónico, na verdade, dada a farsa com Miss Watson.

Nesse momento, uma criada entrou com a bandeja do chá, que pousou na mesinha baixa entre eles.

– A cozinheira fez os teus biscoitos favoritos – disse a mãe, entregando-lhe uma chávena preparada exatamente como ele gostava: sem açúcar e com um pequeno salpico de leite.

– Previas a minha visita? – perguntou ele.

– Não, esta tarde, não – respondeu Violet, tomando um gole do seu próprio chá. – Mas eu sabia que não podias manter-te longe por muito tempo. Havias de precisar de sustento.

Gregory lançou-lhe um sorriso maroto. Era verdade. Como muitos homens da sua idade e estatuto, não tinha espaço no apartamento para uma cozinha adequada. Comia em festas e no clube e, claro, em casa da mãe ou dos irmãos.

– Obrigado – murmurou ele, aceitando o prato onde ela empilhara seis biscoitos.

Violet fitou a bandeja de chá um momento, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, e, em seguida, colocou dois no seu próprio prato.

– Fico muito sensibilizada – disse ela, olhando-o – por teres vindo pedir a minha ajuda por causa de Lady Lucinda.

– Fica? – perguntou ele, curioso. – A quem mais poderia eu pedir para me ajudar com esta questão?

Ela mordiscou delicadamente o biscoito.

– Não, eu sou a escolha mais óbvia, claro, mas certamente percebes que é muito raro voltares-te para a família quando precisas de alguma coisa.

Gregory ficou imóvel e, em seguida, virou-se lentamente para ela. Os olhos da mãe... tão azuis e tão perturbadoramente argutos, estavam fixos no seu rosto. O que queria ela dizer com aquilo? Ninguém poderia amar mais a família do que ele.

– Isso não pode ser verdade – respondeu por fim.

Mas a mãe apenas sorriu.

– Achas?

O maxilar dele contraiu-se.

– Acho.

– Oh, não te ofendas – disse ela, esticando-se sobre a mesa para lhe dar uma palmadinha afetuosa no braço. – Não quero com isto dizer que não nos amas. Mas é verdade que preferes fazer as coisas sozinho.

– Tais como?

– Oh, como encontrares uma mulher...

Ele cortou-lhe a palavra de imediato.

– Está a tentar dizer-me que o Anthony, o Benedict e o Colin lhe estão muito gratos pela interferência quando procuravam as suas respetivas mulheres?

– Não, claro que não. Nenhum homem gosta disso. Mas... – Ela levantou rapidamente uma das mãos no ar, como se pudesse apagar a frase. – Perdoa-me. Foi um mau exemplo.

Deixou escapar um pequeno suspiro, mantendo o olhar virado para a janela e Gregory percebeu que ela estava disposta a deixar cair o assunto. Contudo, para sua surpresa, ele não estava.

– O que é que tem de mal preferir fazer as coisas sozinho? – perguntou ele.

A mãe encarou-o, com o ar mais natural do mundo, como se não tivesse sido ela a introduzir um tema de conversa potencialmente desconfortável.

– Nada. Estou muito orgulhosa de ter criado filhos tão autossuficientes. Afinal, três de vocês têm de traçar o vosso próprio caminho no mundo. – Fez uma pausa, considerando o que acabara de dizer e, em seguida, acrescentou: – Com a ajuda do Anthony, claro. Ficaria bastante desapontada se ele não vos ajudasse quando necessário.

– O Anthony é extremamente generoso – disse Gregory calmamente.

– Sim, é, não é? – respondeu Violet, sorrindo. – Com dinheiro e tempo. É bastante parecido com o teu pai nesse aspeto. – Fitou-o com olhos melancólicos. – Tenho tanta pena de não o teres conhecido.

– O Anthony foi um bom pai para mim.

Gregory disse-o porque sabia que lhe daria alegria, mas também porque era verdade.

Os lábios da mãe contraíram-se com força e por um momento Gregory pensou

que ela fosse desatar a chorar. Imediatamente pegou no lenço e estendeu-lho.

– Não, não, não é necessário – disse ela, mas pegou nele e enxugou os olhos. – Eu estou bem. Apenas um pouco... – Engoliu em seco e sorriu. Mas os olhos ainda brilhavam de lágrimas. – Um dia vais entender... quando tiveres filhos... como é maravilhoso ouvir isso.

Pousou o lenço e pegou na chávena de chá. Bebericando pensativamente, deixou escapar um pequeno suspiro de contentamento.

Gregory sorriu para si próprio. A mãe adorava chá. Ia muito além da devoção britânica habitual. Alegava que a ajudava a pensar, o que normalmente ele teria louvado como uma coisa boa, exceto pelo facto de *ele* ser, com frequência, o tema dos seus pensamentos e depois da terceira chávena ela geralmente já ter congeminado um plano assustadoramente minucioso para o casar com a filha de uma qualquer amiga que visitara recentemente.

Mas desta vez, aparentemente, a mente dela não se concentrava no casamento. Pousou a chávena e, justamente quando a julgava pronta para mudar de assunto, ela disse:

– Mas ele não é o teu pai.

Gregory fez uma pausa, a chávena a meio caminho da boca.

– Não percebi.

– O Anthony. Não é o teu pai.

– Sim? – disse ele lentamente, pois aonde queria a mãe chegar?

– É teu irmão – continuou ela. – Tal como são o Benedict e o Colin, e quando eras pequeno... oh, como tu querias fazer parte dos assuntos deles.

Gregory manteve-se muito quieto.

– Mas é claro que eles não estavam interessados em andar contigo a reboque e, realmente, quem pode culpá-los?

– Quem, de facto? – murmurou ele, tenso.

– Oh, não te ofendas, Gregory – pediu a mãe, voltando-se para ele com uma expressão que era uma mistura de contrição e impaciência. – Eles foram irmãos maravilhosos e, na verdade, muito pacientes a maior parte do tempo.

– A maior parte do tempo?

– Algumas vezes – emendou ela. – Mas tu eras muito mais novo do que eles. Simplesmente não havia muito em comum entre vocês. E depois tu cresceste e...

As palavras ficaram suspensas e ela suspirou. Gregory inclinou-se para frente.

– E? – incitou ele.

– Oh, não é nada.

– Mãe!

– Pois muito bem – cedeu ela, e nesse instante ele percebeu que a mãe sabia *exatamente* o que queria dizer e que quaisquer suspiros e palavras demoradas eram inteiramente para criar mais impacto. – Creio que achas que tens de te afirmar perante eles – declarou Violet.

Ele olhou-a com espanto.

– E não tenho?

Os lábios da mãe entreabriram-se, mas não fez nenhum som por alguns segundos.

– Não – respondeu finalmente. – Porque achas que sim?

Que pergunta sem sentido. Era porque... porque...

– Não é o tipo de coisa que se possa facilmente pôr em palavras – murmurou ele.

– Ai não? – Ela tomou um gole de chá. – Devo dizer que não foi a reação que eu esperava.

Gregory voltou a cerrar o maxilar.

– O que esperava então, precisamente?

– Precisamente? – Fitou-o com humor suficiente a bailar-lhe nos olhos para o deixar completamente irritado. – Não sei se consigo ser mais precisa, mas suponho que esperava que o negasses.

– Só porque não quero que seja o caso, não o torna mentira – declarou ele com um encolher de ombros deliberadamente casual.

– Os teus irmãos respeitam-te – disse Violet.

– Eu não disse que não.

– Reconhecem que és um homem independente.

Isso, pensou Gregory, não era exatamente verdade.

– Não é um sinal de fraqueza pedir ajuda – continuou Violet.

– Nunca acreditei que fosse – retorquiu ele. – Não acabei de pedir a sua ajuda?

– Numa questão que só pode ser tratada por uma mulher – disse ela, com uma pontinha depreciativa. – Não tinhas outra escolha senão pedires-me a mim.

Era verdade, por isso Gregory não fez comentários.

– Estás acostumado a que te façam as coisas – disse ela.

– Mãe.

– A Hyacinth é igual – apressou-se ela a acrescentar. – Acho que deve ser um sintoma de ser o mais novo. E, acredita, não quis insinuar que algum de vós é preguiçoso ou mimado ou mesquinho, de maneira alguma.

– O que quis dizer, então? – perguntou ele.

Ela olhou para cima com um sorriso ligeiramente travesso.

– Precisamente?

Ele sentiu um pouco da tensão esvair-se.

– Precisamente – respondeu ele, reconhecendo com um aceno de cabeça o trocadilho.

– Apenas quis dizer que nunca tiveste de trabalhar arduamente por nada. Tens muita sorte nisso. As coisas boas parecem acontecer-te com naturalidade.

– E, como minha mãe, isso incomoda-a... como?

– Oh, Gregory! – exclamou ela com um suspiro. – Eu não estou incomodada. Só posso desejar-te coisas boas. Sabes isso.

Ele não sabia bem qual seria a resposta mais adequada, por isso manteve-se em silêncio, limitando-se a erguer as sobrancelhas em interrogação.

– Fiz aqui uma grande trapalhada, não foi? – disse Violet com uma careta. –

Tudo o que estou a tentar dizer é que nunca tiveste de empreender muito esforço para alcançares os teus objetivos. Se isso é resultado das tuas capacidades ou dos teus objetivos, não sei.

Gregory não falou. Os olhos encontraram um local particularmente intrincado no padrão do tecido que cobria as paredes e ficou ali agarrado, incapaz de se concentrar em qualquer outra coisa, enquanto a sua mente se agitava num turbilhão.

E ansiava.

E então, antes mesmo de perceber o que estava a pensar, perguntou:

– O que tem isso que ver com os meus irmãos?

Ela piscou os olhos sem compreender e, finalmente, murmurou:

– Oh, queres dizer sobre sentires necessidade de te afirmares perante eles?

Ele anuiu.

Ela apertou os lábios. Pensou. E então disse:

– Não sei.

Ficou boquiaberto. Não era a resposta que esperava.

– Eu não sei tudo – afirmou ela, e Gregory suspeitou ser a primeira vez que aquela sequência de palavras específica lhe cruzava os lábios.

– Suponho que tu... – disse ela, com muito vagar e cuidado – bem, é uma combinação estranha, parece-me. Ou talvez não tão estranha, quando se tem tantos irmãos e irmãs mais velhos.

Gregory esperou que a mãe organizasse os pensamentos. A sala estava silenciosa, o ar completamente imóvel, e, no entanto, ele tinha a sensação de que alguma coisa o empurrava para baixo, pressionando-o de todos os lados.

Não sabia o que ela ia dizer, mas de alguma forma...

Sabia...

Que era importante.

Talvez mais do que qualquer outra coisa que já ouvira.

– Tu não gostas de pedir ajuda – disse a mãe – por ser tão importante para ti que os teus irmãos te vejam como um homem crescido. Mas, ao mesmo tempo... bem, a vida acontece-te com facilidade e então eu às vezes acho que não te esforças.

Os lábios dele entreabriram-se.

– Não é que te recuses a tentar – apressou-se ela a acrescentar. – Só que na maioria das vezes não precisas. E quando algo te exige muito esforço... é como se não pudesses gerir a coisa sozinho e então decides que não vale a pena.

Os olhos de Gregory voltaram a encontrar aquele ponto na parede, aquele onde as videiras se contorciam tão curiosamente.

– Eu sei o que significa esforçar-me por alguma coisa – disse ele em voz calma. Virou-se para a mãe, encarando-a frontalmente. – Querê-la desesperadamente e saber que pode acabar por não ser minha.

– Sim? Fico feliz por isso. – Ela estendeu a mão para o chá, mas, aparentemente, mudou de ideias e olhou para cima. – Conseguieste-a?

– Não.

Os olhos dela assumiram uma expressão um pouco triste.

– Lamento.

– Eu não – disse ele, muito rígido. – Já não.

– Oh! Bem. – Ela mexeu-se no assento. – Então não lamento. Isso significa que fez de ti um homem melhor.

O impulso inicial de Gregory era ofender-se, mas para sua grande surpresa, apanhou-se a dizer:

– Acho que tem razão.

Para sua surpresa ainda maior, percebeu que era sincero.

A mãe sorriu sabiamente.

– Fico tão feliz por conseguires ver por esse prisma. A maioria dos homens não consegue. – Olhou para o relógio e soltou um gorjeio de surpresa. – Oh, valha-me Deus, as horas! Prometi à Portia Featherington que iria visitá-la esta tarde.

Gregory levantou-se juntamente com a mãe.

– Não te preocupes com Lady Lucinda – disse ela, correndo para a porta. – Eu trato de tudo. E, por favor, termina o teu chá. Eu preocupo-me contigo, a viver sozinho sem nenhuma mulher para cuidar de ti. Mais um ano assim e vais definhar até só seres pele e osso.

Gregory acompanhou-a até à porta.

– No respeitante a empurrões para o matrimónio, esse foi particularmente óbvio.

– Foi? – A mãe lançou-lhe um olhar altivo. – Que bom para mim que já nem sequer tento ser subtil. Descobri que a maioria dos homens não repara em nada que não lhe seja devidamente explicitada, é o que é.

– Até os seus filhos.

– *Especialmente* os meus filhos.

Ele sorriu com ironia.

– Eu estava a pedir essa, não foi?

– Praticamente me mandaste um convite.

Tentou acompanhá-la até ao átrio principal, mas ela enxotou-o.

– Não, não é necessário. Vai e termina o teu chá. Pedi na cozinha para te trazerem sanduíches quando chegaste. Devem estar mesmo a chegar e certamente irão para o lixo se não as comeres.

O estômago de Gregory roncou naquele exato momento, então ele curvou-se e disse:

– É uma excelente mãe, sabia?

– Porque te alimento?

– Bem, sim, mas talvez por algumas outras coisas também.

Ela pôs-se na ponta dos pés e beijou-o na face.

– Já não és mais o meu querido menino, pois não?

Gregory sorriu. Aquela era a expressão carinhosa que ela sempre usava quando se referia a ele.

– Serei por tanto tempo quanto desejar, mãe. Enquanto assim o desejar.

CAPÍTULO 16

Em que o nosso herói se apaixona. Mais uma vez.

Em se tratando de maquinações sociais, Violet Bridgerton era tão competente quanto se afirmava e, de facto, quando Gregory chegou à Hastings House na noite seguinte, a irmã, Daphne, a atual duquesa de Hastings, informou-o de que Lady Lucinda Abernathy viria ao baile.

Ficou inexplicavelmente satisfeito com o resultado. Lucy parecera tão desapontada quando lhe dissera que não poderia ir e, francamente, não tinha ela direito a desfrutar de uma última noite de folia antes de se casar com Haselby?

Haselby.

Gregory ainda não conseguia acreditar. Como podia ele não saber que ela se ia casar com Haselby? Não havia nada que pudesse fazer para impedir e, na verdade, não era problema seu, mas, meu Deus, era *Haselby*.

Não deveria Lucy saber?

Haselby era um sujeito perfeitamente cordial e, Gregory tinha de admitir, possuidor de uma sagacidade mais do que aceitável. Ele não iria bater-lhe, não seria indelicado, mas ele não... ele não podia...

Ele não seria um marido para ela.

Pensar nisto deixava-o triste. Lucy não ia ter um casamento normal, porque Haselby não *gostava* de mulheres. Não da maneira que um homem normalmente gosta.

Haselby seria gentil com ela e provavelmente iria atribuir-lhe uma mesada extremamente generosa, o que era mais do que muitas mulheres tinham nos seus casamentos, independentemente das inclinações dos maridos.

Mas não lhe parecia justo que, de todas as pessoas, Lucy estivesse destinada a uma vida assim. Ela merecia muito mais. Uma casa cheia de crianças. E cães. Talvez um gato ou dois. Ela parecia o tipo de pessoa que iria querer uma grande variedade de animais.

E flores. Na casa de Lucy haveria flores por toda a parte, tinha a certeza disso. Peónias cor-de-rosa, rosas amarelas, e aquelas outras, azuis, de caule comprido de que ela gostava tanto.

Delfínios. Era isso.

Fez uma pausa, recordando. Delfínios.

Lucy podia alegar que o irmão era o horticultor da família, mas Gregory não conseguia imaginar a vida dela numa casa sem cor.

Haveria risos e barulho e uma confusão maravilhosa... apesar das tentativas dela de manter todos os cantos da sua vida limpos e arrumados. Era fácil imaginá-la sempre atarefada a organizar coisas, tentando manter tudo dentro do plano traçado.

A imagem quase o fez rir em voz alta. Não importava que houvesse uma frota de criados a varrer, a arrumar, a polir e a lavar. Com crianças, nunca nada estava

no sítio devido.

Lucy era uma organizadora. Era o que a fazia feliz, e ela deveria ter uma casa para gerir.

Crianças. Muitas crianças.

Talvez oito.

Passou os olhos pelo salão de baile, que começava lentamente a encher. Não viu Lucy, e ainda não estava tão lotado que pudesse não a ver. No entanto, viu a mãe.

Caminhava na sua direção.

– Gregory – cumprimentou-o, estendendo ambas as mãos para ele, quando o alcançou –, estás especialmente bonito esta noite.

Ele tomou-lhe as mãos levando-as aos lábios.

– Isso dito com toda a honestidade e imparcialidade de uma mãe – murmurou ele.

– Que disparate – disse ela com um sorriso. – É um facto que todos os meus filhos são extremamente inteligentes e bem-parecidos. Se fosse apenas a minha opinião, não achas que alguém já me teria corrigido?

– Como se alguém ousasse tal coisa.

– Bem, suponho que não – respondeu ela, mantendo uma impressionante expressão impassível. – Mas vou ser teimosa e insistir que a questão é controversa.

– Como quiser, mãe – disse ele com perfeita solenidade. – Como quiser.

– Lady Lucinda já chegou?

Gregory abanou a cabeça.

– Ainda não.

– Não é estranho que eu não a conheça? – meditou ela. – Seria de pensar que, se ela está na cidade já há quinze dias... ah, bem, não importa. Estou certa de que a acharei maravilhosa se fizeste tanto esforço para garantir a sua presença esta noite.

Gregory atirou-lhe um olhar sagaz. Ele conhecia aquele tom. Era uma mistura perfeita de indiferença e precisão absoluta, geralmente utilizado para arrancar informações. A mãe era mestre nisso.

E para o provar, estava discretamente a ajeitar o cabelo, aproveitando para não o olhar diretamente ao dizer:

– Disseste que se conheceram quando estavas de visita ao Anthony, não foi?

Ele não viu qualquer razão para fingir que não sabia qual era a ideia dela.

– Ela está prestes a casar-se, mãe – disse ele com grande ênfase. E, em seguida, para deixar tudo em pratos limpos, acrescentou: – Daqui a uma semana.

– Sim, sim, eu sei. Com o filho de Lord Davenport. É um acordo de longa data, pelo que sei.

Gregory anuiu. Não podia imaginar que a mãe soubesse a verdade sobre Haselby. Não era um facto amplamente conhecido. Havia rumores, é certo. Havia sempre rumores. Mas ninguém se atreveria a repeti-los na presença de senhoras.

– Eu recebi um convite para o casamento – anunciou Violet.

– Recebeu?

– Vai ser um grande acontecimento, pelo que ouvi dizer.
Gregory cerrou ligeiramente os dentes.

– Ela vai ser uma condessa.

– Sim, suponho que sim. Não é o tipo de coisa que se possa fazer com modéstia.

– Não.

Violet suspirou.

– Eu adoro casamentos.

– Adora?

– Sim. – Suspirou de novo, ainda com mais dramatismo, não que Gregory tivesse imaginado isso possível. – É tudo tão romântico – acrescentou. – A noiva, o noivo...

– Ambos são considerados obrigatórios na cerimónia, segundo sei.

A mãe dirigiu-lhe um olhar rabugento.

– Como posso eu ter criado um filho tão pouco romântico?

Gregory decidiu que não poderia haver resposta para aquele comentário.

– Devias ter vergonha – disse Violet. – Eu pretendo ir. Quase nunca recuso um convite para um casamento.

E então ouviu-se *a voz*.

– Quem é que se vai casar?

Gregory virou-se. Era a sua irmã mais nova, Hyacinth.

Vestida de azul e a meter o nariz nos assuntos dos outros, como de costume.

– Lord Haselby e Lady Lucinda Abernathy – respondeu Violet.

– Ah, sim! – Hyacinth franziu a testa. – Eu recebi um convite. Vai ser na igreja de St. George, não é?

Violet assentiu.

– Seguido por uma receção na Fennsworth House.

Hyacinth passou os olhos pelo salão. Fazia-o com bastante frequência, mesmo quando não estava à procura de ninguém em particular.

– Não é estranho que eu não a conheça ainda? Ela é irmã do conde de Fennsworth, não é? – Encolheu os ombros. – Estranho que não o conheça também.

– Acho que Lady Lucinda ainda não debutou – interveio Gregory. – Não formalmente, pelo menos.

– Então, esta noite será a sua apresentação à sociedade – disse a mãe. – Que excitante para todos nós.

Hyacinth voltou-se para o irmão com o olhar penetrante.

– E como é que tu conheces Lady Lucinda, Gregory?

Ele abriu a boca, mas ela já estava a dizer:

– E não digas que não, porque a Daphne já me contou tudo.

– Então porque perguntas?

Hyacinth fez uma careta.

– Ela não me contou como é que se *conheceram*.

– Talvez queiras rever o teu entendimento da palavra *tudo*. – Gregory virou-se

para a mãe. – Vocabulário e interpretação não são os pontos fortes dela.

Violet revirou os olhos.

– Todos os dias me maravilho por vocês terem conseguido atingir a idade adulta.

– Com medo de que nos matássemos um ao outro? – brincou Gregory.

– Não, de que eu o fizesse.

– Bem – afirmou Hyacinth, como se o minuto anterior de conversa nunca tivesse ocorrido –, a Daphne disse que tu estavas muito ansioso por que Lady Lucinda recebesse um convite e a mãe, pelo que sei, até escreveu um bilhete a dizer o quanto gosta da sua companhia, o que, como todos sabemos, é uma mentira deslavada, pois nenhum de nós a conhece...

– Tu nunca paras de falar? – interrompeu Gregory.

– Não por tua causa – respondeu Hyacinth. – Como é que a conheces? Ou mais precisamente, a que ponto? *E* porque estás tão ansioso para estender um convite a uma mulher que se vai casar daqui a uma semana?

E então, surpreendentemente, Hyacinth *parou* de falar.

– Também estava aqui a pensar o mesmo – murmurou Violet.

Gregory olhou para a irmã e depois para a mãe e decidiu que aquilo que dissera a Lucy sobre as famílias numerosas serem um conforto era uma absoluta mentira. Eram antes um incómodo e uma intrusão e toda uma série de outras coisas, para as quais de momento não conseguia encontrar as palavras certas.

O que talvez fosse pelo melhor, pois nenhuma delas seria certamente educada.

No entanto, virou-se para as duas mulheres com extrema paciência e disse:

– Eu fui apresentado a Lady Lucinda no Kent. Na festa em casa da Kate e do Anthony no mês passado. E pedi à Daphne para a convidar esta noite porque ela é uma jovem amável e encontrei-a ontem no parque. O tio dela negou-lhe uma temporada social, e eu pensei que seria um ato gentil oferecer-lhe uma oportunidade de escapar por uma noite.

Ergueu as sobrancelhas, silenciosamente desafiando-as a responder.

O que elas fizeram, é claro. Não com palavras, pois nunca teriam sido tão eficazes como os olhares dúbios que atiraram na sua direção.

– Oh, por amor de Deus! – ele quase explodiu. – Ela está *noiva*. Para se casar.

Teve um efeito pouco visível.

Gregory carregou o sobrolho.

– Parece-vos que estou a tentar interromper as núpcias?

Hyacinth pestanejou. Várias vezes, como sempre fazia quando estava a pensar muito seriamente sobre algo que não lhe dizia respeito. Mas, para grande surpresa de Gregory, ela soltou um ligeiro *hum* de aquiescência e disse:

– Acho que não. – Olhou em redor. – Mas eu quero conhecê-la.

– Tenho a certeza de que irás fazê-lo – respondeu Gregory, e congratulou-se, como fazia, pelo menos, uma vez por mês, por conseguir conter-se e não estrangular a irmã.

– A Kate escreveu a dizer que ela é adorável – disse Violet.

Gregory virou-se para ela com um mau pressentimento.

– A *Kate* escreveu-lhe?

Valha-me Deus, o que teria ela revelado? Já era suficientemente mau que Anthony soubesse do fiasco com Miss Watson; ele tinha descoberto, é claro, mas se a mãe ficasse também a saber, a sua vida seria um absoluto inferno.

Ela ia matá-lo de atenções. Gregory tinha a certeza disso.

– A *Kate* escreve duas vezes por mês – retorquiu Violet com um delicado encolher de apenas um ombro. – Ela conta-me tudo.

– O Anthony sabe disso? – resmoneou Gregory.

– Não faço ideia – respondeu Violet, atirando-lhe um olhar superior. – Não é assunto meu.

Deus do Céu!

Gregory conseguiu não o dizer em voz alta.

– Fiquei a saber – continuou a mãe – que o irmão dela foi apanhado numa situação comprometedora com a filha de Lord Watson.

– A sério? – espantou-se Hyacinth, que perscrutava a multidão, mas voltou a cabeça de repente ao ouvir isto.

Violet assentiu com a cabeça, pensativa.

– Pergunto-me porque é que o casamento foi tão apressado.

– Bem, foi por isso – respondeu Gregory numa espécie de grunhido.

– Hummmm... – foi a reação de Hyacinth.

Era o tipo de som que nunca ninguém queria ouvir de Hyacinth.

Violet virou-se para a filha e disse:

– Causou um grande rebuliço.

– Na verdade – interveio Gregory, cada vez mais irritado –, foi tudo tratado com muita discrição.

– Há sempre rumores – disse Hyacinth.

– Vê se não os aumentas – advertiu Violet.

– Não vou dizer uma palavra – prometeu Hyacinth, acenando com a mão como se nunca tivesse dito uma palavra indevida na vida.

Gregory soltou uma gargalhada.

– Oh, *por favor!*

– Juro que não – protestou ela. – Sou excelente a guardar segredos desde que *saiba* de antemão que é um segredo.

– Ah, então o queres dizer é que não possuis o menor sentido de discrição?

Hyacinth semicerrou os olhos.

Gregory levantou as sobrancelhas.

– Quantos anos têm? – interrompeu Violet. – Irra, que não mudaram nem um bocadinho desde que ainda usavam fraldas. Estava quase à espera que começassem a puxar os cabelos um do outro aqui mesmo.

Gregory cerrou o maxilar e olhou resolutamente em frente. Não havia nada como a reprimenda de uma mãe para nos fazer sentir pequeninos outra vez.

– Oh, não ligue, mãe – disse Hyacinth, aceitando a repreensão com um sorriso.

– Ele sabe que eu só o provoco porque o adoro tanto. – E dirigiu-lhe um sorriso iluminado e caloroso.

Gregory suspirou, porque era verdade, e porque se sentia da mesma maneira, e porque era, ainda assim, esgotante ser irmão dela. Os dois eram muito mais novos do que o resto dos irmãos e, como resultado, tinham sido sempre um par.

– A propósito, ele retribui o sentimento – continuou Hyacinth para Violet –, mas sendo homem, nunca o admitiria em voz alta.

Violet assentiu.

– É verdade.

Hyacinth voltou-se para Gregory.

– E só para ser perfeitamente clara, eu nunca te puxei o cabelo.

Certamente aquele era o sinal para se ir embora. Ou para perder a sanidade. A decisão era dele.

– Hyacinth – disse Gregory –, eu adoro-te e sabes disso. Mãe, adoro-a também. E agora vou-me embora.

– Espera! – exclamou Violet.

Ele virou-se. Já devia saber que não seria assim tão fácil.

– Podes ser o meu acompanhante?

– Para quê?

– Para quê?, para o casamento, claro.

Credo, que gosto horrível era *aquela* que sentia na boca?

– O casamento de quem? De Lady Lucinda?

A mãe olhou para ele com uns olhos azuis muito inocentes.

– Eu não gostaria de ir sozinha.

Ele indicou a irmã com a cabeça.

– Leve a Hyacinth.

– Ela vai querer ir com o Gareth – respondeu Violet.

Gareth St. Clair era o marido de Hyacinth há quase quatro anos. Gregory gostava imenso dele, e os dois tinham desenvolvido uma bela amizade, e era por isso que sabia que Gareth preferiria revirar as pálpebras (e deixá-las assim por um período indefinido de tempo) a ficar sentado a assistir a uma longa e interminável cerimónia cheia de gente da sociedade que duraria o dia inteiro.

Ao passo que Hyacinth, como ela própria não se importava nada de dizer, estava *sempre* interessada em mexericos, o que significava que certamente não perderia por nada um casamento tão importante. Alguém iria beber de mais, alguém iria dançar demasiado junto e Hyacinth *odiaria* ser a última a saber.

– Gregory? – insistiu a mãe.

– Eu não vou.

– Mas...

– Não fui convidado.

– Certamente um descuido. Que irá ser corrigido, estou certa, depois dos teus esforços esta noite.

– Mãe, por mais que deseje as maiores felicidades a Lady Lucinda, não tenho

vontade nenhuma de assistir ao casamento dela ou de qualquer outra pessoa. São coisas demasiado sentimentais.

Silêncio.

Nunca um bom sinal.

Ele olhou para Hyacinth. Ela fitava-o com grandes olhos de coruja.

– Tu gostas de casamentos – disse ela.

Ele resmungou. Parecia-lhe a melhor resposta.

– Gostas, sim – insistiu ela. – No meu casamento, tu...

– Hyacinth, tu és minha irmã. É diferente.

– Sim, mas também foste ao casamento da Felicity Albansdale, e eu lembro-me perfeitamente...

Gregory virou-lhe as costas antes que ela pudesse relatar a sua alegria.

– Mãe – disse ele –, obrigado pelo convite, mas eu não quero assistir ao casamento de Lady Lucinda.

Violet abriu a boca como que para fazer uma pergunta, mas desistiu.

– Está bem – respondeu ela.

Gregory ficou instantaneamente desconfiado. Não era nada típico da mãe capitular tão rapidamente. Contudo, tentar descobrir o motivo seria eliminar qualquer possibilidade de uma fuga rápida.

Foi uma decisão fácil.

– Para as duas, o meu *adieu* – despediu-se ele.

– Aonde vais? – exigiu saber Hyacinth. – E porque estás a falar francês?

Ele virou-se para a mãe.

– Ela é toda sua.

– Sim – suspirou Violet. – Eu sei.

Hyacinth voltou-se imediatamente para ela.

– O que é que *isso* quer dizer?

– Oh, por amor de Deus, Hyacinth, tu...

Gregory aproveitou o momento de desatenção delas e escapuliu-se.

A festa foi ficando cada vez mais lotada, e ocorreu-lhe que Lucy poderia muito bem ter chegado enquanto conversava com a mãe e a irmã. Mas, se assim fosse, ela não deveria ter avançado muito no salão de baile, por isso decidiu ir em direção à fila de pessoas que estavam a ser recebidas. Foi um processo lento; tinha estado fora da cidade por mais de um mês, e toda a gente parecia ter algo a dizer-lhe, nada de remotamente interessante.

– Boa sorte com isso – murmurou a Lord Trevelstam, que tentava interessá-lo a comprar um cavalo que ele não podia pagar. – Tenho a certeza de que não terá qualquer dificuldade...

A voz abandonou-o.

Não conseguia falar.

Não conseguia *pensar*.

Meu Deus, outra vez não!

– Bridgerton?

Do outro lado do salão, junto à porta. Três cavalheiros, uma senhora idosa, duas mães de família e...

Ela.

Era ela. E ele estava a ser puxado, tão certo como se houvesse uma corda entre eles. Precisava de a alcançar.

– Bridgerton, aconteceu alguma...

– Com sua licença – conseguiu Gregory dizer, passando por Trevelstam.

Era ela. Exceto...

Era uma ela diferente. Não era Hermione Watson. Era... ele não sabia quem ela era; só a conseguia ver de costas. Mas ali estava... aquele mesmo esplêndido e terrível sentimento que o deixava tonto. Em êxtase. Os pulmões vazios. *Ele* sentia-se vazio.

E queria-a.

Era como sempre imaginara... aquela sensação mágica, quase incandescente de saber que a sua vida estava completa, que *ela* era a tal.

Só que isso já lhe tinha acontecido antes. E Hermione Watson não tinha sido a tal.

Meu Deus, poderia um homem apaixonar-se vertiginosa e estupidamente duas vezes?

Não tinha ele ainda há pouco dito a Lucy para ser cautelosa e receosa, que se alguma vez fosse assolada por tal sentimento, não devia confiar nele?

No entanto...

No entanto, ali estava ela.

E ali estava *ele*.

E estava a acontecer tudo de novo.

Tal como acontecera com Hermione. Não, era pior. Sentia um formigueiro no corpo; não conseguia manter os dedos dos pés quietos dentro das botas. Tinha vontade de sair da própria pele, correr pela sala e... simplesmente...

Simplesmente *vê-la*.

Queria que ela se virasse. Queria ver-lhe o rosto. Queria saber quem ela era.

Queria *conhecê-la*.

Não.

Não, disse a si mesmo, tentando forçar os pés na direção oposta. Aquilo era uma loucura. Devia ir-se embora. Devia sair imediatamente.

Mas não podia. Mesmo que todos os cantos racionais da sua alma lhe gritassem para se virar e se ir embora, estava preso ao chão, esperando que ela se virasse.

Rezando para que ela se virasse.

E então ela fê-lo.

E era...

Lucy.

Tropeçou como se tivesse sido baleado.

Lucy?

Não. Não era possível. Ele conhecia Lucy.

Ela não lhe fazia aquilo.

Já a vira dezenas de vezes, chegara mesmo a beijá-la, e nunca se sentira assim, como se o mundo pudesse engoli-lo inteiro, se ele não chegasse perto dela e lhe tomasse a mão.

Tinha de haver uma explicação. Ele já se tinha sentido assim antes. Com Hermione.

Mas desta vez, não era a mesma coisa. Com Hermione tinha sido vertiginoso, novo. Houve a emoção da descoberta, da conquista. Mas esta era Lucy.

Era Lucy e...

Tudo lhe veio à mente. O inclinar de cabeça quando ela lhe explicou porque é que as sanduíches deviam ser corretamente distribuídas. A expressão deliciosamente irritada do seu rosto quando lhe tentou explicar por que motivo estava a fazer tudo mal ao cortejar Miss Watson.

A forma como ele se sentia tão bem por ficar simplesmente sentado num banco com ela em Hyde Park a atirar pão aos pombos.

E o beijo. Deus do Céu, *o beijo*.

Ainda sonhava com aquele beijo.

E queria que ela sonhasse com ele, também.

Deu um passo. Apenas um pequeno avanço para a frente e para o lado, para lhe poder ver melhor o perfil. Era-lhe tudo tão familiar agora... a inclinação da cabeça, a forma como os lábios se moviam quando falava. Como pôde ele não a reconhecer instantaneamente, mesmo de costas? As memórias estavam lá, escondidas nos recantos da sua mente, mas ele não quisera... não, ele não se permitira... reconhecer-lhes a presença.

E então ela viu-o. Lucy viu-o. Ele percebeu-o primeiro nos seus olhos, que se arregalaram e cintilaram e, em seguida, na curva dos seus lábios.

Ela sorriu. Para ele.

E aquele sorriso preencheu-o. Encheu-o a ponto de rebentar. Era apenas um sorriso, mas era tudo o que ele precisava.

Começou a andar. Mal sentia os pés, quase sem controlo consciente sobre o próprio corpo. Simplesmente avançou, sabendo nas entranhas que tinha de chegar até ela.

– Lucy – disse, assim que se abeirou dela, esquecendo-se de que estavam cercados por estranhos e, pior, por amigos, e que não devia usar o seu nome próprio.

Mas nada mais lhe soava bem nos lábios.

– Mr. Bridgerton – disse ela, mas com os olhos disse «Gregory».

E ele soube.

Amava-a.

Foi a mais estranha e mais maravilhosa sensação. Foi emocionante. Foi como se o mundo se tivesse de repente aberto para ele. Transparente. Entendeu. Entendeu tudo o que precisava de saber, e estava tudo ali, nos olhos dela.

– Lady Lucinda – disse, curvando-se profundamente sobre a mão dela. –

Permite-me que a convide para esta dança?

Era o paraíso.

Esqueçam os anjos, esqueçam São Pedro e os cravos reluzentes. Dançar nos braços do verdadeiro amor era estar no Céu. E quando a pessoa em questão estava a uma mera semana de se casar com alguém completamente diferente, era preciso agarrar o Céu com força, com ambas as mãos.

Metaforicamente falando.

Lucy sorriu ao fazer uma reverência e rodopiar. Era uma imagem poderosa. O que diriam as pessoas se se lançasse em frente e o agarrasse com ambas as mãos?

E nunca mais o largasse.

A maioria diria que ela estava louca. Uns poucos, que estava apaixonada. Os astutos diriam ambas.

– Em que pensa? – perguntou Gregory.

Ele olhava-a de forma... diferente.

Lucy virou as costas e voltou a virar-se para ele. Sentia-se ousada, quase mágica.

– Quer mesmo saber?

Ele contornou a senhora que tinha à sua esquerda e voltou ao seu lugar.

– Quero – respondeu, oferecendo-lhe um sorriso devorador.

Mas ela limitou-se a sorrir e a balançar a cabeça. De momento queria fingir que era outra pessoa. Alguém um pouco menos convencional. Alguém bem mais impulsivo.

Não queria ser a mesma velha Lucy de sempre. Não esta noite. Estava farta de planos, farta de ser apaziguadora, cansada de não fazer nada sem antes pensar em cada possibilidade e consequência.

Se eu fizer isto, então vai acontecer aquilo, mas se eu fizer aquilo, então isto, aquilo e aqueloutro vão acontecer, o que vai gerar um resultado completamente diferente, o que pode significar que...

Era o suficiente para fazer uma rapariga ficar zozza. Era o suficiente para a fazer sentir-se paralisada, incapaz de tomar as rédeas da sua própria vida.

Mas não esta noite. Esta noite, de alguma forma, por algum incrível milagre chamado duquesa de Hastings, ou talvez viúva Lady Bridgerton, Lucy não tinha bem a certeza, ela estava a usar um requintado vestido de seda verde, no baile mais resplandecente que jamais poderia ter imaginado.

E estava a dançar com o homem que tinha a certeza iria amar até ao fim dos tempos.

– Está diferente – comentou ele.

– Eu sinto-me diferente.

Tocou a mão dele quando passaram um pelo outro na dança. Os dedos dele agarraram os seus, quando deveriam ter apenas roçado. Ergueu o olhar e viu que

ele a fitava. Os olhos dele eram ardentes e intensos e ele olhava-a da mesma forma que...

Deus do Céu, ele olhava para ela da mesma maneira que tinha olhado para Hermione.

Lucy começou a sentir um formigueiro no corpo. Sentiu-o nas pontas dos dedos dos pés, em sítios que não se atrevia a contemplar.

Voltaram a passar um pelo outro, mas desta vez ele inclinou-se, talvez um pouco mais do que deveria, e disse:

– Eu também me sinto diferente.

Ela virou rapidamente a cabeça, mas ele já estava de costas para ela. Estava diferente, como? Porquê? O que é que ele *quis dizer*?

Lucy circulou em torno do cavalheiro à sua esquerda e, em seguida, passou por Gregory.

– Está feliz por ter vindo esta noite? – murmurou ele.

Ela assentiu com a cabeça, pois já estava demasiado longe para responder sem falar alto de mais.

Mas logo ficaram juntos novamente, e ele sussurrou:

– Eu também.

Regressaram aos seus lugares originais e permaneceram imóveis enquanto um outro casal fazia o mesmo passo de dança. Lucy olhou para cima. Para ele. Para os seus olhos.

Que nunca se desviaram do rosto dela.

E mesmo à luz bruxuleante da noite... das centenas de velas e tochas que iluminavam o reluzente salão... percebeu o brilho no fundo dos olhos dele. A maneira como ele a olhava era quente, possessiva e orgulhosa.

Fê-la estremecer.

Fê-la duvidar da sua capacidade de se manter de pé.

Logo a música terminou e Lucy apercebeu-se de que algumas coisas deviam estar verdadeiramente enraizadas, pois viu-se a fazer uma reverência e a sorrir e a dirigir um aceno de cabeça à mulher ao lado dela como se toda a sua vida não tivesse sido alterada no decurso da dança que terminara.

Gregory pegou na mão dela e levou-a para o fundo do salão de baile, de volta para a zona onde se encontravam as *chaperons*, que observavam as suas protegidas por cima dos rebordos dos copos de limonada. Mas antes de chegarem ao destino, inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido:

– *Preciso de falar consigo.*

Os olhos dela voaram para os dele.

– A sós – acrescentou ele.

Sentiu-o abrandar o ritmo, presumivelmente para lhes dar mais tempo para falar antes de ter de a devolver à tia Harriet.

– O que foi? – perguntou ela. – Passa-se alguma coisa de errado?

Ele abanou a cabeça.

– Já não.

Ela permitiu-se ter esperança. Só um pouco, pois não podia suportar pensar sequer no desgosto que teria se estivesse enganada, mas talvez... talvez ele a amasse. Talvez quisesse casar-se com ela. Estava a menos de uma semana do casamento, mas ainda não tinha proferido os votos.

Talvez houvesse uma hipótese. Talvez houvesse uma maneira.

Perscrutou o rosto de Gregory em busca de pistas, de respostas. Mas quando o pressionou para obter mais informações, ele apenas abanou a cabeça e sussurrou:

– A biblioteca. Fica duas portas abaixo da sala de retiro das senhoras.

Encontramo-nos lá daqui a meia hora.

– Enlouqueceu?

Ele sorriu.

– Só um pouco.

– Gregory, eu...

Olhou-a fixamente e ela calou-se. A maneira como ele a olhava...

Era de tirar o fôlego.

– Não posso – sussurrou ela, pois não importava o que pudessem sentir um pelo outro, ela ainda estava noiva de outro homem. E mesmo se não estivesse, tal comportamento só podia levar a um escândalo. – Não posso ficar a sós consigo. Sabe disso.

– Tem de ir.

Ela tentou abanar a cabeça, mas não conseguiu fazê-la mexer-se.

– Lucy – disse ele –, tem de ir.

Ela anuiu. Era provavelmente o maior erro da sua vida, mas não podia dizer que não.

– Mrs. Abernathy – disse Gregory, a voz subindo muito alto ao cumprimentar a tia Harriet. – Devolvo Lady Lucinda ao seu cuidado.

A tia Harriet acenou com a cabeça, embora Lucy suspeitasse que ela não fazia ideia do que Gregory havia dito, e então virou-se para Lucy e gritou:

– Eu estou sentada!

Gregory riu e disse:

– Tenho de ir dançar com outras donzelas.

– É claro – respondeu Lucy, mesmo suspeitando que não estava totalmente consciente das diversas complexidades envolvidas no agendamento de um encontro ilícito. – Estou a ver alguém que conheço – mentiu ela e, em seguida, para seu grande alívio, viu realmente alguém que conhecia... alguém da academia. Não era uma amiga, mas ainda assim, um rosto suficientemente familiar para ir cumprimentar.

Mas antes que Lucy pudesse sequer mexer um pé, ouviu uma voz feminina gritar o nome de Gregory.

Lucy não conseguiu ver quem era, mas via Gregory. Ele tinha fechado os olhos em agonia.

– Gregory!

A voz aproximara-se, por isso Lucy rodou para a esquerda para ver uma jovem

que só poderia ser uma das irmãs de Gregory. A mais nova, provavelmente, ou então estava extraordinariamente bem conservada.

– Esta deve ser Lady Lucinda – disse ela.

O cabelo, notou Lucy, era exatamente do mesmo tom do de Gregory, um castanho rico e quente. Mas os olhos eram azuis, inteligentes e acutilantes.

– Lady Lucinda – disse Gregory, soando ligeiramente como um homem com um encargo –, devo apresentar-lhe a minha irmã, Lady St. Clair.

– Hyacinth – corrigiu ela com firmeza. – Podemos dispensar as formalidades. Estou certa de que seremos grandes amigas. Agora quero que me conte tudo sobre si. Depois gostaria de saber tudo sobre a festa do Anthony e da Kate no mês passado. Fazia intenção de ir, mas já tinha um compromisso. Ouvi dizer que foi muito divertido.

Assustada com o turbilhão humano à sua frente, Lucy olhou para Gregory como se lhe pedisse conselhos, mas ele limitou-se a encolher os ombros e a dizer:

– Esta é aquela que eu gosto de torturar.

Hyacinth voltou-se para ele.

– O que disseste?!

Gregory fez uma vénia.

– Com licença.

Então Hyacinth Bridgerton St. Clair fez algo estranhíssimo. Os olhos estreitaram-se e ela olhou para o irmão, depois para Lucy e de novo para o irmão. Depois voltou a fazê-lo. E mais uma vez. Em seguida disse:

– Vais precisar da minha ajuda.

– Hy... – começou Gregory.

– Vais – cortou ela. – Tens um plano. Não tentes negar.

Lucy não podia acreditar que Hyacinth tinha deduzido tudo aquilo a partir de uma vénia e de um «Com licença». Abriu a boca para fazer uma pergunta, mas tudo o que saiu foi:

– Como... – Antes de Gregory lhe cortar a palavra com um olhar de advertência.

– Eu sei que tens alguma coisa na manga – disse Hyacinth a Gregory. – Senão não te terias dado a tanto trabalho para assegurar que ela viesse esta noite.

– Ele estava apenas a ser amável – tentou dizer Lucy.

– Não seja tonta – disse Hyacinth, dando-lhe uma palmadinha tranquilizadora no braço. – Ele nunca faria isso.

– Não é verdade – protestou Lucy.

Gregory podia ser um pouco diabólico, mas o seu coração era bom e verdadeiro, e ela não ia tolerar que ninguém, nem mesmo a irmã, dissesse o contrário.

Hyacinth olhou-a com um sorriso encantado.

– Gosto de si – disse ela lentamente, como se estivesse a acabar de decidir. – Está enganada, é claro, mas gosto de si na mesma. – Virou-se para o irmão. – Eu gosto dela.

– Sim, já disseste.

– E tu precisas da minha ajuda.

Lucy observou os dois irmãos trocarem um olhar que lhe seria impossível compreender.

– Vais precisar da minha ajuda – disse Hyacinth baixinho. – Hoje à noite, e mais tarde, também.

Gregory fixou um olhar atento na irmã e então disse, numa voz tão baixa que Lucy teve de se inclinar para a frente para o ouvir:

– Preciso de falar com Lady Lucinda. A sós.

Hyacinth sorriu. Muito ao de leve.

– Eu posso conseguir isso.

Lucy teve a sensação de que ela era capaz de fazer qualquer coisa.

– Quando? – perguntou Hyacinth.

– Quando for mais conveniente – respondeu Gregory.

Hyacinth passou os olhos pelo salão, embora Lucy não pudesse sequer imaginar que tipo de informação poderia ela recolher como pertinente para a decisão que tinha em mãos.

– Uma hora – anunciou ela, com toda a precisão de um general militar. – Gregory, vai fazer o que costumás fazer neste tipo de acontecimentos. Dança. Vai buscar limonada. Assegura-te de que és visto com aquela jovem Whitford, cujos pais andam no teu encalço há meses.

– Lady Lucinda – continuou Hyacinth, voltando-se para Lucy com um brilho autoritário no olhar – fica comigo. Vou apresentá-la a toda a gente que precisa de conhecer.

– Quem é que eu preciso de conhecer? – perguntou Lucy.

– Ainda não tenho a certeza, mas também não importa.

Lucy só conseguia olhar para ela, cheia de admiração.

– Daqui a precisamente cinquenta e cinco minutos – disse Hyacinth –, Lady Lucinda vai rasgar o vestido.

– Vai?

– *Eu* vou – respondeu Hyacinth. – Sou boa nesse tipo de coisa.

– Vais rasgar-lhe o vestido? – perguntou Gregory, de modo duvidoso. – Aqui, no salão de baile?

– Não te preocupes com os detalhes – assegurou Hyacinth, enxotando-o com um gesto indiferente. – Basta ires fazer a tua parte e depois ires ter com ela ao quarto de vestir da Daphne daqui a uma hora.

– No quarto da duquesa? – crocitou Lucy. Não podia.

– Para nós ela é a Daphne – esclareceu Hyacinth. – Agora, vá, toda a gente, toca a mexer.

Lucy limitou-se a olhar para ela e pestanejar. Não era suposto ficar ao lado de Hyacinth?

– Quero dizer, ele – explicou Hyacinth.

Então Gregory fez a coisa mais surpreendente. Pegou na mão de Lucy. Bem

ali, no meio do salão de baile, onde qualquer pessoa podia ver, pegou na mão dela e beijou-a.

– Deixo-a em boas mãos – disse-lhe, dando um passo atrás com um aceno de cabeça educado. Atirou à irmã um olhar de aviso antes de acrescentar: – Por mais difícil que seja de acreditar.

Afastou-se, presumivelmente para ir despejar o seu chame em alguma pobre donzela incauta que não fazia a mais pequena ideia de que não passava de um peão inocente no plano da irmã de Gregory.

Lucy olhou para Hyacinth, um pouco exausta por aquele encontro. Hyacinth exibia um sorriso rasgado.

– Muito bem! – felicitou-a, embora a Lucy parecesse mais que ela estava a congratular-se a si mesma. – Conte-me lá agora – continuou ela –, porque é que o meu irmão precisa de falar consigo? E não diga que não faz ideia, porque não vou acreditar.

Lucy ponderou a sensatez de várias respostas e, finalmente, decidiu-se por:

– Não faço ideia.

Não era exatamente verdade, mas não estava prestes a confessar as suas esperanças e sonhos mais secretos a uma mulher que conhecera uns minutos antes, não importava de quem fosse ela irmã.

E isso fê-la sentir como se tivesse ganhado o argumento.

– A sério? – Hyacinth parecia desconfiada.

– A sério.

Hyacinth estava claramente convencida.

– Bem, pelo menos, é inteligente. Concedo-lhe isso.

Lucy decidiu que não seria intimidada.

– Sabe – disse ela –, julguei que eu era a pessoa mais organizada e controladora que conhecia, mas acho que Lady St. Clair é pior.

Hyacinth riu-se.

– Oh, não sou nada organizada. Mas *sou* controladora. Vamos dar-nos às mil maravilhas. – Meteu o braço no de Lucy. – Como irmãs.

Uma hora mais tarde, Lucy tinha percebido três coisas sobre Hyacinth, Lady St. Clair.

Primeiro, ela conhecia toda a gente. E sabia tudo sobre toda a gente.

Segundo, era um tesouro de informações sobre o irmão. Lucy não precisou de lhe fazer uma única pergunta, e quando finalmente saíram do salão de baile, já sabia a cor preferida de Gregory (azul), a comida preferida (queijo, qualquer tipo) e que, em criança, era ‘sopinha de massa’.

Lucy ficara também a saber que nunca deveria cometer o erro de subestimar a irmã mais nova de Gregory. Hyacinth não só tinha rasgado o vestido de Lucy, como o fizera com talento e astúcia suficientes para que quatro pessoas tivessem conhecimento do incidente em causa (e a necessidade de reparação). E os danos

tinham sido todos feitos na bainha, de modo a preservar convenientemente a modéstia de Lucy.

Era realmente impressionante.

– Já fiz isto antes – confidenciou Hyacinth enquanto a guiava para fora do salão.

Lucy não se espantou.

– É um talento útil – acrescentou Hyacinth, soando totalmente séria. – Aqui, por aqui.

Lucy seguiu-a por uma escada nas traseiras.

– Há muito poucas desculpas disponíveis para as mulheres que desejam abandonar uma reunião social – continuou Hyacinth, exibindo um talento notável para se ater ao tema que queria explorar. – Cabe-nos a nós dominar todas as armas no nosso arsenal.

Lucy começava a acreditar que realmente tinha levado uma vida muito resguardada.

– Ah, aqui estamos. – Hyacinth abriu uma porta. Espreitou lá para dentro. – Ele ainda não chegou. Ainda bem. Isso dá-me tempo.

– Para quê?

– Para lhe consertar o vestido. Confesso que me esqueci desse detalhe quando formulei o plano. Mas eu sei onde é que a Daphne guarda as agulhas.

Lucy observou Hyacinth ir até ao toucador e abrir uma gaveta.

– Exatamente onde pensei que estariam – disse Hyacinth com um sorriso triunfante. – Adoro quando tenho razão. Torna a vida muito mais simples, não concorda?

Lucy anuiu, mas a sua mente estava na pergunta que queria fazer. E então fê-la:

– Porque está a ajudar-me?

Hyacinth olhou-a como se ela fosse idiota.

– Não pode voltar com o vestido rasgado. Não depois de dizermos a toda a gente que o vínhamos consertar.

– Não, não é isso.

– Oh! – Hyacinth levantou uma agulha e analisou-a com ar pensativo. – Esta serve. Que cor acha melhor para a linha?

– Branco, e não respondeu à minha pergunta.

Hyacinth cortou um pedaço de linha de um carrinho e passou-a a pelo buraco da agulha. – Eu gosto de si – respondeu ela. – E amo o meu irmão.

– Sabe que estou prestes a casar-me – disse Lucy em voz baixa.

– Sei. – Hyacinth ajoelhou-se aos pés de Lucy e pôs-se a costurar a bainha, dando pontos rápidos e desleixados.

– Daqui a uma semana. Menos de uma semana.

– Eu sei. Eu fui convidada.

– Oh! – Lucy supôs que deveria saber isso. – Hum, e planeia ir?

Hyacinth olhou para cima.

– E a senhora, Lady Lucinda?

Os lábios de Lucy separaram-se. Até àquele momento, a ideia de não se casar com Haselby era uma coisa absurda e insignificante, algo mais do tipo «oh, como eu desejaria não ter de me casar com ele». Mas agora, com Hyacinth a observá-la tão atentamente, começou a parecer-lhe um pouco mais consistente. Ainda impossível, é claro, ou, pelo menos...

Bem, talvez...

Talvez não completamente impossível. Talvez apenas maioritariamente impossível.

– O acordo está assinado – disse Lucy.

Hyacinth voltou a dar atenção à costura.

– Está?

– O meu tio *escolheu-o* – continuou Lucy, perguntando-se a quem é que tentava convencer. – Está arranjado há imenso tempo.

– Hummm.

Hummm? Que diabo é que *aquilo* significava?

– E ele não... O seu irmão não...

Lucy esforçou-se por encontrar as palavras, mortificada por estar a fazer confissões a uma quase desconhecida, ainda por cima irmã de Gregory. Mas Hyacinth não estava a *dizer* nada; estava ali sentada, com os olhos concentrados nas voltas da agulha para dentro e para fora da bainha de Lucy. E se Hyacinth não dizia nada, então Lucy tinha de o fazer. Porque... porque...

Bem, porque sim.

– Ele não me fez nenhuma promessa – disse Lucy, a voz quase a tremer. – Não declarou quaisquer intenções.

Ao ouvir isto, Hyacinth olhou para cima. Relanceou pelo quarto, como se dissesse: «Olha para nós, a costurar-lhe o vestido no quarto da duquesa de Hastings», e murmurou:

– Não?

Lucy fechou os olhos em agonia. Ela não era como Hyacinth St. Clair. Um quarto de hora na companhia dela bastava para saber que ela ousaria qualquer coisa, aproveitaria qualquer oportunidade para garantir a sua própria felicidade. Desafiaria todas as convenções, enfrentaria a mais dura das críticas e emergiria intacta, de corpo e de espírito.

Lucy não era assim tão resistente. Não era governada por paixões. A sua musa sempre fora o bom senso. O pragmatismo.

Não fora ela a dizer a Hermione que precisava de se casar com um homem que os pais aprovassem?

Não dissera a Gregory que não queria um amor imenso e avassalador? Que não era esse tipo de pessoa?

Ela não era esse tipo de pessoa. Não era. Quando a precetora lhe fazia desenhos para ela pintar, pintava sempre com muito cuidado dentro das linhas.

– Acho que não consigo fazê-lo – sussurrou Lucy.

Hyacinth susteve-lhe o olhar por um momento agonizantemente longo, antes de voltar para a costura.

– Julguei-a mal – disse ela baixinho.

Isso atingiu Lucy como um estalo na cara.

– O qu... o qu...

O que é que disse?

Mas os lábios de Lucy não conseguiam formar as palavras. Ela não queria ouvir a resposta. E Hyacinth regressara à sua atitude enérgica, olhando para cima com uma expressão irritada e dizendo:

– Não se mexa tanto.

– Desculpe – resmoneou Lucy.

E pensou: *Voltei a dizê-lo. Sou tão previsível, tão completamente convencional e sem imaginação.*

– Continua a mexer-se.

– Oh! Desculpe.

Meu Deus, será que não conseguia fazer nada direito esta noite?

Hyacinth espetou-a com a agulha.

– *Ainda* está a mexer-se.

– Não estou! – quase gritou Lucy.

Hyacinth sorriu para si própria.

– Assim está melhor.

Lucy olhou para baixo e fez uma careta.

– Estou a sangrar?

– Se está – disse Hyacinth, levantando-se –, a culpa é toda sua.

– Peço desculpa.

Mas Hyacinth já estava de pé, com um sorriso satisfeito no rosto.

– Pronto – anunciou, apontando para a sua obra. – Certamente não está tão bom como novo, mas vai passar qualquer inspeção esta noite.

Lucy ajoelhou-se para inspecionar a bainha. Hyacinth tinha sido generosa no seu autoelogio. A costura era uma trapalhada.

– Nunca fui boa com a agulha – disse Hyacinth com um encolher de ombros despreocupado.

Lucy levantou-se, lutando contra o impulso de descoser a bainha e tornar ela própria a cosê-la.

– Podia ter dito – murmurou ela.

Os lábios de Hyacinth curvaram-se num lento sorriso malicioso.

– Ora, ora – disse ela –, vejam só quem se abespinhou de repente.

E então Lucy chocou-se a si própria ao dizer:

– Lady St. Clair é que me ofendeu.

– Possivelmente – respondeu Hyacinth, soando como se não quisesse saber.

Olhou para a porta com uma expressão desconfiada. – Ele já devia estar aqui.

O coração de Lucy bateu-lhe estranhamente no peito.

– Ainda pretende ajudar-me? – sussurrou ela.

Hyacinth virou-se.

– Eu tenho esperança – respondeu ela, os olhos encontrando os de Lucy com ar de fria avaliação – que se tenha julgado mal a si própria.

Gregory estava dez minutos atrasado para o encontro. Não conseguiu evitar; assim que dançou com uma donzela, rapidamente percebeu que seria obrigado a repetir o favor com uma meia dúzia de outras. E embora fosse difícil manter a atenção nas conversas que devia conduzir, não se preocupava por estar atrasado. Isso significava que Lucy e Hyacinth já se tinham escapulado há um bom bocado antes de ele se esgueirar também. Pretendia encontrar uma maneira de fazer de Lucy sua mulher, mas não havia necessidade de ir à procura de escândalo.

Dirigiu-se para o quarto da irmã; ele passara horas incontáveis na Hastings House, por isso conhecia bem todos os recantos. Quando chegou ao seu destino, entrou sem bater, as dobradiças bem oleadas da porta cedendo sem um chiado.

– Gregory.

A voz de Hyacinth ouviu-se primeiro. Estava de pé ao lado de Lucy, que parecia...

Destroçada.

O que lhe fizera Hyacinth?

– Lucy? – perguntou ele, apressando-se a ir ter com ela. – Passa-se alguma coisa?

Lucy abanou a cabeça.

– Não tem importância.

Ele voltou-se para a irmã com olhos acusadores.

Hyacinth encolheu os ombros.

– Eu vou estar no quarto aqui ao lado.

– A escutar à porta?

– Vou esperar no gabinete da Daphne – disse ela. – É do outro lado do quarto e, antes que ponhas objeções, digo-te que não posso ir para mais longe. Se alguém aparecer, vais precisar que eu intervenha e torne tudo respeitável.

O argumento dela era válido, por mais que Gregory relutasse em admiti-lo, por isso dirigiu-lhe um breve aceno de cabeça em concordância e observou-a a sair, esperando pelo clique do trinco da porta antes de falar.

– A minha irmã disse algo indelicado? – perguntou a Lucy. – Ela consegue ser vergonhosamente sem tato, mas tem o coração geralmente no lugar certo.

Lucy abanou a cabeça.

– Não – respondeu suavemente. – Acho que ela é capaz de ter dito exatamente a coisa certa.

– Lucy?

Ele olhou-a, interrogativo.

Os olhos, um instante antes tão nublados, pareceram clarear.

– O que é que precisava de me dizer? – perguntou ela.

– Lucy – começou ele, perguntando-se qual a melhor forma de abordar a questão.

Tinha ensaiando discursos mentalmente durante todo o tempo que estivera a dançar no piso de baixo, mas agora que estava ali, não sabia o que dizer.

Ou melhor, sabia. Mas não sabia a ordem e não sabia o tom. Dizia-lhe que a amava? Expunha o seu coração a uma mulher que pretendia casar-se com outro? Ou optava pelo caminho mais seguro e explicava por que razão ela não podia casar-se com Haselby?

Há um mês, a escolha teria sido óbvia. Ele era um romântico, dado a grandes gestos. Teria declarado o seu amor, certo de uma aceitação feliz. Teria pegado na mão dela. Ter-se-ia ajoelhado.

Tê-la-ia beijado.

Mas agora...

Já não possuía tantas certezas. Confiava em Lucy, mas não confiava no destino.

– Não pode casar-se com o Haselby – disse ele.

Os olhos dela arregalaram-se.

– O que quer dizer com isso?

– Não pode casar-se com ele – repetiu, evitando a pergunta. – Vai ser um desastre. Ele vai... Tem de confiar em mim. Não deve casar-se com ele.

Ela sacudiu a cabeça.

– Porque está a dizer-me isso?

Porque eu quero-a para mim.

– Porque... porque... – Lutava para encontrar as palavras. – Porque se tornou minha amiga. E eu desejo-lhe toda a felicidade. Ele não será um bom marido para si, Lucy.

– Porque não? – A voz era baixa, oca e dolorosamente contrária a ela.

– Ele...

Meu Deus, como é que ia dizer aquilo? Será que ela sequer entendia o que significava?

– Ele não... – Engoliu em seco. Tinha de haver uma maneira delicada de o dizer. – Ele não... algumas pessoas...

Olhou para ela. O lábio inferior dela tremia.

– Ele prefere homens – declarou, deixando as palavras sair o mais depressa possível. – Em vez de mulheres. Alguns homens são assim.

E então esperou. Por um longo, longo momento ela não teve qualquer reação; ficou ali, como uma estátua trágica. De vez em quando pestanejava, mas para além disso, nada. E então finalmente...

– Porquê?

Porquê? Ele não entendia.

– Porque é que ele...

– Não – cortou ela, implacável. – Porque é que me disse isso? Que motivo tem para o revelar?

– Eu disse-lhe...

– Não, não o fez para ser gentil. Porque mo disse? Foi apenas para ser cruel? Para me fazer sentir tal como se sente, porque Hermione se casou com o meu irmão e não consigo?

– Não! – A palavra explodiu dele, e ele agarrava-a, as mãos envolvendo-lhe os braços. – Não, Lucy – afirmou de novo. – Eu nunca faria isso. Quero que seja feliz. Quero...

A *ela*. Ele queria-a, e não sabia como dizê-lo. Não naquele momento, não quando ela o olhava como se ele lhe tivesse partido o coração.

– Eu podia ser feliz com ele – sussurrou ela.

– Não, não podia. Não está a entender, ele...

– Podia, sim! – exclamou ela. – Talvez não o amasse, mas podia ser feliz. Era o que eu esperava. Não compreende, era para o que eu estava preparada. E o senhor... o senhor... – Ela libertou-se das mãos dele e virou-lhe as costas, procurando que ele não lhe visse o rosto. – O senhor arruinou tudo.

– Como assim?

Ela ergueu os olhos para os dele, e a expressão neles era tão absoluta e tão profunda, que ele deixou de respirar. E ela disse:

– Porque me fez querê-lo a si.

O coração bateu-lhe com violência no peito.

– Lucy – disse ele, pois não conseguia dizer mais nada. – Lucy.

– Não sei o que fazer – confessou ela.

– Beije-me. – Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos. – Beije-me simplesmente.

Desta vez, quando ele a beijou, foi diferente. Ela era a mesma mulher nos seus braços, mas *ele* não era o mesmo homem. A necessidade que sentia dela era mais profunda, mais elementar.

Ele amava-a.

Beijou-a com tudo o que tinha, cada respiração, cada batimento do seu coração. Os lábios deslizaram para o rosto, a testa, os lóbulos das orelhas e, sem parar, ele sussurrava o seu nome como uma prece.

Lucy, Lucy, Lucy.

Ele queria-a. Precisava dela.

Ela era como o ar.

O alimento.

A água.

A boca moveu-se para o pescoço e, em seguida, até à orla rendada do corpete. Sentia-lhe a pele ardente, os dedos despiram o vestido de um dos ombros, ela suspirou de choque...

Mas não o impediu.

– Gregory – sussurrou, os dedos enterrando-se no cabelo dele enquanto os lábios dele lhe acariciavam a clavícula. – Gregory, oh, meu De... Gregory.

A mão moveu-se com reverência pela curva do seu ombro.

A pele brilhava pálida, leitosa e suave à luz das velas, e ele foi atingido por um

intenso sentimento de posse. De orgulho.

Nenhum outro homem a tinha visto assim, e ele rezava para que nenhum outro homem jamais o fizesse.

– Não podes casar-te com ele, Lucy – sussurrou ele com urgência, as palavras quentes contra a sua pele.

– Gregory, não – gemeu ela.

– Não podes.

E então, porque sabia que não podia permitir que a situação fosse mais longe, ele endireitou-se, pressionando-lhe os lábios com um último beijo antes de a afastar um pouco, obrigando-a a fitá-lo.

– Não podes casar-te com ele – insistiu.

– Gregory, o que posso eu...

Ele agarrou-lhe os braços. Com força. E disse-o.

– *Eu amo-te.*

Os lábios dela entreabriram-se. Não conseguia falar.

– Eu amo-te – repetiu ele.

Lucy havia suspeitado... tivera esperança... mas não se tinha realmente permitido acreditar. Por isso, quando finalmente encontrou palavras, o que saiu foi:

– Ai sim?

Ele sorriu, depois riu, e então descansou a testa na dela.

– Do fundo do meu coração – prometeu. – Só agora percebi. Sou um idiota.

Um homem cego. Um...

– Não – interrompeu ela, abanando a cabeça. – Não te condenes. Nunca ninguém repara em mim logo à primeira quando a Hermione está por perto.

As mãos dele apertaram mais as suas.

– Ela não te chega aos dedos dos pés.

Uma sensação de calor começou a espalhar-se nos ossos dela. Não era desejo, não era paixão, apenas pura e genuína felicidade.

– Estás mesmo a dizer a verdade – sussurrou Lucy.

– O suficiente para mover Céus e Terra e certificar-me de que não te casas com o Haselby.

Ela empalideceu.

– Lucy?

Não. Ela poderia fazê-lo. Iria fazê-lo. Era quase cómico, na verdade. Passara três anos a dizer a Hermione que tinha de ser prática, seguir as regras. Não fizera caso quando Hermione se punha a discorrer sobre amor e paixão e ouvir música. E agora...

Respirou fundo, para ganhar forças. E agora ia cancelar o noivado.

Que estava acordado há anos.

Com o filho de um conde.

Cinco dias antes do casamento.

Deus do Céu, o escândalo.

Recuou um passo, erguendo o queixo para poder ver o rosto de Gregory. Os olhos dele fitavam-na com todo o amor que ela própria sentia.

– Amo-te – sussurrou ela, porque ainda não o dissera. – Eu também te amo.

Pela primeira vez na vida ia parar de pensar nos outros. Não ia simplesmente aceitar o que lhe era oferecido e tirar o melhor partido possível. Ia procurar a sua própria felicidade, traçar o seu próprio destino.

Não ia fazer o que era esperado dela.

Ia fazer o que *ela* queria.

Já era tempo.

Apertou as mãos de Gregory. Sorriu. Não um sorriso hesitante, mas um sorriso amplo e confiante, cheio de esperança, cheio de sonhos... e o conhecimento de que iria alcançar todos eles.

Seria difícil. Seria assustador.

Mas valeria a pena.

– Vou falar com o meu tio – disse ela, as palavras firmes e seguras. – Amanhã.

Gregory puxou-a contra si para um último beijo, rápido e apaixonado e cheio de promessas.

– Devo acompanhar-te? – perguntou ele. – Visitá-lo em casa para poder tranquilizá-lo quanto às minhas intenções?

A nova Lucy, a Lucy ousada e corajosa, perguntou:

– E quais *são* as tuas intenções?

Os olhos de Gregory arregalaram-se de surpresa, depois de aprovação e, em seguida, tomou as mãos dela.

Lucy sentiu que ele o ia fazer antes mesmo de o ver. As mãos dele pareceram deslizar pelas suas à medida que descia...

Até ficar apoiado num só joelho, fitando-a como se não houvesse mulher mais bela em toda a criação.

A mão dela voou para a boca, e ela percebeu que tremia.

– Lady Lucinda Abernathy – disse ele, a voz fervorosa e segura –, dar-me-ia a grande honra de ser minha mulher?

Ela tentou falar. Tentou assentir.

– Casa-te comigo, Lucy – pediu ele. – Casa-te comigo.

E desta vez ela conseguiu.

– Sim. – E então: – Sim! Oh, sim!

– Eu vou fazer-te feliz – assegurou ele, levantando-se para a abraçar. – Prometo.

– Não é preciso prometeres. – Ela abanou a cabeça, piscando os olhos para afastar as lágrimas. – Não há maneira de não me fazeres feliz.

Ele abriu a boca, provavelmente para dizer mais, mas foi cortado por uma pancada na porta, suave, mas rápida.

Hyacinth.

– Vai – disse Gregory. – Deixa a Hyacinth levar-te para o salão de baile. Eu sigo mais tarde.

Lucy anuiu, ajeitando o vestido até tudo estar no seu devido lugar.

– O meu cabelo – sussurrou ela, os olhos voando para os seus.

– Está lindo – garantiu ele. – Estás perfeita.

Ela correu para a porta.

– Tens a certeza?

Eu amo-te, disse ele em silêncio. E os olhos diziam o mesmo.

Lucy abriu a porta e Hyacinth entrou apressada.

– Meu Deus, como são lentos – resmungou ela. – Precisamos de ir. Agora.

Caminhou em passos largos até à porta do corredor, depois parou, olhando primeiro para Lucy e, em seguida, para o irmão. Pousou o olhar em Lucy, erguendo uma sobrancelha inquiridora.

Lucy não se deixou abater.

– Não me julgou mal – disse ela calmamente.

Os olhos de Hyacinth arregalaram-se e os lábios curvaram-se.

– Que bom.

E era, percebeu Lucy. Era muito bom, na verdade.

CAPÍTULO 18

Em que a nossa heroína faz uma terrível descoberta.

Ela era capaz de o fazer.

Era capaz.

Só precisava de bater.

No entanto, ali estava, à porta do escritório do tio, com a mão fechada, como se estivesse *pronta* para bater à porta.

Mas não exatamente.

Há quanto tempo estava assim? Cinco minutos? Dez? Fosse como fosse, há tempo suficiente para a classificar como uma tonta ridícula. Uma cobarde.

Como tinha isso acontecido? *Porque* tinha acontecido? Na escola, era conhecida como capaz e pragmática. Era a rapariga que sabia como fazer as coisas. Não era tímida. Não era medrosa.

Mas quando se tratava do tio Robert...

Suspirou. Sempre tinha sido assim com o tio. Ele era tão severo, tão taciturno.

Tão oposto ao seu próprio pai, sempre sorridente.

Sentira-se como uma borboleta quando partira para a escola, mas sempre que voltava, era como se estivesse a ser novamente encafuada no seu casulo minúsculo. Tornava-se baça, silenciosa.

Solitária.

Mas não desta vez. Respirou fundo, endireitou os ombros. Desta vez diria o que precisava de dizer. Ia fazer-se ouvir.

Levantou a mão. Bateu à porta.

Esperou.

– Entre.

– Tio Robert – disse ela, entrando no escritório.

Parecia escuro, mesmo com o sol do crepúsculo entrando oblíquo pela janela.

– Lucinda – respondeu ele, levantando brevemente os olhos antes de voltar para os papéis. – O que foi?

– Preciso de falar consigo.

Ele fez uma anotação, lançou um olhar carrancudo à sua obra e, em seguida, secou a tinta.

– Fala.

Lucy aclarou a garganta. Seria muito mais fácil se ele se dignasse a *olhar* para ela. Odiava falar-lhe para o cocuruto, odiava.

– Tio Robert – disse ela novamente.

Ele resmungou uma resposta, mas continuou a escrever.

– *Tio Robert.*

Ela viu-lhe os movimentos lentos, até que, finalmente, ele olhou para cima.

– O que é, Lucinda? – perguntou, claramente irritado.

– Precisamos de ter uma conversa sobre Lord Haselby.

Pronto. Tinha dito.

– Há algum problema? – perguntou ele em tom arrastado.

– Não – ouviu-se ela a dizer, apesar de que não ser de todo verdade. Mas era o que sempre dizia quando alguém perguntava se havia um problema. Era uma daquelas coisas que simplesmente lhe saía, assim como «Peço desculpa» ou «Peço perdão».

Era o que tinha sido educada para dizer.

Há algum problema?

Não, claro que não. Não, não se preocupe comigo. Não, por favor, não se preocupe por minha causa.

– Lucinda?

A voz do tio era cortante, quase perturbadora.

– Não – disse ela novamente, desta vez mais alto, como se o volume lhe desse coragem. – Ou melhor, sim, há um problema. E eu preciso de falar consigo sobre isso.

O tio dirigiu-lhe um olhar entediado.

– Tio Robert – começou ela, sentindo-se como se estivesse a andar na ponta dos pés num campo de ouriços-cacheiros –, o senhor sabia... – Mordeu o lábio, olhando para todos os sítios, exceto o rosto dele. – Quero dizer, o senhor sabia...

– Desembucha de uma vez – rosnou ele.

– Lord Haselby não gosta de mulheres – disse Lucy rapidamente, desesperada para acabar com aquilo.

Por um momento, o tio Robert não fez mais nada além de olhar para ela. E então ele...

Riu-se.

Desatou à *gargalhada*.

– Tio Robert?

O coração de Lucy começou a bater muito depressa.

– O senhor sabia disso?

– Claro que sabia – cuspiu ele. – Porque é que achas que o pai dele está tão ansioso para que sejas tu? Ele sabe que não vais abrir a boca.

Porque não iria ela abrir a boca?

– Devias agradecer-me – disse o tio Robert duramente, cortando-lhe os pensamentos. – Metade dos homens da alta sociedade são uns brutos. Eu estou a entregar-te ao único que não vai incomodar-te.

– Mas...

– Fazes ideia de quantas mulheres gostariam de estar no teu lugar?

– Não é isso que está em causa, tio Robert.

Os olhos dele transformaram-se em gelo.

– Como disseste?!

Lucy ficou perfeitamente imóvel, percebendo subitamente que era agora. Aquele era o seu momento. Ela nunca antes o contrariara, e provavelmente nunca mais o faria.

Engoliu em seco. E então disse-o.

– Eu não quero casar-me com Lord Haselby.

Silêncio. Mas os olhos dele...

Os olhos anunciavam trovoadas.

Lucy susteve-lhe o olhar com frio distanciamento. Sentia uma força nova e estranha a crescer dentro dela. Não ia recuar. Não agora, não quando o resto da sua vida estava em jogo.

Os lábios do tio apertaram-se e contorceram-se, apesar de o rosto parecer ser feito de pedra. Finalmente, quando Lucy estava certa de que o silêncio a iria vencer, ele perguntou, a voz bem clara:

– Posso saber porquê?

– Eu... eu quero filhos – disse Lucy, agarrando-se à primeira desculpa de que se lembrou.

– Oh, irás tê-los – respondeu ele.

Ele sorriu então, e o sangue dela gelou.

– Tio Robert? – sussurrou ela.

– Ele pode não gostar de mulheres, mas será capaz de fazer o trabalho com frequência suficiente para gerar um pirralho contigo. E se ele não puder...

Encolheu os ombros.

– O quê? – Lucy sentiu o pânico crescer-lhe no peito. – O que quer dizer?

– O Davenport tratará disso.

– O pai dele? – engasgou-se Lucy.

– Seja como for, será um herdeiro direto macho, e isso é que importa.

A mão de Lucy voou para a boca.

– Oh, eu não posso. Não posso.

Pensou em Lord Davenport, no seu hálito horrível e na papada mole. Nos seus olhos imensamente cruéis. Ele não seria gentil. Ela não sabia como sabia, mas ele não seria gentil.

O tio inclinou-se para a frente na cadeira, estreitando os olhos ameaçadoramente.

– Todos nós temos as nossas posições na vida, Lucinda, e a tua é seres a mulher de um nobre. O teu dever é o de gerares um herdeiro. E irás fazê-lo, da forma que o Davenport julgar necessária.

Lucy engoliu em seco. Sempre fizera o que lhe tinham mandado. Sempre aceitara que o mundo funcionava de determinada maneira. Os sonhos podiam ser alterados; a ordem social não.

Aceita o que te é dado e tira o melhor partido da situação.

Era o que ela sempre dissera. O que sempre fizera.

Mas não desta vez.

Ergueu a cabeça e encarou o tio.

– Eu não vou fazer isso – declarou ela, e a voz não vacilou. – Não vou casar-me com ele.

– O... que... é... que... disseste?

Cada palavra saiu como uma pequena frase, cortante e gélida.

Lucy engoliu em seco.

– Eu disse...

– Eu sei o que disseste! – rugiu ele, batendo com as mãos na mesa ao levantar-se. – Como te atreves a questionar a minha decisão? Eu criei-te, alimentei-te, dei-te cada maldita coisa de que precisaste. Há dez anos que cuido e protejo esta família, quando nada... *nada*... será meu por direito.

– Tio Robert – tentou ela dizer.

Mas mal podia ouvir a própria voz. Cada palavra que ele dissesse era verdade. Não era dono daquela casa. Não era dono de Fennsworth Abbey ou de qualquer uma das outras propriedades da família Fennsworth. Não tinha nada além do que Richard poderia decidir dar-lhe quando assumisse em pleno a sua posição de conde.

– Eu sou o teu tutor – disse o tio, a voz tão grave que tremeu. – Entendes? Vais casar-te com o Haselby e nunca mais voltamos a falar deste assunto.

Lucy olhou para o tio, horrorizada. Ele era tutor dela há dez anos, e em todo esse tempo, nunca o vira perder as estribeiras daquela maneira. O descontentamento dele era sempre servido frio.

– É aquele idiota do Bridgerton, não é? – rosnou ele, sacudindo com raiva alguns livros pousados na mesa, que caíram ao chão com um baque forte.

Lucy deu um salto para trás.

– Diz-me!

Ela não reagiu, olhando o tio com cautela enquanto ele avançava sobre ela.

– Diz-me! – rugiu ele.

– Sim – apressou-se ela a responder, dando mais um passo para trás. – Como é que... como é que sabe?

– Achas que eu sou algum idiota? A mãe e a irmã dele, *ambas*, a pedir o favor da tua companhia no mesmo dia? – Ele praguejou entre dentes. – Estavam obviamente a conspirar para te roubarem.

– Mas o senhor deixou-me ir ao baile.

– Porque a irmã dele é uma duquesa, sua tonta! Até o Davenport concordou que tinhas de ir.

– Mas...

– Deus do Céu! – blasfemou o tio Robert, deixando Lucy num silêncio chocado. – Não posso acreditar na tua estupidez. Ele prometeu-te sequer casamento? Estás realmente preparada para descartares o herdeiro de um condado pela *possibilidade* de ficares com o quarto filho de um visconde?

– Sim – sussurrou Lucy.

O tio deve ter-lhe percebido a determinação no rosto, porque empalideceu.

– O que é que fizeste? – exigiu ele saber. – Deixaste-o tocar-te?

Lucy pensou no beijo, e corou.

– Sua cabra estúpida! – sibilou ele. – Bem, sorte a tua que o Haselby não sabe distinguir uma virgem de uma prostituta.

– *Tio Robert!* – Lucy estremeceu de horror. Não se tornara tão ousada que pudesse descaradamente permitir que ele a julgasse impura. – Eu nunca... eu não... como pode pensar isso de mim?

– Porque estás a agir como uma maldita idiota – ripostou ele. – A partir deste momento, só sairás desta casa para o casamento. Se eu tiver de pôr guardas à porta do teu quarto, é isso que farei.

– Não! – gritou Lucy. – Como pode fazer isso comigo? O que é que importa? Nós não precisamos do dinheiro deles. Não precisamos das relações que eles possam ter. Porque é que eu não posso casar-me por amor?

A princípio, o tio não reagiu. Ficou ali de pé como se petrificado, tendo como único movimento uma veia a pulsar-lhe na têmpora. E então, justamente quando Lucy pensou que poderia voltar a respirar, ele praguejou violentamente e avançou na sua direção, prendendo-a contra a parede.

– *Tio Robert!* – engasgou-se ela. A mão dele apertava-lhe o queixo, forçando-lhe a cabeça para uma posição muito pouco natural. Ela tentou engolir, mas era quase impossível com o pescoço torcido com tanta força. – Não – conseguiu dizer, mas saiu como um gemido. – Por favor... pare.

Mas o aperto apenas se intensificou, o antebraço pressionado contra a clavícula dela, os ossos do pulso cravando-se dolorosamente na sua pele.

– Vais casar-te com Lord Haselby – sibilou ele. – Vais casar-te com ele e eu vou dizer-te porquê.

Lucy não disse nada, limitando-se a olhar para ele com olhos frenéticos.

– Tu, minha cara Lucinda, és o último pagamento de uma dívida de longa data a Lord Davenport.

– O que quer dizer? – sussurrou ela.

– Chantagem – declarou o tio Robert num tom sombrio. – Temos vindo a pagar ao Davenport há anos.

– Mas porquê? – perguntou Lucy.

O que poderiam ter feito para justificar a chantagem?

Os lábios do tio enrolaram-se de escárnio.

– O teu pai, o oitavo e tão amado conde de Fennsworth, era um traidor.

Lucy arquejou de choque, sentindo a garganta fechar-se num nó. Não podia ser verdade. Ela tinha pensado que fosse talvez um caso extraconjugal. Talvez um conde que não fosse realmente um Abernathy. Mas traição? Deus do Céu... *não*.

– *Tio Robert* – disse ela, tentando chamá-lo à razão. – Deve haver algum engano. Um mal-entendido. O meu pai... não era um traidor.

– Oh, asseguro-te que era, e o Davenport sabe-o.

Lucy pensou no pai. Ainda podia vê-lo: alto, bonito, com olhos azuis sorridentes. Gastava dinheiro demasiado livremente; mesmo sendo uma criança, ela sabia-o. Mas não era um traidor. Não poderia ter sido. Tinha a honra de um cavalheiro. Ela lembrava-se disso. Estava no porte dele, em tudo o que lhe ensinara.

– Está a mentir – acusou ela, as palavras queimando-lhe a garganta. – Ou foi

mal informado.

– Há provas – disse o tio, soltando-a abruptamente e atravessando a sala até à garrafa de cristal abastecida de *brandy*. Serviu-se e bebeu um longo trago. – E o Davenport tem-nas.

– Como?

– Eu não sei como – retrucou ele. – Só sei que tem. Eu vi-as.

Lucy engoliu em seco e abraçou o próprio peito, ainda tentando absorver o que o tio dissera.

– Que tipo de provas?

– Cartas – respondeu ele severamente. – Escritas pela mão do teu pai.

– Cartas podem ser falsificadas.

– Têm o selo dele! – trovejou ele, batendo com o copo.

Os olhos de Lucy arregalaram-se quando viu o *brandy* espirrar do copo para a ponta da secretária.

– Achas que eu iria aceitar uma coisa destas sem confirmar com os meus próprios olhos? – rosnou o tio. – As cartas continham informações... detalhes... coisas que só o teu pai poderia saber. Achas que eu andaria a pagar a chantagem do Davenport todos estes anos, se houvesse uma hipótese de ser mentira?

Lucy abanou a cabeça. O tio era muitas coisas, mas não era parvo.

– Ele veio ter comigo seis meses depois de o teu pai morrer. Tenho vindo a pagar-lhe desde então.

– Mas porquê eu? – perguntou ela.

O tio soltou uma risada amarga.

– Porque tu serás a noiva perfeita, íntegra e obediente. Irás compensar as deficiências do Haselby. O Davenport tinha de casar o rapaz com alguém e precisava de uma família que pudesse guardar segredo. – Atirou-lhe um olhar arrogante. – O que nós faremos. Não podemos dizer nada. E ele sabe disso.

Ela assentiu em concordância. Ela nunca falaria de tais coisas, sendo ou não mulher de Haselby. Ela *gostava* de Haselby. Não queria tornar-lhe a vida difícil. Mas também não queria ser mulher dele.

– Se não te casares com ele – disse o tio lentamente –, toda a família Abernathy será arruinada. Compreendes?

Lucy ficou gelada.

– Não estamos a falar de uma transgressão infantil, de um cigano na árvore genealógica da família. O teu pai cometeu alta traição. Vendeu segredos de Estado aos franceses, passou-os a agentes disfarçados de contrabandistas na costa.

– Mas porquê? – sussurrou Lucy. – Nós não precisávamos de dinheiro.

– Como achas que *conseguimos* o dinheiro? – devolveu o tio em tom cáustico. – E o teu pai... – tornou a praguejar baixinho – sempre gostou do perigo. Provavelmente fê-lo só pelo prazer de o fazer. Uma bela partida nos pregou a todos, não é? O próprio condado está em perigo, e tudo porque o teu pai queria um pouco de aventura.

– O meu pai não era assim – disse Lucy, mas por dentro não tinha tanta

certeza.

Ela tinha apenas oito anos quando ele fora morto por um salteador de estradas, em Londres. Na altura disseram-lhe que fora porque ele interviera para defender uma senhora, mas e se isso também fosse mentira? E se tivesse sido morto por causa dos seus atos de traição? Era seu pai, mas o que é que sabia realmente sobre ele?

Contudo, o tio Robert não pareceu ter ouvido o comentário.

– Se não te casares com o Haselby – disse ele, em palavras baixas e precisas –, Lord Davenport irá revelar a verdade sobre o teu pai, e tu trarás a vergonha a toda a casa de Fennsworth.

Lucy abanou a cabeça. Certamente havia outra maneira. Aquela responsabilidade não poderia pesar toda sobre os seus ombros.

– Achas que não? – O tio Robert soltou uma risada desdenhosa. – Quem é que achas que vai sofrer, Lucinda? Tu? Bem, sim, suponho que vás sofrer, mas podemos sempre mandar-te para longe, para alguma escola e deixar-te lá a ganhar mofo como professora. Provavelmente ias gostar.

Deu alguns passos na direção dela, sem nunca tirar os olhos do seu rosto.

– Mas pensa no teu irmão – disse ele. – Como é que ele se sairá como filho de um traidor? O rei quase certamente lhe tirará o título. E a maior parte da fortuna, também.

– Não – disse Lucy.

Não. Ela não queria acreditar. O Richard não tinha feito nada de errado. Certamente não poderia ser culpado pelos pecados do pai.

Afundou-se numa cadeira, tentando desesperadamente encontrar algum sentido no meio de tantos pensamentos e emoções.

Traição. Como é que o pai poderia ter feito uma coisa dessas? Isso ia contra tudo o que ela havia sido educada para acreditar. Não tinha o pai amado a Inglaterra? Não lhe dissera ele que os Abernathy tinham um dever sagrado perante toda a Grã-Bretanha?

Ou teria sido o tio Robert? Lucy fechou os olhos com força, tentando lembrar-se. Alguém lho dissera. Tinha a certeza disso. Lembrava-se onde estava nesse momento, em frente ao retrato do primeiro conde. Lembrava-se do cheiro no ar e das palavras exatas e... raios, lembrava-se de tudo exceto da pessoa que o dissera.

Abriu os olhos e olhou para o tio. Provavelmente tinha sido ele. Parecia-lhe algo que ele diria. Ele não decidia falar com ela com muita frequência, mas quando o fazia, o dever era sempre um tema popular.

– Oh, pai! – sussurrou ela.

Como poderia ele ter feito aquilo? Vender segredos a Napoleão... tinha posto em causa a vida de milhares de soldados britânicos. Ou até de...

Sentiu o estômago revirar-se. Meu Deus, ele podia ter sido responsável pelas suas mortes. Quem sabe o que tinha revelado ao inimigo, quantas vidas tinham sido perdidas por causa dos seus atos?

– Cabe a ti, Lucinda – declarou o tio. – É a única maneira de acabar com isto.

Ela abanou a cabeça, sem compreender.

– O que quer dizer?

– Assim que te tornares uma Davenport, não pode haver mais chantagem. Qualquer vergonha que assole a nossa família recairá sobre os ombros deles também. – Ele caminhou até à janela, apoiando-se pesadamente no parapeito e olhando lá para fora. – Ao fim de dez anos, vou finalmente... *nós* vamos finalmente ser livres.

Lucy não disse nada. Não havia nada a dizer. O tio Robert espreitou por cima do ombro. Em seguida, virou-se e caminhou em direção a ela, observando-a atentamente.

– Vejo que finalmente compreendes a gravidade da situação – disse ele.

Ela fitou-o com olhos assombrados. Não havia a menor compaixão no rosto dele, nenhum sinal de solidariedade ou afeto. Apenas a máscara fria do dever. Fizera o que se esperava dele, e ela teria de fazer o mesmo.

Pensou em Gregory, na expressão do seu rosto quando a pedira em casamento. Ele amava-a. Ela não sabia que tipo de milagre tinha acontecido, mas ele amava-a.

E ela amava-o.

Meu Deus, era quase cómico. Ela, que sempre tinha troçado do amor romântico, caíra na armadilha. Apaixonara-se completa e irremediavelmente, o suficiente para pôr de lado tudo aquilo em que julgara acreditar. Por Gregory estava disposta a enfrentar o escândalo e o caos. Por Gregory enfrentaria mexericos, rumores e insinuações.

Ela, que ficava louca quando os sapatos estavam fora do sítio no guarda-vestidos, estava preparada para abandonar o filho de um conde quatro dias antes do casamento! Se isso não era amor, não sabia o que seria.

Só que agora estava tudo acabado. As esperanças, os sonhos, os riscos que desejava correr... estava tudo terminado.

Não tinha escolha. Se desafiasse Lord Davenport, a sua família seria arruinada. Pensou em Richard e Hermione tão felizes, tão apaixonados. Como podia ela condená-los a uma vida de vergonha e pobreza?

Caso se casasse com Haselby, a sua vida não seria o que queria para si mesma, mas não sofreria. Haselby era uma pessoa razoável. Era gentil. Se lhe suplicasse, ele certamente iria protegê-la do pai. E a sua vida seria...

Confortável.

Rotineira.

Muito melhor do que seria a de Richard e Hermione se a vergonha do pai fosse tornada pública. O seu sacrifício não era nada, comparado ao que a sua família seria forçada a suportar se recusasse.

Não tinha ela um dia querido nada mais do que conforto e rotina? Não poderia reaprender a querê-lo novamente?

– Eu caso-me com ele – declarou, os olhos fixos e cegos postos na janela.

Chovia. Quando é que tinha começado a chover?

– Ainda bem.

Lucy ficou sentada na cadeira, completamente imóvel. Podia sentir a energia a escoar-se-lhe do corpo, a deslizar-lhe dos membros e a escorrer pelos dedos das mãos e dos pés. Meu Deus, como estava cansada. Exausta. E não parava de pensar que queria chorar.

Mas não tinha lágrimas. Mesmo depois de ter subido lentamente e ido para o quarto... não teve lágrimas.

No dia seguinte, quando o mordomo perguntou se ela estava em casa para receber Mr. Bridgerton e ela abanou a cabeça num não... não teve lágrimas.

E um dia depois, quando foi forçada a repetir o mesmo gesto... não teve lágrimas.

Mas no dia a seguir a esse, após passar vinte horas agarrada ao cartão de visita dele, acariciando suavemente com o dedo o seu nome, traçando cada letra... *O Ilustre Gregory Bridgerton...* começou a senti-las picarem-lhe os olhos.

E então viu-o, de pé na calçada, a olhar para a fachada de Fennsworth House.

E ele viu-a. Ela sabia que sim; os olhos dele arregalaram-se e o corpo ficou tenso; ela conseguiu senti-lo, sentir cada gota do seu espanto e raiva.

Deixou cair a cortina. Rapidamente. E ficou ali, a tremer, a tremer, mas incapaz de se mexer. Os pés estavam presos ao chão, e ela começou a senti-lo novamente... o pânico a correr-lhe, terrível, nas entranhas.

Era errado. Era tudo tão errado, e ainda assim ela sabia que estava a fazer o que tinha de ser feito.

Ficou ali. À janela, a olhar para as ondulações da cortina. Ficou ali a sentir os membros cada vez mais tensos e contraídos. Ficou ali a esforçar-se por respirar. Ficou ali a sentir o coração a apertar, a apertar cada vez mais e permaneceu assim até tudo começar lentamente a acalmar.

Sem saber como, conseguiu ir até à cama e deitar-se.

E então, finalmente, encontrou as lágrimas.

CAPÍTULO 19

Em que o nosso herói toma o problema... e a nossa heroína... nas suas próprias mãos.

Na sexta-feira, Gregory estava desesperado.

Três vezes fora visitar Lucy a Fennsworth House.

Três vezes tinha sido dispensado.

Ele estava a correr contra o tempo.

Eles estavam a correr contra o tempo.

Que *diabo* estava a acontecer? Mesmo que o tio de Lucy lhe tivesse negado o pedido para cancelar o casamento... e certamente não teria ficado nada satisfeito; afinal de contas, ela estava a tentar abandonar um futuro conde... certamente Lucy teria tentado entrar em contacto com ele.

Ela amava-o.

Gregory sabia-o do mesmo modo que conhecia a própria voz, o próprio coração. Sabia-o como sabia que a Terra era redonda e os olhos dela eram azuis e que dois mais dois seriam sempre, *sempre* quatro.

Lucy amava-o. Ela não mentia. Não era capaz de mentir.

Ela não *mentiria*. Não sobre algo assim.

O que significava que alguma coisa se passava. Não podia haver outra explicação.

Tinha-a procurado no parque, esperando horas no banco onde ela gostava de alimentar os pombos, mas ela não aparecera. Vigiara a sua porta, esperando poder interceptá-la a caminho de algum sítio, mas ela não se tinha aventurado a sair.

E então, após a terceira vez de lhe ter sido recusada a entrada, ele viu-a. Bastou um relance pela janela; ela deixou as cortinas cair rapidamente. Mas tinha sido o suficiente. Não conseguira ver-lhe o rosto, não o suficiente para avaliar a sua expressão, contudo havia algo na maneira como ela se mexera, no largar apressado, quase frenético das cortinas.

Algo se passava.

Será que estava a ser mantida em casa contra a sua vontade? E se ela tivesse sido drogada? A mente de Gregory tropeçava em todas as possibilidades, cada uma mais terrível do que a anterior.

E agora era sexta-feira à noite. O casamento era em menos de doze horas. E não se ouvia sussurro, o mais leve pipilo, de rumores. Se houvesse a mais pequena sugestão de que o casamento Haselby- -Abernathy poderia não acontecer como planeado, Gregory teria ouvido falar sobre isso. Quanto mais não fosse, Hyacinth teria dito alguma coisa. Hyacinth sabia de tudo, geralmente antes dos próprios sujeitos dos rumores.

Gregory mantinha-se escondido nas sombras, em frente à Fennsworth House, encostado ao tronco de uma árvore, a observar, apenas a observar. Seria aquela a sua janela? Aquela onde a vira mais cedo naquele dia? Não havia luz de velas a

espreitar, mas as cortinas eram, provavelmente, pesadas e grossas. Ou talvez ela tivesse ido para a cama. Era tarde.

E ela tinha um casamento de manhã.

Deus do Céu.

Ele não podia deixá-la casar-se com Lord Haselby. Não podia.

Se havia uma coisa que sabia no seu coração, era que ele e Lucinda Abernathy tinham nascido para ser marido e mulher. O rosto dela era o que deveria contemplar todas as manhãs enquanto saboreava ovos e *bacon* e arenques e bacalhau e torradas.

Uma espécie de ronco de riso pressionou-lhe o nariz, mas do tipo nervoso e desesperado, o som que se faz quando a única alternativa é chorar. Lucy tinha de se casar com ele, mesmo que fosse só para poderem ingerir montes e montes de comida juntos todas as manhãs.

Olhou para a sua janela.

A que *esperava* que fosse a sua janela. Com sorte, estava a sonhar acordado e a olhar para a casa de banho dos criados.

Quanto tempo ficou ali não sabia. Pela primeira vez desde que se lembrava, sentia-se impotente, e, pelo menos, isto... vigiar uma maldita janela... era algo que ele podia controlar.

Pensou na sua vida. Privilegiada, certamente. Não lhe faltava dinheiro, uma família adorável, montes de amigos. Tinha saúde, física e mental, e até ao fiasco com Hermione Watson, uma crença inabalável na sua própria capacidade de julgamento. Podia não ser o mais disciplinado dos homens, e talvez devesse ter prestado mais atenção a todas aquelas coisas com que Anthony gostava de o importunar, mas sabia o que era certo, e sabia o que era errado, e sabia... *sabia* com absoluta certeza... que a sua vida seria um quadro feliz e satisfeito.

Porque simplesmente, ele era esse tipo de pessoa.

Não era melancólico. Não era dado a acessos de raiva.

E nunca tivera de se esforçar arduamente por nada.

Olhou para a janela, pensativo.

Tornara-se complacente. Tão certo do seu próprio final feliz que não tinha acreditado... *ainda* não conseguia acreditar... que podia não conseguir o que queria.

Tinha-a pedido em casamento. Ela tinha aceitado. É verdade, ela fora prometida a Haselby, e ainda era.

Mas não deveria o verdadeiro amor triunfar? Não fora assim para todos os seus irmãos e irmãs? Por que diabo era ele tão azarado?

Pensou na mãe, lembrou-se da expressão no seu rosto quando tão habilmente lhe dissecara o carácter. Ela acertara em quase tudo, percebeu.

Mas não em tudo.

Era verdade que ele nunca tivera de se esforçar grandemente por nada. Mas isso era só parte da história. Ele não era indolente. Trabalharia como um louco se pelo menos...

Se pelo menos tivesse um motivo.

Olhou para a janela.

Tinha um motivo agora.

Tinha estado à espera, percebeu. À espera de que Lucy convencesse o tio a libertá-la do noivado. À espera de que as peças do quebra-cabeças que compunham a sua vida se encaixassem para que ele pudesse pôr a última no lugar com um triunfante «Aha!»

À espera.

À espera do amor. À espera de uma vocação.

À espera de clareza, daquele momento em que saberia exatamente como continuar.

Era hora de parar de esperar, era hora de esquecer sorte e destino.

Era hora de agir. De trabalhar.

Arduamente.

Ninguém lhe ia entregar de mão beijada aquela penúltima peça do quebra-cabeças; teria de encontrá-la sozinho.

Precisava de ver Lucy. E tinha de ser agora, pois aparentemente era-lhe proibido visitá-la de uma forma mais convencional.

Atravessou a rua esgueirando-se para as traseiras da casa. As janelas do andar térreo estavam trancadas e estava tudo escuro. Mais acima na fachada, algumas cortinas esvoaçavam ao vento, mas não havia maneira de Gregory poder escalar o edifício sem se matar.

Analisou os arredores. À esquerda, a rua. À direita, o beco e as cavalariças. E à frente dele...

A entrada de serviço.

Considerou-a, pensativo. Ora, porque não?

Deu um passo em frente e colocou a mão na maçaneta.

Ela girou.

Gregory quase riu de prazer. No mínimo, podia voltar a acreditar... talvez um pouco... na sorte e no destino e nessa coisa toda. Certamente que não era normal. Um criado devia ter saído às escondidas, talvez para um encontro também. Se a porta estava destrancada, então é claro que o destino de Gregory era entrar.

Ou ele tinha enlouquecido.

Decidiu acreditar no destino.

Gregory fechou a porta silenciosamente atrás de si e permitiu que os olhos se acostumassem à escuridão. Parecia estar numa grande despensa, tendo a cozinha à direita. Havia uma grande possibilidade de alguns dos criados de mais baixa categoria dormirem nas proximidades, por isso tirou as botas, levando-as numa mão ao penetrar mais profundamente na casa.

Em meias não fazia barulho e subiu a escada das traseiras em silêncio, até ao segundo piso, onde julgava ficar o quarto de Lucy. Fez uma pausa no patamar, chamando a si um breve momento de sanidade antes de entrar no corredor.

O que estava ele a pensar? Não tinha a menor ideia do que poderia acontecer se

fosse apanhado. Estaria a transgredir alguma lei? Provavelmente. Não lhe passava pela cabeça que não estivesse. Embora a sua posição como irmão de um visconde o mantivesse longe da força, não escaparia incólume, pois a casa que tinha escolhido invadir pertencia a um conde.

Mas precisava de ver Lucy. Estava farto de esperar.

Deteve-se um momento no patamar para se orientar e, em seguida, caminhou em direção à frente da casa. Havia duas portas ao fundo. Parou, pintando um retrato da fachada da casa na sua mente e, em seguida, estendeu a mão para a porta da esquerda. Se Lucy estava, de facto, no seu quarto quando a vira, então esta era a porta correta. Se não...

Bem, então, não fazia a menor ideia. Nenhum palpite. E ali estava ele, a vaguear pela casa do conde de Fennsworth depois da meia-noite.

Deus do Céu.

Rodou a maçaneta devagar, deixando escapar um suspiro aliviado quando não fez cliques ou rangidos. Abriu a porta apenas o suficiente para enfiar o corpo através da abertura e tornou a fechá-la com cuidado atrás de si, só então se pondo a examinar o quarto.

Estava escuro, quase sem luar a infiltrar-se pelos reposteiros da janela. Contudo, os seus olhos já se tinham ajustado à escuridão e foi capaz de descortinar várias peças de mobiliário... um toucador, um guarda-vestidos...

A cama.

Era uma peça substancial e pesada, com um dossel e cortinas até baixo que se fechavam em torno dele. Se realmente havia alguém ali dentro, dormia tranquilamente... não se ouvia ressonar, ninguém a virar-se, nada.

É assim que Lucy deve dormir, pensou ele de repente. Como uma pedra. Não era uma flor delicada, a sua Lucy, e não iria tolerar nada menos do que uma noite perfeitamente tranquila. Parecia estranho que estivesse tão certo disso, mas estava.

Ele *conhecia-a*, percebeu. Conhecia-a verdadeiramente. Não apenas as coisas normais. Na verdade, ele *não sabia* nada sobre as coisas habituais. Não sabia qual era a sua cor favorita. Nem poderia adivinhar o seu animal ou comida preferida.

Mas não importava que não soubesse se ela preferia cor-de-rosa ou azul ou roxo ou preto. Conhecia o seu coração. *Queria* o seu coração.

E não podia permitir que ela se casasse com outra pessoa.

Cuidadosamente, abriu as cortinas.

Não havia ninguém.

Gregory praguejou entre dentes, até que percebeu que os lençóis estavam remexidos, a almofada com a marca recente da cabeça de alguém.

Virou-se mesmo a tempo de ver um castiçal ser lançado selvaticamente na sua direção.

Soltando um grunhido de surpresa, esquivou-se, mas não com rapidez suficiente para evitar que o atingisse na têmpora. Voltou a praguejar, desta vez em voz alta, e então ouviu...

– Gregory?

Ele piscou os olhos.

– Lucy?

Ela precipitou-se para ele.

– O que estás aqui a fazer?

Ele acenou com impaciência para a cama.

– Porque não estás a dormir?

– Porque vou casar-me amanhã.

– Bem, é por isso que estou aqui.

Ela fixou-o em silêncio, como se a presença dele fosse tão inesperada que não conseguia saber qual a reação correta a ter.

– Pensei que fosses um intruso – disse ela por fim, apontando para o castiçal.

Ele permitiu-se o mais ínfimo dos sorrisos.

– Não querendo ser picuinhas – murmurou ele –, a verdade é que sou.

Por um momento, pareceu-lhe que ela ia devolver o sorriso. Mas, em vez disso, fechou os braços contra o peito e disse:

– Tens de ir. Agora.

– Não até falares comigo.

Os olhos dela desviaram-se para um ponto acima do ombro dele.

– Não há nada a dizer.

– Que tal... eu amo-te?

– Não digas isso – sussurrou ela.

Ele deu um passo em frente.

– Eu amo-te.

– Gregory, por favor.

Ainda mais perto.

– Eu amo-te.

Ela respirou fundo. Endireitou os ombros.

– Eu vou casar-me com Lord Haselby amanhã.

– Não – afirmou ele –, não vais.

Os lábios dela entreabriram-se.

Ele estendeu a mão e pegou na dela. Ela não se afastou.

– Lucy – sussurrou ele.

Ela fechou os olhos.

– Fica comigo – disse ele.

Lentamente, ela abanou a cabeça.

– Por favor, não faças isto.

Ele puxou-a para mais perto e tirou-lhe o castiçal da outra mão, que já afrouxava.

– Fica comigo, Lucy Abernathy. Sê o meu amor, sê a minha mulher.

Ela abriu os olhos, mas manteve-os nos dele apenas um momento, antes de os desviar.

– Estás a tornar tudo ainda pior – sussurrou ela.

A dor na sua voz era insuportável.

– Lucy – disse ele, tocando-lhe o rosto –, deixa-me ajudar-te.

Ela abanou a cabeça, mas parou quando o seu rosto se encostou à palma da mão dele. Não por muito tempo. Pouco mais de um segundo. Mas ele sentiu.

– Não podes casar-te com ele – disse Gregory, puxando o rosto dela para o seu.
– Não vais ser feliz.

Os olhos dela brilhavam quando encontraram os dele. Na penumbra da noite, eram de um cinzento escuro, muito escuro, e dolorosamente triste. Podia imaginar o mundo inteiro ali, nas profundezas daquele olhar. Tudo o que precisava de saber, tudo o que poderia *alguma vez* precisar de saber, estava ali, dentro dela.

– Não vais ser feliz, Lucy – sussurrou. – Tu sabes que não.

Ainda assim, ela não falou. O único som era a sua respiração, saindo-lhe quase silenciosa dos lábios. Até que, por fim...

– Terei de me contentar.

– *Contentar?* – repetiu ele. A mão deslizou do rosto dela, caindo para o lado quando ele recuou. – Terás de te contentar?

Ela assentiu com a cabeça.

– E isso é *suficiente*?

Lucy assentiu novamente, desta vez um gesto mais hesitante.

A raiva começou a despertar dentro dele. Ela estava disposta a perdê-lo por aquilo? Por que razão não estava disposta a lutar?

Amava-o, mas será que o amava o suficiente?

– É a posição social dele? – quis saber. – Significa assim tanto para ti seres condessa?

Lucy esperou muito tempo antes de responder, e ele sabia que ela estava a mentir quando respondeu:

– Sim.

– Não acredito – devolveu ele, e a voz soou terrível.

Ferida. Irritada. Olhou para a própria mão, pestanejando de surpresa quando percebeu que ainda segurava o castiçal. Queria atirá-lo à parede. Em vez disso, pousou-o. Reparou que as mãos não estavam firmes.

Gregory olhou para ela. Lucy não disse nada.

– Lucy – implorou ele –, conta-me. Deixa-me ajudar-te.

Lucy engoliu em seco, e ele percebeu que ela já não o olhava no rosto.

Tomou-lhe as mãos. Ela ficou tensa, mas não se afastou. Os corpos encontravam-se frente a frente, e ele via os movimentos irregulares do peito dela.

Combinava com o que sentia dentro do seu.

– Eu amo-te – disse ele.

Porque se não parasse de o dizer, talvez isso fosse o suficiente. Talvez as palavras enchessem o quarto, a cercassem e se entranhassem na pele dela. Talvez ela finalmente percebesse que havia certas coisas que não podiam ser negadas.

– Nós pertencemos um ao outro – continuou ele. – Para todo o sempre.

Os olhos dela fecharam-se. Um pestanejar único, pesado. Mas quando os abriu de novo, parecia destroçada.

– Lucy – disse ele, tentando colocar a sua alma numa só palavra. – Lucy, diz-me...

– Por favor, não digas isso – pediu ela, virando a cabeça para não o olhar de frente. A voz saiu-lhe entrecortada e trémula: – Diz tudo menos isso.

– Porque não?

E, em seguida, ela sussurrou:

– Porque é verdade.

Ele prendeu a respiração e, num movimento rápido, puxou-a para si. Não era um abraço; não completamente. Os dedos de ambos estavam entrelaçados, os braços dobrados de modo que as mãos se encontraram entre os ombros.

Gregory sussurrou-lhe o nome.

Os lábios de Lucy entreabriram-se.

Sussurrou-o de novo, tão suave que as palavras eram mais um movimento do que um som.

Lucy, Lucy.

Ela manteve-se quieta, mal respirando. O corpo dele estava tão perto do seu, mas ainda não se tocavam. Contudo, o calor preenchia o espaço entre eles, vultuando através da camisa de dormir dela, fazendo-lhe tremer a pele.

Ela sentiu-se vibrar.

– Deixa-me beijar-te – sussurrou ele. – Mais uma vez. Deixa-me beijar-te mais uma vez, e se depois me disseres para ir embora, eu juro que vou.

Lucy sentiu-se escorregar, deslizar para aquela vontade louca, cair num lugar nebuloso de amor e desejo, onde não era fácil distinguir o bem do mal.

Ela amava-o. Amava-o tanto, e ele não podia ser dela. O coração acelerou-se, a respiração saía-lhe instável e só conseguia pensar que nunca mais voltaria a sentir-se assim. Ninguém jamais a olharia da maneira que Gregory a olhava naquele momento. Em menos de um dia casar-se-ia com um homem que não desejaria sequer beijá-la.

Nunca mais iria sentir aquela estranha tensão no centro da sua feminilidade, ter aquela sensação de borboletas na barriga. Esta era a última vez que olharia para os lábios de alguém e sentiria aquela *ânsia* de que tocassem os seus.

Meu Deus, como o queria. Queria *aquilo*. Antes que fosse tarde de mais.

E ele amava-a. Amava-a. Ele dissera-o, e mesmo que lhe fosse difícil acreditar, acreditava *nele*.

Humedeceu os lábios.

– Lucy – sussurrou ele, sendo o nome uma pergunta, uma declaração e um apelo... tudo num só.

Ela anuiu. E então, porque sabia que não poderia mentir a si mesma ou a ele, disse as palavras:

– *Beija-me.*

Mais tarde não haveria fingimento, nenhuma alegação de que ela se tinha deixado levar pela paixão, de que ficara despojada da sua capacidade de pensar. A decisão era sua. E ela tomara-a.

Por um momento, Gregory não se mexeu, mas ela sabia que ele a ouvira. A respiração dele tornou-se entrecortada e os olhos cristalinos ao fitá-la.

– Lucy – disse ele, a voz rouca, profunda e áspera e uma centena de outras coisas que a derretia até aos ossos.

Os lábios dele encontraram a curva entre o maxilar e o pescoço.

– Lucy – murmurou.

Ela queria dizer algo em troca, mas não conseguia. Esgotara todas as suas forças ao pedir-lhe aquele beijo.

– Eu amo-te – sussurrou ele, arrastando as palavras ao longo do pescoço dela até à clavícula. – Amo-te. Amo-te.

Eram as mais dolorosas, maravilhosas, terríveis, magníficas palavras que ele poderia dizer. Lucy queria chorar, de felicidade e de tristeza.

Prazer e dor.

Pela primeira vez na vida compreendeu... compreendeu a alegria espinhosa do completo egoísmo. Ela não devia estar a fazer isto. Sabia que não devia, e sabia que provavelmente o pusera a pensar que isto significava que ela encontraria uma maneira de fugir ao seu compromisso com Haselby.

Ela estava a mentir-lhe. Tão certo como se tivesse dito as palavras.

Mas era-lhe impossível não o fazer.

Aquele era o seu momento. O seu único momento de segurar a felicidade nas mãos. E teria de durar uma vida.

Encorajada pelo fogo dentro dela, encostou as mãos com força ao rosto dele, puxando-lhe a boca contra a sua para um beijo tórrido. Não tinha ideia do que fazia... tinha a certeza de que devia haver regras para tudo aquilo, mas não se importava. Só queria beijá-lo. Não conseguia conter-se.

Uma das mãos dele deslizou-lhe para as ancas, queimando-a através do fino tecido da camisa de dormir. Em seguida, deslizou para as nádegas, apertando e acariciando, deixando de haver espaço entre eles. Ela sentiu-se escorregar e logo depois estavam na cama, e ela estava de costas, o corpo dele pressionado contra o dela, o calor e o peso dele admiravelmente masculinos.

Sentiu-se mulher.

Sentiu-se uma deusa.

Sentiu-se capaz de se enroscar nele e nunca mais o largar.

– Gregory – sussurrou ela, encontrando a voz quando entrelaçou os dedos no cabelo dele.

Ele ficou imóvel, e Lucy soube que Gregory esperava que ela dissesse mais.

– Eu amo-te – confessou ela, porque era verdade, e porque precisava que *alguma coisa* fosse verdade. Amanhã ele iria odiá-la. Amanhã ela iria traí-lo, mas nisto, pelo menos, não iria mentir.

– Eu quero-te – disse-lhe, quando ele levantou a cabeça para encontrar os olhos dela.

Gregory fitou-a demoradamente, e ela soube que ele lhe estava a dar uma última oportunidade para recuar.

– Eu quero-te – repetiu ela, pois desejava-o para além das palavras.

Queria que ele a beijasse, que a tomasse como sua e que esquecesse que ela não estava a sussurrar palavras de amor.

– Lu...

Ela pousou um dedo sobre a boca dele e sussurrou:

– Eu quero ser tua. – E acrescentou: – Esta noite.

O corpo dele estremeceu, a respiração correu-lhe audível pelos lábios. Gemeu alguma coisa, talvez o nome dela, e então a boca encontrou a sua num beijo que dava e tomava e queimava e consumia até Lucy não poder deixar de se agitar por baixo dele. As mãos dela deslizaram para o pescoço de Gregory, depois para dentro do casaco, os dedos procurando desesperadamente o calor e a pele. Com um palavrão meio resmungado, ele soergueu-se, sem sair de cima dela, e arrancou o casaco e o plastrão.

Lucy fixou os olhos arregalados nele. Ele tirava a camisa, não lentamente nem com delicadeza, mas com uma velocidade frenética que só salientava o desejo.

Ele tinha perdido o controlo. Ela podia não se sentir controlada, mas ele também não estava. Ele era tanto um escravo daquele fogo como ela.

Gregory atirou a camisa para o lado, e ela arquejou à visão dele, o peito exibindo um desenho de pelos esparsos, os músculos esculpidos e tensos sob a pele.

Ele era lindo. Nunca pensara que um homem poderia ser lindo, mas era a única palavra que poderia descrevê-lo. Lucy levantou uma mão e cuidadosamente pousou-a na pele dele. O sangue pulsava por baixo, e ela quase retirou a mão.

– Não – disse ele, cobrindo-lhe a mão com a sua.

Entrelaçou os dedos nos dela e levou a mão de Lucy ao próprio coração.

Mergulhou fundo nos olhos dela.

Lucy não conseguiu desviar o olhar.

E então ele voltou, o corpo firme e quente contra o seu, as mãos e os lábios parecendo estar em toda a parte. E a camisa de dormir... já não parecia cobrir grande coisa. Primeiro, subiu até às coxas, depois até à cintura. Ele tocava-a... não *naquele sítio*, mas perto. Deslizando os dedos muito ao de leve ao longo da barriga, escalcando-lhe a pele.

– Gregory – arquejou, quando os dedos dele encontraram um seio.

– Oh, Lucy – gemeu ele, acariciando-a, provocando, beliscando-lhe suavemente um mamilo e...

Oh, meu Deus! Como era possível que ela o sentisse *naquele sítio*?

As ancas arquearam-se e ela sentiu que tinha de estar mais perto. Precisava de algo que não conseguia identificar, algo que a preenchesse, que a completasse.

Ele puxava-lhe a camisa de dormir agora, tirando-lha pela cabeça e deixando-a escandalosamente nua. Uma das mãos ergueu-se, instintivamente, para se cobrir, mas ele agarrou-a pelo pulso e encostou a mão ao próprio peito. Gregory estava de joelhos, as pernas de ambos os lados do corpo dela e olhava-a como se... como se...

Como se ela fosse linda.

Olhava-a como os homens sempre olhavam para Hermione, só que neste caso havia *mais*. Mais paixão, mais desejo.

Sentiu-se adorada.

– Lucy – murmurou ele, acariciando levemente o lado do seio. – Eu sinto-me... eu acho...

De lábios entreabertos, ele sacudiu a cabeça. Lentamente, como se não compreendesse muito bem o que lhe estava a acontecer. – Esperei tanto por isto – sussurrou. – Toda a minha vida. Eu nem sabia. Não sabia.

Ela pegou-lhe na mão e levou-a à boca, beijando-lhe a palma. Compreendia.

A respiração dele acelerou, e então ele saiu de cima dela, as mãos movendo-se para o fecho das calças.

De olhos arregalados, Lucy ficou a observá-lo.

– Vou ser cuidadoso – asseverou ele. – Prometo.

– Não estou preocupada – respondeu ela, esboçando um sorriso vacilante.

Os lábios dele curvaram-se em troca.

– Pareces preocupada.

– Mas não estou.

No entanto, os seus olhos vaguearam.

Gregory riu baixinho, deitando-se ao lado dela.

– Pode doer. Disseram-me que dói no princípio.

Lucy abanou a cabeça.

– Eu não me importo.

Ele deixou a mão vaguear pelo braço dela.

– Só quero que te lembres, se houver dor, ficará melhor depois.

Ela voltou a começar a ter aquela sensação, aquele fogo lento no fundo do estômago.

– Melhor, quanto? – perguntou, a voz entrecortada e estranha.

Ele sorriu e os dedos encontraram as ancas dela.

– Bem melhor, segundo sei.

– Bem melhor ou... muito melhor? – perguntou ela, agora mal conseguindo falar.

Gregory moveu-se sobre Lucy, a pele encontrando cada centímetro da dela. Era pecaminoso.

Era o paraíso.

– Muito – respondeu ele, mordiscando-lhe levemente o pescoço. – Mais do que muito, na verdade.

Ela sentiu as pernas abrirem-se e o corpo dele aninhar-se no espaço entre elas. Podia senti-lo duro e quente, pressionado contra si. Ficou tensa e ele deve tê-lo sentido, porque os lábios sussurram-lhe um suave «chhhh» ao ouvido.

Daí, ele desceu.

E desceu.

E desceu.

A boca arrastou o fogo ao longo do pescoço, da concavidade do ombro, e então...

Oh, meu Deus!

A mão segurava-lhe um seio, tornando-o redondo e cheio, e a boca encontrou a ponta.

Ela agitou-se debaixo dele.

Ele riu baixinho, e a outra mão encontrou-lhe o ombro, mantendo-a imóvel, enquanto prosseguia a tortura, parando apenas para passar para o outro seio.

– Gregory – gemeu Lucy, pois não sabia mais o que dizer.

Estava perdida em sensações, completamente indefesa contra aquele ataque sensual. Não conseguia explicar, não poderia corrigir ou racionalizar nada. Só conseguia sentir, e isso era a coisa mais terrível e arrebatadora que podia imaginar.

Com um último beliscar, ele deixou o seio e ergueu o rosto de volta para o dela. A respiração de Gregory era irregular, os músculos estavam tensos.

– Toca-me – pediu em voz rouca.

Os lábios dela abriram-se e os olhos encontraram os dele.

– Em qualquer sítio – implorou ele.

Só então Lucy percebeu que as suas mãos estavam pousadas ao lado do corpo, agarrando os lençóis como se eles pudessem mantê-la sã.

– Desculpa – disse ela, e então, incrivelmente, começou a rir.

Um canto da boca dele curvou-se num sorriso.

– Vamos ter de te tirar esse hábito – murmurou ele.

Lucy levou as mãos às costas dele, explorando-lhe levemente a pele.

– Não queres que eu peça desculpa? – perguntou ela.

Quando ele brincava, quando a provocava... fazia-a sentir-se confortável. Corajosa.

– Por isto não – gemeu ele.

Ela deslizou os pés pelo fundo das pernas dele.

– Nunca?

E então as mãos dele começaram a fazer coisas indizíveis e perguntou:

– Queres que eu peça desculpa?

– Não – arquejou ela.

Ele tocava-a intimamente, de maneiras que ela não sabia que poderia ser tocada. Deveria ser a coisa mais terrível do mundo, mas não era. Fazia-a alongar-se, arquear, contorcer-se. Lucy não fazia ideia do que estava a sentir, não poderia tê-lo descrito nem com todas as palavras de Shakespeare ao seu dispor.

Mas queria mais. Era o seu único pensamento, a única coisa que sabia.

Gregory levava-a para algum lugar. Sentia-se puxada, tomada, transportada.

E queria tudo.

– Por favor – implorou ela, a palavra deslizando-lhe espontaneamente dos lábios. – Por favor...

Mas Gregory também se encontrava para além das palavras. Disse o nome

dela. Repetidamente, sem parar, como se os lábios tivessem perdido a memória de qualquer outra coisa.

– Lucy – sussurrou, a boca movendo-se para o vão entre os seios.

– Lucy – gemeu, deslizando um dedo para dentro dela.

E então arquejou num suspiro desesperado:

– *Lucy!*

Ela tinha-o tocado finalmente. Um toque suave e tímido.

Mas era ela. Era a sua mão, a sua carícia e ele teve a sensação de que lhe tinham ateado fogo.

– Desculpa – disse ela, tirando a mão.

– *Não* peças desculpa – quase rosnou, não por sentir raiva, mas porque mal conseguia falar. Encontrou a mão dela e arrastou-a de volta para o sítio onde ela o tocara. – Isto é o quanto eu te quero – disse ele, fechando-lhe a mão em torno dele.

– Com tudo o que tenho, com tudo o que sou.

O nariz estava a meros centímetros do dela. A respiração de ambos misturava-se e os olhos...

Era como se fossem um só.

– Amo-te – murmurou ele, movendo-se para a posição.

A mão dela saiu dali e mudou-se para as costas.

– Eu também te amo – sussurrou ela, e os seus olhos arregalaram-se, como se ficasse assombrada por o ter dito.

Mas ele não se importava. Não importava se ela tinha a intenção de lho dizer ou não. Ela dissera-o e nunca poderia desdizê-lo. Ela era sua.

E ele era dela. Mantendo-se imóvel, pressionando suavemente a entrada dela, percebeu que estava à beira de um precipício. A sua vida era agora uma de duas partes: o antes e o depois.

Nunca iria amar outra mulher.

Nunca *poderia* amar outra mulher.

Não depois desta. Não enquanto Lucy caminhasse na mesma terra. Não poderia haver mais ninguém.

Era aterrorizante este precipício. Aterrorizante, arrebatador e...

Saltou.

Lucy deixou escapar um pequeno suspiro quando ele a penetrou, mas quando a olhou, não parecia sentir dor. A cabeça estava atirada para trás e cada respiração saía acompanhada de um pequeno gemido, como se ela não conseguisse manter o desejo dentro dela.

As pernas dela envolveram-no, os pés deslizando a todo o comprimento dos gêmeos. E as ancas arqueavam-se, pressionavam, pedindo-lhe para continuar.

– Não quero magoar-te – disse ele.

Todos os músculos do corpo lhe gritavam para avançar. Ele nunca desejara nada como a desejava naquele momento. E, ainda assim, nunca se sentira tão pouco ganancioso. Isto tinha de ser para ela. Não podia magoá-la.

– Não magoas – gemeu ela, e então ele não conseguiu mais conter-se.

Capturando um seio na boca, impulsionou-se, rasgando a barreira final, entrando plenamente dentro dela.

Se ela sentiu dor, não se importou. Deixou escapar um grito de prazer muito baixinho e as mãos agarraram-lhe a cabeça, descontroladas. Ela contorcia-se de prazer e quando ele tentou passar para o outro seio, os dedos tornaram-se impiedosos, mantendo-o no lugar com uma intensidade feroz.

E o tempo todo, o seu corpo reclamava-a, movendo-se a um ritmo que ia além do pensamento ou do controle.

– Lucy, Lucy, Lucy – gemia ele, conseguindo finalmente arrancar-se ao seio dela.

Era muito forte. Era de mais. Ele precisava de espaço para respirar, para suspirar de prazer, para engolir o ar às golfadas que parecia nunca lhe chegar aos pulmões.

– *Lucy!*

Devia esperar. Estava a tentar conter-se. Mas ela agarrava-o, cravando-lhe as unhas nos ombros, o corpo arqueando quase para fora da cama e com força suficiente para o levantar também.

E então ele sentiu-a. A tensão, as contrações, o estremecer do corpo e finalmente deixou-se ir.

Deixou-se ir e o mundo simplesmente explodiu.

– Eu amo-te – disse ele numa voz engasgada quando desmoronou em cima dela.

Julgara-se para além das palavras, mas ali estavam elas.

Eram a sua companhia agora. Duas pequenas palavras.

Eu amo-te.

Nunca mais viveria sem elas.

E isso era uma coisa esplêndida.

Mais tarde, depois de dormirem um pouco, de mais paixão, de mais um período de lassidão tranquila e silenciosa, seguida de mais paixão, porque simplesmente não conseguiram resistir, chegou a hora de Gregory se ir embora.

Era a coisa mais difícil que já fizera, contudo foi capaz de o fazer com alegria no coração, pois sabia que não era o fim. Não era sequer um adeus; nada tão permanente quanto isso. Mas a hora começava a ser perigosa. O amanhecer chegaria em breve e, embora tivesse toda a intenção de se casar com Lucy logo que pudesse, não poderia fazê-la passar a vergonha de ser apanhada na cama com ele na manhã do seu casamento com outro homem.

Havia também Haselby a considerar. Gregory não o conhecia bem, mas ele sempre lhe parecerá um sujeito afável e não merecia a humilhação pública que se seguiria.

– Lucy – sussurrou Gregory, pressionando-lhe ao de leve a face com o nariz –, está quase a amanhecer.

Ela emitiu um som sonolento e virou a cabeça.

– Sim – disse ela.

Apenas um «sim», não um «é tudo tão injusto» ou um «não devia ter de ser assim». Mas aquela era Lucy. Pragmática e prudente e encantadoramente sensata, e ele amava-a por tudo isso e muito mais. Ela não queria mudar o mundo. Só queria torná-lo aprazível e maravilhoso para as pessoas que amava.

O facto de ter feito aquilo, de o ter deixado fazer amor com ela e considerar cancelar o casamento *agora*, na própria manhã da cerimónia, só demonstrava a profundidade dos seus sentimentos. Lucy não procurava atenção e dramatismo. Ansiava estabilidade e rotina e, para ela, dar o salto para o qual se preparava agora...

Deixava-o emocionado e sem palavras.

– Tens de vir comigo – disse ele. – Agora. Temos de sair juntos antes que a casa toda acorde.

Os lábios dela desenharam uma oval num «oh!» tão encantador que ele simplesmente teve de a beijar. Um beijo leve no canto da boca, pois não havia tempo para se deixar enredar. Nada que interferisse com a resposta dela, que foi um dececionante:

– Não posso.

Gregory recuou.

– Não podes ficar.

Mas ela abanava a cabeça.

– Eu... eu tenho de fazer o que é correto.

Ele olhou-a com curiosidade.

– Tenho de agir com honra – explicou ela.

Sentou-se, as mãos agarrando as roupas de cama com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Parecia nervosa, o que ele supôs fazer sentido. Ele sentia-se na iminência de uma nova aurora, ao passo que ela...

Ela ainda tinha uma gigantesca montanha para escalar antes de chegar ao seu final feliz.

Gregory estendeu a mão, tentando tomar uma das dela, mas Lucy não foi recetiva. Não que se tivesse afastado dele; pelo contrário, era como se quase não estivesse ciente do seu toque.

– Não posso fugir pela calada e permitir que Lord Haselby espere em vão na igreja – disse ela, as palavras saindo à pressa, caindo-lhe dos lábios, os olhos voltando-se para os dele, imensos e suplicantes.

Mas apenas por um momento.

Logo desviou o olhar.

Engoliu com esforço. Gregory não podia ver-lhe o rosto, mas via-lho na linguagem corporal.

Lucy disse, baixinho:

– Decerto compreendes.

Sim, compreendia. Era uma das coisas que mais amava nela. Aquele forte sentido do certo e do errado, que chegava por vezes ao ponto da intratabilidade. Mas sem nunca ser moralista ou condescendente.

– Vou ficar a vigiar-te – declarou ele.

A cabeça dela virou-se bruscamente e os olhos arregalaram-se, interrogativos.

– Podes precisar da minha ajuda – explicou ele em voz baixa.

– Não, isso não é necessário. Tenho a certeza de que posso...

– Eu insisto – disse ele, com força suficiente para a silenciar. – Este será o nosso sinal. – Levantou a mão, os dedos unidos, a palma para fora. Depois rodou o pulso uma vez, virando a palma da mão para a cara, e depois novamente, devolvendo-a à posição original. – Ficarei de vigia. Se precisares da minha ajuda, vais à janela e fazes o sinal.

Ela abriu a boca, como se pretendesse protestar mais uma vez, mas acabou por assentir.

Gregory levantou-se, abrindo as pesadas cortinas que cercavam a cama enquanto procurava a sua roupa, que estava espalhada por todo o lado... as calças aqui, a camisa, por incrível que pareça, na outra ponta... mas rapidamente reuniu o que precisava e vestiu-se.

Lucy ficou na cama, sentada, os lençóis encaixados debaixo dos braços. Ele achou-lhe a modéstia encantadora e teve vontade de dizer uma brincadeira relativa a isso. Mas decidiu antes dirigir-lhe apenas um sorriso divertido. Tinha sido uma noite memorável para ela; não devia fazê-la sentir-se envergonhada da sua inocência.

Foi espreitar à janela. O sol ainda não se tinha erguido, mas o céu parecia estar na expectativa, o horizonte matizado com uma luminescência ténue, que é visível mesmo antes do nascer do sol. O seu brilho suave era de um azul-arroxeadado sereno,

tão bonito que fez sinal a Lucy para se juntar a ele. Virou as costas enquanto ela vestia a camisa de dormir e assim que ela se aproximou de pés descalços, puxou-a para si com carinho, encostando as costas dela ao seu peito e apoiando o queixo no cimo da cabeça dela.

– Olha! – sussurrou ele.

A noite parecia dançar, fulgurante e efervescente, como se o próprio ar compreendesse que nada voltaria a ser igual. A alvorada aguardava do outro lado do horizonte, e já as estrelas começavam a perder o seu brilho no céu.

Se ele pudesse parar o tempo, tê-lo-ia feito. Nunca experimentara um momento tão mágico, tão... pleno. Estava tudo ali, tudo o que era bom e honesto e verdadeiro. Finalmente entendeu a diferença entre felicidade e contentamento, e como era afortunado e abençoado por sentir ambos, e em quantidades de tirar o fôlego.

Era Lucy. Ela completava-o. Tornara a sua vida tudo o que sabia poder vir a ser um dia.

Este era o seu sonho. Estava a tornar-se realidade, tudo ao seu redor, bem ali nos seus braços.

Nesse instante, com ambos ali de pé à janela, uma estrela rasgou o céu. Descreveu um arco amplo e raso, e a Gregory quase lhe pareceu tê-la ouvido faiscar e crepitar até desaparecer de vista.

Teve vontade de a beijar. Supôs que um arco-íris teria o mesmo efeito, ou um trevo de quatro folhas, ou mesmo um simples floco de neve, pousando na manga do casaco sem derreter. Era simplesmente impossível desfrutar de um dos pequenos milagres da Natureza e *não* a beijar. Beijou-lhe o pescoço, depois virou-a para si para poder beijá-la na boca, na testa e até no nariz.

Todas as sete sardas, também. Meu Deus, como adorava aquelas sardas.

– Eu amo-te – sussurrou ele.

Ela encostou o rosto ao peito dele e a voz saiu rouca, quase asfíxiada quando disse:

– Eu também te amo.

– Tens a certeza de que não queres vir comigo agora?

Gregory sabia a resposta, mas perguntou, mesmo assim.

Como esperado, ela abanou a cabeça.

– Tenho de fazer isto sozinha.

– Como vai o teu tio reagir?

– Não sei.

Ele deu um passo atrás, segurando-a pelos ombros, dobrando ligeiramente os joelhos para que os seus olhos não perdessem o contacto com os dela.

– Achas que ele vai magoar-te?

– Não – respondeu ela, com rapidez suficiente para ele acreditar. – Não. Prometo.

– Achas que ele vai tentar obrigar-te a casares-te com Haselby? Trancar-te no quarto? Porque eu posso ficar. Se achas que vais precisar de mim, eu posso ficar

aqui.

Geraria um escândalo ainda maior do que o que os esperava atualmente, mas se era por uma questão de segurança dela...

Não havia nada que ele não fizesse.

– Gregory...

Ele silenciou-a com um aceno de cabeça.

– Consegues compreender – começou ele – como vai completa e totalmente contra o meu instinto deixar-te aqui sozinha a enfrentar tudo isto?

Os lábios dela separaram-se e os olhos...

Encheram-se de lágrimas.

– Jurei a mim mesmo proteger-te – disse ele, o tom apaixonado e feroz e talvez até revelador. Porque este dia, percebeu, era aquele em que realmente se tornara um homem. Após vinte e seis anos de uma existência jovial e, sim, admitia, sem rumo, tinha finalmente encontrado o seu propósito.

Finalmente sabia por que razão tinha nascido.

– Jurei a mim mesmo – disse – e voltarei a jurá-lo diante de Deus, assim que for possível. Corrói-me o coração deixar-te sozinha.

A mão encontrou a dela e os dedos entrelaçaram-se.

– Não é justo – afirmou, as palavras baixas, ferinas.

Lentamente, ela assentiu com a cabeça, concordando.

– Mas é o que deve ser feito.

– Se houver algum problema – insistiu ele –, se te sentires em perigo, tens de me prometer que fazes o sinal. Eu virei buscar-te. Podes ficar em casa da minha mãe. Ou na de qualquer uma das minhas irmãs. Elas não se vão importar com o escândalo. Só as vai preocupar a tua felicidade.

Lucy engoliu em seco e sorriu, os olhos de uma imensa melancolia.

– A tua família deve ser adorável.

Ele tomou as mãos dela nas suas e apertou-as.

– É também a *tua* família agora. – Esperou que ela dissesse alguma coisa, mas Lucy não o fez. Levou as mãos dela aos lábios e beijou-as uma de cada vez, sussurrando: – Em breve tudo isto será passado.

Ela assentiu e olhou por cima do ombro para a porta.

– Os criados devem estar quase a acordar.

Gregory foi-se embora. Esgueirou-se pela porta, de botas na mão, tão silencioso como entrara.

Ainda estava escuro quando chegou ao pequeno parque que preenchia a praça em frente à casa dela. Ainda faltavam muitas horas para o casamento e certamente ainda tinha tempo suficiente para ir a casa mudar de roupa.

Mas não queria arriscar. Dissera que iria protegê-la e nunca quebraria a promessa.

Mas então ocorreu-lhe... ele não precisava de o fazer sozinho. Na verdade, não devia fazê-lo sozinho. Se Lucy precisasse dele, ele deveria estar no pleno das suas forças. Se Gregory tivesse de recorrer à força, sem dúvida lhe daria jeito ter outra

pessoa ao seu lado.

Nunca tinha pedido ajuda aos irmãos, nunca lhes pedira para o livrarem de sarilhos. Ele era um homem ainda jovem, com o hábito de beber álcool, jogar e namoriscar com mulheres.

Mas nunca bebera de mais ou jogara mais do que devia ou, até à noite anterior, estivera com uma mulher que arriscasse a própria reputação para estar com ele.

Ele não tinha procurado a responsabilidade, mas também nunca fora atrás de problemas.

Os irmãos sempre o viram como um garoto. Mesmo agora, com vinte e seis anos, suspeitava que ainda não o viam como adulto. Por isso não pedia ajuda. Nem se colocava em nenhuma situação que a pudesse requerer.

Até agora.

Um dos irmãos mais velhos vivia ali perto. A menos de quinhentos metros, certamente, talvez até só uns duzentos. Gregory poderia ir lá e estar de regresso em vinte minutos, incluindo o tempo que levaria para arrancar Colin da cama.

Gregory acabava de rodar os ombros para trás e para a frente, preparando-se para correr, quando avistou um limpa-chaminés que atravessava a rua. Era novito, talvez uns doze ou treze anos e certamente ansioso por um guinéu.

E a promessa de outro, se entregasse a mensagem de Gregory ao irmão.

Gregory ficou a vê-lo dobrar a esquina apressado e depois voltou a atravessar para o jardim público. Não havia lugar para se sentar, nenhum lugar onde sequer ficar de pé e não ser imediatamente visível da Fennsworth House.

Decidiu subir a uma árvore. Sentou-se num ramo grosso e baixo, encostou-se ao tronco e esperou.

Um dia, disse a si mesmo, iria rir-se deste momento. Um dia iriam contar esta história aos netos, e tudo pareceria muito romântico e emocionante.

Por enquanto...

Romântico, sim. Emocionante, nem tanto.

Esfregou as mãos.

Acima de tudo, estava frio.

Encolheu-se mais no casaco, esperando parar de o sentir. Não aconteceu, mas não se importou. O que importava uns quantos dedos gelados comparados com o resto da sua vida?

Sorriu, erguendo o olhar para a janela. Ali estava ela, pensou. Mesmo ali, por trás daquela cortina. E ele amava-a.

Amava-a.

Pensou nos amigos, a maioria deles cínicos, sempre a lançarem um olhar entediado à mais recente fornada de debutantes, a queixarem-se de que o casamento era uma tarefa árdua, de que as mulheres eram todas iguais e de que o amor era melhor se deixado para os poetas.

Idiotas, todos eles.

O amor existia.

Estava ali, no ar, no vento, na água. Só era preciso esperar por ele.

Estar atento a ele.

E lutar por ele.

Era isso que faria. Tendo Deus como testemunha, era isso que faria. Lucy só tinha de lhe fazer sinal e ele iria buscá-la.

Era um homem apaixonado.

Nada poderia detê-lo.

– Não sei se sabes, mas esta não era a maneira como pretendia passar a minha manhã de sábado.

Gregory respondeu apenas com um aceno de cabeça. O irmão tinha chegado quatro horas antes, saudando-o com um estranhamente discreto «Isto é interessante».

Contara a Colin tudo, até os eventos da noite anterior. Não gostava de ter de revelar histórias privadas de Lucy, mas não poderia pedir ao irmão para se sentar numa árvore durante horas sem lhe explicar porquê. E Gregory encontrara um certo alívio em desabafar com Colin. O irmão não lhe pregara nenhum sermão. Não o julgara.

Na verdade, tinha compreendido.

Quando Gregory terminara de contar a sua história, explicando sucintamente porque estava ali de vigia à Fennsworth House, Colin tinha simplesmente anuído e dito:

– Calculo que não tenhas nada para comer.

Gregory abanou a cabeça e sorriu.

Era bom ter um irmão.

– Um planeamento bastante pobre da tua parte – resmungou Colin. Mas sorria também.

Viraram-se para a casa, que há muito começara a mostrar sinais de vida. Cortinas puxadas para trás, velas acesas e logo depois apagadas quando o amanhecer dera lugar à manhã.

– Ela não devia já ter saído? – perguntou Colin, olhando de soslaio para a porta.

Gregory franziu o sobrolho. Já se perguntara a mesma coisa. Tentara convencer-se de que a ausência dela era um bom presságio. Se o tio tivesse intenção de a obrigar a casar-se com Haselby, não teria ela já saído para a igreja? A avaliar pelo seu relógio de bolso, que decerto não era o mais preciso dos relógios, a cerimónia devia começar em menos de uma hora.

Mas ela também não lhe tinha feito sinal de que precisava de ajuda.

E isso não renunciava nada de bom.

De repente, Colin animou-se.

– O que foi?

Colin fez um gesto para a direita com a cabeça.

– Uma carruagem a sair das cavalariças – disse ele.

Os olhos de Gregory arregalaram-se de horror quando a porta da frente se abriu. Criados jorraram da casa, rindo e aplaudindo quando o veículo parou em frente à Fennsworth House.

A carruagem era branca, aberta, e enfeitada com belíssimas flores cor-de-rosa e fitas largas também rosadas, num rasto que se agitava com a brisa leve.

Era uma carruagem de casamento.

E ninguém parecia achar estranho.

Gregory começou a sentir um formigueiro na pele. Os músculos a arder.

– Ainda não – avisou Colin, pousando a mão no braço do irmão.

Gregory abanou a cabeça. Sentia a visão periférica a fechar-se e tudo o que conseguia ver era aquela maldita carruagem.

– Tenho de ir buscá-la – disse ele. – Tenho de ir.

– Espera – aconselhou Colin. – Espera para ver o que acontece. Ela pode não sair. Ela pode...

Mas ela saiu.

Não foi a primeira. O primeiro foi o irmão, com a nova mulher pelo braço.

Depois saiu um homem mais velho, o tio provavelmente, e aquela velha senhora que Gregory conhecera no baile da sua irmã.

E depois...

Lucy.

De vestido de noiva.

– Santo Deus! – sussurrou.

Ela caminhava de livre vontade. Ninguém a forçava.

Hermione sussurrou-lhe algo ao ouvido.

E Lucy sorriu.

Ela sorriu.

Gregory começou a ofegar.

A dor era palpável. Real. Rasgava-lhe as entranhas, comprimia-lhe os órgãos até ele deixar de conseguir mexer-se.

Só era capaz de olhar.

E de pensar.

– Ela disse-te que não ia levar a coisa até ao fim? – sussurrou Colin.

Gregory tentou dizer que sim, mas a palavra estrangulou-o. Tentou recordar cada palavra da última conversa. Ela dissera-lhe que tinha de ser honrosa. De fazer o que era correto. Tinha dito que o amava.

Mas nunca chegara a dizer que não se casaria com Haselby.

– Oh, meu Deus! – sussurrou ele.

O irmão pousou a mão na sua.

– Sinto muito – disse.

Gregory ficou a ver Lucy entrar na carruagem aberta. Os criados ainda aplaudiam. Hermione mexia-lhe no cabelo, ajeitando o véu, soltando, em seguida, uma risada quando o vento fez o tecido leve esvoaçar.

Aquilo não podia estar a acontecer.

Tinha de haver uma explicação.

– Não – disse Gregory, porque era a única palavra que conseguia pronunciar. – Não.

Então lembrou-se. O sinal da mão. O aceno. Ela iria fazê-lo. Iria fazer-lhe um sinal. O que quer que tivesse acontecido dentro de casa, ela não tinha sido capaz de impedir os procedimentos. Mas agora, a céu aberto, onde ele a podia ver, ela faria um sinal.

Tinha de o fazer. Ela sabia que ele podia vê-la.

Lucy sabia que ele estava ali fora.

A observá-la.

Engoliu em seco, de olhos pregados na mão direita dela.

– Está toda a gente? – ouviu o irmão de Lucy perguntar.

Não ouviu a voz de Lucy no coro de respostas, mas ninguém questionava a sua presença.

Ela era a noiva.

E ele era um palerma, a vê-la partir.

– Sinto muito – voltou a dizer Colin em voz baixa, enquanto observavam a carruagem desaparecer na esquina.

– Não faz sentido – sussurrou Gregory.

Colin saltou da árvore e, silenciosamente, estendeu a mão a Gregory.

– Não faz sentido – repetiu Gregory, demasiado perplexo para fazer o que quer que fosse, mas deixando o irmão ajudá-lo. – Ela não faria isto. Ela ama-me.

Olhou para Colin. A expressão do irmão era afável, mas repleta de pena.

– Não – afirmou Gregory. – Não. Tu não a conheces. Ela não teria... Não. Tu não a conheces.

E Colin, cuja única experiência com Lady Lucinda Abernathy fora o momento em que ela partira o coração do seu irmão, perguntou:

– E *tu*, conhece-la?

Gregory recuou um passo como se tivesse levado um soco.

– Sim – respondeu. – Sim, conheço.

Colin não disse nada, mas as sobrancelhas ergueram-se, como se a perguntar: *Bem, e então?*

Gregory virou-se, os olhos fixos na esquina em que Lucy tão recentemente desaparecera. Por um momento ficou absolutamente imóvel, como único movimento um pestanejar deliberado e pensativo.

Depois virou-se e encarou o irmão.

– Eu conheço-a – reafirmou. – Conheço-a bem.

Os lábios de Colin juntaram-se, como se estivessem a começar a formar uma pergunta, mas Gregory já tinha desviado o olhar.

Estava novamente de olhos fixos naquela esquina.

E então desatou a correr.

CAPÍTULO 21
Em que o nosso herói arrisca tudo.

—Estás pronta?

Lucy contemplou o esplendoroso interior da igreja de St. George... os vitrais iluminados, os arcos elegantes, a profusão de flores trazidas para celebrar o seu casamento.

Pensou em Lord Haselby, de pé no altar, junto ao padre.

Pensou nos convidados, em todos os mais de trezentos convidados, aguardando que ela entrasse de braço dado com o irmão.

Pensou em Gregory, que seguramente a vira subir para a carruagem nupcial, trajando o seu belo vestido de noiva.

— Lucy — repetiu Hermione —, estás pronta?

Lucy perguntou-se qual seria a reação de Hermione se respondesse que não.

Hermione era uma romântica.

Incurável.

Provavelmente diria a Lucy que não era obrigada a levar aquilo até ao fim, que não importava se estavam do lado de fora das portas para o santuário da igreja, ou que o primeiro-ministro estivesse sentado lá dentro.

Hermione dir-lhe-ia que não importava que os documentos tivessem sido assinados e os banhos lidos em três paróquias diferentes. Não importava que, fugindo da igreja, Lucy criasse o escândalo da década. Diria a Lucy que não era obrigada a fazê-lo, que não devia contentar-se com um casamento de conveniência, quando podia ter um de paixão e amor. Dir-lhe-ia...

— Lucy?

(Isto foi o que ela disse, na verdade.)

Lucy virou-se, pestanejando confusa, porque a Hermione da sua imaginação proferira um discurso bastante apaixonado.

Hermione sorriu gentilmente.

— Estás pronta?

E Lucy, porque era Lucy, porque sempre seria Lucy, assentiu.

Não podia fazer mais nada.

Richard juntou-se a elas.

— Não posso acreditar que te vais casar — disse ele à irmã, mas não antes de olhar calorosamente para a sua mulher.

— Não sou assim tão mais nova do que tu, Richard — lembrou Lucy. Inclinou a cabeça para a nova Lady Fennsworth. — E sou dois meses mais velha do que a Hermione.

Richard abriu um sorriso pueril.

— Sim, mas ela não é minha irmã.

Lucy sorriu, sentindo-se grata por isso. Precisava de sorrisos. De todos os que conseguisse.

Era o dia do seu casamento. Havia sido banhada e perfumada e vestida com o que devia ser o vestido mais luxuoso que alguma vez vira, e sentia-se...

Vazia.

Não podia imaginar o que Gregory estaria a pensar dela. Tinha-o deliberadamente deixado pensar que planeava cancelar o casamento. Fora uma atitude horrível, cruel e desonesta, mas não sabia mais o que fazer. Era uma cobarde e não podia suportar ver-lhe a expressão no rosto quando lhe dissesse que ainda pretendia casar-se com Haselby.

Meu Deus, como poderia ter-lho explicado? Ele teria insistido que havia outra maneira, mas ele era um idealista, nunca enfrentara qualquer adversidade real. *Não havia* outra maneira. Desta vez não. Não sem sacrificar a sua família.

Deixou escapar um longo suspiro. Era capaz. De verdade. Era capaz. Era capaz.

Fechou os olhos, a cabeça balançando subtilmente ao ouvir as palavras ecoarem-lhe na mente.

Eu consigo fazer isto. Eu consigo. Eu consigo.

– Lucy? – ouviu a voz preocupada de Hermione. – Estás bem?

Lucy abriu os olhos e disse a única coisa em que Hermione poderia acreditar:

– Só estou a fazer contas de cabeça.

Hermione abanou a cabeça.

– Espero que Lord Haselby goste de matemática, porque eu juro, Lucy, tu és louca.

– Possivelmente.

Hermione olhou-a com curiosidade.

– O que foi? – perguntou Lucy.

Hermione pestanejou várias vezes antes de finalmente responder:

– Não é nada. Só que isso soou muito pouco típico de ti.

– Não sei o que queres dizer.

– Concordares comigo quando digo que és louca? Não é de todo algo que dirias normalmente.

– Mas é, obviamente, o que eu disse – resmungou Lucy –, por isso não sei o que...

– Oh, poupa-me! A Lucy que conheço diria algo como: «A matemática é um esforço de raciocínio extremamente importante, e sinceramente, Hermione, acho que devias considerar praticar algumas somas também».

Lucy fez uma careta.

– Sou assim tão presunçosa?

– És – respondeu Hermione, como se ela fosse louca por sequer duvidar. – Mas é o que eu mais adoro em ti.

E Lucy conseguiu esboçar outro sorriso.

Talvez fosse ficar tudo bem. Talvez ela viesse a ser feliz. Se conseguia esboçar dois sorrisos numa manhã, então certamente não seria assim tão mau. Só precisava de seguir em frente, na mente e no corpo. Precisava de acabar com isto, torná-lo

permanente, para conseguir arrumar Gregory no passado e, pelo menos, fingir abraçar a sua nova vida como mulher de Lord Haselby.

Mas Hermione estava a pedir a Richard se podia ter um momento a sós com Lucy e logo depois a pegar-lhe nas mãos, inclinando-se e sussurrando:

– Lucy, tens a certeza de que queres fazer isto?

Lucy olhou-a com espanto. Porque é que Hermione estava a perguntar-lhe aquilo? Logo no momento em que ela mais tinha vontade de fugir?

Não tinha ela sorrido? Hermione não a tinha visto sorrir?

Lucy engoliu com esforço. Tentou endireitar os ombros.

– Sim – respondeu. – Sim, claro. Porque perguntas?

Hermione não respondeu de imediato. Mas os seus olhos, aqueles enormes olhos verdes que faziam homens adultos perder a razão, responderam por ela.

Lucy engoliu em seco e virou-se, incapaz de suportar o que via naquele olhar.

E Hermione sussurrou:

– *Lucy.*

Apenas isso. Lucy.

Lucy voltou-se. Queria perguntar a Hermione o significado das suas palavras. Queria perguntar-lhe porque dissera o nome dela como se fosse uma tragédia. Mas não o fez. Não podia. Por isso esperou que Hermione lhe visse as perguntas nos olhos.

Ela viu. Hermione tocou-lhe o rosto, sorrindo tristemente.

– És a noiva mais triste que já vi.

Lucy fechou os olhos.

– Eu não estou triste. Apenas sinto...

Mas ela não sabia o que sentia. O que deveria sentir? Ninguém a treinara para aquilo. Em toda a educação que recebera, da ama, da precetora e nos três anos na academia de Miss Moss, ninguém lhe dera lições sobre um momento como *este*.

Porque é que ninguém percebia que isto era muito mais importante do que bordar ou dançar contradanças?

– Eu sinto... – E então entendeu. – Eu sinto-me a dizer adeus.

Hermione pestanejou, estupefacta.

– A quem?

A mim mesma.

E estava. Estava a dizer adeus a si mesma e àquilo em que se poderia ter tornado.

Sentiu a mão do irmão no braço.

– Está na hora de começar – avisou ele.

Ela assentiu com a cabeça.

– Onde está o teu *bouquet*? – perguntou Hermione, logo respondendo à própria pergunta com: – Ah, ali. – Pegou no ramo, juntamente com o seu, de uma mesa próxima e entregou-o a Lucy. – Vais ser feliz – sussurrou, beijando Lucy na face. – Tens de ser. Simplesmente não irei tolerar um mundo em que não o sejas.

Os lábios de Lucy tremeram.

– Oh, meu Deus! – exclamou Hermione. – Agora pareço tu. Vês que boa influência exerces sobre mim?

E então, com um último beijo soprado, ela entrou na capela.

– É a tua vez – disse Richard.

– Quase – respondeu Lucy.

E então foi.

Estava na igreja, a caminhar pela nave central. Ia à frente, dirigindo um leve gesto de cabeça ao padre, olhando para Haselby e lembrando-se de que apesar de... bom, apesar de certos hábitos que ela não entendia inteiramente, ele daria um marido perfeitamente aceitável.

Isto era o que tinha de fazer.

Se dissesse que não...

Não podia dizer que não.

Pelo canto do olho, via Hermione ao seu lado, com um sorriso sereno. Ela e Richard tinham chegado a Londres dois dias antes, e estavam tão *felizes*. Riam e provocavam-se mutuamente e falavam das melhorias que planeavam fazer em Fennsworth Abbey. Um laranjal, disseram a rir. Queriam contruir uma estufa com um laranjal. E um quarto de crianças.

Como poderia Lucy tirar-lhes isso? Como poderia atirá-los para uma vida de vergonha e pobreza?

Ouviu a voz de Haselby a responder «Aceito» e, de seguida, foi a vez dela.

Desejais receber este homem por vosso esposo, para viverdes juntos, segundo os mandamentos de Deus, no santo estado do matrimónio? Prometeis obedecer-lhe e servi-lo, amá-lo e respeitá-lo, na saúde e na doença; e, renunciando a todos os outros, permanecer-lhe fiel enquanto ambos viverdes?

Ela engoliu em seco e tentou não pensar em Gregory.

– Sim.

Tinha dado o seu consentimento. Estava terminado, então? Não se sentia diferente. Ainda era a mesma velha Lucy, exceto por estar em frente a mais gente do que gostaria de voltar a estar na vida e pelo facto de o irmão estar a entregá-la ao noivo.

O padre colocou a mão direita dela em cima da de Haselby, proferindo a aceitação do consentimento, a sua voz alta, firme e clara.

Separaram-se e, em seguida, Lucy pegou na mão dele.

Eu, Lucinda Margaret Catherine...

– Eu, Lucinda Margaret Catherine...

...recebo a ti, Arthur Fitzwilliam George...

– ...recebo a ti, Arthur Fitzwilliam George...

Dissera-o. Repetiu depois do sacerdote, palavra por palavra. Dissera a sua parte, toda ela, do princípio ao fim, até dar o seu voto solene a Haselby, até...

As portas da capela escancararam-se de repente.

Ela virou-se. Toda a gente se virou.

Gregory.

Deus do Céu!

Ele parecia louco, ofegando tanto que mal era capaz de falar.

Cambaleou para a frente, agarrando-se às costas de um dos bancos para se apoiar, e ela ouviu-o dizer...

– Não.

O coração de Lucy parou.

– Não faças isso.

O *bouquet* escorregou-lhe das mãos. Não conseguia mexer-se, não conseguia falar, não podia fazer nada, senão ficar ali como uma estátua, enquanto ele caminhava em direção a ela, aparentemente alheio às centenas de pessoas que o miravam.

– Não faças isso – repetiu ele.

E ninguém falava. Porque é que ninguém falava? Certamente alguém tomaria a iniciativa, pegaria em Gregory pelo braço e tirá-lo-ia dali...

Mas ninguém o fez. Era um espetáculo. Era teatro, e parecia que ninguém queria perder o final.

E então...

Ali.

Bem ali, na frente de todos, ele parou.

Ele parou. E disse:

– Eu amo-te.

Ao lado dela, Hermione murmurou:

– Oh, meu Deus!

Lucy queria chorar.

– Eu amo-te – repetiu ele, prosseguindo a sua marcha, os olhos nunca abandonando o rosto de Lucy.

– Não faças isso – disse ele mais uma vez, chegando finalmente junto ao altar.

– Não te cases com ele.

– Gregory – sussurrou ela –, porque estás a fazer isto?

– Eu amo-te – respondeu ele, como se não pudesse haver outra explicação.

Um pequeno gemido saiu engasgado da garganta de Lucy. As lágrimas queimaram-lhe os olhos e o corpo inteiro ficou rígido. Rígido e gelado. A mais pequena brisa, um mero *sopro* tê-la-ia derrubado. E ela não conseguia pensar em mais nada, exceto: *porquê?*

E... Não.

E... Por favor.

E... oh, Céus... *Lord Haselby!*

Olhou para ele, para o noivo que se via remetido a um papel secundário. Ele mantivera-se em silêncio o tempo todo, acompanhando o drama que se desenrolava com tanto interesse quanto o público. Com o olhar, ela rogou-lhe orientação, mas ele limitou-se a abanar a cabeça. Foi um movimento minúsculo, demasiado subtil para que mais alguém se apercebesse, mas ela viu-o e sabia o que significava.

És tu que decides.

Virou-se para Gregory. Os olhos dele eram como duas chamas, e ele ajoelhou-se.

Não, tentou ela dizer. Mas não conseguia mover os lábios.

Não conseguia encontrar a voz.

– Casa-te comigo – pediu Gregory, e ela *sentiu-o* a ele na voz. Foi como se ele lhe abraçasse o corpo, como se a beijasse. – Casa-te *comigo*.

Oh, santo Deus, como ela queria! Mais do que tudo, queria ajoelhar-se também e tomar o rosto dele nas suas mãos. Queria beijá-lo, gritar o seu amor por ele, ali, na frente de todos os que conhecia, possivelmente todos aqueles que conheceria a vida inteira.

Mas também quisera tudo isso no dia anterior, e no dia antes desse. Nada tinha mudado. O seu mundo tornara-se mais público, mas nada tinha mudado.

O pai ainda era um traidor.

A família ainda estava a ser chantageada.

O destino do seu irmão e de Hermione ainda estava nas suas mãos.

Olhou para Gregory, sofrendo por ele, sofrendo pelos dois.

– Casa-te comigo – sussurrou ele.

Os lábios dela entreabriram-se e ela respondeu...

– Não.

CAPÍTULO 22
Em que o caos se instala.

Foi um pandemónio.

Lord Davenport lançou-se para a frente, tal como o fizeram o tio de Lucy e o irmão de Gregory, que acabara de entrar aos tropeções na igreja depois de perseguir Gregory através de Mayfair.

O irmão de Lucy correu a afastar Lucy e Hermione da contenda, mas Lord Haselby, que observava os acontecimentos com o ar de um espectador intrigado, pegou no braço da sua noiva com toda a calma e disse:

– Eu trato dela.

Quanto a Lucy, cambaleou para trás, a boca aberta de choque vendo Lord Davenport saltar para cima de Gregory, aterrando de barriga para baixo como um... bem, como nada que Lucy alguma vez tivesse visto.

– Apanhei-o! – gritou Davenport, triunfante, apenas para ser golpeado rotundamente pela bolsa de Hyacinth St. Clair.

Lucy fechou os olhos.

– Não é o casamento dos seus sonhos, imagino – murmurou-lhe Haselby ao ouvido.

Lucy abanou a cabeça, demasiado entorpecida para fazer qualquer outra coisa. Devia ajudar Gregory. Realmente devia. Mas sentia-se completamente drenada de energia e, além disso, era cobarde de mais para o encarar novamente.

E se ele a rejeitasse?

E se ela não conseguisse resistir-lhe?

– Sinceramente espero que ele seja capaz de sair de debaixo do meu pai – continuou Haselby, o tom de voz tão natural como se estivesse a assistir a uma corrida de cavalos pouco empolgante. – O homem deve pesar mais de cento e vinte e cinco quilos, não que ele alguma vez o admitisse.

Lucy virou-se para ele, incapaz de acreditar na calma que ele demonstrava perante o quase motim que eclodira na igreja. Até o primeiro-ministro parecia estar a esquivar-se de uma senhora grande e rotunda com um chapéu ornamentado de frutas que distribuía golpes a quem quer que se mexesse.

– Acho que ela não consegue ver – comentou Haselby, seguindo o olhar de Lucy. – As uvas estão a cair-lhe para os olhos.

Quem *era* aquele homem com quem ela tinha... santo Deus, estava ela já casada com ele? Tinham concordado com alguma coisa, disso estava certa, mas ninguém os declarara marido e mulher. Mas fosse como fosse, Haselby estava bizarramente calmo, tendo em conta os acontecimentos daquela manhã.

– Porque é que não disse nada? – perguntou Lucy.

Ele virou-se, fitando-a com curiosidade.

– Quer dizer, quando o seu Mr. Bridgerton professou o seu amor?

Não, quando o sacerdote estava a arengar sobre o sacramento do matrimónio,

queria ela rosnar.

Em vez disso, Lucy assentiu.

Haselby inclinou a cabeça para o lado.

– Suponho que queria ver o que faria.

Ela olhou para ele, incrédula. O que teria ele feito se Lucy tivesse dito que sim?

– Sinto-me honrado, já agora – acrescentou Haselby. – E serei um marido gracioso para si. Não precisa de se preocupar a esse respeito.

Mas Lucy não conseguia falar. Lord Davenport tinha sido retirado de cima de Gregory, e mesmo no momento em que um outro cavalheiro que ela não reconhecia o puxava para trás, ele lutava para a alcançar.

– Por favor – sussurrou ela, mesmo que ninguém a pudesse ouvir, nem mesmo Haselby, que descera para ajudar o primeiro- -ministro. – Por favor, não.

Mas Gregory era implacável, e mesmo com dois homens a puxá-lo, um com uma atitude amistosa e o outro não, conseguiu chegar ao fundo dos degraus. Ergueu o rosto e os seus olhos cravaram-se nos dela. À flor da pele, angustiados e cheios de incompreensão, e Lucy quase cambaleou devido à dor desenfreada que viu neles.

– Porquê? – exigiu ele saber.

O corpo inteiro dela começou a tremer. Poderia mentir-lhe? Será que conseguia? Ali, numa igreja, depois de o ter ferido da maneira mais pessoal e pública imaginável.

– *Porquê?*

– Porque teve de ser – sussurrou ela.

Os olhos dele flamejaram com algo... decepção? Não. Esperança? Não, também não era isso. Era outra coisa. Algo que ela não conseguia identificar.

Ele abriu a boca para falar, para lhe perguntar alguma coisa, mas foi nesse momento que os dois homens que o seguravam foram ajudados por um terceiro, e juntos, conseguiram arrastá-lo para fora da igreja.

Lucy abraçou o próprio corpo, mal conseguindo ficar de pé enquanto o via ser arrastado.

– *Como foste capaz?*

Ela virou-se. Hyacinth St. Clair aparecera sub-repticiamente atrás dela e olhava-a como se ela fosse o diabo em pessoa.

– Não compreende – disse Lucy.

Mas os olhos de Hyacinth brilhavam de fúria.

– É fraca – sussurrou ela. – Não o merece.

Lucy abanou a cabeça, sem saber se estava a concordar com ela ou não.

– Espero que...

– Hyacinth!

Os olhos de Lucy voaram para o lado. Outra mulher se aproximava. Era a mãe de Gregory. Tinham sido apresentadas no baile da Hastings House.

– Chega! – advertiu ela em tom severo.

Lucy engoliu com esforço, pestanejando para conter as lágrimas.

Lady Bridgerton virou-se para ela.

– Perdoe-nos – disse ela, puxando a filha para a afastar.

Lucy ficou a vê-las partir, com a estranha sensação de que tudo aquilo estava a acontecer a outra pessoa, que talvez fosse apenas um sonho, ou um pesadelo, ou talvez tivesse ido parar a uma cena de um romance burlesco. Talvez toda a sua vida fosse o produto da imaginação de uma outra pessoa. Talvez se ela simplesmente fechasse os olhos...

– Vamos prosseguir?

Ela engoliu em seco. Era Lord Haselby. O pai dele estava ao lado, proferindo o mesmo, mas em palavras muito menos delicadas.

Lucy assentiu.

– Muito bem – resmungou Davenport. – Rapariga ajuizada.

Lucy perguntou-se o que significava ser elogiada por Lord Davenport. Certamente nada de bom.

Todavia, deixou que ele a levasse para o altar. E ela ficou ali, à frente da metade da congregação que não decidira acompanhar o espetáculo lá fora.

E casou-se com Haselby.

*

– *O que é que te passou pela cabeça?*

Gregory precisou de um momento para perceber que a mãe estava a exigir essa resposta de Colin, e não dele. Estavam sentados na carruagem dela, para onde ele tinha sido arrastado assim que abandonaram a igreja. Gregory não sabia para onde iam. Andavam em círculos, sem rumo, muito provavelmente. Para qualquer sítio que não fosse a igreja de St. George.

– Eu tentei impedi-lo – protestou Colin.

Os filhos nunca tinham visto Violet Bridgerton tão irritada.

– Obviamente, não te esforçaste o suficiente.

– Faz alguma ideia da rapidez com que ele corre?

– Ele é muito veloz – confirmou Hyacinth sem olhar para eles.

Ela estava sentada na diagonal em relação a Gregory, a olhar pela janela de olhos semicerrados.

Gregory não disse nada.

– Oh, Gregory – suspirou Violet. – Oh, meu pobre filho!

– Vais ter de sair da cidade – disse Hyacinth.

– Ela tem razão – interveio a mãe. – Não há outra maneira.

Gregory manteve o silêncio. O que teria Lucy querido dizer com... *Porque teve de ser?*

O que *significava*?

– Eu nunca a irei receber – rosnou Hyacinth.

– Ela vai ser uma condessa – lembrou Colin.

– Não quero saber se é a maldita rainha da...

– Hyacinth! – repreendeu a mãe.

– É verdade, não quero saber – retrucou Hyacinth. – Ninguém tem o direito de tratar assim o meu irmão. Ninguém!

Violet e Colin fitaram-na. O ar de Colin era divertido. O de Violet, alarmado.

– Vou arruiná-la – continuou Hyacinth.

– Não – Gregory disse em voz baixa –, não vais.

O resto da família ficou em silêncio, e Gregory suspeitou que, até ao momento em que falara, eles não se tinham apercebido de que ele não tomara parte na conversa.

– Vais deixá-la em paz – ordenou ele.

Hyacinth cerrou os dentes.

Ele fixou-a nos olhos, com uma determinação inflexível.

– E se os vossos caminhos alguma vez se cruzarem – continuou ele –, serás extremamente educada e amável. Estás a entender?

Hyacinth não disse nada.

– Estás a entender? – rugiu ele.

A família olhou para ele em choque. Gregory nunca perdia a paciência. Nunca.

Então Hyacinth, que nunca possuía um sentido de tato muito desenvolvido, respondeu:

– Não, por acaso não.

– Como disseste? – indagou Gregory num tom glacial e no exato momento em que Colin se virou para ela e sussurrou: – *Cala-te*.

– Eu não te entendo – insistiu Hyacinth, enfiando o cotovelo nas costelas de Colin. – Como é que podes sequer ter uma ponta de compaixão por ela? Se tivesse acontecido comigo, não terias tu...

– Não aconteceu contigo – cortou Gregory. – E tu não a conheces. Nem conheces as razões para as suas ações.

– E *tu*, conheces? – refutou Hyacinth.

Não. E era isso que o matava.

– Dá a outra face, Hyacinth – disse a mãe com ternura.

Hyacinth recostou-se, o porte tenso de raiva, mas manteve a boca fechada.

– Talvez possas ficar com o Benedict e a Sophie no Wiltshire – sugeriu Violet. – Acredito que o Anthony e a Kate são esperados na cidade em breve, por isso não podes ir para Aubrey Hall, embora eu tenha a certeza de que eles não se importariam se ficasses lá na sua ausência.

Gregory limitou-se a olhar pela janela. Não queria ir para o campo.

– Podes viajar – disse Colin. – A Itália é particularmente agradável nesta altura do ano. E tu nunca lá foste, pois não?

Gregory abanou a cabeça, apenas meio atento. Não queria ir para a Itália.

Porque teve de ser, dissera ela.

Não porque quisesse. Não porque fosse o mais sensato.

Porque teve de ser.

O que é que aquilo significava?

Teria sido forçada? Estaria a ser chantageada?

O que poderia ela ter feito para justificar uma chantagem?

– Teria sido muito difícil ela não levar o casamento até ao fim – disse Violet de repente, pousando uma mão solidária no braço do filho. – Lord Davenport não é homem que alguém deseje ter como inimigo. E realmente, ali na igreja, com toda a gente a olhar... bem – disse, com um suspiro de resignação –, a pessoa teria de ser extremamente corajosa. E resiliente. – Fez uma pausa, abanando a cabeça. – E preparada.

– Preparada? – indagou Colin.

– Para o que viesse a seguir – esclareceu Violet. – Teria sido um escândalo de proporções gigantescas.

– Já é um escândalo gigantesco – resmoneou Gregory.

– Sim, mas não tanto como se ela tivesse dito que sim – explicou a mãe. – Não que eu esteja contente com o resultado. Sabes que só desejo que tenhas toda a felicidade de que o teu coração é capaz. Mas ela será encarada com aprovação pela escolha que fez. Será vista como uma rapariga sensata.

Gregory sentiu um canto da boca elevar-se num sorriso irónico.

– E eu, um tolo apaixonado.

Ninguém o contradisse.

Um momento depois, a mãe disse:

– Estás a aceitar isto bastante bem, devo dizer.

De facto.

– Eu pensei que... – Ela deteve-se. – Bom, não importa o que eu pensei, apenas o que realmente é.

– Não – disse Gregory, virando-se bruscamente para a encarar. – O que é que pensou? Como devia eu estar a reagir?

– Não é uma questão de como *devias* – explicou a mãe, claramente perturbada pelas perguntas repentinas. – Só pensei que ficarias mais... zangado.

Ele olhou-a demoradamente, depois virou-se para a janela. Estavam a atravessar Piccadilly, seguindo para oeste em direção a Hyde Park. Porque *não estava* ele mais irritado? Porque não estava ele a dar socos na parede? Tivera de ser arrastado para fora da igreja e metido à força na carruagem, mas assim que isso acontecera, sentira-se dominado por uma estranha calma quase sobrenatural.

E então algo que a mãe dissera ecoou-lhe na mente.

Sabes que só desejo que tenhas toda a felicidade de que o teu coração é capaz.

A felicidade do seu coração.

Lucy amava-o. Ele tinha a certeza disso. Vira-o nos olhos dela, mesmo no momento em que ela o recusara. Sabia-o, porque ela lho dissera, e ela não mentia sobre tais coisas. Sentira-o na maneira como o beijara e no calor do seu abraço.

Ela amava-o. E o que a fizera seguir em frente com o casamento com Haselby era maior do que ela. Mais forte.

Ela precisava da sua ajuda.

– Gregory? – chamou a mãe suavemente.

Ele virou-se. Pestanejou.

– Sobressaltaste-te de repente, o que foi? – perguntou ela.

Sim? Ele nem notara. Mas todos os seus sentidos se tinham aguçado, e quando olhou para baixo, viu que estava a flexionar os dedos.

– Pare a carruagem.

Todos se viraram para ele. Até Hyacinth, que até aí estava teimosamente a olhar pela janela.

– Pare a carruagem – ordenou ele novamente.

– Porquê? – perguntou a mãe, obviamente desconfiada.

– Preciso de ar – respondeu ele, e não era mentira.

Colin bateu na parede da carruagem para dar a ordem de paragem.

– Eu vou contigo.

– Não. Prefiro ficar sozinho.

Os olhos da mãe arregalaram-se.

– Gregory... não estás a pensar...

– Atacar a igreja? – terminou ele por ela. Recostou-se, oferecendo à mãe um sorriso meio malandro e descontraído. – Acho que já me envergonhei o suficiente por hoje, não acha?

– Seja como for, eles já devem estar casados a esta hora – alfinetou Hyacinth.

Gregory lutou contra a vontade de fuzilar a irmã com o olhar, que parecia nunca perder uma oportunidade para espicaçar.

– Exatamente – respondeu ele.

– Eu sentir-me-ia melhor se não ficasses sozinho – disse Violet, os olhos azuis ainda cheios de preocupação.

– Deixe-o ir – aconselhou Colin em voz baixa.

Gregory virou-se para o irmão mais velho com surpresa. Não esperava que ele o defendesse.

– Ele é um homem – acrescentou Colin. – É capaz de tomar as suas próprias decisões.

Nem Hyacinth o tentou contradizer.

A carruagem já tinha parado e o cocheiro aguardava do lado de fora da porta. A um aceno de Colin, ele abriu-a.

– Preferia que não fosses – disse Violet.

Gregory beijou-lhe a face.

– Preciso de ar – respondeu. – Só isso.

Ele saltou, mas antes que pudesse fechar a porta, Colin inclinou-se para fora.

– Não faças nenhuma estupidez – segredou-lhe Colin.

– Nenhuma estupidez – prometeu Gregory –, apenas o que for necessário.

Olhou em volta para ver onde estava e, ao notar que a carruagem da mãe não arrancava, começou a andar para sul propositadamente.

Na direção contrária à igreja de St. George.

Mas assim que chegou à rua seguinte voltou para trás.

A correr.

CAPÍTULO 23

Em que o nosso herói arrisca tudo. Mais uma vez.

Ao longo dos dez anos em que o tio era seu tutor, Lucy nunca o vira dar uma festa. Ele não era pessoa de ver com bons olhos nenhum tipo de despesa desnecessária. Na verdade, não era pessoa de ver nada com bons olhos. Por isso, foi com uma certa desconfiança que ela se aproximou da luxuosa festa que fora organizada em sua honra na Fennsworth House após a cerimónia de casamento.

Lord Davenport tinha certamente insistido, pois o tio Robert teria certamente ficado satisfeito em servir biscoitos de chá na igreja e pronto.

Mas não, o casamento devia ser um evento, no sentido mais extravagante da palavra, portanto, logo que a cerimónia acabou, Lucy foi levada para a sua em breve antiga casa, para estar tempo suficiente no seu em breve antigo quarto para se refrescar e passar um pouco de água fria no rosto antes de ser convocada para cumprimentar os convidados lá em baixo.

Era notável como a alta sociedade era boa a fingir que nada tinha acontecido, pensou ao receber os votos de felicidades dos convidados.

Oh, seria o assunto predileto de todos amanhã, e o mais provável era ela ser o principal tema de conversa durante os próximos meses. E o mais certo era que, durante o próximo ano, ninguém dissesse o nome dela sem acrescentar: «Sabes quem é. *Aquela* do casamento».

O que certamente seria seguido por um: «Ahhhhh! *Essa*.»

Mas, por enquanto, à sua frente, não se dizia mais nada, exceto: «Uma ocasião tão feliz» e «É uma linda noiva». E, claro, a observação atrevida e dissimulada: «Uma bela cerimónia, Lady Haselby».

Lady Haselby.

Testou o seu novo título mentalmente. Ela agora era Lady Haselby.

Poderia ter sido Mrs. Bridgerton.

Lady Lucinda Bridgerton, supôs, pois não era obrigada a dispensar o seu título honorífico por se ter casado com um plebeu. Era um bom nome, não tão majestoso como Lady Haselby, talvez, e certamente nada comparado com condessa de Davenport, mas...

Engoliu em seco, de alguma forma conseguindo não apagar o sorriso que tinha afixado ao rosto cinco minutos antes.

Teria gostado de ser Lady Lucinda Bridgerton.

Gostava de Lady Lucinda Bridgerton. Tinha uma certa aura feliz, com um sorriso pronto e uma vida plena e preenchida. Teria um cão, talvez dois, e várias crianças. A sua casa seria aconchegante e confortável, bebia chá com as amigas e ria.

Lady Lucinda Bridgerton ria-se com gosto.

Mas ela nunca seria essa pessoa. Casara-se com Lord Haselby e agora era sua mulher, e, por mais que tentasse, não conseguia imaginar que rumo teria a sua vida.

Não sabia o que significava ser Lady Haselby.

A festa prosseguia animada. Lucy dançou a dança obrigatória com o novo marido e ficou aliviada ao notar que ele era bom dançarino. Depois dançou com o irmão, que quase a fez chorar, e depois com o tio, pois era o esperado.

– Fizeste a coisa certa, Lucy – disse ele.

Ela não respondeu. Não confiava em si mesma para o fazer.

– Estou orgulhoso de ti.

Ela quase riu.

– Nunca se orgulhou de mim antes.

– Orgulho-me agora.

Não lhe passou despercebido que não era uma contradição.

Quando a música terminou, o tio levou-a até ao fundo do salão de baile e então... *Santo Deus...* ela ia ter de dançar com Lord Davenport.

O que fez, pois sabia que era o seu dever. Especialmente neste dia, sabia que era seu dever.

Pelo menos não era obrigada a falar. Lord Davenport estava muito efusivo e de bom grado fez as despesas da conversa. Estava encantado com Lucy. Ela era de extremo valor para a família.

E assim por diante até que Lucy percebeu que, sem querer, tinha conquistado a estima dele da maneira mais indelével possível. Ela não tinha simplesmente concordado em casar com o seu filho de reputação duvidosa; tinha afirmado a sua decisão à frente de toda a alta sociedade numa cena digna dos palcos de Drury Lane.

Lucy moveu a cabeça discretamente para o lado. Quando Lord Davenport estava animado, a saliva tendia a voar-lhe da boca com alarmante velocidade e precisão. Na verdade, não sabia o que era pior... o desdém ou a gratidão eterna de Lord Davenport.

Todavia, Lucy conseguiu evitar o seu novo sogro durante grande parte da festa, graças a Deus. Aliás, conseguiu evitar quase todos, o que, surpreendentemente, apresentou poucas dificuldades, considerando que ela era a noiva. Não queria ver Lord Davenport, porque o detestava, e não queria ver o tio, porque suspeitava que também o detestava. Não queria ver Lord Haselby, porque vê-lo só iria levá-la a pensamentos sobre a iminente noite de núpcias, e não queria ver Hermione, porque ela fazia perguntas, e isso só faria Lucy chorar.

E não queria ver o irmão, porque o mais certo era ele estar com Hermione, e, além disso, estava a sentir-se um pouco rancorosa, alternando com um certo sentimento de culpa por se sentir rancorosa. Não era culpa de Richard estar delirantemente feliz e ela não.

Mas, mesmo assim, preferia não ter de o ver.

Restavam, portanto, os convidados, a maioria dos quais ela não conhecia. E nenhum que desejasse conhecer.

Por isso, encontrou um canto e, algumas horas mais tarde, já todos tinham bebido tanto que ninguém pareceu notar que a noiva estava sentada sozinha.

Portanto, ninguém reparou quando ela se escapuliu para o quarto para descansar um pouco. Era provavelmente de muito mau tom para uma noiva evitar a sua própria boda, mas, naquele momento, Lucy simplesmente não queria saber. Se alguém notasse a sua ausência, provavelmente pensaria que ela tinha ido à casa de banho. De alguma forma pareceu-lhe apropriado ficar sozinha neste dia.

Subiu discretamente as escadas das traseiras, para não se deparar com algum convidado errante, e, com um suspiro de alívio, entrou no quarto e fechou a porta atrás de si.

Encostou-se à porta, esvaziando lentamente os pulmões, até sentir não haver nada dentro de si.

E pensou... *Agora vou chorar.*

Querida muito. Mesmo muito. Tinha a sensação de estar a conter as lágrimas há horas, aguardando um momento de privacidade. Mas as lágrimas não vinham. Estava demasiado entorpecida e atordoada pelos acontecimentos das últimas vinte e quatro horas. Então ficou ali, a olhar para a cama.

A recordar.

Deus do Céu, teriam efetivamente passado apenas doze horas desde que estivera ali deitada nos braços dele? Pareciam-lhe anos. Era como se a sua vida tivesse sido perfeitamente dividida em dois, e agora encontrava-se firmemente no *depois*.

Fechou os olhos. Talvez se não pensasse nisso, conseguisse esquecer. Talvez se...

– Lucy.

Ela ficou gelada. Santo Deus, *não*.

– Lucy.

Lentamente, abriu os olhos e sussurrou:

– Gregory?

O aspeto dele era péssimo, sujo, o cabelo emaranhado pelo vento, como só um passeio a cavalo desgovernado era capaz de fazer a um homem. Ele devia ter entrado às escondidas, da mesma forma que fizera na noite anterior. Devia estar ali à espera dela.

Ela abriu a boca, tentou falar.

– Lucy – disse ele de novo, a voz parecendo penetrá-la e derreter-lhe a pele.

Ela engoliu em seco.

– Porque vieste?

Deu um passo em direção a ela, e Lucy sentiu uma *dor terrível* no coração por ele. O rosto dele era tão bonito e tão querido e tão perfeita e maravilhosamente familiar. Conhecia-lhe cada contorno do rosto e o tom exato dos olhos, acastanhados perto da íris, fundindo-se depois no verde do aro exterior.

E a boca... conhecia tão bem aquela boca, a sensação dela. Conhecia-lhe o sorriso, e conhecia-lhe o cenho franzido, e conhecia-lhe...

Ela conhecia-o demasiado.

– Não devias estar aqui – disse ela, a dor na voz desmentindo a quietude da sua

postura.

Gregory deu mais um passo na sua direção. Não havia raiva nos seus olhos, o que ela não entendia. A maneira como a olhava era quente e possessiva, nada própria para uma mulher casada aceitar de um homem que não era seu marido.

– Eu tinha de saber porquê – disse ele. – Não podia desistir de ti. Até saber porquê.

– Não – sussurrou ela. – Por favor, não faças isso.

Por favor, não me faças arrependar. Não me faças desejar e ansiar e imaginar o que seria.

Ela abraçou o próprio corpo, como se pudesse... apertar tanto até conseguir estilhar-se em mil pedacinhos. E então não teria de ver, não teria de ouvir. Poderia simplesmente ficar sozinha e...

– Lucy...

– Não – voltou ela a dizer, desta vez com dureza.

Não.

Não me faças acreditar no amor.

Mas ele aproximou-se ainda mais. Devagar, mas sem hesitação.

– Lucy – disse ele, a voz quente e cheia de propósito. – Explica-me porquê. É só isso que te peço. Vou-me embora e prometo nunca mais me aproximar de ti, mas preciso de saber porquê.

Ela abanou a cabeça.

– Eu não posso dizer.

– Não queres dizer – corrigiu ele.

– Não! – exclamou ela, a palavra saindo engasgada. – Não posso! Por favor, Gregory. Vai-te embora.

Ele ficou um longo momento sem dizer nada, apenas a fitá-la, e ela praticamente o *via* a pensar.

Não devia deixá-lo, pensou, uma onda de pânico começando a crescer dentro dela. Devia gritar. Expulsá-lo dali. Fugir do quarto antes que ele pudesse arruinar-lhe os planos para o futuro que delineara com tanto cuidado. Mas não conseguiu e ficou ali, e ele disse:

– Estás a ser chantageada.

Não era uma pergunta.

Ela não respondeu, mas sabia que a sua expressão a traía.

– Lucy – recomeçou ele, a voz suave e cuidadosa –, eu posso ajudar-te. Seja o que for, eu posso corrigir a situação.

– Não – respondeu ela –, não podes, e és louco se achas...

Ela interrompeu-se, furiosa de mais para falar. O que o levava a pensar que podia aparecer e consertar as coisas quando não sabia nada da sua labuta? Acharia que ela tinha desistido de tudo por algo insignificante? Algo que pudesse ser facilmente superado?

Ela não era assim tão fraca.

– Tu não sabes – disse ela. – Não fazes ideia.

– Então diz-me.

Os músculos dela tremiam, e ela sentia-se a esquentar... e gelada... e tudo de meio.

– Lucy – disse ele, com um tom de voz tão calmo que, por isso mesmo, era como um garfo, espetando-a exatamente no sítio onde mais lhe doía.

– Não podes consertar isso – resmoneou ela.

– Não é verdade. Não há nada que alguém possa ter sobre ti que não possa ser superado.

– Quem o fará? – explodiu. – Arco-íris e fadas e a eterna boa vontade da tua família? Não vai funcionar, Gregory. Não vai. Os Bridgerton podem ser poderosos, mas tu não podes mudar o passado, nem submeter o futuro à tua vontade.

– Lucy – disse ele, estendendo a mão para ela.

– Não. Não! – Ela empurrou-o, rejeitando a oferta de consolo. – Não entendes. Nunca poderias entender. São todos tão felizes, tão perfeitos.

– Não somos.

– São *sim*. Tu nem sequer sabes que és, e não és capaz de conceber que o resto de nós não seja, que possamos ter de lutar e de nos esforçar e de tentar ser bons e ainda assim não recebermos o que desejamos.

Ele observou-a durante todo o monólogo. Limitou-se a observá-la, deixando-a ali, sozinha, os braços à volta do corpo, parecendo pequenina, pálida e dolorosamente desamparada.

E então perguntou:

– Amas-me?

Ela fechou os olhos.

– Não me perguntes isso.

– Amas?

Ele viu-lhe o maxilar a contrair, viu a forma como os ombros se ergueram, tensos, sabendo que ela fazia um esforço para abanar a cabeça num não.

Gregory aproximou-se dela em passo vagaroso e respeitoso.

Ela estava a sofrer. Sofria tanto, que a dor parecia espalhar-se no ar, rodeá-lo e comprimir-lhe o coração. Ele sofria por ela. Era uma coisa física, terrível e cortante, e pela primeira vez começava a duvidar da sua própria capacidade de fazer desaparecer aquela dor.

– Amas-me? – perguntou ele.

– Gregory...

– Amas-me?

– Eu não posso...

Pousou as mãos nos ombros dela, fazendo-a encolher-se, mas não afastar-se.

Tocou-lhe o queixo, encorajando-a a erguer o rosto até poder perder-se no azul dos seus olhos.

– Amas-me?

– Sim – soluçou ela, caindo-lhe nos braços. – Mas eu não posso. Não compreendes? Não devo. Tenho de parar.

Por um momento, Gregory não conseguiu mexer-se. Deveria ter sentido a admissão dela como um alívio; de alguma forma era, mas, mais do que isso, começava a sentir o sangue a ferver-lhe nas veias.

Ele acreditava no amor.

Não fora essa a única constante na sua vida?

Acreditava no amor.

Acreditava no seu poder, na sua bondade primordial, na sua probidade.

Reverenciava-o pela sua força, respeitava-o pela sua raridade.

E sabia que, naquele momento, ali mesmo, enquanto ela chorava nos seus braços, ousaria fazer qualquer coisa em seu nome.

Por amor.

– Lucy – sussurrou, uma ideia começando a formar-se-lhe na mente. Era uma ideia louca, péssima e absolutamente desaconselhável, mas não conseguia escapar a um pensamento que insistia em matraquear-lhe o cérebro.

Ela ainda não tinha consumado o casamento.

Ainda tinham uma oportunidade.

– *Lucy*.

Ela afastou-se.

– Tenho de voltar. Eles vão sentir a minha falta.

Mas ele pegou-lhe na mão.

– Não vás.

Os olhos dela tornaram-se enormes.

– O que queres dizer?

– Vem comigo. Vem comigo agora. – Sentia-se zozinho, perigoso e um pouco louco. – Ainda não és mulher dele. Ainda é possível uma anulação.

– Oh, não! – Ela abanou a cabeça, puxando o braço para se libertar. – Não, Gregory.

– Sim. Sim. – E quanto mais pensava nisso, mais fazia sentido.

Não tinham muito tempo; depois desta noite seria impossível ela dizer que se mantinha intocada. As próprias ações de Gregory tinham feito disso verdade. Para terem alguma hipótese de ficar juntos, tinha de ser agora.

Ele não podia raptá-la; não havia maneira de conseguir tirá-la da casa sem levantar suspeitas. Mas podia ganhar tempo. O suficiente para poder decidir o que fazer.

Cingiu-a a si.

– Não – insistiu ela, a voz cada vez mais alta, começando agora a puxar o braço com força, e ele viu-lhe o pânico crescente nos olhos.

– Lucy, sim – reafirmou ele.

– Eu grito – ameaçou ela.

– Ninguém te vai ouvir.

Ela olhou-o em choque, e nem ele era capaz de acreditar no que dissera.

– Estás a ameaçar-me? – perguntou ela.

Ele abanou a cabeça e respondeu:

– Não. Estou a salvar-te.

E então, antes que tivesse oportunidade de reconsiderar as suas ações, agarrou-a pela cintura, atirou-a por cima do ombro e saiu a correr do quarto.

CAPÍTULO 24

Em que o nosso herói deixa a nossa heroína numa posição desconfortável.

— Porque é que estás a amarrar-me a uma *sanita*?

— Desculpa — disse ele, amarrando dois lenços com nós tão especializados que ela quase se preocupou que ele já tivesse feito aquilo antes. — Não podia deixar-te no quarto. Esse é o primeiro lugar onde qualquer um procuraria. — Apertou os nós e depois verificou se estavam bem presos. — Foi o primeiro lugar onde *eu* procurei.

— Mas é uma *sanita*!

— No terceiro andar — acrescentou ele, solícito. — Vai levar horas até que alguém te descubra aqui.

Lucy cerrou o maxilar, tentando desesperadamente conter a fúria que crescia dentro de si.

Ele tinha-lhe amarrado as mãos juntas. *Atrás das costas.*

Santo Deus, ela não sabia que era possível ficar tão zangada com alguém.

Não era só uma reação emocional... o corpo inteiro parecia prestes a explodir. Sentia-o quente e a picar, e mesmo sabendo que não serviria de nada, empurrou os braços contra os tubos da *sanita*, rangendo os dentes e soltando um grunhido frustrado quando não conseguiu nada, exceto um ruído surdo.

— Por favor, não resistas — aconselhou ele, dando-lhe um beijo no cimo da cabeça. — Só vais ficar cansada e dorida. — Olhou para cima, examinando a estrutura da *sanita*. — Ou então arriscas-te a rebentar o tubo e não deve ser um panorama de higiene nada agradável.

— Gregory, tens de me libertar.

Ele agachou-se para que o seu rosto ficasse ao mesmo nível do dela.

— Não posso — explicou. — Não enquanto ainda há hipótese de ficarmos juntos.

— Por favor — implorou ela —, isto é uma loucura. Tens de me devolver. Ficarei arruinada.

— Eu vou casar-me contigo — afirmou ele.

— Eu já sou casada!

— Não é bem assim — contrapôs ele com um sorriso lupino.

— Eu disse os meus votos!

— Mas não os consumaste. Ainda é possível obter uma anulação.

— Isso não interessa! — exasperou-se ela, lutando inutilmente quando ele se levantou e dirigiu para a porta. — Não entendes a situação, e estás egoisticamente a colocar as tuas próprias necessidades e felicidade acima das dos outros.

Isso fê-lo parar. A mão já estava na maçaneta da porta, mas ele parou, e quando se virou para trás, a expressão no olhar dela quase lhe partiu o coração.

— Estás feliz? — perguntou ele, com todo o carinho e com tanto amor que ela teve vontade de chorar.

— Não — sussurrou ela —, mas...

– Nunca vi uma noiva tão triste.

Ela fechou os olhos, desalentada. Era um eco das palavras que Hermione lhe tinha dito e Lucy sabia que era verdade. Mesmo assim, ao olhar para ele, os ombros doridos, não pôde escapar às batidas do próprio coração.

Amava-o.

Iria amá-lo para sempre.

Odiava-o também, por fazê-la querer o que não podia ter. Odiava-o por ele a amar tanto que o fazia arriscar tudo para ficarem juntos. E acima de tudo, odiava-o por a transformar no instrumento que iria destruir a sua família.

Até ter conhecido Gregory, Hermione e Richard eram as duas únicas pessoas no mundo com quem ela realmente se importava. E agora eles seriam arruinados, esmagados e enterrados numa infelicidade muito mais profunda do que Lucy poderia imaginar viver com Haselby.

Gregory achava que levaria horas até alguém a encontrar ali, mas estava enganado. Ninguém a encontraria durante dias. Ela não conseguia lembrar-se da última vez que alguém tivesse subido até ali. Estava na casa de banho da ama... mas a Fennsworth House não tinha uma ama na residência há anos.

Quando o seu desaparecimento fosse notado, iriam primeiro verificar no seu quarto. Depois pensariam em algumas alternativas sensatas, como a biblioteca, a sala de estar, uma casa de banho que não estivesse em desuso há meia década...

E então, quando não a encontrassem, assumiriam que ela tinha fugido. E depois do que acontecera na igreja, ninguém pensaria que o fizera sozinha.

Ficaria arruinada. E toda a família com ela.

– Não se trata da minha felicidade – disse ela finalmente, com a voz calma, quase quebrada. – Gregory, imploro-te, por favor, não faças isto. Não se trata só de mim. A minha família... ficaremos arruinados, todos nós.

Ele aproximou-se dela e sentou-se. E então disse, simplesmente:

– Conta-me.

Ela assim fez. De outro modo, ele não desistiria, disso tinha a certeza.

Contou-lhe tudo. Sobre o pai, sobre a prova escrita da sua traição. Disse-lhe da chantagem. Explicou-lhe que ela era o pagamento final e a única coisa que iria impedir o irmão de ser destituído do título nobiliárquico.

Lucy manteve os olhos postos em frente durante toda a narração, e Gregory ficou grato por isso. Porque o que ela lhe contou... abalou-o até à própria essência.

Durante todo o dia Gregory tentara imaginar que terrível segredo poderia tê-la induzido a casar-se com Haselby. Atravessara Londres a correr duas vezes, primeiro para a igreja e depois para ali, para a Fennsworth House. Tivera tempo de sobra para pensar, para imaginar. Mas nunca... nem uma só vez... a sua imaginação o levava a tal probabilidade.

– Por isso vês – disse ela –, não é nada vulgar do tipo um filho ilegítimo, nada tão pecaminoso como um caso extraconjugal. O meu pai, um conde do reino, cometeu traição. *Traição*.

E então ela riu-se. Soltou uma *gargalhada*.

Como as pessoas faziam quando o que realmente queriam era chorar.

– É uma coisa ignóbil – terminou ela, com voz baixa e resignada. – Não há como escapar.

Virou-se para ele, esperando uma resposta, mas ele não tinha nenhuma.

Traição. Deus do Céu, não conseguia pensar em nada pior.

Havia muitas maneiras... muitas, *muitas* maneiras... de se ser expulso da sociedade, mas nada era tão imperdoável como traição. Não havia um homem, mulher ou criança na Grã-Bretanha que não tivesse perdido alguém na guerra com Napoleão. As feridas ainda estavam muito abertas, e mesmo se não estivessem...

Era *traição*.

Um nobre não renunciava ao seu país.

Isso era algo que estava impregnado na alma de cada homem britânico.

Se a verdade sobre o pai de Lucy viesse a lume, o condado de Fennsworth seria dissolvido. O irmão de Lucy seria destituído. Ele e Hermione quase certamente teriam de emigrar.

E Lucy iria...

Bem, Lucy provavelmente iria sobreviver ao escândalo, especialmente se o seu apelido tivesse mudado para Bridgerton, mas ela nunca se perdoaria. Disso, Gregory tinha absoluta certeza.

E, finalmente, entendeu.

Olhou para ela. Viu-a pálida e cansada, as mãos firmemente cerradas no colo.

– A minha família tem sido boa e verdadeira – disse ela, a voz trémula de emoção. – Os Abernathy foram leais à Coroa desde que o primeiro conde foi investido no século xv. E o meu pai trouxe a vergonha a todos nós. Não posso permitir que isso seja revelado. Não posso. – Ela engoliu com esforço e continuou em voz triste: – Devias ver a tua cara neste momento. Nem tu me queres agora.

– Não – protestou ele, quase cuspindo a palavra. – Não. Isso não é verdade. Nunca poderia ser verdade.

Tomou-lhe as mãos nas suas, deleitando-se com os contornos delas, o arco dos dedos e o delicado calor da pele.

– Perdoa-me – disse ele. – Não devia ter demorado tanto tempo a recompor-me. Não tinha imaginado traição.

Ela abanou a cabeça.

– Como poderias?

– Mas isso não muda o que sinto.

Tomou-lhe o rosto nas mãos, ansioso por beijá-la, mas sabendo que não podia.

Ainda não.

– O que o teu pai fez... é condenável. É... – praguejou baixinho. – Vou ser franco contigo. Deixa-me enojado. Mas tu... *tu*, Lucy, tu és inocente. Não fizeste nada de errado e não deves ter de pagar pelos pecados dele.

– Nem o meu irmão – disse ela em voz baixa –, mas se eu não aceitar o meu casamento com o Haselby, o Richard será...

– Psiu! – Gregory selou-lhe os lábios com um dedo. – Escuta-me. Eu amo-te.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

– Eu amo-te – repetiu. – Não há nada neste mundo ou no outro que possa fazer-me deixar de te amar.

– Sentiste o mesmo com a Hermione – sussurrou ela.

– Não – respondeu ele, quase sorrindo de como lhe parecia uma parvoíce agora. – Eu estava há tanto tempo à espera para me apaixonar que queria o amor mais do que a mulher. Nunca ameí a Hermione, apenas a ideia dela. Mas contigo... é diferente, Lucy. É mais profundo. É... é...

Esforçou-se por encontrar as palavras, mas não havia. Simplesmente não existiam palavras para explicar o que sentia por ela.

– Sou *eu* – concluiu finalmente, consternado com a deselegância do que dizia. – Sem ti, eu... eu não...

– Gregory – sussurrou ela –, não tens de...

– Eu não sou nada – interrompeu ele, porque não ia permitir que ela lhe dissesse que ele não tinha de explicar. – Sem ti, eu não sou nada.

Ela sorriu. Era um sorriso triste, mas verdadeiro, e ele sentiu como se tivesse esperado anos por aquele sorriso.

– Isso não é verdade – assegurou ela. – Tu sabes que não.

Gregory abanou a cabeça.

– Um exagero, talvez, mas apenas isso. Tu fazes de mim um ser melhor, Lucy. Fazes-me desejar, ter esperança e ambição. Tu fazes-me querer *fazer* coisas.

As lágrimas começaram a correr pelo rosto de Lucy.

Com as pontas dos polegares ele limpou-lhas.

– És a melhor pessoa que conheço – asseverou ele –, o ser humano mais honrado que já conheci. Fazes-me rir. E fazes-me *pensar*. E eu... – Respirou fundo. – Eu amo-te.

E de novo:

– Eu amo-te.

E mais uma vez:

– Eu amo-te. – Abanou a cabeça, impotente. – Não sei mais o que dizer.

Lucy desviou o rosto, virando a cabeça, as mãos dele deslizando do rosto para os ombros, e, depois, afastando-se completamente do corpo dela. Gregory não podia ver-lhe o rosto, mas podia ouvi-la... o som baixo e quebrado da sua respiração, o gemido suave da voz.

– Eu amo-te – respondeu ela finalmente, ainda sem olhar para ele. – Tu sabes que amo. Eu não vou aviltar-nos a ambos mentindo sobre isso. E se fosse só por mim, eu faria qualquer coisa... qualquer coisa por este amor. Arriscaria a pobreza, a ruína. Iria para a América, iria para a África mais profunda, se essa fosse a única maneira de ficar contigo.

Soltou um suspiro longo e instável.

– Mas não posso ser egoísta ao ponto de arruinar as duas pessoas que me amam tanto e há tanto tempo.

– Lucy...

Ele não sabia o que queria dizer-lhe, só que não queria que ela terminasse de falar, pois sabia que não queria ouvir o que ela tinha para dizer.

Mas ela cortou-o com...

– Não, Gregory. Por favor. Desculpa. Eu não posso fazê-lo, e se me amas como dizes, levas-me de volta para o quarto agora, antes que Lord Davenport perceba que eu desapareci.

Gregory cerrou os punhos e depois flexionou os dedos, esticando-os completamente. Ele sabia o que devia fazer. Devia soltá-la, deixá-la descer as escadas a correr e regressar à festa. Devia esgueirar-se pela porta de serviço das traseiras e nunca mais se aproximar dela.

Lucy prometera amar, honrar e obedecer a outro homem. Deveria renunciar a todos os outros.

Certamente que ele recaía sob essa égide.

No entanto, não era capaz de desistir.

Ainda não.

– Uma hora – disse ele, agachando-se ao lado dela. – Dá-me só uma hora.

Ela virou-se, os olhos desconfiados e atónitos e talvez... talvez... com uma réstia de esperança também.

– Uma hora? – repetiu ela. – O que achas que podes...

– Não sei – respondeu ele honestamente. – Mas prometo-te: se não encontrar uma maneira de te livrar dessa chantagem numa hora, voltarei aqui. E liberto-te.

– Para voltar para o Haselby? – sussurrou ela, e parecia...

Desapontada? Seria uma ponta de desilusão?

– Sim – garantiu ele.

Na verdade, era a única coisa que poderia dizer. Por mais que quisesse partir para o tudo ou nada, ele sabia que não podia fugir com ela. Ela seria uma mulher respeitável, pois casar-se-ia com ela assim que Haselby concordasse com a anulação, mas nunca seria feliz.

E Gregory sabia que não poderia viver consigo mesmo se assim não fosse.

– Não ficarás arruinada se desapareceres durante uma hora – assegurou. – Podes simplesmente dizer às pessoas que não te sentias bem e que foste descansar um bocadinho. Estou certo de que a Hermione vai corroborar a história, se lhe pedires.

Lucy assentiu.

– Tiras-me estas amarras?

Ele abanou a cabeça ligeiramente e levantou-se.

– Eu confiar-te-ia a minha vida, Lucy, mas não a tua própria. És demasiado honrada para o teu próprio bem.

– Gregory!

Ele encolheu os ombros e caminhou até à porta.

– A tua consciência iria vencer-te. Sabes que sim.

– E se eu prometer...

– Desculpa. – Um canto da boca esticou-se numa expressão pouco contrita. –

Não acredito em ti.

Lançou-lhe um último olhar antes de sair. Teve de sorrir, o que parecia ridículo, já que tinha uma hora para neutralizar a ameaça de chantagem à família de Lucy e libertá-la do casamento. Durante a boda.

Em comparação, mover Céus e Terra parecia uma perspectiva muito melhor.

Mas quando se virou para Lucy e a viu ali sentada no chão, a expressão dela era...

Como se tivesse voltado a ser ela.

– Gregory, não podes deixar-me aqui. E se alguém te encontra e te expulsa de casa? Quem vai saber que eu estou aqui? E se... e se... e se depois...

Ele sorriu, apreciando demasiado aquela solicitude excessiva para realmente ouvir as palavras. Nitidamente ela voltara a ser a Lucy de sempre.

– Quando tudo isto acabar – disse ele –, trago-te uma sanduíche.

Ela ficou especada.

– Uma sanduíche? Uma *sanduíche*?

Gregory rodou a maçaneta da porta, mas não a puxou.

– Queres uma sanduíche, não queres? Tu queres sempre uma sanduíche.

– Enlouqueceste – disse ela.

Não podia acreditar que ela só agora tinha chegado àquela conclusão.

– Não grites – alertou.

– Tu sabes que não posso – murmurou ela.

Era verdade. A última coisa que ela queria era ser encontrada. Se Gregory não tivesse sucesso, ela precisava de ser capaz de se esgueirar de volta para a festa com o mínimo de alarido possível.

– Adeus, Lucy – disse ele. – Eu amo-te.

Ela olhou para cima. E sussurrou:

– Uma hora. Achas realmente que consegues fazê-lo?

Ele anuiu. Era o que ela precisava de ver, e o que ele precisava de fingir.

E quando fechou a porta atrás de si, era capaz de jurar que a ouviu murmurar:

– Boa sorte.

Fez uma pausa para um profundo suspiro antes de descer as escadas. Ia precisar de mais do que sorte; ia precisar de um maldito milagre.

As probabilidades estavam contra ele. As probabilidades estavam *seriamente* contra ele. Mas Gregory sempre fora de torcer pelo perdedor. E se havia algum sentido de justiça no mundo, alguma equidade existencial no ar... Se a máxima «Faz aos outros...» oferecia algum tipo de retorno, certamente ele era-lhe devido.

O amor existia.

Sabia que sim. E seria uma grande injustiça se não existisse para ele.

A primeira paragem de Gregory foi no quarto de Lucy, no segundo andar. Não podia simplesmente entrar no salão de baile e solicitar uma audiência com um dos convidados, mas achava que havia uma hipótese de alguém ter notado a ausência

de Lucy e ido procurá-la. Se Deus quisesse, seria alguém solidário com a causa dela, alguém que realmente se preocupasse com a felicidade de Lucy.

Mas quando Gregory se esgueirou para dentro do quarto, estava tudo exatamente como deixara.

– Raios! – murmurou, regressando em passos largos para a porta.

Agora ia ter de descobrir como falar com o irmão dela... ou com Haselby, talvez... sem chamar a atenção.

Colocou a mão na maçaneta e puxou, mas o peso da porta foi diferente e Gregory não soube o que aconteceu primeiro, se o grito feminino de susto, se o corpo suave e quente caindo contra o dele.

– Mr. Bridgerton!

– Lady Fennsworth! – devolveu ele. – Graças a Deus!

Era Hermione. A única pessoa que ele *sabia* querer a felicidade de Lucy acima de tudo.

– O que está a fazer aqui? – sibilou ela; mas fechou a porta para o corredor, certamente um bom sinal.

– Eu tinha de falar com a Lucy.

– Ela casou-se com Lord Haselby.

Ele discordou com a cabeça.

– Não foi consumado.

Ela ficou de boca aberta.

– Meu Deus, não quer dizer que...

– Vou ser franco consigo – cortou ele. – Não sei o que quero fazer, além de encontrar uma maneira de a libertar.

Hermione fitou-o demoradamente. E então, como se do nada, disse:

– Ela ama-o.

– Ela disse-lho?

Hermione abanou a cabeça.

– Não, mas é óbvio. Ou, pelo menos, olhando para trás, é. – Pôs-se a andar de um lado para o outro no quarto e, de repente, virou-se. – Mas então porque é que ela se casou com Lord Haselby? Eu sei que ela é daquelas pessoas que honra os compromissos, mas com certeza podia ter terminado tudo antes de hoje.

– Ela está a ser chantageada – informou Gregory em tom sombrio.

Os olhos de Hermione arregalaram-se muito.

– Com o quê?

– Não posso dizer.

Hermione não perdeu tempo a protestar, e ainda bem. Em vez disso, olhou para ele, a expressão astuta e segura.

– O que posso fazer para ajudar?

Cinco minutos mais tarde, Gregory encontrou-se na companhia de Lord Haselby e o irmão de Lucy. Teria preferido sem este último, que fitava Gregory

como se o pudesse de bom grado decapitar, não fosse a presença da mulher.

Que estava agarrada ao seu braço, apertando-o como um torno.

– Onde está a Lucy? – perguntou Richard.

– Está em segurança – respondeu Gregory.

– Perdoe-me se não fico aliviado – retrucou Richard.

– Richard, para – interrompeu Hermione, puxando-o para trás com força. – Mr. Bridgerton não vai fazer-lhe mal. Ele tem as melhores intenções.

– A sério? – disse Richard pausadamente.

Hermione olhou-o com mais entusiasmo do que Gregory alguma vez lhe vira no belo rosto.

– Ele ama-a – declarou ela.

– *É verdade.*

Todos os olhos se voltaram para Lord Haselby, que estava de pé ao lado da porta, observando a cena com uma expressão estranhamente divertida.

Ninguém parecia saber o que dizer.

– Ele certamente deixou isso bem claro esta manhã – continuou Haselby, sentando-se numa cadeira com uma graça notável. – Não concordam?

– Hã... sim? – respondeu Richard.

Gregory não podia culpá-lo pela hesitação. Haselby parecia estar a aceitar tudo aquilo com uma atitude muito invulgar. Calma. Tão calma que o pulso de Gregory pareceu sentir necessidade de acelerar para o dobro da velocidade, quanto mais não fosse para compensar a falta do de Haselby.

– Ela ama-me – disse-lhe Gregory, cerrando a mão em punho atrás das costas, não a preparar-se para algum ato violento, mas porque se não *mexesse* alguma parte do corpo, estava capaz de explodir. – Sinto muito dizê-lo, mas...

– Não, não, de forma alguma – interrompeu Haselby com um floreio de mão. – Estou bem ciente de que ela não *me* ama. O que decerto é pelo melhor, como seguramente todos podemos concordar.

Gregory não sabia se devia responder. Richard estava ruborizado ao extremo e Hermione mostrava um ar totalmente perplexo.

– Vai libertá-la? – perguntou Gregory, sem tempo para rodeios.

– Se eu não estivesse disposto a fazê-lo, acha realmente que estaria aqui a falar consigo no mesmo tom que uso para falar do tempo?

– Hã... não?

Haselby sorriu. Ligeiramente.

– O meu pai não vai ficar nada satisfeito. Uma situação que normalmente me traz grande alegria, é certo, mas que apresenta uma série de dificuldades. Teremos de proceder com cautela.

– A Lucy não deveria estar aqui? – perguntou Hermione.

Richard reassumiu o ar furioso.

– Onde *está* a minha irmã?

– Lá em cima – disse Gregory em tom seco, reduzindo a localização a trinta e poucos quartos.

– Lá em cima, *onde?* – rosnou Richard.

Gregory ignorou a pergunta. Realmente não era o melhor momento para revelar que ela estava efetivamente amarrada a uma sanita.

Virou-se para Haselby, que ainda se encontrava sentado, uma perna cruzada descontraidamente sobre a outra, a examinar as unhas.

Gregory sentiu-se prestes a subir paredes. Como poderia o maldito homem estar ali sentado com tanta calma? Esta era a conversa mais crucial que alguma vez teriam, e ele limitava-se a inspecionar a *manicure*?

– Vai libertá-la? – rosnou Gregory.

Haselby olhou para ele e pestanejou.

– Já disse que o faria.

– Mas vai revelar os segredos dela?

A isto, todo o comportamento de Haselby se alterou. O corpo pareceu contrair-se e o olhar tornou-se arguto e mortífero.

– Não faço ideia do que está a falar – respondeu ele, cada palavra marcada e precisa.

– Nem eu – acrescentou Richard, aproximando-se.

Gregory virou-se rapidamente para Richard.

– Ela está a ser chantageada.

– Não por mim – disse Haselby rispidamente.

– As minhas desculpas – disse Gregory em voz baixa. Chantagem era uma coisa terrível. – Eu não quis insinuar isso.

– Sempre me perguntei porque é que ela concordou em casar-se – disse Haselby em tom ameno.

– O casamento *foi* arranjado pelo tio dela – interveio Hermione. Então, quando todos se viraram para ela com certa surpresa, acrescentou: – Bem, conhecem a Lucy. Ela não é de se rebelar. Ela *gosta* de ordem.

– Mesmo assim – contrapôs Haselby –, ela teve uma oportunidade bastante dramática para sair do compromisso. – Fez uma pausa, inclinando a cabeça em reflexão. – É o meu pai, não é?

O queixo de Gregory subiu e desceu num aceno de confirmação.

– Não me surpreende. Ele está bastante ansioso para que me case. Bem, então... – Haselby juntou as mãos, entrelaçando os dedos e fechando-os. – O que fazemos? Desmascará-lo, imagino.

Gregory abanou a cabeça.

– Não podemos.

– Caramba, não pode ser assim tão mau. O que pode ter feito Lady Lucinda?

– Devíamos mesmo ir buscá-la – insistiu Hermione. Quando os três homens se viraram novamente para ela, acrescentou: – Algum de vós gostaria de ver o seu destino discutido na vossa ausência?

Richard pôs-se à frente de Gregory.

– Diga-me – ameaçou.

Desta vez, Gregory não fingiu que não compreendera e respondeu:

– A situação é muito grave.

– Diga-me.

– Trata-se do seu pai – respondeu Gregory com uma voz serena.

E passou a relatar o que Lucy lhe contara.

– Ela fê-lo por nós – sussurrou Hermione quando Gregory terminou. Virou-se para o marido, agarrando-lhe na mão. – Fê-lo para nos salvar. Oh, *Lucy*!

Mas Richard limitou-se a abanar a cabeça, dizendo:

– Não é verdade.

Gregory tentou manter a pena que sentia longe dos olhos ao responder:

– Há provas.

– Ai sim? Que tipo de provas?

– A Lucy diz que há uma prova escrita.

– E ela viu-a? – perguntou Richard. – Saberia ela sequer identificar uma falsificação?

Gregory soltou um longo suspiro. Não podia levar a mal a reação do irmão de Lucy. Supôs que teria a mesma, se uma coisa dessas viesse à tona sobre o seu próprio pai.

– A Lucy não sabe – continuou Richard, ainda a abanar a cabeça. – Ela era muito nova. O meu pai não teria feito tal coisa. É inconcebível.

– O Richard também era novo – adiantou Gregory com brandura.

– Mas tinha idade suficiente para conhecer o meu próprio pai – objetou Richard –, e ele não era um traidor. Alguém enganou a Lucy.

Gregory virou-se para Haselby.

– O seu pai?

– Ele não é assim tão inteligente – concluiu Haselby. – De bom grado faria chantagem, mas fá-lo-ia com a verdade, não com uma mentira. Ele é inteligente, mas não é criativo.

Richard deu um passo adiante.

– Mas o meu tio é.

Gregory virou-se para ele com urgência.

– Acha que ele mentiu à Lucy?

– Ele certamente lhe disse a coisa certa para garantir que ela não fugisse do casamento – afirmou Richard, mordaz.

– Mas porque é que *ele* precisa que ela se case com Lord Haselby? – questionou Hermione.

Todos olharam para o homem em questão.

– Não faço ideia – respondeu Lord Haselby.

– Ele deve ter os seus próprios segredos – propôs Gregory.

Richard abanou a cabeça.

– Não são dívidas.

– Ele não vai receber dinheiro nenhum pelo acordo de casamento – comentou Haselby.

Todos se viraram para ele.

– Posso ter deixado o meu pai escolher-me a noiva – disse ele com um encolher de ombros –, mas não iria casar-me sem ler os contratos.

– Segredos, então – disse Gregory.

– Talvez em conluio com Lord Davenport – acrescentou Hermione, virando-se depois para Haselby. – Sinto muito.

Ele dispensou o pedido de desculpa com um gesto da mão.

– Não tem importância.

– O que fazemos agora? – perguntou Richard.

– Ir buscar a Lucy – respondeu Hermione imediatamente.

Gregory assentiu com vigor.

– Ela tem razão.

– Não – contradisse Haselby, levantando-se. – Precisamos do meu pai.

– Do seu pai? – resmungou Richard. – Ele não é propriamente solidário com a nossa causa.

– Talvez, e eu sou o primeiro a dizer que ele é intolerável por mais de três minutos, mas vai ter as respostas de que precisamos. E apesar de peçonhento, é, em geral, inofensivo.

– Em geral? – ecoou Hermione.

Haselby pareceu refletir sobre isso.

– Sim, em geral.

– Temos de agir já – disse Gregory. – Haselby, vá com o Fennsworth encontrar o seu pai e interrogá-lo. Descubra a verdade. Lady Fennsworth e eu vamos buscar a Lucy e trazê-la para aqui, onde Lady Fennsworth lhe fará companhia. – Virou-se para Richard. – Peço desculpa por esta situação, mas tenho de levar a sua mulher comigo para salvaguardar a reputação da Lucy, caso alguém nos encontre. Ela está desaparecida há quase uma hora. Alguém pode já ter notado.

Richard dirigiu-lhe um breve aceno de cabeça, mas era óbvio que não estava nada contente com a situação. Contudo, não tinha escolha. A sua honra exigia que fosse ele a interrogar Lord Davenport.

– Então está decidido – concluiu Gregory. – Encontramo-nos daqui a...

Parou. Além do quarto de Lucy e da casa de banho no andar de cima, não conhecia a planta da casa.

– Vão ter connosco à biblioteca – instruiu Richard. – É no piso térreo, virada para leste. – Deu um passo em direção à porta, mas virou-se e pediu a Gregory: – Espere aqui. Voltarei num minuto.

Gregory estava ansioso por sair, mas a expressão de Richard fora grave o suficiente para o convencer a esperar. E de facto, quando regressou, um minuto depois, trazia duas armas.

Entregou uma a Gregory.

Deus do Céu!

– Pode precisar disto – afirmou Richard.

– O Céu nos ajude, se precisar – disse Gregory entre dentes.

– Perdão?

Gregory abanou a cabeça.

– Boa sorte, então. – Richard acenou para Haselby, e os dois partiram, percorrendo rapidamente o corredor.

Gregory chamou Hermione.

– Vamos – disse ele, levando-a na direção oposta. – E, por favor, tente não me julgar quando vir para onde a levo.

Ele ouviu-lhe uma risadinha miúda enquanto subiam as escadas.

– Porque será que desconfio que, se calhar, até o irei julgar muito inteligente?

– Eu não confiava nela para ficar quieta – confessou Gregory, subindo dois degraus de cada vez. Quando chegaram ao cimo das escadas, ele virou-se para a encarar. – Foi duro, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer. Só precisava de algum tempo.

Hermione assentiu.

– Aonde vamos?

– Para a casa de banho da ama – confessou ele. – Amarrei-a à sanita.

– Amarrou-a... Oh, valha-me Deus, mal posso esperar para ver isso.

Mas quando abriram a porta da minúscula casa de banho, Lucy tinha desaparecido.

E tudo indicava que não fora de livre vontade.

CAPÍTULO 25

No qual ficamos a saber o que aconteceu, uns escassos dez minutos antes.

Teria passado uma hora? Certamente já tinha passado uma hora.

Lucy respirou fundo e tentou acalmar os nervos. Porque é que ninguém se lembrara de instalar um relógio na casa de banho? Não deveria alguém ter dado conta de que, *algum dia*, alguém iria acabar amarrado à sanita e que *podia* querer saber as horas?

Realmente, era apenas uma questão de tempo.

Lucy tamborilou os dedos da mão direita no chão; com uma rapidez impressionante, do indicador ao mínimo, do indicador ao mínimo. A mão esquerda estava amarrada de modo que as pontas dos dedos ficavam viradas para cima, então ela esticou os dedos, depois dobrou-os, depois esticou-os e voltou a dobrá-los, e em seguida...

– Eeeeeuuuuuhhh!

Lucy gemeu de frustração.

Gemeu? Rugiu.

Rugemeu.

Deveria ser uma palavra.

Certamente já tinha passado uma hora. De certeza que já passara uma hora.

E então...

Passos.

Lucy pôs-se à escuta, de olhos fixos na porta. Estava furiosa. E esperançosa. E aterrorizada. E nervosa. E...

Santo Deus, não tinha estrutura para aguentar tantas emoções simultâneas. Uma de cada vez era tudo que conseguia. Talvez duas.

A maçaneta girou, a porta escancarou-se e...

Escancarou-se? Lucy teve cerca de um segundo para perceber que aquilo não batia certo. Gregory não escancalaria a porta. Ele teria...

– Tio Robert?

– Tu! – vociferou ele, a voz grave e furiosa.

– Eu...

– Sua rameira!

Lucy encolheu-se. Ela sabia que o tio não nutria grande afeição por ela, mas ainda assim, era ofensivo.

– Não compreende – deixou ela escapar, pois não tinha ideia do que deveria dizer e recusava-se... absolutamente *recusava-se* a dizer «Sinto muito».

Estava farta de pedir desculpas. Farta.

– Ai não? – cuspiu ele, agachando-se. – O que é que eu não compreendo? A parte de fugires do casamento?

– Eu não fugi – atirou ela. – Fui raptada! Ou não reparou que estou *amarrada* à

sanita?

Os olhos dele estreitaram-se, ameaçadores. E Lucy começou a sentir medo.

Encolheu-se, a respiração tornando-se superficial. Há muito que temia o tio... o seu temperamento glacial, o olhar frio e sem vida, pleno de desdém.

Mas nunca se sentira realmente amedrontada.

– Onde é que ele está? – exigiu saber o tio.

Lucy achou melhor não fingir que não entendia.

– Não sei.

– Diz-me!

– Não sei! – protestou ela. – Acha que ele me teria amarrado se confiasse em mim?

O tio levantou-se e praguejou.

– Isso não faz sentido.

– O que quer dizer? – perguntou Lucy com cautela.

Não sabia o que estava a acontecer, nem sabia de quem seria esposa no final daquele dia, mas tinha a certeza de que devia ganhar tempo.

E não revelar nada. Nada de importante.

– Isto! Tu! – cuspiu o tio. – Porque iria ele raptar-te e deixar-te aqui na Fennsworth House?

– Bem – começou Lucy lentamente –, suponho que não conseguiria tirar-me daqui sem alguém ver.

– Ele também não poderia entrar na festa sem alguém ver.

– Não percebo o que quer dizer.

– Como é que ele te apanhou sem o teu consentimento? – questionou o tio, inclinando-se para baixo e aproximando o rosto do dela.

Lucy deixou escapar um curto sopro de ar. A verdade era simples. E inócua.

– Fui para o meu quarto descansar um pouco – respondeu ela. – Ele estava lá à minha espera.

– Ele sabia onde era o teu quarto?

Ela engoliu em seco.

– Aparentemente.

O tio fitou-a por um longo e desconfortável momento.

– As pessoas começaram a notar a tua ausência – murmurou ele.

Lucy não disse nada.

– Sendo assim, não há nada a fazer.

Ela pestanejou. De que é que ele estava a falar?

O tio abanou a cabeça.

– É a única maneira.

– Mas... o que quer dizer com isso?

E então percebeu: ele não estava a falar com ela, mas consigo próprio.

– Tio Robert? – sussurrou ela.

Mas ele já estava a cortar-lhe as amarras.

A cortar? A *cortar*? Porque é que ele tinha uma faca?

– Vamos – rosnou ele.

– Para a festa?

Ele soltou uma risada sombria.

– Era o que tu querias, não é?

O pânico começou a subir-lhe no peito.

– Para onde me leva?

Ele levantou-a em peso, um dos braços agarrando-a com toda a força.

– Para o teu marido.

Ela conseguiu torcer-se apenas o suficiente para lhe ver o rosto.

– O meu... Lord Haselby?

– Tens outro marido?

– Mas ele não está na festa?

– Para de fazer tantas perguntas.

Lucy olhou freneticamente em volta.

– Mas para onde me leva?

– Não me vais estragar isto – sibilou ele. – Estás a entender?

– Não – implorou ela.

Porque realmente não entendia. Não entendia nada.

Puxou-a com força contra ele.

– Presta bem atenção, porque só vou dizer isto uma vez.

Ela anuiu. Não estava de frente para ele, mas sabia que ele podia sentir-lhe o movimento de cabeça contra o próprio peito.

– Este casamento vai manter-se – garantiu ele, num tom de voz grave e mortífero. – Irei assegurar-me pessoalmente de que será consumado esta noite.

– *O quê?*

– *Não* discutas comigo.

– Mas... – Ela cravou os saltos no chão quando ele começou a arrastá-la até à porta.

– Pelo amor de Deus, não me contraries – resmungou ele. – Não é nada que não tivesses de fazer, de qualquer maneira. A única diferença é que terás uma audiência.

– Uma audiência?

– É indelicado, é certo, mas só assim terei a minha prova.

Ela começou a debater-se com mais vigor, conseguindo libertar um braço durante o tempo suficiente para o agitar descontroladamente no ar. Ele rapidamente a conteve, mas a mudança momentânea na postura permitiu que ela lhe desferisse um pontapé nas canelas.

– Raios partam! – praguejou ele baixinho, puxando-a com força para si. – Para!

Ela deu mais um pontapé, desta vez derrubando um bacio vazio.

– Para com isso! – Ele espetou-lhe algo nas costelas. – Imediatamente!

Lucy acalmou-se de repente.

– Isso é uma faca? – sussurrou.

– Lembra-te de uma coisa – disse ele, as palavras quentes e perigosas ao seu ouvido. – Não posso matar-te, mas posso causar-te muita dor.

Ela engoliu um soluço.

– Eu sou sua sobrinha.

– Pouco me importa.

Ela engoliu em seco e perguntou, num sussurro:

– Alguma vez se importou?

Ele empurrou-a para a porta.

– Se me importei?

Ela assentiu com a cabeça.

Fez-se um momento de silêncio, que Lucy não foi capaz de interpretar. Não podia ver a expressão do tio, nem sentir qualquer alteração na sua postura. Não podia fazer nada, exceto fixar a porta, vendo a mão dele a esticar-se para a maçaneta.

E então ele disse:

– Não.

Aí estava a sua resposta.

– Tu foste um dever – esclareceu ele. – Um dever que eu cumpri, e do qual tenho todo o prazer em livrar-me. Agora vem comigo, e não digas nem mais uma palavra.

Lucy anuiu. A faca pressionava-lhe as costelas ainda com mais força e ela já tinha ouvido um ruído suave da faca a perfurar-lhe o tecido duro do corpete.

Deixou-o conduzi-la ao longo do corredor e descer as escadas. Gregory estava perto, tentou dizer a si mesma. Estava perto e iria encontrá-la. Fennsworth House era grande, mas não era nenhum palácio de proporções desmedidas. Não havia assim tantos lugares onde o tio pudesse escondê-la.

E havia centenas de convidados no piso térreo.

E Lord Haselby... certamente não iria concordar com tal esquema.

Havia pelo menos uma dúzia de razões para que o tio não tivesse êxito.

Uma dúzia. Talvez mais. E ela precisava de apenas uma para lhe frustrar o plano.

Mas a ideia não lhe valeu de muito quando ele parou e lhe pôs uma venda nos olhos.

E de menos ainda quando a atirou para um quarto e a amarrou.

– Já volto – rugiu ele, deixando-a sentada num canto, de mãos e pés atados.

Ouviu os passos dele moverem-se pelo aposento e nesse momento escapou-lhe dos lábios uma única palavra... a única palavra que importava:

– *Porquê?*

Os passos cessaram.

– Porquê, tio Robert?

Tudo isto não poderia ser apenas por causa da honra da família. Não tinha ela já dado provas a esse respeito? Não devia confiar nela para manter a palavra?

– Porquê? – repetiu, rezando para que ele tivesse alguma espécie de

consciência.

Certamente ele não poderia ter cuidado dela e de Richard durante tantos anos sem algum sentido do certo e do errado.

– Tu sabes porquê – disse ele finalmente, mas Lucy sabia que ele estava a mentir; hesitara demasiado tempo antes de responder.

– Vá, então – disse ela amargamente.

Não valia a pena continuar a empatá-lo. Era preferível que Gregory a encontrasse sozinha.

Mas ele não se mexeu. E mesmo através da venda, ela sentia a desconfiança dele.

– De que é que está à espera? – gritou ela.

– Não sei – disse ele lentamente.

Em seguida, ouviu-o girar nos calcanhares.

Os passos aproximavam-se.

Devagar.

Devagar...

E então...

– Onde está ela? – questionou Hermione muito aflita.

Gregory entrou no pequeno aposento, absorvendo tudo com o olhar: as amarras cortadas, o bacio virado.

– Alguém a levou – disse ele em tom sombrio.

– O tio dela?

– Ou Davenport. São os únicos com motivos para... – Abanou a cabeça. – Não, eles não podem fazer-lhe mal. Precisam que o casamento seja legal e vinculativo. E duradouro. Davenport quer um herdeiro de Lucy.

Hermione assentiu.

Gregory virou-se para ela.

– Conhece a casa. Onde é que ela pode estar?

Hermione abanou a cabeça.

– Eu não sei. Não sei. Se for o tio dela...

– Suponha que é o tio – comandou Gregory.

Não tinha a certeza se Davenport era ágil o suficiente para raptar Lucy e, além disso, se o que Haselby tinha dito sobre o pai era verdade, então Robert Abernathy era o homem com segredos.

Ele era o homem com algo a perder.

– O gabinete dele – sussurrou Hermione. – Ele está sempre no gabinete.

– Onde fica?

– No piso térreo. É virado para as traseiras.

– Ele não iria arriscar – contradisse Gregory. – É muito perto do salão de baile.

– Então o quarto. Se ele quer evitar as salas públicas, então é para aí que a levaria. Para o quarto dele ou para o dela.

Gregory pegou-lhe num braço e liderou o caminho. Desceram um lance de escadas, fazendo uma pausa antes de abrir a porta que conduzia da escada de serviço até ao patamar do segundo andar.

– Aponte-me a porta – pediu ele – e depois vá-se embora.

– Eu não...

– Encontre o seu marido – ordenou ele. – E traga-o para cá.

Hermione ficou na dúvida, mas acabou por aquiescer e fez o que ele pediu.

– Vá – reiterou ele, assim que soube para onde ir. – Depressa.

Ela desceu as escadas a correr. Gregory percorreu de mansinho o corredor. Chegou à porta que Hermione lhe indicara e, com muito cuidado, encostou o ouvido para escutar.

– De que é que está à espera?

Era Lucy. A voz abafada pela porta de madeira pesada, mas era ela.

– Não sei – ouviu uma voz masculina.

Gregory não foi capaz de a identificar. Tivera poucas conversas com Lord Davenport e nenhuma com o tio. Não fazia ideia de quem a mantinha refém.

Prendeu a respiração e lentamente rodou a maçaneta.

Com a mão esquerda.

Com a mão direita, pegou na arma.

Que Deus os ajudasse a todos, se tivesse de a usar.

Conseguiu abrir uma fresta da porta... apenas o suficiente para espreitar sem ser visto.

O coração parou-lhe no peito.

Lucy estava amarrada e vendada, encolhida a um canto do quarto. O tio encontrava-se de pé à frente dela, uma arma apontada entre os olhos dela.

– O que estás para aí a congeminar? – perguntou-lhe ele, a voz escorregadia como gelo.

Lucy não respondeu, mas o queixo tremia-lhe, como se estivesse a esforçar-se muito para manter a cabeça firme.

– Porque queres que eu saia? – exigiu saber o tio.

– Não sei.

– Diz-me. – Ele precipitou-se para a frente, encostando-lhe a arma às costelas. E então, quando ela não respondeu com a prontidão requerida, arrancou-lhe a venda, fitando-a quase nariz com nariz. – Diz-me!

– Porque eu não suporto a espera – sussurrou ela, a voz trémula. – Porque...

Gregory entrou silenciosamente no quarto e apontou a arma ao centro das costas de Robert Abernathy.

– *Solte-a!*

O tio de Lucy ficou paralisado.

A mão de Gregory fechou-se em torno do gatilho.

– Solte a Lucy e afaste-se muito devagar.

– Não me parece – disse Abernathy, virando-se apenas o suficiente para que Gregory lhe visse a arma agora encostada à têmpora de Lucy.

De alguma forma, Gregory manteve-se sereno. Ele nunca saberia, mas o seu braço mantinha-se firme. A mão não tremia.

– Largue a arma – ordenou o tio.

Gregory não se mexeu. Os olhos relancearam para Lucy, depois de volta para o tio. Será que ele a magoaria? Seria capaz? Gregory ainda não sabia exatamente por que razão, precisamente, Robert Abernathy precisava que Lucy se casasse com Haselby, mas era mais do que óbvio que sim.

O que significava que ele não podia matá-la.

Gregory cerrou os dentes e apertou mais o dedo no gatilho.

– Solte a Lucy – voltou a dizer, numa voz baixa, forte e uniforme.

– Largue a arma! – rugiu Abernathy, e um som horrível e sufocado escapou da boca de Lucy quando um dos braços do tio se cravou na zona inferior das suas costelas.

Deus do Céu, ele estava louco. Os olhos selvagens percorriam o quarto, instáveis, e a mão... a que tinha a arma... tremia.

Ele ia matá-la. Gregory percebeu-o num lampejo revoltante. O que quer que Robert Abernathy tivesse feito, achava que não tinha mais nada a perder. E não se importava quem afundava com ele.

Gregory começou a dobrar os joelhos, sem tirar os olhos do tio de Lucy.

– Não faça isso! – gritou Lucy. – Ele não vai magoar-me. Não pode.

– Oh, posso, sim – respondeu o tio, e sorriu.

O sangue de Gregory gelou-lhe nas veias. Ele tentaria... santo Deus, ele tentaria com todas as suas forças que ambos saíssem disto vivos e ilesos, mas se tivesse de escolher... se apenas um pudesse sair por aquela porta...

Seria Lucy.

Isto, percebeu, era amor. Era o sentido de probidade, sim. E era também a paixão, e o adorável conhecimento de que acordaria feliz ao lado dela para o resto da sua vida.

Mas era mais do que isso. Era um sentimento, um saber, uma *certeza* de que daria a sua vida por ela. Não havia dúvida. Nenhuma hesitação. Se deixasse cair a arma, Robert Abernathy certamente matá-lo-ia.

Mas Lucy viveria.

Gregory acorrou-se.

– Não a magoe – disse ele em voz baixa.

– Não a largues! – gritou Lucy. – Ele não vai...

– Cala-te! – ripostou o tio, pressionando o cano da arma ainda mais contra ela.

– Nem mais uma palavra, Lucy – alertou Gregory.

Ele ainda não tinha a certeza de como raio ia sair daquela situação, mas sabia que o principal era manter Robert Abernathy tão calmo e lúcido quanto possível.

Os lábios de Lucy abriram-se, mas os olhos encontraram os dele...

E ela fechou os dela.

Confiava nele. Santo Deus, ela confiava-lhe a própria segurança, a segurança dos dois, e ele sentia-se uma fraude, porque tudo o que fazia era tentar ganhar

tempo, manter todas as balas dentro de todas as armas até alguém chegar.

– Eu não vou fazer-lhe nenhum mal, Abernathy – disse Gregory.

– Então largue a arma.

Ele manteve o braço estendido, a arma agora posicionada de lado para poder pousá-la.

Mas não a soltou.

E não tirou os olhos de Robert Abernathy ao perguntar:

– Porque é que precisa que ela se case com Lord Haselby?

– Ela não lhe contou? – escarneceu ele.

– Ela contou-me o que o senhor lhe disse.

O tio de Lucy começou a tremer.

– Falei com Lord Fennsworth – disse Gregory com toda a calma. – Ele ficou um pouco surpreendido com a sua caracterização do pai dele.

O tio de Lucy não respondeu, mas o pescoço mexeu-se, a maçã de Adão deslocando-se para cima e para baixo num engolir convulsivo.

– Na verdade – continuou Gregory –, ele estava bastante convencido de que o senhor está enganado.

Manteve a voz muito suave e neutra. Sem um traço de zombaria. Falou como se estivesse num jantar festivo. Não queria provocar; só queria conversar.

– O Richard não sabe de nada – respondeu o tio de Lucy.

– Falei com Lord Haselby também – informou Gregory. – Ficou igualmente surpreendido. Não sabia que o pai andava a chantageá-lo a si.

O tio de Lucy atirou-lhe um olhar furioso.

– Deve estar a falar com ele agora – disse Gregory, brando.

Ninguém falou. Ninguém se mexeu. Os músculos de Gregory gritavam de tensão. Já estava acorado há vários minutos, equilibrando-se nas pontas dos pés. O braço, ainda estendido, que segurava a arma de lado mas estável, parecia ter pegado fogo.

Ele olhou para a arma.

Olhou para Lucy.

Ela abanava a cabeça. Lentamente, com movimentos minúsculos. Os lábios não emitiam qualquer som, mas ele compreendia-lhe facilmente as palavras.

Vai.

E... por favor.

Estranhamente, Gregory sentiu-se sorrir. Abanou a cabeça e sussurrou:

– Nunca.

– O que disse? – vociferou Abernathy.

Gregory disse a única coisa que lhe veio à mente:

– Eu amo a sua sobrinha.

Abernathy olhou para ele como se ele tivesse enlouquecido.

– Quero lá saber.

Gregory arriscou.

– Eu amo-a o suficiente para guardar os seus segredos.

Robert Abernathy empalideceu. Ficou completamente sem sangue e totalmente imóvel.

– Foi o senhor – disse Gregory devagar.

Lucy contorceu-se.

– Tio Robert?

– Bico calado! – rosnou ele.

– Mentiu-me? – perguntou ela, e a voz soou quase ferida. – Mentiu?

– Lucy, *não* – alertou Gregory.

Mas ela já abanava a cabeça, insistindo em continuar.

– Não era o meu pai, pois não? Era o *senhor*. Lord Davenport estava a chantageá-lo a si pelos *seus* crimes.

O tio não disse nada, mas todos lhe viram a verdade refletida nos olhos.

– Oh, tio Robert – sussurrou ela tristemente –, como foi capaz?

– Eu não tinha nada – sibilou ele. – Nada. Apenas as sobras imundas do teu pai.

Lucy empalideceu.

– O senhor matou-o?

– Não – respondeu o tio. Mais nada. Apenas não.

– Por favor – disse ela, a voz sumida e triste. – Não me minta. Não sobre isso.

O tio soltou um suspiro exasperado e disse:

– Eu só sei o que as autoridades me disseram. Ele foi encontrado perto de um desses antros de jogo, com um tiro no peito e tinham-lhe roubado todos os objetos de valor.

Lucy observou-o um momento e, com os olhos cheios de lágrimas, fez um pequeno aceno de cabeça.

Gregory levantou-se lentamente.

– Acabou, Abernathy – disse ele. – O Haselby sabe, e o Fennsworth também. Não pode continuar a obrigar a Lucy a submeter-se à sua vontade.

O tio de Lucy agarrou-a com mais força.

– Posso usá-la para fugir.

– Isso é verdade, pode. Se a soltar.

Abernathy soltou uma risada. Era um som amargo, cáustico.

– Não temos nada a ganhar ao expô-lo – explicou Gregory com cuidado. – É melhor permitir que abandone discretamente o país.

– Isto nunca irá ficar em segredo – escarneceu o tio de Lucy. – Se ela não se casar com aquele enfatuado excêntrico, o Davenport vai gritar aos sete ventos daqui até à Escócia. E a família ficará arruinada.

– Não. – Gregory abanou a cabeça. – Não vai. O senhor nunca foi o conde. Nunca foi o pai deles. Haverá um escândalo, é certo; isso não pode ser evitado. Mas o irmão da Lucy não vai perder o título, e tudo será esquecido quando as pessoas começarem a lembrar-se de que nunca gostaram especialmente de si.

Num piscar de olhos, o tio de Lucy deslocou a arma do abdómen dela para o pescoço.

– Tenha cuidadinho com o que diz – retrucou ele.

Gregory empalideceu e deu um passo atrás.

E então todos ouviram.

Um trovão de passos, percorrendo apressados o corredor.

– Baixe a arma – disse Gregory. – Tem apenas um momento antes...

A entrada da porta encheu-se de gente. Richard, Haselby, Davenport, Hermione... todos entraram de rompante, incautos ao confronto mortal que ali ocorria.

O tio de Lucy deu um salto para trás, apontando selvaticamente a arma a todos eles.

– Não se aproximem! – gritou. – Saiam! Saiam todos!

Os seus olhos faiscavam como os de um animal encurralado, e o braço agitava-se para um lado e para o outro, não deixando ninguém a salvo.

Mas Richard deu um passo adiante.

– Sacana! – sibilou. – Quero vê-lo no...

A arma disparou.

Gregory viu, horrorizado, Lucy cair ao chão. Um grito gutural escapou-se-lhe da garganta; a sua própria arma levantou-se.

Ele apontou.

Disparou.

E, pela primeira vez na vida, acertou no alvo.

Ou melhor, quase.

O tio de Lucy não era um homem grande, mas, mesmo assim, quando caiu em cima dela, doeu. O ar foi expulso completamente dos pulmões, deixando-a ofegante e engasgada, os olhos fechados com força por causa da dor.

– Lucy!

Era Gregory, arrancando o tio de cima dela.

– Onde é que estás ferida? – perguntou, as mãos percorrendo-lhe o corpo todo em movimentos frenéticos enquanto procurava algum ferimento.

– Eu não... – Ela esforçou-se para respirar. – Ele não... – Conseguiu olhar para o peito. Estava coberto de sangue. – Oh, Céus!

– Não encontro – afligiu-se Gregory.

Ergueu-lhe o queixo, para que ela o fitasse diretamente nos olhos.

E ela quase não o reconheceu.

Os olhos dele... aqueles belos olhos castanhos... pareciam perdidos, quase vazios. Quase como se lhe estivessem a tirar tudo o que fazia dele... *ele*.

– Lucy – disse Gregory, a voz rouca de emoção –, *por favor*, fala comigo.

– Eu não estou ferida – respondeu ela finalmente.

As mãos ficaram imóveis.

– O sangue.

– Não é meu.

Olhou para ele e levou a mão ao seu rosto. Ele tremia. Oh, meu Deus, ele tremia. Lucy nunca o tinha visto assim, nunca imaginara que ele podia ser levado àquele ponto.

A expressão nos seus olhos... percebia agora. Era terror.

– Eu não estou ferida – sussurrou ela. – Por favor... não... está tudo bem, querido.

Ela não sabia o que dizia; só queria reconfortá-lo.

A respiração dele era irregular, e quando falou, as palavras saíram quebradas, inacabadas.

– Eu pensei que ia... não sei o que pensei.

Algo molhado tocou-lhe o dedo e ela limpou a lágrima com todo o carinho.

– Já acabou – disse ela. – Já acabou e...

De repente deu-se conta do resto das pessoas no quarto.

– Bem, acho que acabou – disse ela, hesitante, fazendo um esforço para se sentar.

O tio, estaria morto? Sabia que ele fora baleado. Por Gregory ou por Richard, não sabia. Ambos tinham disparado as armas.

Mas o tio Robert não tinha sido mortalmente ferido. Arrastara-se para a ponta do quarto e estava encostado à parede, agarrado ao ombro, os olhos cegos exibindo uma expressão derrotada.

Lucy, de sobrolho franzido, disse-lhe:

– Tem sorte por ele não ter boa pontaria.

Gregory emitiu um som estranho, uma espécie de ronco.

No canto, Richard e Hermione agarravam-se um ao outro, mas ambos pareciam ilesos. Lord Davenport berrava alguma coisa, não sabia o quê, e Lord Haselby... santo Deus, o seu *marido*... encontrava-se calmamente recostado à ombreira da porta, a observar a cena.

Ele viu-a a fitá-lo e sorriu. Um meio sorriso discreto, é claro; ele nunca sorria abertamente.

– Sinto muito – disse ela.

– Não sinta.

Gregory pôs-se de joelhos ao lado dela e colocou-lhe um braço protetor sobre os ombros. Haselby assistia àquele quadro vivo com manifesta diversão e até talvez um toque de deleite.

– Ainda deseja a anulação? – perguntou ele.

Lucy assentiu.

– Terei os documentos prontos amanhã.

– Tem a certeza? – perguntou Lucy, preocupada. Ele era realmente um homem adorável e ela não queria que a reputação dele saísse manchada.

– Lucy!

Ela virou-se rapidamente para Gregory.

– Desculpa. Eu não quis dizer que... eu só...

Haselby dispensou a justificação com um gesto da mão.

– Por favor, não se incomode. Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Tiroteios, chantagem, traição... Ninguém vai olhar para *mim* como a causa da anulação.

– Oh! Isso é bom – disse Lucy, animando-se. Levantou-se, porque, bem, parecia-lhe a coisa educada a fazer, dada a generosidade dele. – Mas ainda deseja ter uma mulher? Porque eu posso ajudá-lo a encontrar uma, assim que tudo estiver resolvido.

Gregory revirou os olhos.

– *Deus do Céu*, Lucy!

Ela viu-o levantar-se.

– Sinto que devo corrigir a situação. Ele pensou que ia ter uma esposa. De certa forma, não é justo.

Gregory fechou os olhos por um longo momento.

– Ainda bem que eu te amo tanto – disse ele, combalido – porque, caso contrário, teria de te pôr uma mordaça.

A boca de Lucy escancarou-se.

– Gregory! – E depois: – Hermione!

– Desculpa! – disse Hermione, com uma mão ainda a tapar a boca para abafar o riso. – Mas *estão* os dois bem um para o outro.

Haselby entrou na sala em passo vagaroso e entregou um lenço ao tio dela.

– É melhor estancar isso – murmurou ele. Depois virou-se para Lucy. – Eu não quero uma mulher, como decerto está ciente, mas suponho que deva encontrar alguma maneira de procriar ou o título irá para o meu odioso primo. O que seria uma pena, na verdade. A Câmara dos Lordes certamente optaria pela dissolução, se alguma vez ele decidisse tomar assento.

Lucy limitou-se a olhar para ele e pestanejar, incrédula.

Haselby sorriu.

– Então, sim, ficar-lhe-ei grato se encontrar alguém adequado.

– É claro – murmurou ela.

– Vai precisar da minha aprovação também – vociferou Lord Davenport, entrando em cena.

Gregory virou-se para ele com repúdio evidente.

– O senhor cale-se – rosnou ele. – Imediatamente.

Davenport recuou, raivoso.

– Faz ideia com quem está a falar, seu fedelho?

Os olhos de Gregory estreitaram-se e ele levantou-se.

– Com um homem numa posição muito precária.

– Ora essa!

– O senhor vai cessar a sua chantagem imediatamente – disse Gregory duramente.

Lord Davenport moveu a cabeça na direção do tio de Lucy.

– Ele era um traidor!

– E o senhor decidiu não o entregar às autoridades – retorquiu Gregory. –

Imagino que o rei considere essa atitude igualmente condenável.

Lord Davenport cambaleou para trás como se tivesse sido baleado.

Gregory ajudou Lucy a levantar-se.

– O senhor – disse ele, dirigindo-se ao tio de Lucy – vai abandonar o país. Amanhã. Para não mais voltar.

– Eu pago-lhe a passagem – resmungou Richard. – Nada mais.

– É mais generoso do que eu teria sido – murmurou Gregory.

– Quero que ele desapareça – explicou Richard com a voz tensa. – Se posso apressar-lhe a partida, não me importo de suportar a despesa.

Gregory voltou-se para Lord Davenport.

– E o senhor nunca dirá uma palavra acerca disto. Está a entender?

– E quanto a si – Gregory virou-se agora para Haselby –, obrigado.

Haselby reconheceu-o com um aceno gracioso, dizendo:

– Não consigo evitar. Sou um romântico. – Encolheu os ombros. – É certo que nos mete em sarilhos de vez em quando, mas não podemos mudar a nossa natureza, não é assim?

Gregory deixou a cabeça mover-se lentamente para um lado e para o outro, um largo sorriso começando a espalhar-se no seu rosto.

– Nem imagina – murmurou, pegando na mão de Lucy.

Não suportava estar separado dela naquele momento, nem por meros centímetros.

Entrelaçou os dedos nos dela e fitou-a. Os olhos de Lucy cintilavam de amor, e Gregory teve a mais esmagadora e absurda vontade de rir. Só porque podia.

Só porque a amava.

Mas então notou que os lábios dela se contraíam também nos cantos, sufocando o próprio riso.

E ali mesmo, à frente da variedade mais estranha de testemunhas, ele tomou-a nos braços e beijou-a com toda a sua alma irremediavelmente romântica.

Após algum tempo – bastante, por sinal – Lord Haselby pigarreou.

Hermione fingiu desviar o olhar e Richard disse:

– Sobre esse casamento...

Com grande relutância, Gregory afastou-se. Olhou para a esquerda. Depois para a direita. Olhou para Lucy.

E beijou-a novamente.

Porque, francamente, tinha sido um dia muito longo.

E ele merecia um pouco de compreensão.

Só Deus sabia quanto tempo demoraria até poder realmente casar-se com ela.

Mas, principalmente, beijou-a porque...

Porque...

Sorriu, tomando-lhe o rosto nas mãos e descansando o nariz contra o dela.

– Eu amo-te, sabia?

Ela devolveu o sorriso e respondeu:

– Sabia.

E ele finalmente percebeu porque ia beijá-la novamente.
Só porque sim.

EPÍLOGO

*Em que o nosso herói e a nossa heroína
demonstram a laboriosidade
de que sabíamos serem capazes.*

Da primeira vez, Gregory ficara para morrer.

Na segunda foi ainda pior. A memória da primeira vez de pouco serviu para lhe acalmar os nervos. A reação foi exatamente a oposta, na verdade. Agora que compreendia melhor o que acontecia (Lucy não o tinha poupado a detalhes, raios partissem a sua alma meticulosa), o mais pequeno ruído era sujeito a um escrutínio e especulação mórbidos.

Era realmente uma coisa boa que os homens não pudessem ter filhos.

Gregory não tinha vergonha de admitir que a raça humana ter-se-ia extinguido há muitas gerações.

Ou, pelo menos, *ele* não teria contribuído para o lote atual de pequenos Bridgerton levados da breca.

Mas Lucy parecia não se importar com o parto, desde que pudesse mais tarde descrever-lhe a experiência com pormenor implacável.

Sempre que lhe apetecesse.

E assim, na terceira vez, Gregory estava um pouco mais composto. Ainda se sentou do lado de fora da porta, ainda sustinha a respiração quando ouvia um gemido particularmente desagradável, mas no geral, não se sentiu apavorado de ansiedade.

Na quarta trouxe um livro.

Na quinta, apenas um jornal. (Realmente parecia que a coisa se tornava mais rápida a cada criança. Pelo menos, isso.) O sexto filho apanhou-o completamente desprevenido. Ele tinha saído para uma visita rápida a um amigo e quando regressara a casa, Lucy estava sentada com o bebé nos braços, com um sorriso alegre e nada cansado estampado no rosto.

Contudo, Lucy recordava-o frequentemente da sua ausência, por isso teve o cuidado de estar presente para a chegada do número sete. E esteve, desde que não perdesse pontos pelo facto de ter abandonado o seu posto do lado de fora da porta para ir buscar, a meio da noite, qualquer coisa para comer.

Ao sétimo, Gregory pensou que não viriam mais. Sete era um número de filhos perfeitamente aceitável e, como disse a Lucy, já mal se conseguia lembrar de como ela era quando não estava grávida.

– Bem o suficiente para te certificares de que me pões grávida outra vez – respondera Lucy com insolência.

Não era argumento que pudesse refutar, por isso deu-lhe um beijo na testa e saiu para visitar Hyacinth e discorrer sobre as muitas razões porque sete era o número ideal de filhos. (Hyacinth não achou graça.)

Mas então, certo como o destino, seis meses após o sétimo, Lucy informou-o

timidamente de que esperava outro bebê.

– Mais não – anunciou Gregory. – Já mal podemos sustentar os que temos. (Não era verdade; o dote de Lucy fora extremamente generoso, e Gregory tinha descoberto que possuía uma certa queda para investimentos.)

Mas, sinceramente... oito *era* suficiente.

Não que ele estivesse disposto a reduzir as suas atividades noturnas com Lucy, mas *havia* coisas que um homem podia fazer, coisas que provavelmente já deveria ter feito, para dizer a verdade.

E assim, convencido de que este seria o último filho, decidiu que queria assistir e, apesar da reação horrorizada da parteira, permaneceu ao lado de Lucy durante o parto (à cabeceira, é claro).

– Ela é uma especialista nisto – disse o médico, levantando o lençol para espreitar. – Na verdade, eu já sou praticamente supérfluo.

Gregory olhou para Lucy. Ela trouxera o bordado.

Lucy encolheu os ombros.

– Isto realmente torna-se mais fácil a cada vez.

E para provar tal declaração, quando chegou o momento, Lucy pousou o bordado, deu um pequeno gemido e...

Vupt!

Gregory pestanejou quando viu a criança a berrar, toda encarquilhada e vermelha.

– Bem, isto teve muito menos envolvimento da minha parte do que eu esperava – comentou ele.

Lucy atirou-lhe uma expressão rabugenta.

– Se tivesses estado presente da primeira vez, terias... ohhhhhhh!

Gregory olhou novamente para ela.

– O que foi?

– Não sei – respondeu Lucy, com uma expressão de pânico. – Mas alguma coisa não está bem.

– Então, então – disse a parteira –, está só...

– Eu sei muito bem o que devo sentir – retrucou Lucy. – E não é isto.

O médico entregou o recém-nascido... uma menina, Gregory ficou feliz em saber... à parteira e voltou para junto de Lucy, pousando-lhe as mãos na barriga.

– Hum.

– Hum? – devolveu Lucy, com uma dose muito pequena de paciência.

O médico levantou o lençol e espreitou.

– Eh, lá! – exclamou Gregory, voltando para a cabeceira de Lucy. – Não queria nada ver isso.

– O que está a acontecer? – exigiu saber Lucy. – O que está... ohhhhhhh!

Vupt!

– Santo Deus! – exclamou a parteira. – São dois.

Não, pensou Gregory, sentindo-se quase nauseado, são nove.

Nove crianças.

Nove.

Apenas menos uma do que dez.

Eram dois dígitos. Se voltasse a fazê-lo, ficaria na casa dos dois dígitos da paternidade.

– Oh, valha-me Deus! – sussurrou ele.

– Gregory? – chamou Lucy.

– Preciso de me sentar.

Lucy abriu um sorriso pálido.

– Bem, a tua mãe vai ficar contente, pelo menos.

Ele abanou a cabeça, mal capaz de pensar. Nove crianças. O que fazer com nove filhos?

Amá-los, supôs.

Olhou para a mulher. O cabelo estava desgrenhado, o rosto inchado e as olheiras já tinham passado do lilás e caminhavam a passos largos para o roxo acinzentado.

Achou-a linda.

O amor existia, pensou.

E era grandioso.

Sorriu.

Nove vezes grandioso.

Isto sim, era grandiosidade!